

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ

Andréa Cristina Oliveira Ferreira

**A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DO TRABALHO
PARA ADOLESCENTES TRABALHADORES**

Taubaté – SP

2014

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ

Andréa Cristina Oliveira Ferreira

**A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DO TRABALHO
PARA ADOLESCENTES TRABALHADORES**

Dissertação apresentada para obtenção do Título de Mestre em Desenvolvimento Humano: Formação, Políticas e Práticas Sociais.

Área de concentração: Desenvolvimento Humano, Políticas Sociais e Formação.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Edna Maria Querido de Oliveira Chamon.

Co-orientadora: Prof^a. Dr^a Roseli Albino dos Santos.

Taubaté – SP

2014

ANDRÉA CRISTINA OLIVEIRA FERREIRA

**A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DO TRABALHO PARA ADOLESCENTES
TRABALHADORES**

Dissertação apresentada para obtenção do
Título de Mestre em Desenvolvimento
Humano: Formação, Políticas e Práticas
Sociais.

Área de concentração: Desenvolvimento
Humano, Políticas Sociais e Formação.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Edna Maria Querido
de Oliveira Chamon.

Co-orientadora: Prof^a. Dr^a Roseli Albino dos
Santos.

Data: _____

Resultado: _____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Edna Maria Querido de Oliveira Chamon – Universidade de Taubaté (UNITAU)

Assinatura: _____

Profa. Dra. Marilda Prado Yamamoto – Universidade de Taubaté (UNITAU)

Assinatura: _____

Profa. Dra. Denize Cristina de Oliveira – Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Assinatura: _____

“Quando escrevo, sinto um alívio, a minha dor desaparece, a coragem volta. Mas pergunto-me: escreverei alguma vez coisa de importância? Virei a ser jornalista ou escritora? Espero que sim, espero-o de todo o meu coração! Ao escrever sei esclarecer tudo, os meus pensamentos, os meus ideais, as minhas fantasias.”

Anne Frank, a adolescente que não pode viver plenamente a sua adolescência e que teve a sua vida, seus sonhos e seus dilemas revelados ao mundo.

*Aos adolescentes aprendizes que me emocionaram com suas
vidas e me sensibilizaram com os seus sonhos.
Aos adolescentes trabalhadores que me possibilitaram realizar
este estudo e compreender essa realidade.
A todos os adolescentes brasileiros que precisam trabalhar.*

AGRADECIMENTOS

Antes de tudo, eu agradeço aos meus pais, **Geraldo** e **Maria da Graça**. Mais do que me dar a vida, eles me proporcionaram crescer com amor, carinho e com a compreensão da importância do estudo. Posso estar a centenas de quilômetros, mas, sem o apoio e carinho de vocês, eu não seria nada!

Agradeço às minhas irmãs **Carla Letícia** e **Cinthia Heloísa** pela vida compartilhada e pela compreensão das minhas inúmeras ausências.

Agradeço à minha amiga de toda a vida, **Mariana Pimenta** que torceu por mim, escutou minhas dúvidas e incentivou o meu sonho.

Agradeço à pessoa que me ensinou o amor pela pesquisa, professora **Dra. Roseli Fernandes Lins Caldas**, orientadora de iniciação científica e de trabalho de conclusão de curso na graduação, uma eterna e grande inspiração para mim.

Agradeço aos **colegas da turma de 2012** e aos **professores do mestrado** em Desenvolvimento Humano, pois, os conhecimentos adquiridos nas aulas e nos seminários não teriam sido possíveis sem vocês.

Agradeço à **Sandra Regina dos Santos**, minha companheira nessa jornada. Agradeço, com todo o meu coração, a amizade que você me dedicou desde o início. Com certeza, eu posso dizer que você é muito responsável por eu poder terminar o curso e a nossa amizade é o maior presente que o mestrado me proporcionou.

Agradeço à **Simone Guimarães Braz**, que além de companheira de mestrado também foi minha companheira de Procampo. Agradeço pela possibilidade de discutir ideias, caminhos e possibilidades de pesquisa. Agradeço o fato de termos compartilhado supervisões, dúvidas, angústias e felicidades.

Agradeço ao **Paulo Afonso** pelo ombro amigo, pelos conselhos sensatos e por você ter me dado força e carinho nos momentos difíceis. Você se tornou um grande amigo e estará sempre no meu coração.

Agradeço à **professora Dra. Mariana Aranha José** por ter sido a minha companhia nas viagens até Cunha e por me escutar falando do mestrado e da minha pesquisa durante o caminho. Agradeço também as indicações de leitura, o carinho, a preocupação e a amizade.

Agradeço à **professora Dra. Suelene Regina Donola Mendonça** pelo toque humano de nossas reuniões de trabalho, pela chefia compreensiva, pela confiança

no meu trabalho e por ter se colocado como uma parceira na minha primeira experiência como docente.

Agradeço aos **alunos do Procampo** pelo carinho que a mim destinaram desde o primeiro momento que eu entrei na sala de aula. Vocês são exemplos para mim e fizeram-me ter certeza que eu poderia ser uma professora universitária.

Agradeço à instituição pesquisada e, pessoalmente, à **Cibele** e ao **Valter** que organizaram os horários e os espaços físicos para que eu pudesse realizar a pesquisa. Além disso, agradeço às **professoras da instituição** que cederam espaços de suas aulas para que eu tivesse contato com os adolescentes.

Agradeço aos **adolescentes pesquisados** que prontamente se interessam em participar do estudo e que compartilharam comigo suas vidas, suas representações e alguns de seus sonhos.

Agradeço à **Alessandra Calil**, secretária do MDH, pela atenção, pela ajuda com as informações e com os processos burocráticos.

Agradeço à **professora Dra. Alexandra Magna Rodrigues** pela atenção e pelas contribuições na banca de qualificação.

Agradeço à **professora Dra. Marilda Prado Yamamoto** pelo cuidado ao analisar o exemplar da qualificação, preparando um material especial para mim.

Agradeço à **professora Dra. Denize Cristina de Oliveira** por sua participação na banca de defesa, por ter sido tão atenciosa em suas considerações e por me proporcionar mais reflexões sobre a realidade do adolescente trabalhador e sobre a Teoria das Representações Sociais.

Agradeço à **professora Dra. Roseli Albino dos Santos** por sua co-orientação e por sua compreensão demonstrada ao longo do mestrado.

Agradeço, em especial, à **professora Dra. Edna Maria Querido de Oliveira Chamon** por suas orientações, por seu carinho, por seu apoio, por ter compartilhado seus conhecimentos e por ter me possibilitado chegar ao fim do mestrado.

Por fim, mas, não menos importante, eu quero agradecer ao **José Tadeu Coutinho**, meu amor, meu amigo e meu companheiro de vida. Esse período foi difícil, mas, você sempre esteve ao meu lado, escutou as minhas angústias e incentivou a realização do meu sonho. Você sabe o quanto o mestrado é importante para mim e nunca se queixou das minhas ausências, do meu mau humor ou da minha euforia. Você me deu forças e sem você nada disso seria possível...

Muito obrigada a todos vocês!

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo geral investigar as representações sociais do trabalho entre adolescentes trabalhadores inseridos em um programa de aprendizagem laboral na cidade de São José dos Campos/SP. Essa instituição oferece um projeto de apoio para a inserção de adolescentes no mercado de trabalho por meio de parcerias com empresas públicas e privadas, cuidando, assim, para que essa inserção laboral ocorra seguindo as exigências da Lei de Aprendizagem (nº 10.097/2000) e do Decreto Federal 5.598/2005. Para realizar a pesquisa, adotou-se como método o Estudo de Caso (YIN, 2001), considerando que essa instituição pesquisada constitui-se como um caso específico de apoio a adolescentes trabalhadores. Como instrumentos para a coleta de dados foram aplicados questionários e foram realizadas entrevistas semi-estruturadas, além de ter sido utilizada a técnica de associações livres a partir de figuras com diferentes situações de trabalho, estudo e lazer. Participaram como sujeitos de pesquisa 280 adolescentes trabalhadores na etapa de aplicação de questionários e 23 adolescentes nas demais etapas de coleta de dados. A tabulação dos questionários foi realizada por meio do *software* SPHINX 5.0 e as questões foram agrupadas em quatro categorias: (1) Caracterização sociodemográfica; (2) Significado do trabalho; (3) Repercussões do trabalho na vida dos adolescentes e; (4) Relação trabalho X estudo. Para a análise dos dados obtidos com as entrevistas semi-estruturadas foi adotada a técnica de Análise de Conteúdo (BARDIN, 2007), também criando-se quatro categorias de análise: (1) Mudanças na vida do adolescente a partir do trabalho; (2) Motivos para o adolescente começar a trabalhar; (3) Trabalho ideal e; (4) Concepção do trabalho. Por fim, a análise dos resultados com as associações livres a partir de figuras foi realizada após a organização e as interpretações dos conteúdos obtidos dentro de três eixos que indicavam a temática das figuras apresentadas aos sujeitos de pesquisa, são eles: (1) trabalho; (2) estudo e; (3) família e lazer. Depois de realizadas as análises de cada instrumento, foi elaborada uma triangulação de métodos na qual as diferentes resultados encontrados com as técnicas de coletas de dados foram comparados e confrontados, possibilitando uma maior compreensão do fenômeno das representações sociais do trabalho para adolescentes trabalhadores. Assim, criaram-se três blocos de análise: (1) Significados do trabalho; (2) Repercussões do trabalho na vida dos adolescentes e; (3) Relação trabalho X estudo, que reuniram todos os dados obtidos com a pesquisa e possibilitou toda a discussão e análise do fenômeno das representações sociais do trabalho para adolescentes trabalhadores de acordo com as temáticas trazidas pelos sujeitos. Após todos o processo de análise, chegou-se que as representações sociais do trabalho para os adolescentes pesquisados relacionam-se à aquisição de responsabilidades e amadurecimento que contribuem para o reconhecimento deles diante da sociedade e para a formação de suas identidades. Além disso, a representação social do trabalho também está vinculada à aquisição de aprendizagens, experiências e de melhores oportunidades no mercado de trabalho. E, por fim, a representação social do trabalho vincula-se ao valor moral do Homem trabalhador que é tido como honesto, digno e batalhador. Por fim, ressalta-se que o trabalho na adolescência colocou-se como um caminho natural na vida desses adolescentes pesquisados, contudo, essa experiência é representada positivamente por estar vinculada a uma dimensão de aprendizagem com o trabalho.

Palavras-chave: Representação Social. Adolescência. Trabalho.

ABSTRACT

The aim of this study is to investigate the social representations of teen workers who are tied to an institution located in the city of São José dos Campos, in the Vale do Paraíba Paulista region. This institution provides support project for the insertion of teenagers in the labor market through partnerships with public and private companies, ensuring that job placement occurs following the requirements of the Learning Law (nº. 10.097 / 2000) and Federal Decree 5.598/2005. To conduct the research, was adopted the method of case study (YIN, 2001), considering that the research institution is constituted as a specific case of support for adolescent workers. As instruments for data collection were used questionnaires semi-structured interviews, besides free interpretations from pictures with different work situations, study and leisure. As research subjects, 280 teenagers participates in the questionnaires step and 23 adolescents in the qualitative steps. The tabulation of the questionnaires was performed using the SPHINX 5.0 software and later analyzes from the three dimensions of social representation were performed: information, representational field and attitudes (MOSCOVICI, 2012), creating three axes to organize discussions, beyond sociodemographics: "Meaning of work"; "Repercussions of work in the lives of teenagers" and; "Relationship Work X Study". To analyze the data obtained from the semi-structured interviews was adopted the technique of content analysis (BARDIN, 2007), creating four categories of analysis: "Changes in adolescent life from work"; "Reasons for the teenagers get to work"; "Dream Job" and; "Work design". Finally, the analysis of figures from the free associations was held after the organization of contents and interpretations obtained within the three thematic classes of the figures used in the research, ie, "work"; "Study" and; "Family and Leisure". After completing the analysis of each instrument, was created a triangulation of methods in which the different data collection techniques were compared and collated, enabling a greater understanding of the phenomenon of social representations of teen workers. Therefore, were created three blocks of analysis: "Meaning of work"; "Repercussions of work in the lives of teenagers" and; "Relationship Work X Study", which brought together all the data obtained from the research and analyzed and discussed the content according to the theme of it. After all this process of analysis, has come up that the social representations of work for teens surveyed were relate to the acquisition of responsibility and maturity that contribute to their recognition in society and to the formation of their identities. Moreover, the social representation of the work is also linked to the acquisition of learning, experience and best opportunities in the labor market. And finally, the social representation of the work is linked to the moral value of workers that are seen as honest and decent fighter. Finally, is necessary to emphasize that the work in adolescence stood as a natural way in the lives of adolescents surveyed, however, that experience is represented positively by being linked to a learning dimension to the work.

Keywords: Social Representation. Adolescence. Work.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 -	Resultados das questões do questionário que investigavam o trabalho informal	109
Tabela 2 -	Resultados das questões likert que investigavam aspectos relacionados à aprendizagem e à preparação para o futuro dos adolescentes pesquisados	127
Tabela 3 -	Resultados das questões likert que investigavam se a experiência laboral incentivava a relação com outras pessoas	130
Tabela 4 -	Resultados das questões likert que investigavam aspectos relacionados ao desenvolvimento dos adolescentes a partir da experiência de trabalho	132
Tabela 5 -	Resultados das questões likert que investigavam se o trabalho proporcionou melhores condições financeiras para os adolescentes	136
Tabela 6 -	Resultados das questões likert que investigavam a relação entre a experiência do trabalho e o afastamento dos adolescentes de caminhos ilícitos	139
Tabela 7 -	Resultados das questões likert que investigavam a organização das rotinas de trabalho e estudo e, a importância do estudo diante do trabalho	148
Tabela 8 -	Resultados das questões likert que investigavam o grau de importância que os adolescentes atribuíam ao estudo	148
Tabela 9 -	Resultados das questões likert que investigavam a importância do estudo para o futuro profissional	150
Tabela 10 -	Resultados das questões likert que investigavam a importância do trabalho e do estudo para o futuro profissional	152
Tabela 11 -	Número total de estudos encontrados a partir da pesquisa com o descritor “adolescente trabalhador” na base de dados da CAPES, por ano da defesa	176
Tabela 12 -	Número de pesquisas de acordo com o tipo de programa de pós-graduação, por ano	177
Tabela 13 -	Número e frequência das áreas do conhecimento nos quais as pesquisas se concentram	178

Tabela 14 -	Número de pesquisas que tem como objeto de estudo o trabalho de adolescentes	179
Tabela 15 -	Números de estudos de acordo com os sujeitos de pesquisa investigados	180
Tabela 16 -	Número e proporção de artigos, por anos de publicação, a partir da pesquisa com o descritor “adolescência e trabalho”	181
Tabela 17 -	Número e proporção das temáticas encontradas entre os artigos levantados a partir da pesquisa com o descritor “adolescência e trabalho”	182
Tabela 18 -	Número e proporção de artigos, por ano de publicação, a partir da pesquisa como descritor “adolescente trabalhador”	183
Tabela 19 -	Foco de pesquisa dos artigos que abordam a temática do trabalho	184
Tabela 20 -	População pesquisada pelos artigos que abordam a temática do trabalho	184

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Esquema dos procedimentos para coleta de dados	72
Figura 2 -	Distribuição dos adolescentes trabalhadores pesquisados por gênero, São José dos Campos/SP, 2013	78
Figura 3 -	Distribuição dos adolescentes trabalhadores pesquisados por idade, São José dos Campos/SP, 2013	79
Figura 4 -	Distribuição dos adolescentes trabalhadores pesquisados por estado civil, São José dos Campos/SP, 2013	80
Figura 5 -	Distribuição de adolescentes trabalhadores que possuem filhos, São José dos Campos/SP, 2013	80
Figura 6 -	Distribuição dos adolescentes trabalhadores pesquisados por número de filhos, São José dos Campos/SP, 2013	81
Figura 7 -	Distribuição dos adolescentes trabalhadores pesquisados por escolaridade, São José dos Campos/SP, 2013	81
Figura 8 -	Relação entre a idade e a escolaridade dos adolescentes trabalhadores pesquisados	82
Figura 9 -	Distribuição dos adolescentes trabalhadores pesquisados por experiência prévia de trabalho, São José dos Campos/SP, 2013	83
Figura 10 -	Distribuição dos adolescentes trabalhadores pesquisados de acordo com a idade que tiveram sua primeira experiência de trabalho, São José dos Campos/SP, 2013	84
Figura 11 -	Distribuição dos adolescentes trabalhadores pesquisados pelo número de pessoas que residem com eles, São José dos Campos/SP, 2013	84
Figura 12 -	Distribuição dos adolescentes trabalhadores pesquisados por número de cômodos em suas casas, São José dos Campos/SP, 2013	85
Figura 13 -	Distribuição dos adolescentes trabalhadores pesquisados por número de pessoas que vivem com eles e que também trabalham, São José dos Campos/SP, 2013	86
Figura 14 -	Distribuição dos adolescentes trabalhadores pesquisados por seus rendimentos mensais, São José dos Campos/SP, 2013	86

Figura 15 - Distribuição dos adolescentes trabalhadores pesquisados que recebem benefícios em seus trabalhos, São José dos Campos/SP, 2013	87
Figura 16 - Distribuição dos adolescentes trabalhadores pesquisados por renda familiar, São José dos Campos/SP, 2013	87
Figura 17 - Indicadores encontrados na 1ª etapa da análise de conteúdo	89
Figura 18 - Indicadores relacionados com a categoria “Mudanças na vida do adolescente a partir do trabalho”	90
Figura 19 - Indicadores relacionados com a categoria “Motivos para o adolescente começar a trabalhar”	91
Figura 20 - Indicadores relacionados com a categoria “Trabalho ideal”	91
Figura 21 - Indicadores relacionados com a categoria “Concepção de trabalho”	92
Figura 22 - Modelo de triangulação de métodos a partir das análises dos instrumentos de coleta de dados utilizados	94
Figura 23 - Categorias e eixos considerados no bloco de análise “Significados do trabalho”	96
Figura 24 - Distribuição dos resultados acerca das características pessoais dos adolescentes trabalhadores	97
Figura 25 - Distribuição das qualidades mais importantes para ser um bom trabalhador	99
Figura 26 - Distribuição das definições do que é trabalhar para os adolescentes trabalhadores pesquisados	111
Figura 27 - Distribuição do significado do trabalho para os adolescentes trabalhadores pesquisados	118
Figura 28 - Categorias e eixo considerados no bloco de análise “Repercussões do trabalho na vida do adolescente”	124
Figura 29 - Distribuição das respostas acerca do que o trabalho acarreta para os adolescentes	125
Figura 30 - Distribuição das respostas acerca do que o trabalho proporciona para os adolescentes	143
Figura 31 - Categorias e eixo considerados no bloco de análise “Relação Trabalho X Estudo”	144

LISTA DE SIGLAS

CAPES -	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEP -	Comitê de Ética em Pesquisa
ECA -	Estatuto da Criança e do Adolescente
E.M. -	Ensino Médio
E.S. -	Ensino Superior
IBGE -	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INEP -	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais
LDB -	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MDH -	Mestrado em Desenvolvimento Humano
OMS -	Organização Mundial de Saúde
ONG -	Organização Não Governamental
PIB -	Produto Interno Bruto
PNAD -	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
R.S. -	Representações Sociais
SCIELO -	Scientific Electronic Library Online
SEADE -	Sistema Estadual de Análise de Dados
SIC -	Segundo Informações Coletadas
S.M. -	Salários mínimos
SOAPRO -	Sociedade de Amparo e Promoção
UNICEF -	Fundo das Nações Unidas para a Infância
UNITAU -	Universidade de Taubaté

SUMÁRIO

1	Introdução	17
1.1.	Problema	18
1.2.	Objetivos	19
1.2.1	Objetivo Geral	19
1.2.2	Objetivos Específicos	19
1.3.	Delimitação do Estudo	19
1.4.	Relevância do Estudo/ Justificativa	21
1.5.	Organização do Trabalho	22
2	Desenvolvimento humano do adolescente e o trabalho na adolescência	24
2.1	Adolescência: História, Conceituação e Características	25
2.2	O trabalho na adolescência	36
3	A Teoria das Representações Sociais	46
3.1	O estado da arte sobre as representações sociais do trabalho para adolescentes	54
4	Método	60
4.1	Tipo de pesquisa	60
4.2	População/amostra	62
4.3	Instrumentos	65
4.3.1	Questionários	66
4.3.2	Entrevistas semi-estruturadas	66
4.3.3	Associação livre a partir de figuras	67
4.4	Procedimentos para coleta de dados	69
4.5	Procedimentos para análise de dados	72
5	Resultados e discussões	77
5.1	Sujeitos de pesquisa: quem são e como vivem	77
5.2	Indicadores encontrados a partir da análise de conteúdo	88
5.3	Dados e discussões a partir da triangulação de métodos	92
5.3.1	Significados do trabalho	95
5.3.2	Repercussões do trabalho na vida dos adolescentes	124
5.3.3	Relação trabalho X estudo	143
6	Considerações Finais	155

Referências		164
Apêndice A	Levantamento inicial das produções acadêmicas sobre o adolescente trabalhador	175
Anexo A	Protocolo CEP/UNITAU	185
Anexo B	Carta de informação à instituição	186
Anexo C	Termo de consentimento livre e esclarecido	187
Anexo D	Termo de consentimento livre e esclarecido pais e/ou responsáveis	188
Anexo E	Lei da Aprendizagem (Lei Federal nº 10.097/2000)	189
Anexo F	Decreto Federal nº 5.598/2005	192

1 INTRODUÇÃO

O trabalho está presente na vida das pessoas desde os primórdios da humanidade, mas, a sua concepção, suas formas de organização e seus principais atores são fortemente permeados por aspectos econômicos e sócio-históricos. (BORGES; YAMAMOTO, 2004).

Assim, a participação dos adolescentes no mundo de trabalho modificou-se ao longo dos tempos, principalmente, porque o próprio conceito de adolescência como um período de transição da infância para a vida adulta é uma concepção moderna (MARTINS; TRINDADE; ALMEIDA, 2003).

Dessa forma, a organização da sociedade em torno de uma economia capitalista e os ideais de proteção aos “sujeitos em desenvolvimento” evidentes na Lei Federal 8.069 de 13 de Julho de 1990, que versa sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA (BRASIL, 1990), colocaram a questão do trabalho de adolescentes como um problema social. Isso porque, os adolescentes trabalhadores são, em sua maioria, provenientes de classes sociais mais baixas que trabalham para complementar a renda familiar.

Assim, esses adolescentes trabalhadores precisam se submeter a trabalhos precários, exaustivos e mal remunerados que suprimem o tempo que deveria ser destinado à escola e ao lazer, comprometendo a sua educação e o seu desenvolvimento (OLIVEIRA; ROBAZZI, 2001).

Por outro lado, alguns estudos também tem indicado aspectos positivos do trabalho para os adolescentes trabalhadores (OLIVEIRA et al., 2005; MATTOS; CHAVES, 2006). Contudo, a grande ressalva é que para sobressair os efeitos benéficos do trabalho entre os adolescentes é necessário que esse esteja integrado com uma dimensão educativa e não puramente produtiva (SILVA, 2011).

Nesse sentido, optou-se por investigar adolescentes trabalhadores que participassem de uma instituição que oferece um projeto de apoio para a inserção de adolescentes no mercado de trabalho, tendo como missão auxiliar, orientar e assistir aos jovens trabalhadores.

Investigando um desses cenários de trabalho aliado a uma dimensão educativa, Rizzo (2008) realizou um estudo com adolescentes trabalhadores inseridos em um programa de “Treinamento para o Mercado de Trabalho” realizado

pela ONG Sociedade de Amparo e Promoção (SOAPRO), localizada na cidade de Taubaté/SP, buscando conhecer as representações sociais de adolescentes trabalhadores a respeito do trabalho.

O estudo das representações sociais a respeito desse tema se faz muito importante, pois, pela apreensão da representação social do trabalho pelo adolescente, tem-se informações do contexto sócio-cultural e histórico do adolescente trabalhador em nossa sociedade, possibilitando a compreensão das atitudes e dos comportamentos dos jovens frente ao trabalho que, por sua vez, revela a maneira como o jovem vivencia a experiência do trabalho.

Dessa forma, conhecer a maneira como o jovem experimenta e interage com trabalho é fundamental para a compreensão do desenvolvimento humano de adolescentes, uma vez que o trabalho, assim como a escola e a família, torna-se um importante espaço de socialização e de formação da identidade.

Assim, a pesquisa de Rizzo (2008), por sua relevância temática e acadêmica, serviu como inspiração para o presente estudo, tendo sido adotados instrumentos bastante semelhantes para a coleta de dados, conforme apontado na seção referente ao método.

1.1 PROBLEMA

A ideia inicial de se estudar o trabalho na adolescência, surgiu de uma experiência profissional da pesquisadora que, durante três anos, prestou serviços a uma empresa que mantinha um programa de aprendizagem laboral com adolescentes oriundos de escolas públicas. A pesquisadora trabalhava diretamente com adolescentes trabalhadores, debatendo com eles seus projetos de vida pessoal e profissional. Nessas ocasiões, sempre lhe chamou a atenção o modo como o trabalho era percebido por esses adolescentes e forma como essa atividade laboral influenciava em seus desenvolvimentos.

Ao entrar no Mestrado em Desenvolvimento Humano (MDH) da Universidade de Taubaté, por iniciativa própria, foram realizados levantamentos de produções científicas a respeito do adolescente trabalhador, além de terem sido cursadas disciplinas sobre a Teoria das Representações Sociais e sobre as Teorias do Desenvolvimento Humano, estimulando o interesse na elaboração de um projeto de pesquisa que reunisse esses assuntos.

Assim, com base nessas teorias, elaborou-se como problema de pesquisa a seguinte questão: quais são as representações sociais que os adolescentes trabalhadores elaboram sobre o trabalho a partir de experiências laborais protegidas?

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 OBJETIVO GERAL

Investigar as representações sociais do trabalho entre adolescentes trabalhadores inseridos em um programa de aprendizagem laboral organizado por uma instituição, na cidade de São José dos Campos/SP.

1.2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Conhecer a realidade sociodemográfica dos adolescentes pesquisados;
- Apresentar os motivos que incentivaram os adolescentes a buscar um trabalho;
- Identificar as atitudes dos adolescentes trabalhadores diante do trabalho;
- Descrever as influências do trabalho sobre a família, o lazer, o estudo, as conquistas e os planos para o futuro dos adolescentes pesquisados e;
- Verificar a função do trabalho na vida dos adolescentes trabalhadores.

1.3 DELIMITAÇÃO DO ESTUDO

Por se tratar de uma pesquisa orientada pela Teoria da Representação Social é necessário que seja delimitado o tipo de grupo social que foi estudado, no caso, os adolescentes trabalhadores.

De maneira mais ortodoxa, os estudos sobre Representações Sociais deveriam se limitar a grupos estruturados (SÁ, 1998), isto é, formados por pessoas que se reconhecem como parte de determinado grupo, conhecendo também os critérios que os caracterizam como tal.

Assim, embora nem todos os adolescentes trabalhadores pesquisados interajam diretamente, eles formam um grupo porque todos são capazes de se reconhecerem como adolescentes e trabalhadores, também reconhecendo outros adolescentes nessa situação.

Além disso, há a interação indireta, uma vez que o trabalho que é realizado por um adolescente influencia o trabalho de outros, já que as pessoas com quem trabalham e convivem ficam sempre com uma representação do “adolescente trabalhador”.

Somando-se a isso, ainda que haja diferenças entre as motivações que levaram cada um dos adolescentes a trabalhar, todos se preocupam com a manutenção de seus empregos e/ou a possibilidade de se manterem no mercado de trabalho, porque, além da necessidade financeira, também existe um forte discurso na sociedade atual sobre a importância do trabalho. E, por fim, os adolescentes trabalhadores formam um grupo porque seguem normas sociais que regem a todos.

Assim, a Representação Social é investigada com adolescentes trabalhadores participantes de um programa de aprendizagem laboral organizado por uma instituição sem fins lucrativos e com personalidade jurídica que está inserida na política pública de assistência social do município de São José dos Campos/SP. Esse programa possibilita que adolescentes vinculados a essa instituição se candidatem a postos de trabalho em empresas públicas e privadas com as quais a instituição mantém parcerias.

Dessa forma, a instituição auxilia o adolescente a entrar no mercado de trabalho e oferece orientação e apoio por meio de aulas teóricas de conteúdos como língua portuguesa, matemática e empreendedorismo, durante a vigência do contrato entre adolescente e empresa contratante e, que pode ter duração máxima de dois anos. Além disso, a instituição também cuida para que essa experiência de trabalho cumpra todas as normatizações previstas na Lei Federal da Aprendizagem, nº 10.097/00 (Anexo E) e no Decreto Federal, nº 5.598/2005 (Anexo F).

Os adolescentes que formaram os grupos como sujeitos de pesquisa tinham, na ocasião da coleta de dados, idades entre 16 e 19 anos e eram de ambos os sexos. Esses adolescentes também deveriam, obrigatoriamente, estarem inseridos no mercado de trabalho, estarem estudando ou já terem concluído a escolarização básica (até o final do Ensino Médio) e frequentarem as aulas oferecidas pela instituição pesquisada.

1.4 RELEVÂNCIA DO ESTUDO / JUSTIFICATIVA

O tema do trabalho para adolescentes pode ser pesquisado por diversas disciplinas dependendo do enfoque adotado, porém, a combinação de diferentes disciplinas como a psicologia social, a ciência do desenvolvimento humano, a história, as ciências jurídicas, as ciências econômicas, a sociologia do trabalho e a sociologia da educação, entre outras, complementam-se no estudo desse fenômeno.

É importante destacar que essa interação entre essas diferentes disciplinas pode ocorrer em diferentes níveis de complexidade, dentre os quais podemos destacar dois: a multidisciplinaridade e a interdisciplinaridade. O campo multidisciplinar caracteriza-se por uma interação menos complexa, isto é, diferentes disciplinas trabalham em torno de uma temática comum, contudo, não se estabelecem relações entre elas (CARLOS, 2007).

A interdisciplinaridade, por sua vez, destaca-se por haver uma cooperação e um diálogo entre as áreas do conhecimento, tendo como sua principal característica a intercomunicação entre as disciplinas de modo a ocorrer uma modificação entre elas, resultando em uma abordagem única que supera as visões disciplinares em separado (ALVEZ; BRASILEIRO; BRITO, 2004; CARLOS, 2007).

Conforme apontado por Silva (2011), do ponto de vista epistemológico, “a interdisciplinaridade, em seu sentido restrito, caracteriza-se pela utilização de elementos ou recursos de duas ou mais disciplinas para a operacionalização de um procedimento investigativo.” (p. 587), indicando que um pesquisador, ao realizar um estudo interdisciplinar, acaba por considerar todas as ciências que envolvem o fenômeno estudado, podendo, assim, compreender a totalidade do objeto de estudo proposto.

Desse modo, parte da relevância acadêmica desse estudo é a possibilidade de estudar o trabalho de adolescentes a partir da abordagem interdisciplinar, o que é fundamental para se compreender um fenômeno tão complexo e atual como esse.

Assim, a escolha por estudar as representações sociais do trabalho para adolescentes trabalhadores é uma tarefa perfeitamente possível de ser realizada dentro do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Desenvolvimento Humano: Formação, Políticas e Práticas Sociais da Universidade de Taubaté (UNITAU), pois, esse pode ser considerado como um espaço acadêmico privilegiado para o estudo das representações sociais, tanto por sua interdisciplinaridade, como por oferecer

em seu currículo as bases teóricas necessárias para uma pesquisa que envolva os conceitos de representação social, trabalho e adolescência.

Por sua vez, a relevância social do estudo reside na possibilidade de contribuir com conhecimentos sobre a experiência do trabalho para adolescentes, apresentando, especialmente, as condições, as consequências e os sentidos do trabalho realizado por adolescentes participantes de programas de inserção profissional vinculados às instituições que cuidam para que se garanta situações “protegidas” de trabalho, como é o caso da instituição pesquisada.

Nesse sentido, a justificativa social para o presente estudo também se refere à possibilidade de discutir os motivos que levam os adolescentes a buscar um trabalho e as possíveis consequências dessa inserção no mercado de trabalho ainda em uma fase em que o sujeito está em desenvolvimento.

É importante que esta pesquisa possa proporcionar uma reflexão a respeito do que ocorre com a vida de adolescentes que começam a trabalhar, questionando até que ponto essa inserção no mercado de trabalho é (in)evitável e quais são as suas influências nas vidas desses jovens trabalhadores e, em um sentido mais amplo, na organização da sociedade como um todo.

Além disso, uma vez que é conhecida a ocorrência de atividades laborais ainda na adolescência, também é relevante a discussão a respeito da importância da existência de programas que insiram o jovem no mercado de trabalho, e que, ao mesmo tempo, também tenham uma dimensão educativa.

1.5 ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO

Para estudar a representação social do trabalho para adolescentes trabalhadores, este trabalho foi organizado em seis capítulos.

O primeiro capítulo apresentou uma introdução do tema e da pesquisa realizada, apontando o problema, os objetivos (geral e específicos), a delimitação do estudo, as relevâncias científicas e sociais do estudo e, por fim, a presente seção.

O segundo capítulo aborda a adolescência e o trabalho de adolescentes. Inicialmente, o capítulo abrange brevemente as principais vertentes e teorias a respeito do desenvolvimento humano, a saber: os aspectos biológicos e cognitivos do desenvolvimento; a teoria do desenvolvimento psicossocial, de base psicanalítica; a teoria sociocultural do desenvolvimento e; a teoria do

desenvolvimento psicossocial, com base em Erikson; focalizando, principalmente, naquilo que esses escopos teóricos afirmam a respeito da fase da adolescência.

Contudo, dentre todos estes estudos, aquele que será priorizado é o psicossocial por ser aquele que melhor se relaciona com a Teoria das Representações Sociais. Além disso, também serão indicadas as definições e as principais características da adolescência.

Ainda no segundo capítulo, a segunda seção refere-se ao trabalho na adolescência, perpassando por concepções e condições encontradas por adolescentes no mercado de trabalho, as motivações dessa faixa etária para a inserção profissional até, finalmente, abordar as repercussões e os significados do trabalho na vida de adolescentes.

Por sua vez, o terceiro capítulo aborda a Teoria das Representações Sociais, desenvolvida por Serge Moscovici desde a sua obra “A psicanálise, sua imagem e seu público”, publicada pela primeira vez em 1961. Esse capítulo traz o histórico, o conceito e as características das representações sociais, finalizando-se com uma seção de estado da arte sobre as representações sociais do trabalho para adolescentes que descreve outros estudos com a mesma temática desta pesquisa.

O quarto capítulo refere-se ao método adotado pela presente pesquisa. Nesse capítulo são relatadas particularidades a respeito do tipo de pesquisa realizada, da população e da amostra participante, dos instrumentos utilizados, dos procedimentos para coleta e dos procedimentos para análise de dados.

O capítulo cinco aborda os resultados e as discussões e, para isso, foi organizado em três seções: (1) “Sujeitos de pesquisa: quem são e como vivem”, que apresenta a caracterização sociodemográfica dos adolescentes trabalhadores pesquisados; (2) “Indicadores encontrados a partir da análise de conteúdo”, que apresenta os resultados encontrados com as entrevistas semi-estruturadas e a organização desses dados em categorias e subcategorias e; por fim, (3) “Dados e discussões a partir da triangulação de métodos”.

Essa última seção articulou todos os dados encontrados com a pesquisa, discutindo os resultados, não em termos dos instrumentos aplicados, mas, de acordo com os sentidos e significados dos resultados, o que somente foi possível com a utilização da técnica de triangulação de métodos.

Por fim, o capítulo seis indica as considerações finais que se tem a partir do estudo realizado.

2 DESENVOLVIMENTO HUMANO DO ADOLESCENTE E O TRABALHO NA ADOLESCÊNCIA

(...) o trabalho infanto-juvenil é considerado rotina, é entendido como rito de passagem para a vida adulta, o adolescente se percebe adulto e importante, porque já produz, tem autonomia financeira em relação aos seus pais, algumas vezes ganha mais do que eles. Esse é um processo de adultização, em que o adolescente assume papéis sociais destinados ao adulto, em nossa cultura. Em vez de consumidor da renda familiar passa a ser o provedor. (OLIVEIRA; ROBAZZI, 2001)

Nesta primeira etapa da revisão da literatura são abordados estudos e teorias sobre adolescência, além de pesquisas a respeito do trabalho realizado por adolescentes, trazendo a conceituação e a caracterização contemporânea do trabalho de adolescentes.

Foi importante o levantamento de estudos e teorias sobre a adolescência, pois, para se investigar as representações sociais que os adolescentes tem do trabalho é necessário a compreensão de quem são esses adolescentes, sujeitos de pesquisa.

Dessa forma, como a adolescência é uma construção contemporânea, é necessário iniciar a sua conceituação a partir do relato de suas origens na cultura ocidental, além de suas definições para diferentes autores.

Na sequência, a caracterização da adolescência aponta diferentes teorias e abordagens do desenvolvimento humano dessa etapa do ciclo de vida, apresentando aspectos biológicos, cognitivos, psicossociais, culturais e psicossociais de adolescentes.

Em relação ao levantamento de produções científicas e acadêmicas sobre o trabalho na adolescência, pode-se afirmar que os autores e estudos aqui citados trazem contribuições fundamentais para a compreensão do objeto – trabalho na adolescência – que a presente pesquisa se dedicou a estudar.

Assim, tanto a contextualização teórica de quem são esses adolescentes pesquisados quanto a compreensão do fenômeno do trabalho na adolescência são aspectos essenciais para esta pesquisa, pois, esses são conteúdos que permeiam todas as discussões realizadas e favorecem o entendimento das representações sociais do trabalho para adolescentes trabalhadores.

2.1 ADOLESCÊNCIA: HISTÓRIA, CONCEITUAÇÃO E CARACTERÍSTICAS

A adolescência como uma etapa de transição da infância para a fase adulta é uma concepção contemporânea, tendo sido reconhecida pelos estudiosos como fundamental para o Desenvolvimento Humano apenas nos anos de 1890 (SENNA; DESSEN, 2012).

Contudo, desde a antiguidade já se considerava que o período conhecido atualmente como adolescência possuía características próprias como a impulsividade e a excitabilidade, já tendo sido estabelecido, na Grécia Antiga, que a maturidade seria atingida somente aos 18 anos. Até essa idade, os jovens deveriam ser preparados para a vida adulta; as meninas preparadas para a maternidade enquanto que os meninos preparavam-se para a guerra ou para a política (SCHOEN-FERREIRA; AZNAR-FARIAS; SILVARES, 2010).

No período do Império Romano, a educação destinada aos jovens da elite indicava a sua etapa de desenvolvimento. Aos 12 anos, os jovens do sexo masculino deixavam o ensino elementar e começavam o estudo de autores clássicos e de mitologia; aos 14 anos, abandonavam as vestes infantis e poderiam fazer aquilo que decidirem e; aos 16 ou 17 anos, escolhiam entre a carreira pública ou a política. Por sua vez, as meninas, aos 12 anos, eram consideradas em idade de casar, sendo que esse era consumado até os 14 anos quando passavam a ser consideradas adultas (SCHOEN-FERREIRA; AZNAR-FARIAS; SILVARES, 2010).

Na Idade Média, tanto as crianças quanto os adolescentes eram considerados adultos em miniatura, isto porque os índices de mortalidade infantil eram imensos fazendo com que todos aqueles que conseguissem sobreviver fossem rapidamente incorporados ao convívio de adultos (SCHOEN-FERREIRA; AZNAR-FARIAS; SILVARES, 2010).

Nas classes populares, os adolescentes trabalhavam nos mesmos segmentos de seus familiares, nos feudos aos quais pertenciam. Na nobreza, os jovens meninos eram treinados para serem cavaleiros, enquanto as meninas eram preparadas para o casamento que também poderia ser realizado a partir dos 12 anos (SCHOEN-FERREIRA; AZNAR-FARIAS; SILVARES, 2010).

Ariès (1981) relata que nos tratados pseudocientíficos da Idade Média os termos infância e puerilidade, juventude e adolescência, velhice e senilidade estavam presentes como as idades da vida, sendo consideradas como categorias

científicas. A incorporação dessas terminologias para as pessoas foi algo que não se deu facilmente entre as pessoas, sendo que até o século XVIII, a adolescência foi confundida com a infância, conforme pode ser encontrado nos arquivos de instituições educacionais francesas (ARIÈS, 1981).

Não existia, nessa época, a ideia de aliar o período da adolescência às mudanças biológicas ocorridas pela puberdade. Assim, as crianças eram aquelas pessoas que dependiam de seus pais ou avós, só saindo da infância quem deixava de ser dependente de terceiros (ARIÈS, 1981).

No século XVIII, Rousseau (apud, SCHOEN-FERREIRA; AZNAR-FARIAS; SILVARES, 2010) considerava a adolescência como o período de maior instabilidade e conflito emocional, indicando as mudanças biológicas como as responsáveis por essas características típicas entre adolescentes.

Além disso, o autor também indicava que as mudanças biológicas e sociais acarretavam no desenvolvimento da capacidade de pensar com lógica, fazendo com que Rousseau apontasse a necessidade da educação ir para além dos 12 anos.

Contudo, é principalmente a partir da Revolução Industrial e sua decorrente necessidade de capacitação e formação que a noção de adolescência se consolida, já que prorroga a permanência dessa faixa etária na escola. Assim, a complexidade das sociedades modernas foi delimitando um espaço intermediário entre a infância e a idade adulta, constituindo-se assim como um período de conflitos em que não se tem mais a imaturidade de uma criança, mas tampouco tem o status de um adulto (AVILA, 2005).

É somente no século XX, que a psicologia e as teorias sobre o desenvolvimento humano intensificam as pesquisas sobre a fase da adolescência (SENNA; DESSEN, 2012), isso porque a adolescência passou a ser considerada como uma etapa do processo de amadurecimento do indivíduo, chegando a ser considerada como existente em todos os seres humanos, independente da cultura ao qual pertencem, sendo que até hoje a universalidade ou não da adolescência é um importante tema discutido entre os teóricos. Assim, faz-se importante compreender a definição e as características da adolescência.

A palavra adolescência é derivada do latim “*adolescere*” que significa crescer ou crescer até a maturidade, indicando o caráter transitório dessa etapa do desenvolvimento. A adolescência tem sido definida como a etapa da vida humana

que ocorre a transição entre a infância e a idade adulta (MARTINS; TRINDADE; ALMEIDA, 2003).

Para se delimitar o período da adolescência é necessário apresentar os seus limites cronológicos, entretanto, existem diferentes faixas etárias que o delimitam. Para a Organização Mundial de Saúde (OMS) e o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), adolescente é aquele que possui idade entre 10 e 20 anos incompletos (EISENSTEIN, 2005; UNICEF, 2011).

Porém, no Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (BRASIL, 1990), a adolescência é o período compreendido entre os 12 até 18 anos de idade. Por fim, o Ministério da Saúde do Brasil e o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) consideram adolescentes aqueles que tem idade entre os 10 a 20 anos (SCHOEN-FERREIRA; AZNAR-FARIAS; SILVARES, 2010).

Dessa forma, não existe um consenso do período cronológico que abrange a adolescência, até mesmo porque se acredita que essa é uma etapa biopsicossocial, ou seja, existem fatores psicológicos e sociais que determinam a sua existência não sendo possível a afirmação da vivência da adolescência apenas em termos cronológicos. No entanto, essa delimitação etária faz-se necessária em termos políticos, estatísticos e sociais, de modo a regular a atenção das esferas públicas e privadas a essa população (EISENSTEIN, 2005).

Em termos psicológicos e sociais, Calligaris (2000) aponta que o difícil é delimitar o momento no qual a pessoa sai da adolescência, já que para o autor a entrada nesse período do ciclo de vida seria facilmente percebida pelas mudanças fisiológicas produzidas pela puberdade.

Para auxiliar nessa delimitação, Calligaris (2000), tenta definir o adolescente a partir da apresentação de três características. Assim, o adolescente é alguém que:

1. que teve tempo de assimilar os valores mais banais e mais bem compartilhados na comunidade [...];
2. cujo corpo chegou à maturação necessária para efetiva e eficazmente se consagrar às tarefas que lhe são apontadas por esses valores, competindo de igual para igual com todo mundo;
3. para quem, nesse exato momento, a comunidade impõe uma moratória. (CALLIGARIS, 2000, p. 15).

Esse período de moratória indica que o adolescente assimilou as regras e os valores da sociedade e já alcançou a maturação física para desempenhar as tarefas dos adultos, porém, ainda assim, não é visto como tal. Essa moratória desperta nos

adolescentes sentimentos de raiva, desprezo, rebeldia e ojeriza em relação à sociedade (CALLIGARIS, 2000).

Contudo, esses sentimentos são intensificados pelo ideal de independência que indica que um sujeito só é independente quando alcança a sua autonomia, porém, a moratória (que é vista como injusta pelos adolescentes) não possibilita a independência, ao contrário, impõe a continuação da dependência típica da infância (CALLIGARIS, 2000).

Apesar das dificuldades e dos conflitos, a adolescência é hipervalorizada culturalmente, sendo considerada como um período da vida humana particularmente feliz. Esta visão da adolescência costuma incomodar os adolescentes, pois eles não sentem nenhuma felicidade na moratória imposta e procuram saber quando poderão, finalmente, ser reconhecidos como adultos (CALLIGARIS, 2000).

Desse modo, a conceituação de adolescente é fortemente influenciada pelas características e pelas vivências típicas dessa faixa etária na cultura ocidental, fazendo com que a adolescência não seja mais encarada como uma preparação para a vida adulta, mas, como uma fase do desenvolvimento com um sentido em si mesma (SCHOEN-FERREIRA; AZNAR-FARIAS; SILVARES, 2010).

Assim, existe a necessidade de apresentar as características dessa etapa do desenvolvimento humano em termos biológicos, cognitivos e psicossociais para a ampliação da compreensão de quem são os adolescentes estudados pelo presente trabalho.

A história da psicologia indica que a compreensão sobre as características predominantes dos adolescentes partiram de estudos que buscam compreender as constantes mudanças de comportamento, diferenciando-se entre teorias biológicas, psicanalíticas, psicossociais, socioculturais e cognitivas (SENNA; DESSEN, 2012).

Dessa forma, as características da adolescência são apresentadas a partir dessas cinco diferentes abordagens, na seguinte ordem: desenvolvimento biológico, desenvolvimento cognitivo, desenvolvimento psicosexual (com base na psicanálise), desenvolvimento sociocultural e, por fim, desenvolvimento psicossocial.

Em relação ao desenvolvimento biológico, a puberdade é o termo que se refere às mudanças biológicas que ocorrem nos corpos de adolescentes (SCHOEN-FERREIRA; AZNAR-FARIAS; SILVARES, 2010).

A puberdade deriva-se de “*pubis*” que diz respeito a cabelos, portanto, a puberdade foi assim designada por uma das alterações biológicas mais visíveis, isto

é, a criação de pelos. O crescimento de pelos axilares e pubianos, nas meninas, e o aparecimento de pelos axilares, pubianos e faciais nos meninos são reflexos de mudanças hormonais que também ocasionam a maturação sexual em ambos os sexos (CAMPOS, 2011).

Nas meninas, essa maturação é percebida pelo desenvolvimento dos seios e pelo início da menstruação, enquanto nos meninos, o crescimento dos órgãos sexuais e a espermatogênese, irão possibilitar ao corpo desses jovens a capacidade de reprodução humana (CAMPOS, 2011).

Contudo, Melvin e Wolkmar (1993 apud SCHOEN-FERREIRA; AZNAR-FARIAS; SILVARES, 2010) ressaltam que a idade para o início da puberdade pode variar muito, sendo em torno dos 10 anos para as meninas e dos 12 anos para os meninos. Além disso, as mudanças ocorridas na puberdade podem variar muito em termos de ritmo e de intensidade, indicando a forte influência dos fatores fisiológicos de cada um.

Conforme já apontado, para alguns autores (CALLIGARIS, 2000; CAMPOS, 2011; SCHOEN-FERREIRA; AZNAR-FARIAS; SILVARES, 2010) a adolescência terá início com a puberdade, uma vez que as mudanças corporais acarretam em alterações na percepção que o adolescente tem de si, influenciando a existência de novos comportamentos.

Além disso, a forma de pensamento desse adolescente também se desenvolve, permitindo que esse consigam trabalhar com ideias abstratas e, conseqüentemente, pensar e planejar o seu futuro.

A apresentação do desenvolvimento cognitivo na adolescência será realizada a partir da perspectiva de Jean Piaget (1896-1980). Piaget, embora fosse biólogo, é conhecido como educador e psicólogo, além disso, possuía um grande interesse por filosofia, especialmente, o campo da Epistemologia (CUNHA, 2008).

Assim, Piaget realizou experimentos e estudou os processos de transição dos estados de conhecimento. Para ele, o desenvolvimento cognitivo é algo que exige uma dinamicidade, ou seja, a inteligência só existe na ação, modificando-se em uma sucessão de estágios nos quais as estruturas mais elementares seriam, pouco a pouco, substituídas por estruturas mais complexas (PILETTI; ROSSATO, 2011).

Dessa forma, Piaget delimita quatro estágios do desenvolvimento cognitivo: o estágio sensório-motor, do nascimento aos dois anos de idade; o estágio pré-operatório, dos dois aos sete anos; o estágio das operações concretas, dos sete aos

12 anos e; por fim, o estágio de operações formais, que ocorreria a partir dos 12 anos (PILETTI; ROSSATO, 2011).

É importante ressaltar que a determinação da idade de um período não é uma regra, o que é rígido, segundo a teoria de Piaget, é a sequência dos períodos (sendo isso o que define a sua teoria baseada em períodos), portanto, uma criança que chegou ao estágio operatório concreto, necessariamente passou pelos estágios sensório-motor e pré-operatório (respectivamente) e, certamente, seu próximo estágio será o operatório formal (PILETTI; ROSSATO, 2011).

Assim, ainda que seja provável que os adolescentes estejam no período de operações formais, não é possível afirmar que todos os adolescentes chegam nesse estágio aos 12 anos (PILETTI; ROSSATO, 2011).

No entanto, é certo que todos aqueles que tenham um desenvolvimento cognitivo tido como normal, chegarão ao estágio das operações formais que se caracterizam pela existência do pensamento hipotético-dedutivo, assim, o indivíduo é apto a aplicar o raciocínio lógico e sistemático aos diversos problemas, formulando hipóteses e buscando soluções para problemas por meio do pensamento abstrato, isto é, já não é necessária a manipulação concreta das variáveis para que o indivíduo consiga solucionar um problema (PILETTI; ROSSATO, 2011).

Cunha (2008, p. 15) relata que é nesse período que o indivíduo passa a “imaginar sociedades alternativas, sistemas filosóficos perfeitos e caminhos profissionais ainda não percorridos”, contribuindo para que a pessoa passe a criar perspectivas de vida e de transformação de si e do mundo, características essas, bastante comuns na adolescência.

Além disso, Piaget também indica a adolescência como o palco da potencialização da moral autônoma, isto é, para ele, “as conquistas do adolescente no campo moral significam a consolidação da capacidade de subordinar a ação moral ao julgamento moral, avaliando-a e posicionando-se com base em critérios independentes da própria situação” (OLIVEIRA, 2006, p. 429).

Por isso, Piaget chega a indicar a existência de angústias em relação ao futuro, atribuindo a essas a chamada crise da adolescência, contrariando as proposições de psicanalíticas que postulava que essa problemática era decorrente dos desejos reprimidos durante a infância (CUNHA, 2008).

O desenvolvimento psicosssexual é um dos aspectos da teoria psicanalítica, criada e desenvolvida por Sigmund Freud (1856-1939). Em relação aos aspectos

psicossexuais, Freud propôs que os estágios do desenvolvimento humano se dão a partir das sensações corpóreas de um indivíduo, visto que o corpo e as suas sensações seria a origem de toda a consciência (FADIMAN; FRAGER. 2004).

Assim, ao longo do desenvolvimento, os indivíduos vão apresentando diferentes modos de satisfação e áreas físicas de gratificação no corpo que se alterariam de acordo com o desenvolvimento humano, passando, ainda durante a infância, por três fases: a fase oral, a fase anal e fase fálica (NASIO, 1999).

Na fase oral, que ocorre nos primeiros seis meses de vida do bebê, a satisfação corpórea pode ser atingida por meio da sucção; na fase anal, que abrange a idade de dois a três anos, o prazer se dá pelo controle dos esfíncteres; ao passo que, na fase fálica, ocorrida entre os três aos cinco anos, tanto meninas quanto meninos reconhecem os seus órgãos genitais como fonte de prazer sexual.

É importante frisar que na fase fálica ainda não já existe uma organização genital definitiva porque ainda não há uma busca da satisfação sexual plena devido a inibição das pulsões sexuais que decorrem da vivência do Complexo de Édipo (NASIO, 1999).

Assim, a resolução do complexo de Édipo se dá ainda na infância, quando a criança começa a ter noção do seu corpo e distinguir coisas “de menino e de menina” – percebendo assim que há uma diferença entre os sexos. Essa é uma fase muito importante, pois a criança realizará a identificação que será crucial na adolescência (NASIO, 1999).

A criança pode tanto se identificar obtendo desejo pelo sexo oposto, quanto obtendo desejo pelo mesmo sexo, ou seja, na fase fálica a criança percebe as diferenças e terá que se posicionar como homem ou como mulher (NASIO, 1999).

Além disso, entre a fase fálica e a organização genital definitiva está a fase de latência – período que pode coincidir com o início da puberdade – na qual a busca pela satisfação sexual é impedida por meio de regras e convenções da vida em sociedade que serão incorporadas a partir da resolução do Complexo de Édipo (NASIO, 1999).

Ao chegar à fase genital, ainda na adolescência, também ocorrerá uma revivência do complexo de Édipo, na qual, tanto no menino quanto na menina, todas as especulações sobre o corpo retornarão. O adolescente irá perceber as mudanças que estão ocorrendo em seu organismo e ficará “confuso” a respeito de sua

identidade, pois não tem mais aquele corpo de criança nem já constituiu seu corpo adulto (CALLIGARIS, 2000).

Essa transição lhe causará ansiedades que moverão o adolescente na busca pela sua identidade. Assim, podemos dizer que a adolescência é um período de transição caracterizado, principalmente, pela reformulação de conceitos e de auto-imagens por parte do adolescente (CALLIGARIS, 2000).

Para conseguir realizar estas reformulações, o adolescente irá viver, inconscientemente, uma série de lutos relacionados com aspectos de sua infância. O primeiro luto vivenciado pelo adolescente é aquele experimentado pela perda do corpo infantil que será fundamental para a mudança do esquema corporal (ABERASTURY; KNOBEL, 1985).

O segundo seria um luto pela perda dos papéis da infância, já que o adolescente passa a ser mais cobrado, ter mais responsabilidade e deixa de ter uma vida despreocupada – própria das crianças (ABERASTURY; KNOBEL, 1985).

O terceiro luto seria pela perda dos pais da infância, pois o adolescente perde a fantasia de que seus pais são perfeitos e capazes de atender qualquer necessidade que ele possa vir a ter. Estes lutos irão se manifestar de diferentes formas no menino e na menina. É comum que os meninos fiquem agressivos enquanto as meninas costumam chorar mais, o que indica que a vivência dos lutos está ocorrendo (ABERASTURY; KNOBEL, 1985).

A resolução destes lutos será muito importante na busca de si mesmo e da identidade, no entanto, será um processo longo e doloroso o que explica, em grande parte, as crises e os conflitos vivenciados pelo adolescente. Em decorrência destes lutos, principalmente, o luto pela perda dos pais da infância somado com a revivência do Complexo de Édipo, o adolescente irá vivenciar sentimentos de estranheza em relação a sua família, o que o levará, então, a se identificar com outros adolescentes que também estão vivendo esses conflitos e, cada um irá buscar nos outros alguns aspectos para compor a sua identidade – princípio da tendência grupal (ABERASTURY; KNOBEL, 1985; CALLIGARIS, 2000).

Contudo, é importante frisar que apesar de estar em busca de uma identidade, o adolescente tem uma identidade própria caracterizada, principalmente, por essas crises e conflitos. A identidade adulta, no entanto, apenas poderá se formar com experiências de autoconhecimento que são vivenciadas justamente na

adolescência, já que esta “exige” uma reestruturação de conceitos internos e externos (CALLIGARIS, 2000).

Dessa forma, a teoria psicosssexual do desenvolvimento apresenta uma forma de estruturação da personalidade que, ao ser relacionada com as instâncias psíquicas – id, ego e superego – permite a compreensão do modo de funcionamento dos indivíduos. No entanto, essa teoria possui um caráter universalista do desenvolvimento humano que é fortemente negado por pesquisadores da antropologia que consideravam a adolescência como um fenômeno cultural.

Os estudos da antropologia indicam que a adolescência, embora seja experienciada, de modo geral, pelas sociedades ocidentais, não é algo vivenciado em todas as culturas, uma vez que está fortemente relacionada com as práticas sociais e os momentos históricos (COIMBRA; BOCCO; NASCIMENTO, 2005).

Principalmente, a partir da pesquisa realizada por Margaret Mead sobre o estudo da adolescência em Samoa, na Nova Guiné, no qual esse período do desenvolvimento humano era vivido de forma gradual, calma e sem impactos, tem-se a ideia de que não existe uma universalidade da adolescência, corroborando com os autores que a consideram como uma construção moderna, típica de algumas sociedades e culturas (MARTINS; TRINDADE; ALMEIDA, 2003).

Embora Margareth Mead não tenha apresentado uma teoria sobre o desenvolvimento da adolescência, Ruth Benedict (1887-1948) forneceu uma maneira teórica de relacionar a vida em determinada sociedade com o desenvolvimento da personalidade individual, sendo que essa teoria ficou conhecida como condicionamento cultural (CAMPOS, 2011).

Assim, para essa teoria existiria a influência dos fatores culturais para a formação da personalidade, considerando que os diferentes fatores econômicos, ideológicos e sociais são os grandes responsáveis pela necessidade de se relativar a personalidade de acordo com aspectos culturais (CAMPOS, 2011).

Isso não quer dizer que os aspectos biológicos são deixados de lado, apenas sugere que a própria interpretação dos aspectos biológicos ocorrerá de maneira diferente entre as culturas, sendo mais importante para a compreensão de um fenômeno – no caso, a adolescência – o entendimento do modo como os aspectos fisiológicos são significados pelas pessoas do que os próprios aspectos em si.

Dessa forma, para as teorias que consideram o desenvolvimento sociocultural da adolescência, o ciclo de dependência infantil à independência adulta é um fato

natural e inevitável. “Contudo, esta transição se processa de formas diferentes em culturas diversas, de sorte que nenhuma das formas pode ser considerada natural e universal” (CAMPOS, 2011, p. 90).

Assim, esses estudos revolucionaram a forma de entender a adolescência, mostrando que a adolescência não precisa ser, necessariamente, um período turbulento e de vivências de crise, como é frequentemente conhecido e reconhecido nas sociedades ocidentais, indicando que as características do desenvolvimento humano não são universais e sim, influenciadas por fatores socioculturais (MARTINS; TRINDADE; ALMEIDA, 2011).

Essa concepção influenciará fortemente outra teoria do desenvolvimento humano, a teoria do desenvolvimento psicossocial.

A Teoria do Desenvolvimento Psicossocial foi proposta por Erik Erikson a partir de articulações e assimilações parciais da teoria psicosexual, de base psicanalítica, e da teoria sociocultural. Assim, Erikson (1987) considera que o ambiente também participa na construção da personalidade do indivíduo (MARTINS; TRINDADE; ALMEIDA, 2003).

No que se refere a influência da psicanálise, Erikson teve influências de Anna Freud, filha de Sigmund Freud, que atribui ao ego uma característica de maior autonomia, com maior poder de decisão e atuação, em um período no qual o inconsciente, mais enfatizado por Freud, deu espaço a ampliação dos estudos do domínio do ego (RABELLO; PASSOS, s.d.).

Entretanto, as etapas do desenvolvimento psicosexual propostas por Freud foram reeditadas e ampliadas na teoria de Erikson que concebe o desenvolvimento humano como um processo evolutivo baseado em uma sequência de eventos biológicos, psicológicos e sociais, nos quais os indivíduos devem enfrentar e dominar um problema central de modo a passarem para a etapa seguinte (CAMPOS, 2011).

Assim, Erikson fez três contribuições principais para o estudo da personalidade:

[...] (1) juntamente com as fases psicosexuais de desenvolvimento de Freud, o indivíduo simultaneamente passa por estágios psicossociais e de desenvolvimento do ego; (2) o desenvolvimento da personalidade continua ao longo da vida; (3) cada estágio do desenvolvimento pode ter tanto resultados positivos quanto negativos. (FADIMAN; FRAGER, 2004, p. 195).

Em cada um dos oito estágios do desenvolvimento proposto por Erikson, há uma crise própria que caracteriza o estágio e que deve ser enfrentada pelo indivíduo de modo que esse possa avançar para etapa seguinte, assim, essas etapas são apontadas em termos de conflitos entre dois aspectos, conforme apontado a seguir: (1) Primeiro ano de vida: Confiança básica X Desconfiança básica; (2) Primeira infância: Autonomia X Vergonha; (3) Idade de brincar: Iniciativa X Culpa; (4) Idade escolar: Diligência X Inferioridade; (5) Adolescência: Identidade X Confusão de identidade; (6) Idade adulta jovem: Intimidade X Isolamento; (7) Idade adulta: Geratividade X Estagnação e; (8) Velhice: Integridade X Desespero. (ERIKSON, 1998).

Uma nona etapa foi acrescentada à Teoria de Desenvolvimento Psicossocial por Joan Erikson, esposa e companheira nos estudos de Erik Erikson. No livro “O ciclo de vida completo”, Joan descreve a nona etapa a partir de discussões e vivências do próprio Erik, mas, que não puderam ser incorporados por ele em sua teoria, embora ele já tivesse organizado seus escritos e relatado suas inquietações a respeito dos últimos anos do ciclo de vida (ERIKSON, 1998).

Dessa forma, a nona etapa foi chamada de Transcendência e se caracteriza pela tarefa de recuperar habilidades e enfrentar a proximidade da morte (ERIKSON, 1998).

No entanto, o estágio que interessa ao presente trabalho é a quinta etapa, a adolescência. Erikson (1987) explica que, pelo fato da adolescência estar localizada entre a vida infantil e as expectativas e medos da vida adulta, há a vivência de uma moratória entre a moral aprendida pela criança e a ética a ser desenvolvida pelo adulto.

Além disso, é importante ressaltar que na adolescência o sujeito manifesta um interesse, às vezes, bastante apaixonado por algum tipo de valor ideológico – religioso, político, intelectual etc. como uma forma de expressar um senso de existência (ERIKSON, 1998).

É nessa idade que se vive a problemática Identidade X Confusão de identidade, no qual o adolescente precisa formar a sua identidade como uma forma de se sentir seguro frente às transformações físicas e psicológicas pelas quais está passando, contudo, ainda enfrenta dificuldade em encontrar o seu papel, até mesmo porque, nessa etapa de vida, os adolescentes estão muito preocupados com as opiniões dos outros – especialmente de seus pares – fazendo com a modificação de

crenças e atitudes ser mais frequentemente, dando origem à confusão de identidade (RABELLO; PASSOS, s.d.).

É importante indicar que, para Erikson, a confusão de identidades tem um bom desfecho quando o adolescente é capaz de se manter firme e estável em seus comportamentos, apontando a conquista da lealdade consigo, com seus valores e com seus objetivos, conquistando um senso de identidade que lhe encaminhará para o próximo estágio do desenvolvimento (RABELLO; PASSOS, s.d.).

A noção de identidade proposta por Erikson é interessante e bastante aceita pelas ciências humanas em geral, pois, considera os aspectos psicológicos e sociológicos que a originam (FADIMAN; FRAGER, 2004).

Dessa forma, essa é a concepção adotada na presente pesquisa, apontando os adolescentes trabalhadores como pessoas em desenvolvimento biopsicossocial, como indica a teoria proposta por Erikson.

Após o apontamento de teorias importantes para a compreensão do desenvolvimento de adolescentes, segue-se para a segunda seção deste capítulo que traz teorias e trabalhos sobre a temática da atividade laboral realizada na adolescência.

2.2 O TRABALHO NA ADOLESCÊNCIA

O trabalho sempre esteve presente na história da humanidade, provendo a subsistência e a união entre os pares. No entanto, a importância do trabalho estende-se para além destes aspectos, pois o trabalho é também uma fonte de realização pessoal à medida que possibilita a identificação e o reconhecimento dos sujeitos no produto daquilo que realizam (MUCHINSKY, 2004).

Contudo, a concepção do trabalho nem sempre é atrelada a fatores positivos. A palavra trabalho deriva dos termos latinos *tripalium* e *trabacula* que estão associados à ideia de tortura, concepção que se expandiu a partir da Antiguidade, pois, com o surgimento do trabalho escravo, todo o trabalho ligado à realização de atividades manuais ou os trabalhos braçais eram tidos como inferiores (BORGES; YAMAMOTO, 2004).

Durante muitos anos, essa concepção do trabalho como algo inferior foi bastante difundida na sociedade ocidental, só se alterando com os ideias protestantes que indicavam que Deus recompensaria aqueles que trabalhassem

duro. Esse ideal protestante foi fundamental para o desenvolvimento do sistema capitalista no qual se insere todas as formas de trabalho atual em nossa sociedade (BORGES; YAMAMOTO, 2004).

Dessa forma, o mercado de trabalho segue a lógica do mundo globalizado, sendo caracterizado pela hipercompetitividade, dinamicidade e diversidade. Para se inserir e se conservar no mercado de trabalho, as pessoas devem desenvolver a empregabilidade, isto é, manter-se atualizado e ágil em termos técnicos, intelectuais, humanos e sociais (MINARELLI, 2010).

De acordo com Balassiano, Seabra e Lemos (2005, p. 36-37), a empregabilidade está diretamente relacionada à questão da qualificação profissional, ou seja, por

um conjunto de atributos que incluem aspectos relativos à educação formal, à capacidade de aprender permanentemente, de empreender, além de um conjunto de atitudes como iniciativa, autonomia e versatilidade. Esses atributos garantiriam aos trabalhadores a decantada empregabilidade, isto é, a capacidade de permanecer no mercado de trabalho.

Esse processo de valorização da formação profissional como estratégia para enfrentar a competitividade do mercado de trabalho foi difundida no Brasil a partir da década de 1990 e é a recomendação de organismos internacionais como o Banco Mundial, no tocante às políticas de combate ao desemprego e, ainda, mantém-se como a solução para os problemas atuais do mundo do trabalho (BALASSIANO; SEABRA; LEMOS, 2005)

No entanto, segundo Frigotto (1998), a noção de empregabilidade traz uma violência ideológica ao indicar que o indivíduo é o responsável por sua própria formação profissional, pois, as pessoas que não alcançam o sucesso profissional, interpretam esse acontecimento como incompetência, desconsiderando os demais aspectos que podem ter por trás desse insucesso.

Assim, a exigência de se manter a empregabilidade é um desafio imposto a todos os trabalhadores, inclusive aos adolescentes, que, como se verá a seguir, já estão inseridos no mercado de trabalho brasileiro há muitos anos.

Evidentemente que durante os quase 400 anos de exploração da mão de obra escrava no Brasil, os trabalhadores escravos (crianças, adolescentes ou adultos) não tinham oportunidades de melhores condições de trabalho e apenas sonhavam com suas liberdades. Contudo, a abolição da escravidão trouxe para os

trabalhadores, especialmente para os imigrantes europeus que chegavam ao Brasil, a expectativa de se alcançar melhores condições de vida com o trabalho.

Destacando-se, especificamente, a história do trabalho de crianças e adolescentes no Brasil, observa-se que as Companhias de Aprendizes, instituições criadas em 1840 pela marinha foram as opções encontradas pelos pais de famílias pobres que desejavam que seus filhos estudassem e, assim, pudessem ter oportunidades de melhorar suas condições de vida. As Companhias de Aprendizes recrutavam três grupos de crianças/adolescentes: os rejeitados e abandonados; aqueles presos pela polícia e; os “voluntários” matriculados por pais ou tutores (VENANCIO, 1999).

Nesse sentido, é importante ressaltar que no início de seu funcionamento, as Companhias foram formadas, predominantemente, por crianças/adolescentes trazidas por seus pais, pois, a marinha apresentava-se como uma das poucas alternativas de aprendizado profissional destinado às classes pobres da época, assim, além das funções dos navios, os menores também aprendiam a ler e escrever – algo bastante raro na época, já que apenas 16% da população entre seis e 15 anos frequentava a escola (VENANCIO, 1999).

Com a industrialização, o Brasil assistiu a um novo grupo de crianças e adolescentes que eram obrigados a trabalhar para ajudar no sustento de suas famílias (MOURA, 1999). E, desde então, ainda temos crianças e adolescentes das classes menos favorecidas sendo obrigadas a trabalhar para ajudar suas famílias e são incentivadas a isso com expectativas de ascensão social e com a valorização da condição de ser trabalhador.

Para se mapear esse cenário, desde 1992, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), faz levantamentos sobre a questão do trabalho de crianças e adolescentes em território nacional. O primeiro levantamento, de 1992, constatou que 8,42 milhões de crianças e adolescentes entre 5 e 17 anos exerciam alguma forma de trabalho, fosse ele formal ou não (BRASIL, 2011).

Quanto a esse número houve pequenas reduções ao longo dos anos, contudo, o último levantamento a que se teve acesso, de 2009, apresentou um número elevado: 4,25 milhões de crianças e adolescentes brasileiros com idades entre 5 e 17 anos possuem uma ocupação, representando 9,8% de pessoas nessa faixa etária (BRASIL, 2011).

Em 2006, os levantamentos do PNAD a respeito das questões do trabalho de crianças e adolescentes apontou que 4,86 milhões de pessoas na faixa etária dos 5 aos 17 anos trabalhavam, porém, apresentou também um suplemento que avaliava particularidades desse fenômeno social.

Nesse suplemento foi identificado que o universo de trabalhadores na faixa etária estudada é predominantemente masculino, exceto quando se focaliza no trabalho doméstico, espaço no qual as meninas se apresentam em maior proporção (BRASIL, 2011).

Além disso, esse suplemento também verificou que, em 2006, o índice de crianças e adolescentes que relatavam não poder frequentar a escola em função da necessidade de trabalhar era de 8% na faixa dos 7 a 14 anos e de 24,8% na faixa de 15 a 17 anos (BRASIL, 2011).

Esses dados reiteram a necessidade de se regulamentar a questão do trabalho infanto-juvenil, possibilitando a esses trabalhadores o exercício de outros direitos, como o acesso à educação, por exemplo.

Dessa forma, quando se considera o adolescente trabalhador, as legislações internacionais (Declaração dos Direitos da Criança adotada pela Organização das Nações Unidas, em 1959) e as nacionais (Constituição Federal e o Estatuto da Criança e do Adolescente) abordam o trabalho de adolescentes de duas formas: aquele realizado antes dos dezesseis anos, chamado de trabalho precoce, e o trabalho realizado após esta idade (SOUSA; ALBERTO, 2008).

É importante ressaltar que dentre as legislações nacionais que regulamentaram o trabalho de adolescentes houve elevações paulatinas na idade mínima para o trabalho.

A Consolidação das Leis do Trabalho, outorgada em 1943, por Getúlio Vargas, indicava que a idade mínima para o trabalho era de 12 anos. Com a promulgação da Constituição Federal de 1988, a idade mínima para o trabalho passou a ser 14 anos, estabelecendo a possibilidade de trabalho para maiores de 12 anos apenas na condição de aprendiz. Somente com o Estatuto da Criança e do Adolescente, em 1990, houve a alteração da idade mínima para 16 anos, salvo na condição de aprendiz, a partir dos 14 anos (ROCHA; FREITAS, 2004).

Seguindo os preceitos do Estatuto da Criança e do Adolescente, foi realizada uma Emenda Constitucional que proíbe todo e qualquer trabalho de crianças e adolescentes menores de 14 anos.

A partir dos 14 anos, é considerada a possibilidade de contratação de adolescentes desde que sejam seguidas as regulamentações do Decreto Federal nº 5.598/2005 (Anexo F) que assegura a formação técnico-profissional, além da realização de atividades compatíveis com a vida escolar e com o desenvolvimento físico, psicológico e moral do aprendiz (BRASIL, 2005).

Dessa forma, um contrato de aprendizagem entre adolescente e empresa exige que a organização contratante siga quatro pressupostos: (1) garantir a frequência escolar; (2) ter uma flexibilidade de horário para possibilitar o exercício de atividades escolares; (3) ter um programa de formação técnico-profissional e; (4) oferecer capacitação adequada ao mercado de trabalho (AMAZARRAY et al., 2009), possibilitando, assim, que o trabalho possa propiciar uma aprendizagem e ocorra em uma situação de proteção ao desenvolvimento do adolescente trabalhador.

O Estatuto da Criança e do Adolescente ainda prevê que todos os adolescentes trabalhadores, sejam aprendizes ou não, devem ter os seus direitos trabalhistas e previdenciários assegurados, sendo proibido a qualquer menor de 18 anos o trabalho noturno (realizado das 22h às 7h), o trabalho perigoso, insalubre ou penoso, além de ser vetada a realização de atividades laborais em locais prejudiciais a formação e ao desenvolvimento físico, psíquico, moral e social de adolescentes (BRASIL, 1990).

O adolescente aprendiz pode ficar nessa condição por, no máximo, dois anos. Após os 16 anos, o adolescente que busca um trabalho poderá ser contratado para realizar um Trabalho Educativo, isto é, uma atividade laboral no qual as exigências pedagógicas relativas ao desenvolvimento pessoal e social do adolescente devem prevalecer sobre os aspectos produtivos do trabalho, sem perder a remuneração por essa atividade (BRASIL, 1990).

Segundo Casagrande (2012), ainda é bastante confundido o Trabalho Educativo abordado no ECA com a Educação Profissional abordada na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) de 1996. Contudo, ele ressalta que são concepções distintas e que a Educação Profissional se refere à regulamentação do funcionamento de cursos de Ensino Profissional e/ou Técnico, sendo que o trabalho a partir desses cursos busca amparo legal na Lei do Estágio nº 11.788 de 2008.

Em relação ao Trabalho Educativo, possível a partir dos 16 anos, não existia uma legislação específica que regulamentasse o seu funcionamento, entretanto, a Lei da Aprendizagem (Lei nº 10.097/2000) (Anexo E) veio preencher essa lacuna,

normatizando que adolescentes e jovens com idade entre 14 e 24 anos podem exercer atividades produtivas, com direitos trabalhistas, desde que o horário não prejudique a continuidade dos estudos (AMORIM, s. d.).

Considerando apenas os números de adolescentes trabalhadores que estão dentro faixa etária legal para o exercício de atividades laborais, o PNAD de 2009 levantou que 1.153.000 adolescentes de 14 e 15 anos trabalham, enquanto que 2.190.000 adolescentes de 16 e 17 estão ocupados (BRASIL, 2011).

Diante desses números, faz-se necessário conhecer os motivos que levam esses adolescentes ao mercado de trabalho. Como citado anteriormente, na atualidade, o trabalho tem passado por inúmeras transformações em suas formas de organização, principalmente, passando por um processo de diminuição do emprego estável, também ocorrendo um aumento do trabalho informal e precário (MAIA; MANCEBO, 2010).

Ainda assim, os adolescentes buscam espaço no mercado de trabalho mesmo durante o seu processo de escolarização básica. Dentre os motivos que levam os adolescentes a se inserirem no mercado de trabalho, a condição financeira da família de origem desses trabalhadores tem sido apontada como um forte fator na determinação do trabalho na adolescência (AMAZARRAY et al., 2009).

Dessa forma, a própria família tem incentivado o adolescente a começar uma atividade laboral para ajudar no sustento da família e para adquirir responsabilidades, pois, é comum que pais de adolescentes das classes populares tenham a crença de que devem prover o sustento dos filhos até o final do Ensino Fundamental, sendo que depois disso o adolescente deve começar a trabalhar para ajudar a família e arcar com os próprios gastos (AMAZARRAY et al., 2009).

Oliveira e Robazzi (2001) também apontam que a pobreza, a desigualdade social e a concentração de renda são importantes determinantes para a entrada de adolescente no mercado de trabalho.

Somando-se a isso, as famílias das camadas populares também incentivam o trabalho na adolescência, pois, os pais esperam que os filhos possam adquirir, com maior brevidade, certa independência para cuidarem de si (WATARI; ROMANELLI, 2010). Isso porque é comum que esses pais façam jornadas duplas de trabalho, ficando mais tempo afastados do convívio dos filhos.

Sousa e Alberto (2008) também ressaltam o valor moral do trabalho como um dos motivos que levam o adolescente a iniciar uma atividade laboral. Desse modo, o

trabalho como uma forma de ocupar o tempo e aprender um ofício é entendido não apenas como uma necessidade, mas, também como uma virtude.

Além disso, o trabalho é comumente associado a uma forma de evitar que o adolescente entre para o crime e a marginalidade. Oliveira (2011), em seu estudo sobre um programa que proporcionava experiência de trabalho monitorado a adolescentes pertencentes a classes populares, verificou que as pessoas que trabalhavam com eles tinham a concepção de que ser adolescente de classe popular representa mais riscos e vulnerabilidade social.

Oliveira (2011) também constatou que já em sua proposta, o programa estudado baseava-se no argumento de que era importante manter esses adolescentes de classes populares ocupados como uma forma de evitar que eles utilizassem o seu tempo livre para se envolver com drogas e com a criminalidade, além de afastá-los dos perigosos das ruas.

A autora ainda destaca que esse argumento se baseia na ideia de que a carência material dos indivíduos pode justificar as faltas existentes em seu comportamento e em sua formação moral (OLIVEIRA, 2011),

Essa concepção dos adolescentes pertencentes a classes populares como mais vulneráveis a riscos sociais serve apenas para mascarar o fato de que a sociedade exige desses adolescentes que eles desempenhem uma atividade produtiva para ajudar no sustento de suas famílias, pois, a atual organização da sociedade prescinde dessa desigualdade.

Também é importante apontar que todos os adolescentes, que estão construindo as suas identidades, são mais vulneráveis às influências de seu contexto social. Além disso, não é somente a classe social que determina essa vulnerabilidade, mas, o cenário de vida desses sujeitos que estão em desenvolvimento.

Portanto, a família, a escola, a mídia, a cultura são co-responsáveis no estabelecimento desse grau de vulnerabilidade e a classe social não pode ser considerada como o único determinante para se avaliar os riscos sociais aos quais os adolescentes estão submetidos.

Se a ideia é apenas afastar os adolescentes da violência, do uso de drogas e da marginalidade, políticas públicas que ofereçam atividades de lazer e de reflexões a respeito de seus projetos de vida, podem ser mais úteis para o desenvolvimento desses adolescentes do que inseri-los em uma atividade produtiva, que atende suas

necessidades financeiras imediatas, mas, que podem proporcionar riscos para o seu desenvolvimento.

Outro motivo apontado para a entrada de adolescente no mercado de trabalho é o desejo desses em poder possuir seu próprio dinheiro que os possibilite consumir itens que os seus pais ou não podem ou não querem lhes comprar (LACHTIM E SOARES, 2009). No entanto, Amorim (S.D.) aponta que o ingresso no mercado de trabalho não altera de forma radical as condições de vida dos adolescentes e nem proporciona garantias futuras de mobilidade socioeconômica.

Isso porque, “iniciados precocemente no mercado de trabalho, esses adolescentes realizam várias atividades, transformando-se em mão de obra de baixo custo, por não terem escolaridade e qualificações” (ASSUNÇÃO, 2012, p. 3). Assim, jovens de nível socioeconômico mais baixo, que precisam trabalhar para ajudar no sustento de suas famílias, acabam aceitando trabalhos precários que não os consideram como sujeitos em desenvolvimento (AMAZARRAY et al., 2009).

Independente dos motivos que levem aos adolescentes a começar a trabalhar, o trabalho iniciado na adolescência (ou mesmo antes) torna-se um rito de passagem para a vida adulta, no qual o adolescente percebe-se com autonomia financeira de seus pais e com capacidade de produção, passa a assumir papéis sociais destinados aos adultos, em nossa cultura (OLIVEIRA; ROBAZZI, 2001).

No entanto, se essa situação de “adultização” não for acompanhada por um processo de amadurecimento psicológico, o adolescente, possivelmente, enfrentará prejuízos afetivos e intelectuais no seu desenvolvimento (OLIVEIRA; ROBAZZI, 2001). Além disso, diversos estudos tem investigado se a experiência do trabalho acarreta fatores positivos ou negativos para o adolescente.

Algumas pesquisas tem sido realizadas com a finalidade de se verificar as consequências do trabalho juvenil para a saúde e para o desenvolvimento psicossocial do adolescente (PIMENTA et al., 2011; ASMUS et al., 2005; OLIVEIRA et al., 2003; FISCHER et al., 2003; MARTINS et al., 2002).

Os resultados dessas pesquisas indicam que o trabalho na adolescência pode acarretar riscos biopsicosociais, porém, também indicam que o trabalho pode ser um espaço que complementaria a socialização do jovem, ao lado da escola, da família e do grupo de pares (GUIMARÃES; ROMANELLI, 2002).

A experiência do trabalho na adolescência também tem sido muito relacionada com o papel do estudo e da escola na vida dos adolescentes

trabalhadores, tendo sido considerado que as atividades laborais podem acarretar no abandono do estudo (MATTOS; CHAVES, 2010).

Mortimer (2003, apud MATTOS; CHAVES, 2010) sugere que as experiências de trabalho na adolescência não são vividas de maneira homogênea, pois, os efeitos do trabalho dependem de múltiplos fatores, envolvendo tanto as características individuais dos adolescentes como os aspectos presentes no próprio contexto de trabalho.

Assim, o caráter positivo da inserção laboral se evidencia quando os adolescentes podem contar com incentivos de aprendizagem em seu ambiente trabalho, podendo, assim, aumentar o seu interesse no estudo, além de poder melhorar o desempenho escolar (MATTOS; CHAVES, 2010).

As repercussões do trabalho na saúde de adolescentes trabalhadores também é alvo de pesquisas. Lachtim e Soares (2009) fizeram um estudo para reconhecer os potenciais de desgaste e fortalecimento entre jovens adolescentes que também estudam, tendo identificado que longas jornadas de trabalho, excesso de responsabilidade, falta de estabilidade e trabalho essencialmente manual como sendo fatores de desgaste.

Por outro lado, os fatores de fortalecimento do adolescente a partir da experiência do trabalho trazem possibilidades de socialização e a satisfação das necessidades de reprodução da sociedade (LACHTIM; SOARES, 2009).

Assim, Mattos e Chaves (2006) indicam que

[...] o trabalho pode representar uma experiência positiva e relevante para adolescentes e jovens, desde que sejam asseguradas condições que possibilitem o exercício do laboral sem prejuízo à saúde, escolaridade e lazer. (MATTOS; CHAVES, 2006, p. 67).

Arteche e Bandeira (2003) também relatam que o trabalho dá aos adolescentes trabalhadores um status social e o reconhecimento como agente produtivos, contudo, as autoras ressaltam que diferentes regimes de trabalho podem promover diferentes repercussões no desenvolvimento de adolescentes.

Neste sentido, é preciso considerar que o fenômeno do trabalho na adolescência tem uma natureza complexa e multifacetada, não sendo possível estabelecer uma relação direta do trabalho nessa faixa etária com efeitos positivos

ou negativos. Para isso, é preciso conhecer os significados que os próprios adolescentes atribuem a suas experiências profissionais (MATTOS; CHAVES, 2010).

O significado do trabalho para adolescentes trabalhadores tem sido investigado por alguns pesquisadores (RIZZO; CHAMON, 2011; BORGES; COUTINHO, 2010, TORRES et al., 2010). Em todos esses estudos, o trabalho é apresentado como uma forma de melhorar a condição de social da família de origem do adolescente trabalhador, além de poder propiciar o acesso ao mercado de consumo.

Borges e Coutinho (2010) apontam que o trabalho é bastante relacionado à remuneração obtida com ele, contudo, também é importante porque possibilita que o adolescente se sinta valorizado e feliz. Além disso, os autores apontam que o trabalho ocupa uma posição central na vida dos adolescentes pesquisados.

Contudo, Artech e Bandeira (2003), em sua pesquisa, constataram que a satisfação com o trabalho na adolescência é mais um reflexo do próprio ambiente de trabalho do que dos ganhos financeiros. Isso pode ser observado porque as pesquisadoras investigaram adolescentes envolvidos com diferentes regimes de trabalho e verificaram que os trabalhos relacionados a uma dimensão educativa são aqueles que proporcionam maior bem-estar aos adolescentes.

Dessa forma, encerra-se o capítulo teórico a respeito do trabalho na adolescência. O capítulo seguinte ainda é teórico e traz os conceitos e características da Teoria da Representação Social, como pode ser observado na sequência.

3 A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

(...) eu reagi de certo modo a esse ponto de vista e tentei reabilitar o conhecimento comum, que está fundamentado na nossa experiência do dia a dia, na linguagem e nas práticas cotidianas. Mas bem lá no fundo eu reagi contra a ideia subjacente que me preocupou a certo momento, isto é, a ideia de que “o povo não pensa”, que as pessoas são incapazes de pensar racionalmente, apenas os intelectuais são capazes disso. (...) Pode crer, a primeira violência antissemita aconteceu nos colégios e universidades, não nas ruas, e não foi legitimada pelos padres ou pelos políticos ignorantes, mas por pessoas estudadas (...). (MOSCOVICI, 2011, p. 310)

A Teoria das Representações Sociais embasa todo o estudo, visto que o próprio objetivo da presente pesquisa é investigar as representações sociais do trabalho entre adolescentes trabalhadores inseridos em um programa de aprendizagem laboral. Assim, a apresentação dessa teoria se faz fundamental para este estudo, o que acarreta a necessidade de se compreender a história, a conceituação e as características da Teoria das Representações Sociais.

O termo representação social foi apresentado por Serge Moscovici em sua obra *“La psychanalyse, son image et son public”* (A psicanálise, sua imagem e seu público), publicada em 1961, ao estudar a representação social da psicanálise na população parisiense no final dos anos cinquenta do século XX.

Com essa obra, Moscovici aborda o modo como o pensamento social é formado e organizado (CASTRO, 2011), inaugurando um novo conceito-referência para a Psicologia Social – ramo da ciência na qual essa teoria se desenvolveu.

A Psicologia Social nasceu como uma ramificação da Psicologia Geral, tendo como objeto de estudo o comportamento do indivíduo na presença de outros indivíduos. Assim, o trabalho de Gustav Le Bon, intitulado de *“La psychologie des foules”* (1895), pode ser considerado como um dos precursores da Psicologia Social ao apresentar a ideia de que o indivíduo deixa de lado a sua racionalidade ao integrar uma multidão, passando a ter comportamentos tidos como irracionais (CAMINO; TORRES, 2011; VALA, 2000).

No entanto, somente no ano de 1908, foram lançados os primeiros manuais de Psicologia Social: *“An Introduction to Social Psychology”* elaborado por Willian Mc Dougall e *“Social Psychology: an outline and source book”* escrito por Edward Ross. É importante destacar que já nesses primeiros manuais existia uma diferença de abordagem da Psicologia Social, isto é, Mc Dougall (1908), enquanto psicólogo,

ênfatizava o indivíduo, ao passo que Ross (1908), como sociólogo, estudava as instituições sociais (TORRES; CAMINO, 2011).

Essa divisão respeitava a concepção de Émile Durkheim que concebia que o estudo dos fenômenos sociais pertence à sociologia enquanto que o estudo do indivíduo pertence à psicologia, inaugurando, assim, as diferentes perspectivas da Psicologia Social: a sociológica e a psicológica (TORRES; CAMINO, 2011).

Assim, a Psicologia Social Psicológica, mais disseminada nos Estados Unidos da América, é fortemente marcada pelo individualismo e pelo positivismo (CHAMON, 2009), sendo derivada do modelo da psicologia experimental e do Behaviorismo. Por outro lado, embora a Psicologia Social Sociológica também tenha raízes experimentais que, de modo geral, caracterizava todas as áreas da Psicologia que ainda tentava-se afirmar como ciência, essa perspectiva é mais influenciada pela Psicologia da Gestalt, principalmente, a partir dos estudos de Kurt Lewin, sendo mais estudada na Europa (CAMINO; TORRES, 2011; VALA, 2000).

Dessa forma, a Psicologia Social Sociológica preocupa-se mais com os fatores históricos e sociais que envolvem os comportamentos dos indivíduos em situações sociais, sendo que essa ênfase foi reforçada pelo momento histórico de ascensão nazifascista e, posteriormente, da Segunda Guerra Mundial (TORRES; CAMINO, 2011).

A Teoria das Representações Sociais pertence ao rol da Psicologia Social Sociológica, tendo as suas raízes fortemente permeadas por conceitos da Sociologia (FARR, 2012). Contudo, o conceito de representações sociais está na interface de várias disciplinas, entre elas, a filosofia do conhecimento, as ciências cognitivas, a psicologia do desenvolvimento e a antropologia (LAHLOU, 2011).

Isto porque, a representação social é o meio pelo qual os seres humanos representam objetos de seu mundo, englobando aspectos da “representação do objeto” (cognição), da representação a partir de um processo psíquico (percepção e representação mental) e ainda, considera o papel societal do conhecimento (LAHLOU, 2011).

Dessa forma, o desenvolvimento do conceito de representação social parte do interesse de Moscovici em entender o processo de formação do pensamento social, ou seja, de um saber prático pelo qual os grupos humanos constituem a realidade e com ela convivem (CASTRO, 2011).

É fundamental apontar que esse interesse de Moscovici deriva de suas experiências de vida. Como romeno, ele vivenciou a ascensão nazifascista e observou como multidões apaixonadas cometiam crimes atrozes contra grupos minoritários tendo o respaldo de intelectuais que produziam conhecimento científico (WOLTER, 2011; MOSCOVICI, 2011).

Moscovici não concordava com o ponto de vista de muitos intelectuais que afirmavam que o conhecimento científico, ao chegar ao social, tornava-se impuro e degradado pelas pessoas, pois, essas não seriam capazes de compreendê-lo e reproduzi-lo em sua magnitude (MOSCOVICI, 2011).

Dessa forma, Moscovici se dedicou ao estudo da formação e organização desse conhecimento do senso comum, desenvolvendo o conceito de representações sociais, e o estudo das minorias ativas, trazendo discussões bastante inovadoras dentre os meios acadêmicos e científicos, principalmente, por investigar a gênese das representações sociais (WOLTER, 2011).

Por essa compreensão das diferenças entre as formas de conhecimento, Moscovici explica que coexistem duas classes distintas de universos de pensamentos: o universo reificado e o universo consensual (MOSCOVICI, 2011).

O universo reificado produz um pensamento objetivo, que segue um rigor lógico e metodológico, sendo mais próprio da ciência e do pensamento intelectual. Além disso, o grau de participação de cada indivíduo na produção de conhecimento nesse universo é determinado exclusivamente pelo nível de qualificação de cada um (MOSCOVICI, 2011).

Por outro lado, o universo consensual se refere à interação de conhecimentos produzidos pelo universo reificado com o saber cotidiano, correspondendo às formas de agir e de se comunicar na relação social cotidiana uma vez que é formado pela própria interpretação do ser humano a partir daquilo que é transmitido e produzido por seu meio social, sendo o universo no qual são produzidas as representações sociais (MOSCOVICI, 2011).

Assim, Moscovici (2011) afirma que os indivíduos não são apenas receptores passivos de informação, nem são meros seguidores de ideologias ou crenças coletivas, mas, são pensadores ativos que constroem representações da realidade exterior por meio do pensamento e da elaboração psicológica e social dessa realidade, possibilitando o estudo a respeito da construção do pensamento do senso comum (CHAVES; SILVA, 2011).

No entanto, para a elaboração inicial das representações sociais, Moscovici retomou o conceito de Representação Coletiva de Émile Durkheim, que data de 1898, explicando porque se diz que a base das representações sociais é sociológica (FARR, 2012).

De modo simplista, as representações coletivas podem ser entendidas como a maneira pela qual determinado grupo social percebe a si mesmo nas relações com os objetos que o afetam de modo a se manter coeso e em interação (HOROCHOVSKI, 2004), assim, as representações coletivas poderiam incluir ciência, religião, mito, ou qualquer tipo de emoção, ideia ou crença que ocorresse dentro de uma comunidade (MOSCOVICI, 2011) que agisse como uma força coletiva que levaria a um padrão geral de comportamento.

Assim, Moscovici (2012) entendeu que as representações coletivas, por não terem a preocupação de explicar os processos que levariam à sua origem, referiam-se de maneira estática a uma organização de pensamento bastante dinâmica, uma vez que as sociedades contemporâneas são plurais e ágeis em modificar-se em aspectos econômicos, políticos e sociais, podendo, dessa forma, também alterar a representação de determinado grupo social a respeito de um dado objeto.

Então, Moscovici (2012) cunha o termo representação social, conferindo dinamicidade às representações e considerando que essa seria elaborada a partir da articulação de aspectos individuais e sociais, portanto, não se atendo apenas aos aspectos sociológicos, como fez Durkheim.

Dessa forma, a distinção entre estes dois conceitos é muito sutil, mas reside no fato de que para Moscovici a representação social é elaborada coletivamente pelas interações e comunicações no interior de um grupo social de pertença, o que engloba o seu contexto ideológico, econômico e social, sendo, portanto, bastante variável (MARCELINO et al., 2009).

Assim, ao escrever a obra inaugural das representações sociais, Moscovici redefiniu o campo da Psicologia Social, enfatizando sua construção simbólica e seu poder de construção a partir da realidade (ALVES-MAZZOTTI, 2008), considerando que o cotidiano, no qual as representações sociais são formadas, move-se intensamente em relação ao tempo e ao espaço (CASTRO, 2011).

Com essa apresentação inicial da Teoria das Representações Sociais já é possível entender a sua base teórica e algumas de suas ideias centrais. No entanto, a conceituação do termo representações sociais é algo muito difícil de ser descrito

porque o próprio Moscovici acreditava que uma tentativa de definir o termo poderia reduzir o seu alcance conceitual (MOSCOVICI, 2011).

Contudo,

Moscovici procura enfatizar que as representações sociais não são apenas “opiniões sobre” ou “imagens de”, mas teorias coletivas sobre o real, sistemas que têm uma lógica e uma linguagem particulares, uma estrutura de implicações baseada em conceitos e valores. (ALVEZ-MAZZOTTI, 2008, p. 23).

Spink (1993), na tentativa de conceituar as representações sociais, faz uma trajetória interessante apontando as definições de “representação” que são encontradas em um dicionário de Língua Portuguesa, relacionando a denotação de “representação” com as características do conceito de representação social.

A partir do primeiro sentido apresentada, a autora define as representações sociais como formas de conhecimento prático, ao passo que o segundo sentido, aponta para a construção desse conhecimento prático pelos próprios indivíduos que se relacionam ou que interagem com esse conhecimento (SPINK, 1993).

No entanto, alguns outros autores tem se empenhado no alcance de definições que possam explicar o conceito de maneira mais geral e sem comprometer a integridade do conceito.

Uma das mais importantes conceituações foi criada por Denise Jodelet (2001, apud MARCELINO et al., 2009, p.547) que define representações sociais “como uma modalidade de conhecimento socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático, que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social”.

Arruda (2002) também lembra que Jodelet indica que a representação social deve ser estudada articulando aspectos afetivos, mentais e sociais, além de integrar a cognição, a linguagem e a comunicação com as relações sociais que afetam as representações e a realidade.

Essa ressalva de Arruda (2002) é importante, pois Jesuíno (2011) lembra que falar apenas que a representação é social por ser socialmente compartilhada é ter um olhar superficial, já que as religiões e o conhecimento científico também são socialmente compartilhados. Dessa forma, o autor salienta que “a representação é social por virtude da sua extensão em uma coletividade” (p. 43), ou seja, é social

porque sua função é social na medida em que indica processos de formação de conduta e de orientação das comunicações.

Assim, as representações sociais são mais do que saberes compartilhados por indivíduos de um mesmo grupo social. Ainda tentando uma definição, Franco (2004) indica que

[...] as representações sociais são historicamente constituídas e estão estreitamente vinculadas aos diferentes grupos socioeconômicos, culturais e étnicos que as expressam por meio de mensagens, e que se refletem nos diferentes atos e nas diversificadas práticas culturais (p. 170).

Pelo fato das representações sociais se refletirem nas práticas sociais, muitas dúvidas surgem a respeito do que, enfim, seria representação social. Sá (1998) relata que em um grupo de estudos sobre a Teoria das Representações Sociais surgiu uma indagação se tudo seria Representação Social. O autor aponta que para conseguir responder a essa questão foi necessário algumas reflexões e produções de alguns trabalhos que se preocupassem em identificar o fenômeno da Representação Social.

Com esses estudos, Sá (1998) indica que para existir Representação Social é necessário que o objeto tenha suficiente “relevância cultural” ou “espessura social” para o sujeito ou para o grupo social pesquisado. Nesse sentido, Sá (1998) lembra que a representação social é sempre de alguém e de alguma coisa, indicando que esses dois aspectos devem ser considerados na construção do objeto de pesquisa em representação social.

Dessa forma, com base na teoria de Moscovici, Jesuíno (2011) aponta que é importante ressaltar três condições subjacentes ao conceito de representação social: (1) toda a representação é uma representação de qualquer coisa; (2) qualquer coisa é representação de qualquer coisa; (3) toda a representação é uma representação de alguém.

Além disso, outra característica das representações sociais, conforme apontado por Spink (1993), é que esse conceito retrata uma forma de conhecimento de caráter prático, sendo uma forma de interpretar a realidade a partir de uma construção que é realizada pelo grupo social ao qual as pessoas pertencem.

Nesse mesmo sentido, e ainda com base em Moscovici, Mattos e Chaves (2006) relatam que a representação social consiste em um saber prático, cuja função é tornar o não familiar em algo familiar e próximo.

Com isso, para que seja elaborada uma representação social de determinado objeto é preciso que ele passe por mecanismos que lhe deem um caráter familiar para aquela sociedade, o que envolve a articulação de aspectos cognitivos, avaliativos, afetivos e simbólicos (MATTOS; CHAVES, 2006).

Assim, a apropriação de saber prático por um grupo social, ou seja, a gênese e o desenvolvimento de uma representação social passam por dois processos básicos que Moscovici (2012) chamou de ancoragem e objetivação.

Moscovici (2012) aponta que o primeiro processo na formação de uma representação social seria a ancoragem que se refere à “incorporação ou assimilação de novos elementos de um objeto em um sistema de categorias familiares e funcionais aos indivíduos e que lhe estão facilmente disponíveis na memória” (TRINDADE; SANTOS; ALMEIDA, 2011, p. 110), ou seja, é a incorporação de qualquer objeto estranho ao pensamento já constituído por determinado grupo social, fazendo com que esse novo objeto faça parte de um sistema de valores já possuído pelos indivíduos.

A ancoragem, segundo Arruda (2002), com base em Moscovici, é o processo pelo qual o conhecimento se enraíza no social e volta-se a ele, isto é, quando o sujeito recorre ao que lhe é familiar para compreender o novo, integrando essa novidade a uma leitura do mundo já possuída.

Dessa forma, é possível dizer que ao entrar em contato com algo novo, as pessoas não tentam conhecer esse novo objeto, mas, sim reconhecê-lo, e isso é realizado, pois, ao representar socialmente esse objeto, ele se torna menos ameaçador por já ser compreendido a partir de uma referência que é familiar para as pessoas (MOSCOVICI, 2012).

A cristalização dessa nova compreensão é o segundo processo que forma as representações sociais, sendo chamada de objetivação (MOSCOVICI, 2012). Esse segundo processo tem a função de tornar concreto aquilo que é abstrato, fazendo isso por meio da formação de imagens, de algo tão concreto que é quase tangível (SPINK, 1993).

Trata-se, enfim, de transformar o que é abstrato, complexo ou novo em imagem concreta e significativa, apoiando-se em concepções que são familiares [ancoragem]. Nesse processo se perde em “riqueza informativa (já que há simplificação) o que se ganha em compreensão.” (TRINDADE; SANTOS; ALMEIDA, 2011, p. 110)

Assim, pela dificuldade de conceitualização das Representações Sociais, a sua compreensão é mais favorecida pelo entendimento de suas características e dos processos pelos quais são formadas.

Além disso, a compreensão da arquitetura das representações sociais também fornece um maior entendimento da teoria uma vez que auxiliam no reconhecimento daquilo que efetivamente é uma representação social. Moscovici (2012) indica que existem três dimensões das representações sociais: a informação; o campo representacional (ou imagem) e; a atitude.

A dimensão da informação se refere aos conhecimentos que as pessoas tem a respeito de determinado objeto, sendo que esses podem ser adquiridos tanto pelo contato com terceiros ou pela mídia quanto pela própria experiência com o objeto (MOSCOVICI, 2012).

Por sua vez, a dimensão do campo de representação ou imagem aborda as opiniões e as imagens que os grupos sociais formulam a respeito de um determinado objeto. E, por fim, a dimensão das atitudes indicam as orientações das pessoas de um grupo social em relação a um dado objeto de representação social (MOSCOVICI, 2012).

Com base na teoria de Moscovici, com a compreensão dessas três dimensões, é possível a identificação das representações sociais o que é fundamental para o entendimento da dinâmica de interações sociais e para o esclarecimento dos determinantes das práticas sociais por um determinado grupo (CHAVES; SILVA, 2011).

Assim, as representações sociais traduzem o pensamento do senso comum, uma vez que descrevem as transformações que os grupos sociais fazem das teorias filosóficas e científicas, viabilizando, dessa forma, a vivência em determinados contextos e produzindo estratégias de sobrevivência (CHAVES; SILVA, 2011).

É muito importante que sejam realizadas pesquisas sobre o tema, pois assim, poderemos ter uma compreensão muito melhor da sociedade (FRANCO, 2004), pois, ao pesquisar sobre representações sociais se está estudando a forma como a sociedade e os indivíduos se ligam às suas culturas, às suas linguagens e aos seus mundos familiares (CHAVES; SILVA, 2011).

Nesse sentido, entende-se como fundamental a revisão de estudos que se dedicaram à representação social do trabalho para adolescentes. Na próxima seção

deste capítulo, serão apresentadas algumas pesquisas realizadas sobre a Representação Social do trabalho para adolescentes.

3.1 O ESTADO DA ARTE SOBRE AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO TRABALHO PARA ADOLESCENTES

Ainda no capítulo que aborda a Teoria das Representações Sociais, optou-se por apresentar pesquisas que tinham como enfoque o estudo das representações sociais do trabalho para adolescentes trabalhadores e que, portanto, se referiam a mesma temática do presente trabalho.

Para isso, foram realizadas pesquisas e levantamentos em bases de dados nos sites SciELO e Google Acadêmico, no período de 2003 até a data de 31 de outubro de 2013, tendo-se como descritor “representações sociais do trabalho para adolescentes”. Esse levantamento foi realizado devido à necessidade de se buscar estudos que possibilitassem, primeiramente, a composição, e depois, a ampliação do referencial teórico do presente trabalho.

Esses sites foram escolhidos, pois, apresentam-se como amplos bancos de dados que oferecem acesso gratuito a produções publicadas em revistas científicas. Contudo, não se espera que esse levantamento aqui apresentado esgote o levantamento de todas as produções científicas e acadêmicas sobre o assunto, pois, é sabido que esses sites, embora amplos, não reúnem todas as revistas científicas existentes em território nacional.

Além disso, alguns pesquisadores optam por publicar suas pesquisas em eventos, ou ainda, limitam-se a divulgar suas investigações apenas nas instituições de ensino aos quais estão vinculados, portanto, não publicando os seus achados em revistas científicas. Por fim, ainda é importante ressaltar que esse levantamento considerou somente as pesquisas publicadas na língua portuguesa, não sendo verificadas publicações sobre essa temática em línguas estrangeiras.

Dessa forma, foram encontrados 13 artigos científicos que foram relatados em uma seção exclusiva do trabalho, pois, acredita-se na necessidade de apontar os objetivos, os sujeitos, os métodos adotados e os principais resultados, discutindo-se, assim, as pesquisas que tiveram como temática o mesmo objeto de estudo do presente trabalho. Com isso, também se faz necessário uma breve apresentação dos estudos encontrados.

Silva, Trindade e Leal (2011) realizaram uma pesquisa com o objetivo de compreender as representações sociais de trabalho de jovens inseridos em um contexto de aprendizagem. Para isso, foi realizada uma técnica de associação livre, com os termos indutores “trabalhar” e “ser adolescente e trabalhar”, em 191 adolescentes aprendizes na faixa etária dos 14 aos 18 anos, na Grande Vitória (ES).

O estudo de Silva, Trindade e Leal (2011) considerou a teoria do núcleo central em sua análise, apontando que a responsabilidade se destaca como o elemento central mais forte. Além disso, o trabalho está relacionado com desenvolvimento profissional e o conceito que o adolescente passa a ter de si como mais responsável e comprometido.

O segundo estudo apresentado é o de Rizzo e Chamon (2010) que tiveram como objetivo investigar as representações sociais que os adolescentes constroem sobre o trabalho e sua inserção no mercado de trabalho, realizando 30 entrevistas com adolescentes trabalhadores, de 16 a 18 anos.

Essas 30 entrevistas foram submetidas a uma análise de conteúdo com auxílio do software Alceste. No artigo em questão foi discutida a classe “Vida Profissional” que, por sua vez, foi dividida em seis categorias: responsabilidade, experiência, aprendizagem/ conhecimento, independência, conquista/reconhecimento e trabalho. Com os conteúdos obtidos nessas categorias, as autoras identificaram uma prevalência de atitudes positivas dos adolescentes em relação ao trabalho (RIZZO; CHAMON, 2010).

No artigo desenvolvido por Oliveira et al. (2010) foram analisados os conteúdos e as estruturas das representações sociais do trabalho na adolescência, utilizando-se, para isso, da técnica de evocação livre e de grupos focais. Participaram dessa pesquisa 724 alunos do Ensino Médio público da cidade de São Paulo, sendo que esses adolescentes poderiam ser trabalhadores ou não e ter idade entre 14 a 18 anos.

Como resultado, Oliveira et al. (2010) apontou que as representações sociais do trabalho estão associadas a significados morais e psicossociais positivos, além de ter sido indicado os benefícios financeiros decorrentes das atividades laborais e os ganhos relacionados ao futuro e ao mundo social.

Dessa forma, os autores relataram que os significados e as imagens positivas do núcleo duro das representações sociais (a partir da concepção de Abric) representam elementos hegemônicos do trabalho que são transmitidos pela cultura

desses adolescentes que estão inseridos em uma sociedade que reproduz os valores capitalistas de atribuição de valor moral ao trabalho, ligando-o ao sucesso financeiro. Por fim, foi apontado que não há uma diferença entre as representações sociais do trabalho entre adolescentes trabalhadores e não trabalhadores (OLIVEIRA et al., 2010).

Moreira e Tosta (2009) se dedicaram à investigação das representações sociais do trabalho doméstico e da formação escolar entre adolescentes do sexo feminino, com idade entre 16 e 19 anos. Como instrumentos de coleta de dados foram adotados um questionário socioeconômico e cultural, entrevistas semi-estruturadas e um grupo focal.

Os dados obtidos por Moreira e Tosta (2009) são pouco relacionados com a teoria das representações sociais, contudo, fica explícito que as adolescentes pesquisadas percebem o trabalho doméstico como uma primeira possibilidade de trabalho real que é, muitas vezes, associado a uma exploração de mão de obra, também ficando evidente que esse tipo de trabalho prejudica o estudo e o lazer.

O artigo de Faria e Guzzo (2007) procura explorar as representações sociais de emprego, trabalho e profissão entre 20 adolescentes e jovens, de 16 a 27 anos, participantes de grupos de Orientação Profissional. Esses autores verificaram que os sujeitos pesquisados não tem clareza sobre a diferenciação dos conceitos de trabalho, emprego e profissão, pois, para eles, os três tem funções e imagens parecidas, o que lhes indica que os jovens fazem escolhas profissionais com base em informações imprecisas sobre carreira.

A investigação das representações sociais de adolescentes aprendizes foi realizada por Mattos e Chaves (2006) que também pesquisaram a respeito da relação entre trabalho e estudo. Participaram da pesquisa 70 adolescentes, de 15 a 18 anos, que responderam a um questionário com questões abertas.

A partir da análise com base na teoria do núcleo central das representações sociais foi identificado que o trabalho se ancora no cumprimento de tarefas e obtenção de uma remuneração para o sustento do próprio adolescente e de sua família. Também foi apontado que o trabalho aumenta a responsabilidade, porém, a valorização dessa como positiva ou negativa depende da interpretação que o adolescente tem de sua experiência (MATTOS; CHAVES, 2006).

Além disso, Mattos e Chaves (2006) também indicam que o trabalho é percebido como uma vivência que possibilita a aprendizagem, sendo que a jornada

dupla de estudo e trabalho é reconhecida pelos adolescentes pesquisados como um esforço válido para se alcançar o desenvolvimento pessoal e profissional.

Por sua vez, a pesquisa de Marchi (2013) teve o objetivo de apreender as representações sociais sobre “escola”, “trabalho infantil” e os significados de “criança” e “infância”. Embora esse estudo enfoque na R.S. do trabalho infantil, faz-se importante listar esse trabalho nesta seção, pois, também tem adolescentes como seus sujeitos de estudo.

Dessa forma, no estudo de Marchi (2013) foram entrevistadas onze crianças e adolescentes com idades entre 7 e 13 anos inscritos em um programa de erradicação do trabalho infantil em Blumenau/SC, além de seus pais e professores. Em relação aos resultados das representações sociais do trabalho infantil – que é mais próximo ao interesse da presente pesquisa – verificou-se que o trabalho infantil expressa um das formas de desigualdade social para as famílias pesquisadas, cumprindo uma dupla função: de auxiliar no sustento da família e de “educar” as crianças para a vida adulta (MARCHI, 2013).

Outro artigo realizado por Oliveira et al. (2006) realizou uma análise das representações sociais entre adolescentes trabalhadores e não trabalhadores de duas capitais brasileiras (São Paulo e Rio de Janeiro). Foram realizados 40 grupos focais que tiveram seus resultados analisados dentro das três dimensões das representações sociais: atitude, imagem e informação.

Oliveira et al. (2006) observaram uma contradição entre as representações sociais do trabalho como um valor moral e positivo para o desenvolvimento dos adolescentes e os problemas de ensino-aprendizagem que são decorrentes da dupla jornada, de estudo e trabalho, que acarreta em sobrecarga física e psicológica que dificulta a escolarização.

Em 2005, Oliveira et al. (2005) comparou as representações sociais de trabalho e da relação trabalho e estudo entre adolescentes estudantes do período diurno e noturno. Participaram da pesquisa 724 adolescentes do Ensino Médio público da cidade de São Paulo, com idade entre 14 e 18 anos, trabalhadores e não trabalhadores. Como instrumento de coleta de dados, foi utilizada a técnica da evocação livre com os termos indutores: “trabalho”, “trabalhar e estudar” e “adolescente trabalhador”.

A partir da análise com base na teoria do núcleo central, Oliveira et al. (2005) apontou que o trabalho na adolescência está relacionado a uma necessidade para a

sobrevivência, estando sempre ligado a uma dimensão moral do exercício de uma atividade laboral que também aparece no núcleo central da representação social do trabalho. Quando considerado a relação entre trabalho e estudo, os sujeitos pesquisados indicam fatores negativos, como sendo uma associação difícil, elementos que aparecem no núcleo periférico.

Outro artigo de Oliveira et al. (2003a) se ocupou na análise dos conteúdos das representações sociais do trabalho e da escola entre 208 adolescentes trabalhadores e não trabalhadores, com idades entre 14 e 18 anos, alunos do Ensino Médio público da cidade de São Paulo.

Oliveira et al. (2003a) realizaram 21 grupos focais a partir dos quais foi encontrada uma contradição entre o valor moral do trabalho e as dificuldades frente às sobrecargas físicas e psicológicas do trabalho na vida dos adolescentes. A respeito da escola, os adolescentes indicaram problemas de qualidade do ensino noturno, dificuldades de relação entre professores e alunos e dificuldades no processo de ensino-aprendizagem.

Ainda em 2003, Oliveira et al. (2003b) descreveram as representações sociais do estudo e do trabalho infanto-juvenil a partir da pesquisa com 778 sujeitos, de 11 a 18 anos, alunos do Ensino Fundamental e Médio das cidades de Monteiro Lobato e Santo Antônio do Pinhal, no interior de São Paulo. Os instrumentos para coleta dos dados foram questionários, com a solicitação de evocações livres, e grupos focais.

Os dados obtidos foram analisados a partir da técnica de determinação do núcleo central das representações sociais, tendo-se o trabalho e a escola como uma possibilidade de se melhorar as condições de vida a partir das percepções dos sujeitos pesquisados. Foi salientado, contudo, que embora essas duas esferas – trabalho e estudo – possam ser representados como alternativas para um futuro melhor, os sujeitos desconsideraram a competição de horários e dedicação que existem entre elas.

Também em 2003, foi publicado um estudo de Oliveira et al. (2003c) que utilizava os dados obtidos com uma pesquisa sobre as representações sociais do trabalho entre adolescentes para comparar duas técnicas de análise de dados: a análise temática de conteúdo e análise lexical de conteúdos, com base no uso do software Alceste 4.5. No artigo, foram apresentadas vantagens e desvantagens das duas técnicas, mas, não foram realizadas discussões a partir das análises dos 21

grupos focais que foram realizados com adolescentes trabalhadores e não trabalhadores, com idade entre 14 e 18 anos.

Outro artigo de Oliveira et al. (2001) analisou as relações estabelecidas entre o trabalho de adolescentes e o processo de escolarização apoiado na Teoria das Representações Sociais. Participaram da pesquisa 778 adolescentes, entre 11 e 18 anos, trabalhadores e não trabalhadores, alunos de escolas de nível fundamental e médio nas cidades de Monteiro Lobato/SP e Santo Antônio do Pinhal/SP.

Oliveira et al. (2001) utilizou como instrumentos de coleta de dados a evocação livre e os grupos focais. Como resultado foi verificado que o estudo coloca-se no plano da liberdade e do saber, itens que somente são associados ao trabalho quando esse é colocado em uma dimensão futura. Além disso, também foram verificadas duas imagens associadas ao trabalho: o trabalho ligado a um discurso moral e de melhoria das condições de vida da família de origem e, uma certa indignação dos adolescentes em relação a exploração da mão de obra infantil, indicando que eles possuem conhecimentos sobre os direitos das crianças.

Dessa forma, após a apresentação dos 12 artigos encontrados, é possível apontar que os métodos de evocação livre e grupo focal se destacam, sendo os mais frequentemente utilizados. Além disso, há um equilíbrio entre as pesquisas que investigam apenas adolescentes trabalhadores e aquelas que investigam adolescentes, independente de sua condição de trabalho.

Por fim, também é possível apontar que muitas pesquisas investigam as representações sociais do trabalho estão atreladas a questão do estudo e/ou da escola, indicando a preocupação desses pesquisadores de que os adolescentes trabalhadores tenham a sua escolarização influenciada pela experiência do trabalho.

Além desse estado da arte, também foi realizado um levantamento inicial das pesquisas sobre o adolescente trabalhador com a finalidade de se conhecer o que já existia de produções científicas e acadêmicas sobre essa temática antes de dar início aos estudos sobre as representações sociais do trabalho para adolescentes. Dessa forma, por não ser essencial para a compreensão da presente pesquisa, optou-se por apresentar esse primeiro mapeamento nos apêndices (Apêndice A).

4 MÉTODO

Neste capítulo são apresentados os caminhos percorridos para o desenvolvimento do presente estudo, com o relato do tipo de pesquisa adotado, da população que se pretendeu atingir, da amostra estudada, dos instrumentos utilizados e de todos os procedimentos realizados, tanto para coleta quanto para análise dos dados obtidos com a pesquisa.

É importante ressaltar que os caminhos indicados foram pensados de modo a assegurar que fosse possível oferecer uma contribuição ao conhecimento científico existente sobre a temática do adolescente trabalhador, especialmente, no que se refere às representações sociais que esses elaboram a respeito do trabalho. Desse modo, justifica-se a necessidade de se relatar, detalhadamente, as características e sistematizações deste estudo como são apresentadas a seguir.

4.1 TIPO DE PESQUISA

Para atender ao objetivo da pesquisa de investigar as representações sociais do trabalho para adolescentes trabalhadores, foi realizada uma pesquisa de campo, portanto, no próprio ambiente no qual os adolescentes interagem entre si e constroem, coletivamente, suas representações sobre o trabalho. Além disso, foi adotada a pesquisa de campo, pois, este estudo não pretende fazer um controle rígido de variáveis, mas, apenas pesquisar um fenômeno em um dos ambientes no qual ele se desenvolve (APPOLINÁRIO, 2012).

O estudo também teve um caráter exploratório-descritivo, pois o objetivo não era apenas investigar as representações sociais, mas também descrevê-las (CERVO; BERVIAN; SILVA, 2007), aliando essa descrição à apresentação das características e condições de vida e trabalho desses adolescentes que refletem em suas representações sociais, além da descrição das influências da inserção laboral em relação à família, ao estudo, ao lazer e às suas conquistas.

Como método de coleta de dados, esta pesquisa baseou-se no método de estudo de caso (YIN, 2001). Essa estratégia foi escolhida por ser a técnica mais adequada para o estudo de eventos contemporâneos para os quais não se tem a intenção de fazer um controle de variáveis, além de ser recomendada para

investigações que se interessam pela a forma e/ou pelo motivo pelo qual ocorre determinado fenômeno (YIN, 2001).

No caso, buscam-se conhecer quais são as representações sociais de adolescentes trabalhadores sobre o trabalho, sendo, portanto, um método adequado. Além disso, embora o fenômeno do trabalho na adolescência já exista há muitos anos, esse ainda é um acontecimento contemporâneo, cujas representações sociais elaboradas são passíveis de constantes reconstruções (MOSCOVICI, 2012).

Somando-se a isso, a escolha pelo método de estudo de caso também pode ser justificada pelo fato da instituição na qual se desenvolveu a pesquisa oferecer um programa social que é um caso típico de preparação e apoio a adolescentes que querem se inserir no mercado de trabalho por meio do trabalho educativo, que, como dito anteriormente, é um trabalho cuja dimensão de aprendizado e desenvolvimento é mais valorizada do que a dimensão produtiva de uma atividade laboral.

Além disso, também é preciso apontar que a pesquisa tem natureza qualitativa e quantitativa, pois, os instrumentos utilizados para a coleta dos dados permitiram análises subjetivas e indutivas em alguns casos e, análises objetivas e dedutivas em outros (CRESWELL, 2010).

Conforme detalhado nos próximos itens, dentro da abordagem quantitativa utilizou-se a técnica de questionários e, na abordagem qualitativa, optou-se pela coleta de dados a partir de entrevistas semi-estruturadas e associações livres com figuras indutivas servindo como estímulos para o relato de representações.

Por fim, visando uma ampla discussão entre os dados coletados por meio das diferentes técnicas adotadas nas duas abordagens, foi utilizada a triangulação de métodos que se refere ao uso de diferentes procedimentos de coleta de dados para estudar um fenômeno em particular (APOSTOLIDIS, 2006).

A técnica da triangulação, quando foi concebida, era um processo para testar hipóteses a partir da sobreposição simples de métodos. No entanto, em desenvolvimentos recentes, a técnica da triangulação não se limita a buscar validade e exatidão nas discussões realizadas, mas, busca olhar um objeto de estudo a partir de diversos prismas com o uso de diferentes técnicas empregadas, também visando conhecer a extensão e a complexidade dos fenômenos estudados (APOSTOLIDIS, 2006).

Dessa forma, o uso da triangulação é especialmente interessante no estudo das representações sociais. Segundo, Apostolidis (2006)

A triangulação como estratégia de pesquisa em representação social tem um interesse primordial. Especialmente quando se está interessado no estudo da representação de conteúdo específico para a construção de um objeto do mundo social. (APOSTOLIDIS, 2006, p. 214, Tradução Livre).

4.2 POPULAÇÃO / AMOSTRA

Como a pesquisa foi realizada com adolescentes vinculados a uma instituição localizada na cidade de São José dos Campos/SP, faz-se necessário uma breve apresentação dessa cidade, pois, considera-se que o contexto de vida dos adolescentes pesquisados é importante para a compreensão de suas representações sociais sobre o trabalho.

A cidade de São José dos Campos está localizada na mesorregião do Vale do Paraíba Paulista e é cortada pela Rodovia Presidente Dutra (BR-116) que liga o Rio de Janeiro a São Paulo, os dois maiores polos econômicos do Brasil, distando 97 km da capital paulista e 343 km da capital fluminense (PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS, 2013).

Sua população total é 629.921 pessoas, sendo que 615.175 vivem na zona urbana e 12.815 habitam a zona rural do município. A média de moradores por domicílio é 3,32 pessoas e a maioria da população é de mulheres, isto é, 321.297 contra 308.624 homens (PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS, 2013).

Contudo, segundo o Censo 2010 (IBGE, 2013a), quando considerada a faixa etária específica de 15 a 19 anos, os meninos apresentam-se em ligeira vantagem numérica, sendo 26.269, representando 4,2% da população total, contra 25.753 meninas, apresentando-se como 4,1%. Dessa forma, jovens de 15 a 19 anos representam 8,3% da população total do município.

O Produto Interno Bruto (PIB) de São José dos Campos é de R\$ 24,1 bilhões e a participação dos setores econômicos em São José dos Campos está dividida da seguinte forma: 51,16% provem da indústria; 48,64% é proveniente do setor de

serviços e; somente 0,20% deveria da agricultura (FUNDAÇÃO SEADE, 2010 apud PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS, 2013).

De acordo com o Censo Escolar realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais – INEP, em 2012 (IBGE, 2013b), a cidade de São José dos Campos possuía 210 pré-escolas, 171 escolas de Ensino Fundamental e 80 escolas de Ensino Médio. Em relação às matrículas, 16.127 crianças frequentavam as pré-escolas, 85.839 crianças e adolescentes cursavam alguma das séries no Ensino Fundamental e, 30.752 adolescentes estudavam no Ensino Médio nas escolas joseenses.

Nesse cenário do município, a instituição na qual foi realizada a pesquisa desenvolve os seus trabalhos com a população infanto-juvenil residente na cidade, atendendo, gratuitamente, cerca de 8 mil crianças e adolescentes (de 6 a 18 anos) pertencentes a famílias de baixa renda – que tenham renda per capita inferior a um salário mínimo – e que residam, comprovadamente, há pelo menos dois anos no município de São José dos Campos.

A instituição, criada em 1987, possui uma personalidade jurídica própria, porém, não tem fins lucrativos. Ao longo de sua existência, a instituição foi se expandindo e, atualmente, conta com 18 unidades localizadas em pontos estratégicos da cidade, visando um maior alcance da população aos serviços prestados.

A finalidade dessa instituição é oferecer atividades socioeducativas para crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social, visando aprimorar as suas condições de desenvolvimento físico, intelectual, afetivo, cultural e social com o foco em uma emancipação social. Para isso, a instituição conta com recursos do município e de parcerias e convênios com empresas públicas e privadas.

Em suas atividades, a instituição organiza as crianças e os adolescentes em programas que atendam as necessidades de cada faixa etária, existindo os projetos destinados a crianças de 6 a 12 anos incompletos, os que atendem aos adolescentes de 12 a 16 anos e, por fim, os propostos aos adolescentes de 16 a 18 anos.

Na faixa etária entre 16 e 18 anos, um desses projetos é um programa de aprendizagem que possibilita que adolescentes vinculados à instituição se inscrevam para trabalhar em empresas públicas e privadas com as quais a instituição mantém parcerias, seguindo-se todas as exigências da Lei de

Aprendizagem nº 10.097/00 (Anexo E) e do Decreto nº 5.598/2005 (Anexo F). Dessa forma, os adolescentes inscritos nesse projeto são encaminhados para o mercado de trabalho com o respaldo de aulas teóricas, realizadas na instituição, e de monitoramento das atividades práticas, na própria empresa parceira.

Seguindo os conteúdos e a carga horária prevista por lei, o projeto de aprendizagem, no qual os adolescentes pesquisados estão vinculados, visa garantir que a experiência laboral desses adolescentes aconteça de modo protegido, contribuindo para a formação física, psíquica, social e profissional desses jovens trabalhadores, delimitando, portanto, um caso específico de preparo e apoio ao adolescente trabalhador como se visou com este estudo.

Para a realização da pesquisa foi considerada como população o número total de adolescentes trabalhadores vinculados ao programa de aprendizagem da instituição pesquisada em duas de suas 18 unidades, sendo que apenas duas foram consideradas, pois, foram essas as unidades que autorizaram a realização da pesquisa em suas dependências. Assim, a população deste estudo é de 420 adolescentes, com idade entre 16 e 19 anos, pertencentes a ambos os sexos, estudantes do Ensino Médio ou com o 2º grau completo e, que estavam inseridos no mercado de trabalho na ocasião da pesquisa.

Além disso, vale ressaltar que a população tem idade máxima de 19 anos porque, embora a instituição atenda apenas adolescentes até os 18 anos, esse projeto de aprendizagem estabelece um contrato entre adolescente e empresa parceira pelo prazo de dois anos, sendo autorizado que adolescentes com mais de 18 anos permaneçam no projeto desde que seus contratos ainda estejam dentro do período estipulado.

A partir da população, foi calculado o número de adolescentes que representariam a amostra – com um erro amostral de 5% e com o nível de confiança de 99% – chegando-se a um número de 258 adolescentes. Esse cálculo foi realizado por uma calculadora *online*, utilizando a seguinte fórmula (SANTOS 2013):

$$n = \frac{N \cdot Z^2 \cdot p \cdot (1 - p)}{Z^2 \cdot p \cdot (1 - p) + e^2 \cdot (N - 1)}$$

Nessa fórmula, “n” representaria a fórmula calculada; “N” seria a população; “Z” indicaria a variável normal padronizada associada ao nível de confiança; “p”

apontaria a verdadeira probabilidade do evento e; por fim, “e” significaria o erro amostral (SANTOS 2013).

Contudo, embora a amostra calculada tenha sido de 258 adolescentes, 280 adolescentes trabalhadores aceitaram participar do estudo depois que foi explicada a pesquisa para toda a população, tendo-se, então, 280 adolescentes que responderam ao questionário. Com essa quantidade de adolescentes pesquisados, a amostra desta pesquisa representa 66,67% do universo possível na etapa de coleta de dados quantitativos.

Por sua vez, na etapa de coleta de dados qualitativos, a amostra da pesquisa foi definida pelo número de adolescentes das turmas das aulas teóricas já pesquisadas que se voluntariaram a participar das demais etapas do estudo, portanto, dentre os 280 adolescentes trabalhadores que responderam ao questionário, 23 deles também participaram da entrevista e da associação livre a figuras.

No entanto, não foi necessário solicitar a participação de mais sujeitos de pesquisa em outras turmas das aulas teóricas oferecidas pela instituição, pois, as falas desses 23 adolescentes foram suficientes para que fosse atingido o critério de saturação de conteúdos nas entrevistas. Segundo Sá (1998), o critério de saturação é atingido quando os conteúdos das respostas começam a se repetir, tendo-se, assim, a quantidade necessária de sujeitos de pesquisa (SÁ, 1998).

Também vale salientar que não seria possível a saturação de participantes na etapa de associação livre a figuras, por esse se tratar de uma técnica que apresenta possibilidades quase ilimitadas de respostas (OCAMPO et al., 1999). Contudo, optou-se por limitar a amostra nesse instrumento de acordo com o mesmo número de participantes da entrevista, tendo-se, então, uma amostra quantitativa de 280 adolescentes trabalhadores, e uma amostra qualitativa, com 23 sujeitos – que também responderam ao questionário, isto é, que participaram de todas as etapas da pesquisa.

4.3 INSTRUMENTOS

O presente estudo utilizou vários instrumentos de coleta de dados, pois, como indicado por Yin (2001), a investigação de um estudo de caso baseia-se em várias fontes de evidências que, por sua vez, precisam aparecer como resultado de

diferentes técnicas de coleta de dados que, posteriormente, serão trianguladas para análise.

Dessa forma, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas, associações livres a partir de figuras e questionários; instrumentos inspirados naqueles utilizados por Rizzo (2008), mas, que sofreram adaptações de acordo com as condições de pesquisa, finalidade do presente estudo e características do programa de pós-graduação *stricto sensu* no qual a pesquisa foi desenvolvida.

4.3.1 QUESTIONÁRIOS

O questionário é o instrumento que permite medir com maior exatidão aquilo que se deseja pesquisar, permitindo o tratamento quantitativo (CERVO; BERVIAN; SILVA, 2007). Além disso, ele pode ser considerado como um documento com uma série de perguntas, abertas ou fechadas, que são respondidas pelos sujeitos de pesquisa.

Nesta pesquisa foi adotado um questionário que possui 71 questões fechadas que foram respondidas pelos adolescentes trabalhadores; nove questões investigavam dados pessoais e informações sociodemográficas enquanto o restante, portanto, 62 questões, buscavam conhecer as representações sociais dos adolescentes a respeito de diferentes aspectos relacionados ao trabalho, ao estudo, à família, ao lazer e à percepção que o adolescente tem de si mesmo.

Também é importante salientar que o questionário adotado neste estudo foi uma adaptação do questionário utilizado por Rizzo (2008) que, por sua vez, foi elaborado a partir de uma adaptação de um questionário de Edna Maria Querido de Oliveira Chamon, também orientadora daquele trabalho.

Por fim, ressalta-se o fato que o questionário, assim como os demais instrumentos de coleta de dados utilizados nessa pesquisa, foram aprovados pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade de Taubaté, com o protocolo nº 295/2012 (Anexo A).

4.3.2 ENTREVISTAS

O tipo de entrevista adotado nesta pesquisa é a entrevista semi-estruturada. Essa é uma técnica de coleta de dados realizada por meio de uma conversa

presencial entre duas ou mais pessoas na qual o entrevistador possui um roteiro de entrevista prévio, contudo, pode acrescentar ou modificar as perguntas a partir daquilo que é exposto pelo entrevistado (MARCONI; LAKATOS, 2001).

Além disso, nessas entrevistas o pesquisador também pode observar comportamentos frente a determinadas questões, precisando ter a sensibilidade necessária para aprofundar e investigar questões que não fiquem claras em um primeiro momento. Dessa forma, esta é uma técnica metódica, que deve procurar seguir um roteiro prévio, porém, também é aberta o suficiente para que sejam explorados os assuntos trazidos pelo entrevistado.

Cervo, Bervian e Silva (2007) também apontam que a técnica da entrevista deve ser adotada sempre que for necessária a obtenção de dados que não podem ser encontrados em registros e fontes documentais e que podem ser fornecidos por pessoas que possuem essas informações. Assim, esses autores indicam que os entrevistados devem ser escolhidos de acordo com a sua familiaridade ou autoridade sobre o assunto que será pesquisado.

Dessa forma, para a investigação das representações sociais sobre o trabalho a escolha por adolescentes que também fossem trabalhadores foi a opção adotada. Também é importante frisar que se optou por elaborar um roteiro de entrevista que focasse, especificamente, a investigação das representações sociais sobre o trabalho para adolescentes.

Assim, a entrevista se inicia com a coleta de alguns dados pessoais e de informações básicas sobre a vida laboral do adolescente. Na sequência, segue-se para o roteiro de questões que investigam a temática das representações sociais do trabalho, sendo que esse possui oito questões. As informações iniciais são particularmente importantes porque, além de contribuírem para a compreensão a respeito de quem é o adolescente pesquisado, também funcionam como uma espécie de aquecimento para a etapa principal da entrevista.

4.3.3 ASSOCIAÇÃO LIVRE A PARTIR DE FIGURAS

O método de coleta de dados aqui chamado de associação livre a partir de figuras é uma técnica projetiva que se caracteriza por ter estímulos vagos e ambíguos, instruções breves e objetivas, apresentando-se como uma tarefa

minimamente estruturada que permite uma variedade quase ilimitada de respostas (OCAMPO et al., 1999).

Com o uso de técnicas projetivas, espera-se que o pesquisador possa acessar conteúdos que não são claramente expressos, uma vez que os sujeitos tendem a projetar nos materiais projetivos seus processos de pensamento, suas necessidades e seus conflitos, portanto, sendo recomendado que sua aplicação seja individual (OCAMPO et al., 1999).

As técnicas projetivas são mais utilizadas nas práticas clínicas psicológicas, mas, nas pesquisas que adotam a Teoria das Representações Sociais, essas também são úteis porque possibilitam o acesso a conteúdos ricos em espontaneidade, que dificilmente aparecem em entrevistas formais por essas serem mais suscetíveis a censuras dos sujeitos pesquisados (SILVA, CAMARGO E PADILHA, 2011).

Entretanto, vale salientar que o levantamento realizado por Silva, Camargo e Padilha (2011) aponta que essa técnica comumente está associada a outros instrumentos de coleta de dados.

O uso clínico de técnicas projetivas diferencia diversos tipos de classificações de acordo com o material usado e com a instrução oferecida, assim, as técnicas projetivas que se utilizam da apresentação de figuras visando evocar conteúdos específicos dos sujeitos é conhecida como técnica pictórica (OCAMPO, 1999). Contudo, por este estudo utilizar essa técnica com a finalidade de investigação científica, optou-se por chamá-la de associação livre a partir de figuras.

O estudo que serviu de inspiração para esta pesquisa (RIZZO, 2008) também utilizou essa técnica, apresentando aos adolescentes oito figuras, retiradas de jornais e revistas, com as seguintes temáticas:

1. Pessoas trabalhando em uma montadora de automóveis;
2. Uma pessoa trabalhando como feirante;
3. Estudantes realizando uma prova;
4. Pessoas trabalhando no campo;
5. Um pai, uma mãe e dois filhos empinando uma pipa;
6. Pessoas trabalhando em uma fábrica, encaixotando;
7. Pessoas jogando de futebol;
8. Pessoas assistindo a uma aula.

Rizzo (2008, p. 103) justificou o uso deste instrumento, apresentando a sua finalidade de “investigar como os adolescentes organizam suas representações sociais a respeito do objeto estudado, complementando as questões semi-estruturadas”.

Dessa forma, optou-se por também utilizar esse instrumento de coleta de dados na presente pesquisa. Como instrução, foi solicitado que os adolescentes trabalhadores investigados relatassem o que estavam vendo nas figuras e o que elas significavam para eles.

Além disso, as figuras apresentadas apresentavam as mesmas temáticas utilizadas por Rizzo (2008), porém, as figuras foram obtidas a partir de pesquisas de imagens na internet. Também foram acrescentadas duas figuras à lista temática apontada por Rizzo (2008), totalizando dez figuras apresentadas.

9. Pessoas trabalhando em um escritório e;

10. Uma cena de trabalho em casa.

Essas figuras foram acrescentadas, pois, a primeira se refere a uma situação mais próxima do trabalho realizado pelos adolescentes pesquisados já que todos trabalham em escritórios.

Por sua vez, a segunda cena acrescentada retrata um trabalho fora do ambiente comumente associado a ele, sendo interessante verificar as representações que os adolescentes tem a partir dessa forma de trabalho.

4.4. PROCEDIMENTOS PARA COLETA DE DADOS

Para dar início à coleta de dados, foi preciso, primeiramente, submeter o projeto da presente pesquisa ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade de Taubaté. Com a aprovação e a liberação para a realização do estudo, a próxima etapa foi o contato com instituições nas quais poderiam ser acessados os sujeitos de pesquisa.

A autorização para a realização da pesquisa foi solicitada em uma primeira instituição que negou a possibilidade da realização da pesquisa em suas dependências, alegando já estar participando de outras pesquisas e indicando um receio de sobrecarregar os seus alunos.

Dessa forma, após algumas pesquisas a respeito de instituições que oferecem apoio para a inserção de adolescentes no mercado de trabalho na região

do Vale do Paraíba Paulista, foi escolhida uma segunda instituição que também preenchia os critérios descritos no projeto aprovado pelo Comitê de Pesquisa.

A segunda instituição contatada, ao ser informada sobre os objetivos e procedimentos da pesquisa, solicitamente, autorizou a realização do estudo em suas dependências e com os adolescentes a ela vinculados desde que esses e/ou seus pais ou responsáveis também autorizassem a participação na pesquisa, como é de praxe no desenvolvimento de pesquisas científicas.

Assim, a Carta de Informação à Instituição (Anexo B) foi assinada pelo representante legal da instituição pesquisada. Cuidou-se para que esse documento tivesse o número do protocolo do CEP de modo a reforçar a proteção aos sujeitos de pesquisa, pois, a maioria desses eram pessoas menores de 18 (dezoito) anos e, portanto, precisavam que responsáveis legais autorizassem as suas participações na pesquisa.

Com a autorização da instituição para que a pesquisa se desse em seu espaço físico e com alunos vinculados a ela, foi realizado o contato com o encarregado pelo programa de aprendizagem estudado. Esse, por sua vez, estipulou que a pesquisa poderia se dar em duas das unidades da instituição e indicou a população de adolescentes em ambas. Posteriormente, ele apresentou a pesquisadora para as diretoras dessas unidades, possibilitando o contato com sujeitos de pesquisas.

Na ocasião, foi novamente explicado a pesquisa e solicitado a participação de interessados no estudo. Como os sujeitos de pesquisas tinham, em geral, menos de 18 anos, foi necessária a assinatura do Termo de Consentimento de Pesquisa Livre e Esclarecido por parte de pais e/ou responsáveis (Anexo D). Por sua vez, quando os sujeitos eram maiores de 18 anos, eles mesmos assinaram o Termo de Consentimento de Pesquisa Livre e Esclarecido (Anexo C).

Para a aplicação do questionário, foram agendados dias e horários entre a diretora da unidade e a pesquisadora. Esses dias foram avisados para os adolescentes da instituição que foram orientados a solicitar a assinatura dos Termos de Consentimento junto aos seus pais e/ou responsáveis, explicando-lhes a pesquisa. Foi dito para os adolescentes que o Termo assinado pelos responsáveis era uma condição para participar da pesquisa.

Assim, nos dias marcados, as professoras da instituição recolheram os documentos assinados que haviam sido trazidos pelos adolescentes trabalhadores e

indicaram os alunos que poderiam responder aos questionários, retirando os demais de dentro da sala de aula. Dessa forma, o instrumento quantitativo foi aplicado coletivamente, nas próprias turmas nas quais os adolescentes assistiam a aulas teóricas na instituição pesquisada.

A aplicação dos questionários, em cada uma das turmas, teve duração média de uma hora. Ao final de todas as turmas das duas unidades pesquisadas, obteve-se uma amostra de 280 adolescentes trabalhadores para o instrumento quantitativo.

Antes de cada aplicação eram dadas instruções gerais sobre a forma de responder ao questionário, além disso, também eram explicadas algumas informações gerais a respeito de determinados conteúdos do questionário, por exemplo, o valor do salário mínimo, a diferença entre o primeiro grau e o segundo grau e o significado de ter a escolaridade completa, cursando ou incompleta.

Ao final da aplicação dos questionários, também foi investigado o interesse dos sujeitos em continuar participando da pesquisa, criando-se uma lista de interessados em participar das etapas de entrevista e de associações livres a figuras. Contudo, aos adolescentes interessados, foi avisado que as próximas etapas aconteceriam somente no ano seguinte, pois, todas as aplicações dos questionários demandaram um período extenso do segundo semestre letivo de 2012.

A segunda etapa de coleta dos dados, ou seja, as entrevistas semi-estruturadas e as associação livres a figuras somente foram realizadas no primeiro semestre de 2013. Na ocasião, a lista de adolescentes interessados em participar das demais etapas da pesquisa foi entregue ao novo diretor das unidades – as duas unidades pesquisadas se condensaram – e esse indicou quem eram os adolescentes que ainda estavam vinculados ao projeto de aprendizagem, pois, como foi citado anteriormente, esse é um projeto com um período delimitado por contrato.

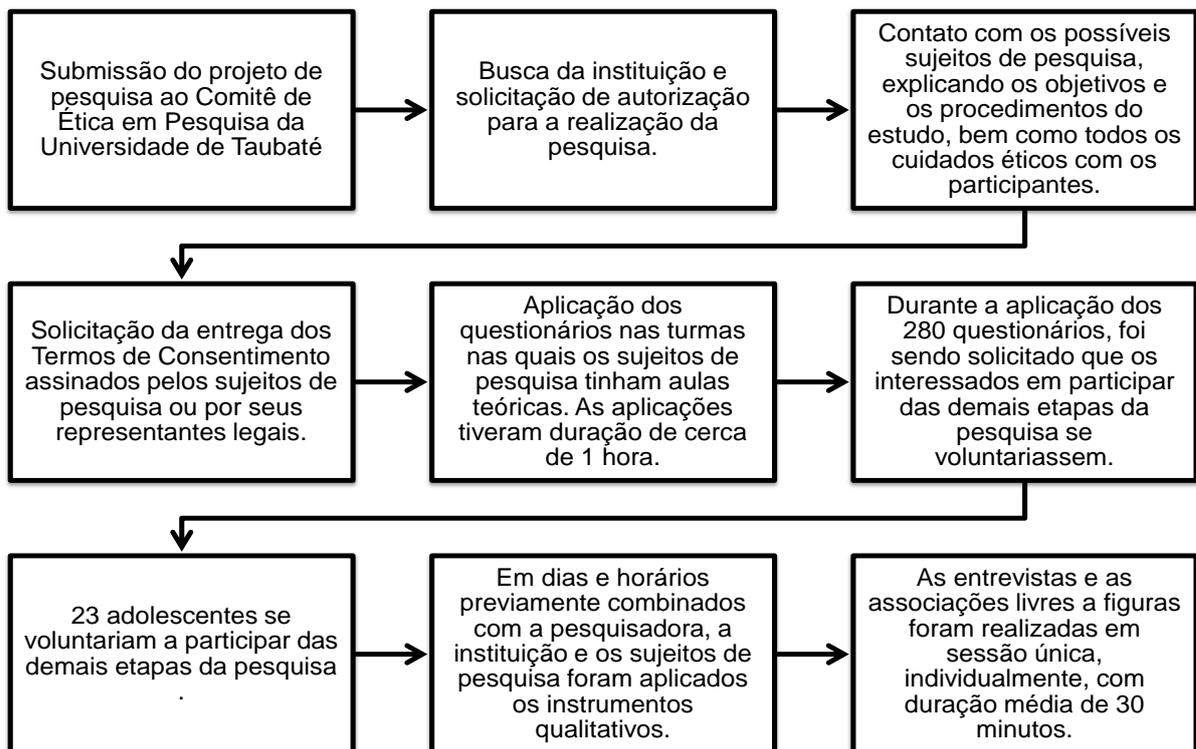
Após o levantamento do novo diretor, verificou-se que 23 adolescentes que se voluntariaram a participar da próxima etapa da pesquisa ainda estavam vinculados à instituição e, dessa forma, foram agendadas sessões com cada um dos interessados de acordo com os interesses dos sujeitos de pesquisa, da instituição e da pesquisadora.

As sessões ocorreram no próprio espaço físico da instituição, em sala desocupada. Individualmente, os adolescentes responderam às entrevistas e, posteriormente, já realizavam a associação livre a figuras, sendo os dois

instrumentos aplicados na mesma sessão que foi inteiramente gravada, possibilitando uma posterior transcrição. Cada uma dessas sessões durou cerca de 30 minutos, variando de acordo com as respostas que os adolescentes davam às questões.

Todas as etapas de coleta de dados estão resumidas na figura a seguir:

Figura 1 – Esquema dos procedimentos para coleta de dados.



4.5. PROCEDIMENTOS PARA ANÁLISE DOS DADOS

A análise dos dados se deu de diferentes maneiras em cada um dos instrumentos utilizados. Para a análise do instrumento quantitativo, os 280 questionários aplicados tiveram suas respostas digitadas no software *Sphinx Survey 5.0* que permite a tabulação dos dados de cada uma das questões.

Depois, foram criadas categorias que reuniam questões que investigavam as mesmas temáticas, tendo sido criadas quatro categorias: 1) caracterização sócio-demográfica; 2) significados do trabalho; 3) repercussões do trabalho na vida dos adolescentes e; 4) relação trabalho x estudo.

Dessa forma, a categoria “Caracterização sociodemográfica” reúne todas as questões que investigam aspectos da vida pessoal e social dos adolescentes trabalhadores pesquisados, bem como a maneira como eles se percebem. A categoria “Significados do trabalho” abarca questões que visam aferir a importância do trabalho para os adolescentes e o papel do trabalho em suas vidas, além do conceito de trabalho para eles.

Por sua vez, a categoria “Repercussões do trabalho na vida dos adolescentes” engloba questões que indagam os adolescentes a respeito das mudanças que ocorreram em suas vidas depois que eles começaram a trabalhar. E, por fim, a categoria “Relação trabalho X estudo” considera as questões que versam sobre a maneira como os adolescentes organizam suas vidas entre as rotinas de trabalho e estudo, além de verificar a valorização dos estudos para os adolescentes trabalhadores pesquisados.

Para a análise dos instrumentos qualitativos, entrevistas semi-estruturadas e associações livres a partir de figuras, primeiramente, foram realizadas transcrições do material gravado, possibilitando que esse fosse constantemente revisto e analisado. É importante ressaltar, contudo, que as entrevistas e as associações foram transcritas e analisadas separadamente.

Em relação às entrevistas, os materiais transcritos foram submetidos à análise de conteúdo, seguindo-se as três etapas propostas por Bardin (2007): pré-análise; exploração do material e; tratamento do resultado, inferência e a interpretação.

Segundo Bardin (2007), a pré-análise tem três finalidades: a escolha dos documentos que serão submetidos à análise; a formulação das hipóteses e objetivos com os conteúdos obtidos e; a elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação final. As escolhas dos documentos – relatos das entrevistas semi-estruturadas – e o objetivo de investigar as representações sociais já haviam sido definidos previamente, portanto, a formulação de indicadores era a única finalidade restante.

Assim, o primeiro passo após a transcrição das entrevistas foi a execução da técnica da leitura flutuante na qual se estabelece um contato com o material coletado, deixando-se invadir por impressões e orientações prévias (BARDIN,2007), com a finalidade de se obter uma familiaridade com o material coletado nas

entrevistas semi-estruturadas e, posteriormente, possibilitar a organização do material coletado.

A partir de leituras livres e repetidas das 23 entrevistas realizadas com os sujeitos de pesquisa e, tendo-se em mente o objetivo do estudo de se investigar as representações sociais do trabalho para adolescentes trabalhadores, foram identificadas algumas falas e expressões com significados semelhantes entre os relatos de diferentes sujeitos.

Assim, observou-se que algumas falas dos sujeitos se repetiam, indicando a importância daquele conteúdo entre os adolescentes trabalhadores entrevistados, pois, segundo Bardin (2007), é por meio da repetição de conteúdos que é possível verificar a relevância daquilo que foi comunicado pelo sujeito.

A averiguação da frequência da repetição de palavras poderia ser verificada por um software de análise de dados qualitativos, contudo, optou-se por fazer essa verificação manual, devido ao cuidado que se teve na constatação do significado atribuído pelo sujeito no contexto de uso de determinada palavra. Dessa forma, os conteúdos mais repetidos foram organizados em indicadores de acordo com o sentido que a fala do sujeito transmitia.

Todos esses indicadores encontrados ilustram uma organização dos resultados obtidos com as entrevistas semi-estruturadas e, portanto, estão descritos mais detalhadamente no capítulo a seguir, ao apontar os resultados a partir da análise de conteúdo.

A terceira e última etapa da análise de conteúdo, tratamento dos resultados obtidos e interpretação (BARDIN, 2007), refere-se às interpretações e às discussões das sínteses realizadas pelas categorias a partir da teoria levantada pelo presente estudo, e que também estão descritas no próximo capítulo, juntamente com as interpretações dos dados obtidos com as demais técnicas de coleta de dados utilizadas nesta pesquisa.

Nas associações livres a partir de figuras, a análise dos dados se deu em duas etapas. A primeira, após a transcrição, foi a organização das interpretações dos adolescentes para cada uma das dez figuras. Depois, na segunda etapa, foram realizadas discussões dos itens mais relevantes em três eixos, que foram pré-estabelecidos, de acordo com os conteúdos das imagens: 1) Trabalho; 2) Estudo e; 3) Família e Lazer.

Vale ressaltar que as imagens podem aparecer em mais de um eixo, uma vez que cada adolescente pesquisado percebeu a imagem de uma forma, o que já era previsto quando foi escolhido esse instrumento de coleta de dados.

O eixo “Trabalho” reúne as falas dos adolescentes trabalhadores que associaram as imagens a alguma situação de trabalho. A maioria das figuras está nesse eixo, abrangendo oito das dez imagens mostradas aos adolescentes: (1) *Pessoas trabalhando em uma montadora de automóveis*; (2) *Uma pessoa trabalhando como feirante*; (3) *Pessoas trabalhando no campo*; (4) *Pessoas trabalhando em uma fábrica, encaixotando*; (5) *Pessoas jogando futebol*; (6) *Pessoas assistindo a uma aula*; (7) *Pessoas trabalhando em um escritório* e; (8) *Uma cena de trabalho em casa*.

O eixo “Estudo” abrange três figuras apresentadas aos adolescentes, sujeitos desta pesquisa: (1) *Estudantes realizando uma prova*; (2) *Pessoas assistindo a uma aula* e; (3) *Pessoas trabalhando em um escritório*. Nessas imagens, os adolescentes relataram os conceitos que elaboram sobre os estudos – educação básica e estudos complementares – e como esse se relaciona com a atividade laboral no dia-a-dia de suas atividades.

O último eixo de análise do instrumento de associação a figuras é “Família e Lazer”. Nessa categoria foram reunidos os dados obtidos a partir de quatro figuras: (1) *Pessoas trabalhando no campo*; (2) *Um pai, uma mãe e dois filhos empinando uma pipa*; (3) *Pessoas jogando futebol* e; (4) *Uma cena de trabalho em casa*. Nesse eixo foram reunidas falas que expressavam a importância da família e do lazer para o adolescente e o modo como essas esferas de suas vidas passaram a ser vivenciadas após a experiência do trabalho.

Depois de organizados os dados de cada instrumento em separado, foi realizada uma comparação entre os resultados e discussões apresentadas por meio da triangulação de métodos. A triangulação de métodos permite que os dados obtidos em diferentes técnicas de coleta de dados confrontem-se e/ou complementem-se na compreensão de determinado fenômeno estudado.

Dessa forma, a triangulação de métodos foi utilizada para que a análise dos dados pudesse dar conta de compreender a complexidade do fenômeno das representações sociais do trabalho para adolescentes trabalhadores, permitindo que o presente estudo atingisse o seu objetivo.

Todos os resultados obtidos com os instrumentos descritos e as análises realizadas a partir da triangulação estão apresentados no capítulo a seguir, baseando-se, principalmente, nas três dimensões das representações sociais: informação; campo representacional ou imagem e; atitudes (MOSCOVICI, 2012) que foram explicadas anteriormente.

Além das análises a partir da perspectiva da Teoria das Representações Sociais, o capítulo a seguir também relacionou os resultados obtidos pelo presente estudo com outras teorias e pesquisas indicadas no referencial teórico com a finalidade de se discutir diferentes aspectos dos dados encontrados.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Neste capítulo são apresentados todos os dados obtidos com a pesquisa e suas respectivas análises, contudo a apresentação dos resultados e as suas discussões são apresentadas dentro de blocos de análise elaborados a partir da triangulação de métodos, favorecendo, assim, que os dados obtidos a partir de diferentes instrumentos possam ser reunidos de acordo com temáticas e significados semelhantes, trazendo – de diferentes formas – as representações dos adolescentes trabalhadores a respeito do trabalho.

Contudo, antes de iniciar a apresentação dos dados nos blocos de análise também são apontados os resultados que deram origem aos indicadores da análise de conteúdo realizada com as entrevistas semi-estruturadas, que, por sua vez, foram organizados nas categorias e subcategorias que são apresentadas nos blocos de análise. Além disso, neste capítulo também é apresentada a caracterização sociodemográfica da amostra estudada, pois, esses resultados são fundamentais para a compreensão de que são e como vivem os sujeitos desta pesquisa.

Dessa forma, este capítulo está organizado em três seções distintas: (1) “Sujeitos de pesquisa: quem são e como vivem”; (2) “Indicadores encontrados a partir da análise de conteúdo” e; (3) “Dados e análises a partir da triangulação de métodos”. É importante ressaltar que na terceira seção são apresentados três blocos de análise: “Significados do trabalho”; “Repercussões do trabalho na vida dos adolescentes” e; “Relação trabalho x estudo”.

5.1 SUJEITOS DE PESQUISA: QUEM SÃO E COMO VIVEM

Que vai ser quando crescer? Vivem perguntando em redor. Que é ser? É ter um corpo, um jeito, um nome? Tenho os três. E sou? Tenho de mudar quando crescer? Usar outro nome, corpo ou jeito? Ou a gente só principia a ser quando cresce? É terrível, ser? Dói? É bom? É triste? Ser: pronunciado tão depressa, e cabe tantas coisas? Repito: ser, ser, ser. Er. R. Que vou ser quando crescer? Sou obrigado a? Posso escolher? Não dá para entender. Não vou ser. Não quero ser. Vou crescer assim mesmo. Sem ser. Esquecer. (Verbo Ser - Carlos Drummond de Andrade)

É fundamental apontar informações a respeito dos adolescentes trabalhadores que participaram desta pesquisa, pois, elas apontam para as condições de vida dos sujeitos pesquisados, possibilitando a compreensão “do lugar

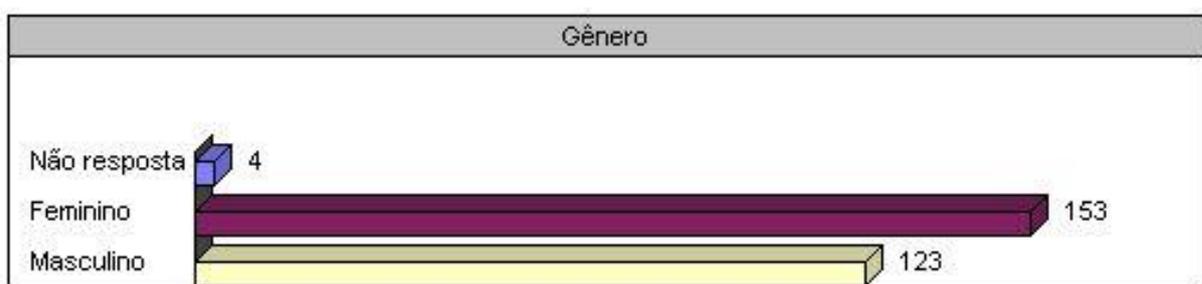
de onde o sujeito está falando”, isto é, possibilitando conhecer a realidade vivida pelo adolescente trabalhador e as características de seu grupo de pertença.

Embora tanto o questionário quanto o roteiro de entrevista semi-estruturada investigassem aspectos da realidade sociodemográfica dos adolescentes pesquisados, todos os sujeitos que participaram da coleta de dados qualitativa já haviam respondido ao questionário, o que faz com que as respostas dadas na entrevista já tivessem sido consideradas dentre os dados obtidos com a aplicação dos questionários.

Assim, para a discussão da realidade vivida pelos adolescentes pesquisados, optou-se por apresentar esquemas gráficos que considerassem a amostra mais abrangente da pesquisa, ou seja, os 280 adolescentes que responderam à etapa quantitativa da pesquisa.

O primeiro aspecto da caracterização sociodemográfica apresentado é o gênero dos adolescentes participantes da pesquisa. A partir desse levantamento, constatou-se que 153 adolescentes percebem-se como pertencente ao gênero feminino e 123 do gênero masculino, existindo, ainda, 4 adolescentes que não responderam a essa questão. Esses resultados representam, respectivamente, 54,6%, 43,9% e 1,4%, conforme pode ser observado na figura a seguir.

Figura 2 - Distribuição dos adolescentes trabalhadores pesquisados por gênero, São José dos Campos/SP, 2013.



Essa predominância de adolescentes do gênero feminino chama a atenção, porque, como foi apontado anteriormente na caracterização do município estudado, a população na faixa etária dos 15 aos 19 anos se apresenta com uma ligeira predominância masculina em relação à feminina na cidade de São José dos Campos/SP (IBGE, 2013^a), sendo 26.269 adolescentes do gênero masculino,

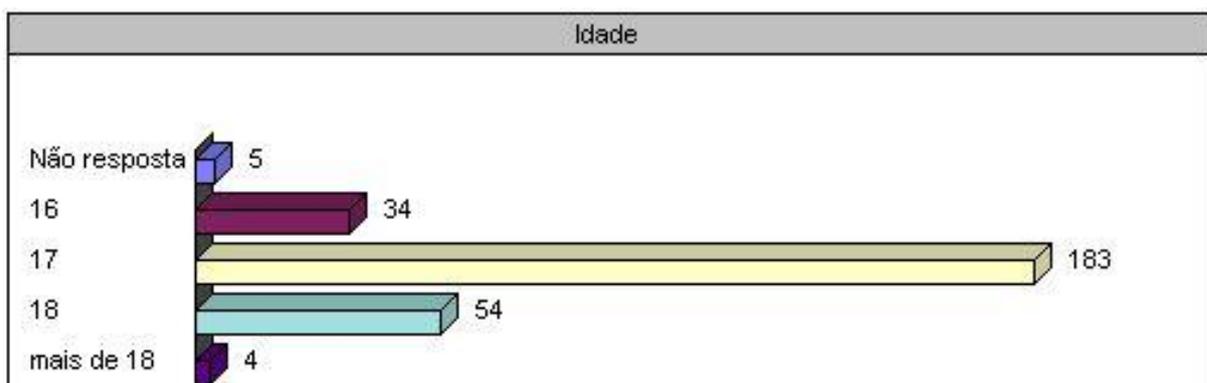
representando 4,2% do total da população, e 25.753 adolescentes do gênero feminino, indicando 4,1% da população total.

Dessa forma, os dados obtidos podem indicar que, embora a população de meninos residentes na cidade seja um pouco maior, existem mais meninas inseridas nos programas de aprendizagem profissional oferecidos pela instituição pesquisada.

Além do gênero, também foi investigada a idade dos adolescentes trabalhadores, lembrando, que os adolescentes da instituição pesquisada podem se inserir no programa de aprendizagem da instituição a partir dos 16 anos, podendo permanecer até o final do contrato, de dois anos, que firmam com as empresas parceiras. Assim, os adolescentes trabalhadores não precisam sair do programa quando completam 18 anos e podem trabalhar até o término do prazo do contrato.

Com os resultados encontrados, verificou-se que a maioria dos adolescentes tinha 17 anos na ocasião da aplicação dos questionários, ou seja, 183 (65,4%) adolescentes. Depois, 54 (19,3%) adolescentes tinham 18 anos, 34 (12,1%) tinham 16 anos e quatro (1,4%) tinham mais de 18 anos. Além disso, cinco adolescentes (1,8%) não responderam a essa questão. Essa distribuição de idade pode ser observada da figura 3.

Figura 3 – Distribuição dos adolescentes trabalhadores pesquisados por idade, São José dos Campos/SP, 2013.



Também foi investigado o estado civil dos adolescentes que participaram do estudo, nesse levantamento constatou-se que a grande maioria, isto é, 267 adolescentes são solteiros, representando 95,4% do total, seguido por oito indicações de “não resposta” (2,9%). Contudo, ainda existiram quatro adolescentes

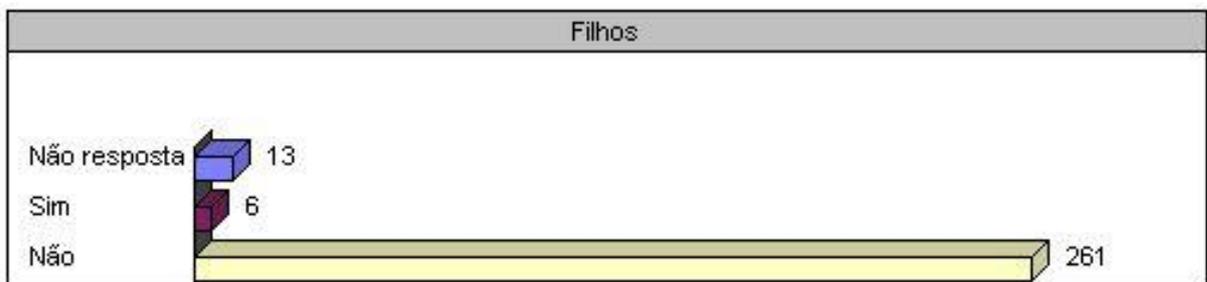
que responderam que vivem maritalmente e um que é casado, representando, respectivamente 1,4% e 0,4%, como pode ser observado na figura a seguir.

Figura 4 – Distribuição dos adolescentes trabalhadores pesquisados por estado civil, São José dos Campos/SP, 2013.



Além do estado civil, também foi levantado o percentual de adolescentes que possuem filhos. Dos 280 adolescentes pesquisados, 261 (93,2%) responderam que não, enquanto 6 (2,1%) sinalizaram que sim. Além disso, 13 adolescentes (4,6%) não responderam a essa questão. A figura a seguir ilustra esses resultados.

Figura 5 – Distribuição de adolescentes trabalhadores pesquisados que possuem filhos, São José dos Campos/SP, 2013.



Depois de questionados sobre a possibilidade de terem filhos, os adolescentes que responderam que sim também deveriam apontar quantos filhos teriam. Apesar da não necessidade de resposta dessa questão, 248 adolescentes responderam que não possuem filhos, representando 88,6%. Além desses, 29 adolescentes (10,4%) não responderam a essa questão, o que pode ser entendido que eles já haviam respondido não ter filhos na questão anterior. No entanto, embora 6 adolescentes terem respondido que teriam filhos, na questão anterior,

apenas 3 sinalizaram que possuíam um filho (1,1%), como pode ser observado na figura 6.

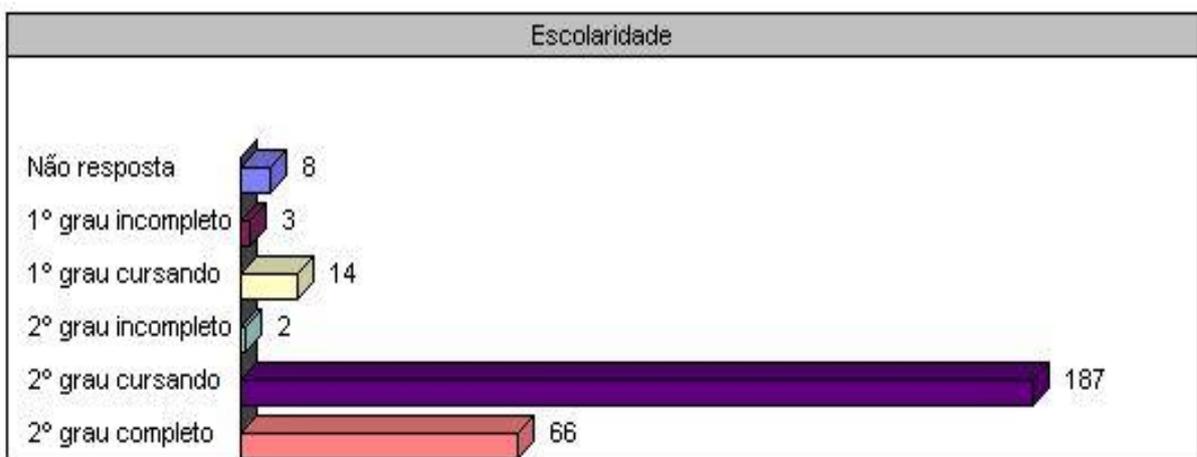
Figura 6 – Distribuição dos adolescentes trabalhadores pesquisados por número de filhos, São José dos Campos/SP, 2013.



Em seguida, o questionário investigava a escolaridade dos adolescentes e com isso foi possível constatar que 187 adolescentes estão cursando o 2º grau (66,8%), 66 (23,6%) dos adolescentes declaram ter o 2º grau completo, 14 (5,0%) apontaram estar estudando no 1º grau e 8 adolescentes (2,9%) não responderam a essa questão. Além disso, três adolescentes (1,1%) e dois adolescentes (0,7%) responderam, respectivamente, ter o 1º e o 2º grau incompletos.

Todos os resultados da escolaridade entre os adolescentes que participaram do estudo podem ser observados na figura a seguir:

Figura 7 – Distribuição dos adolescentes trabalhadores pesquisados por escolaridade, São José dos Campos/SP, 2013.



Os resultados que indicam que alguns adolescentes tem o 1º ou o 2º grau incompleto, refletem o fato de nem todos os adolescentes compreenderem a diferença entre estar cursando determinado nível de escolarização e ter determinada escolaridade incompleta.

Essa dificuldade de compreensão foi notada desde o início da coleta de dados com adolescentes, passando, então, a ser um dos itens esclarecidos junto com as instruções do modo de responder ao questionário. Contudo, a persistência desses resultados indica que, possivelmente, existiu uma dificuldade de compreensão dessa questão, também sendo importante indicar que alguns adolescentes começaram a responder ao questionário antes do término das instruções.

A escolaridade dos adolescentes trabalhadores também é particularmente interessante quando relacionada às idades dos mesmos, uma vez que um dos argumentos negativos do trabalho na adolescência se refere à defasagem idade/série entre os adolescentes que exercem alguma atividade laboral. A relação entre esses dados, na população pesquisada, pode ser observada a seguir:

Figura 8 – Relação entre a idade e a escolaridade dos adolescentes trabalhadores pesquisados.

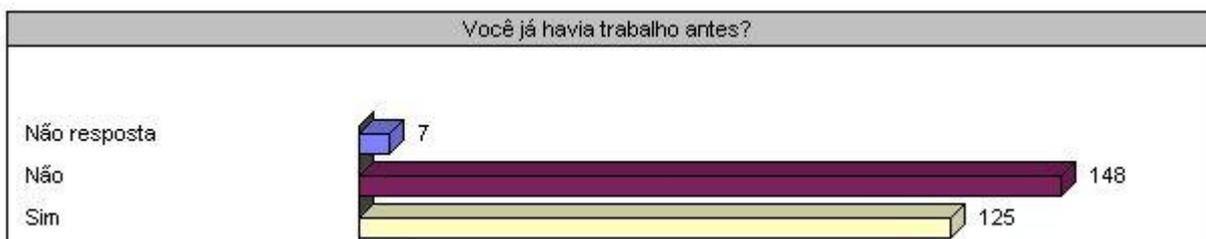
Idade	Não resposta	14	15	16	17	18	Mais de 18	Total
Escolaridade								
Não resposta	4	0	0	0	2	2	0	8
1º grau incompleto	0	0	0	2	1	0	0	3
1º grau cursando	0	0	0	4	9	1	0	14
1º grau completo	0	0	0	0	0	0	0	0
2º grau incompleto	0	0	0	0	2	0	0	2
2º grau cursando	1	0	0	25	131	28	2	187
2º grau completo	0	0	0	3	38	23	2	66
Total	5	0	0	34	183	54	4	280

A partir dessa relação, é possível observar que existe uma defasagem idade/série, pois, existem adolescentes com 16 a 18 anos que já deveriam estar cursando o 2º grau, mas, que responderam ainda estar cursando o 1º grau.

Contudo, deve ser ressaltado que essa defasagem ocorre apenas 14 adolescentes, o que representa 5% dos adolescentes pesquisados.

A seguir, foi investigado se o trabalho realizado no período da aplicação do questionário era o primeiro trabalho dos adolescentes. Para 148 adolescentes (52,9%) aquele trabalho era o primeiro de suas vidas, enquanto que para 125 adolescentes (44,6%) a experiência de ter um trabalho não era algo novo, por fim, 7 adolescentes (2,5%) não responderam a essa questão, como pode ser observado na figura 9.

Figura 9 – Distribuição dos adolescentes trabalhadores pesquisados por experiência prévia de trabalho, São José dos Campos/SP, 2013.



Levando em consideração que alguns adolescentes já haviam trabalhado antes de inserirem em no trabalho atual, também se faz importante apontar a idade com que esses adolescentes pesquisados começaram a trabalhar.

Com isso, chegou-se ao resultado de que maioria, ou seja, 204 adolescentes que começaram a trabalhar entre os 15,0 e os 16,5 anos, representando 72,9% do total de adolescentes pesquisados. Por sua vez, 24 adolescentes começaram a trabalhar com 16,5 anos ou mais, indicando 8,6%; 18 adolescentes tiveram a primeira experiência laboral entre os 12,0 e 13,5 anos, indicando 6,4% e; outros 16 adolescentes se inseriram no mundo do trabalho entre 13,5 e 15,0 anos, o que representa 5,7%.

Além disso, três adolescentes apontaram que viveram a primeira experiência com o trabalho ainda na infância, sendo um com menos de 9 anos, outro com idade entre 9,0 e 10,5 anos e, por fim, um que começou a trabalhar entre 10,5 e 12,0 anos. Ainda tiveram 15 adolescentes que não responderam a essa questão, o que representou 5,4% de “não resposta”. Todos esses resultados podem ser observados na figura 10.

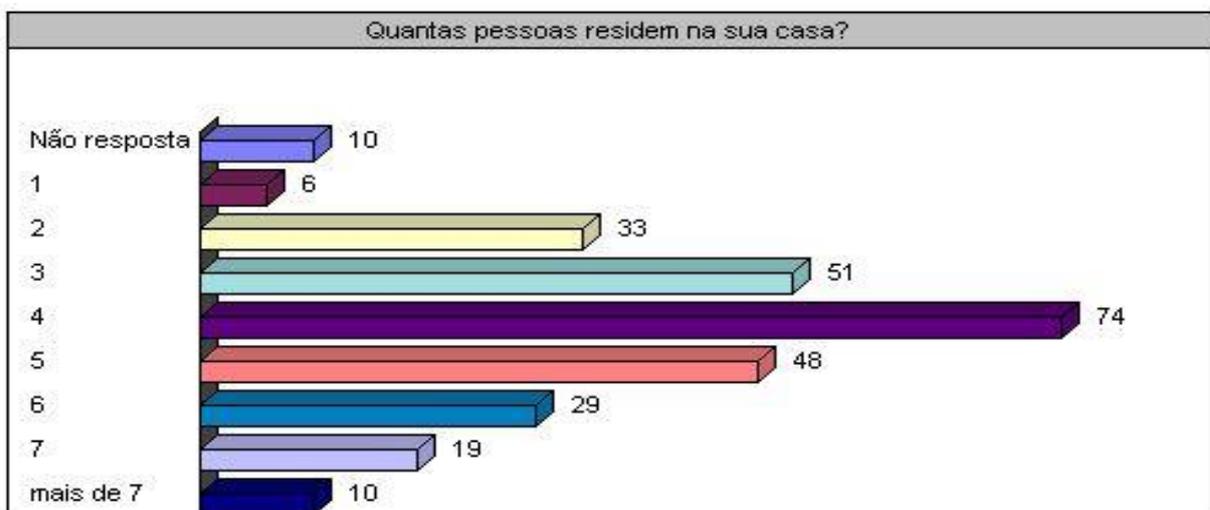
Figura 10 – Distribuição de adolescentes trabalhadores pesquisados de acordo com a idade que tiveram suas primeiras experiências de trabalho, São José dos Campos/SP, 2013.



Na sequência, o questionário investigava algumas questões referentes à vida em família do adolescente trabalhador. A primeira dessas questões investigava quantas pessoas residiam na mesma casa do adolescente.

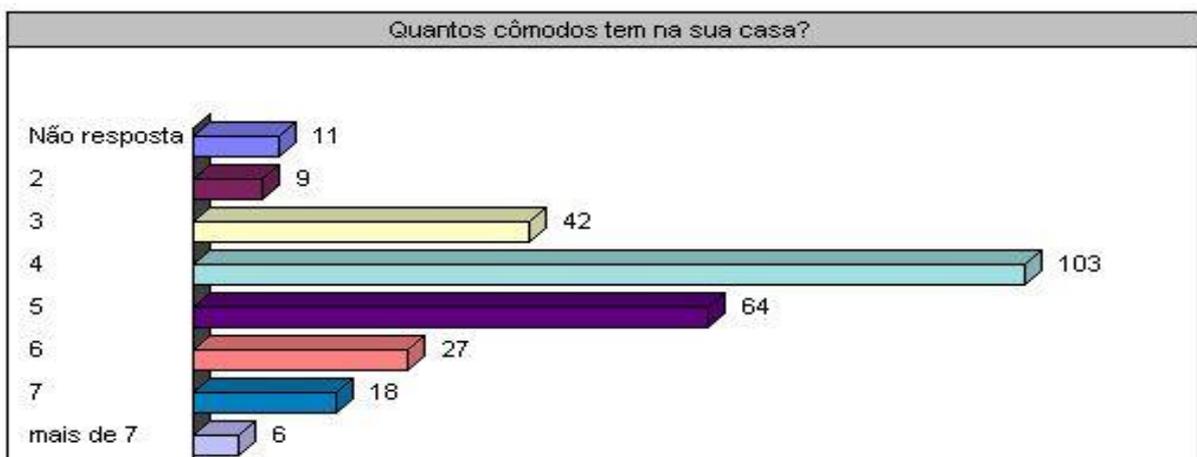
Para essa questão, a resposta mais frequente foi quatro pessoas morando da mesma casa, aparecendo nas respostas de 74 adolescentes (26,4%). Depois, os números próximos a quadro, isto é, três e cinco pessoas estiveram presente em 51 (18,2%) e 48 (17,1%) respostas, respectivamente. Esses e os demais resultados para essa questão podem ser observados na figura a seguir.

Figura 11 – Distribuição dos adolescentes trabalhadores pesquisados pelo número de pessoas que residem com eles, São José dos Campos/SP, 2013.



Além do número de pessoas que moravam na mesma residência do adolescente, o questionário também investigou o número de cômodos existentes na casa – além da varanda e do banheiro. Com essa questão, 103 adolescentes (36,8%) responderam possuir 4 cômodos em sua casa. Na sequência, 64 adolescentes (22,9%) responderam possuir 5 cômodos em sua casa, seguidos por 42 (15%) que responderam viver em uma casa com 3 cômodos.

Figura 12 – Distribuição dos adolescentes trabalhadores pesquisados por número de cômodos em suas casas, São José dos Campos/SP, 2013.



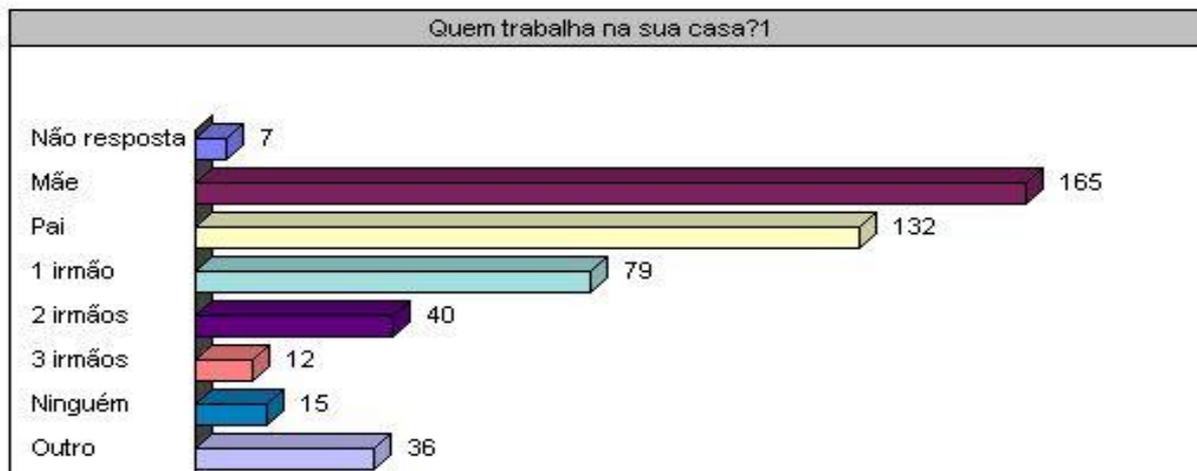
Ainda sobre as condições de vida em família dos adolescentes, o questionário também investigou quais eram as pessoas que viviam com os adolescentes que também trabalhavam. Nessa questão os adolescentes poderiam apontar diversas pessoas, motivo pelo qual o total de respostas ultrapassa os 280 resultados.

Dentre os sujeitos pesquisados, 165 apontaram a mãe e 132 indicaram o pai como pessoas que também trabalham e ajudam no sustento da casa, representando, respectivamente, 34% e 27,2% das respostas. Também foi indicada a participação de irmãos, sendo que um irmão trabalhador apareceu 79 vezes (16,3%), dois irmãos teve 40 resultados (8,2%) e três irmãos foram apontados em 12 ocasiões (2,5%). Além disso, a categoria “Outro” também foi bastante frequente, sendo apontada 36 vezes (7,4%).

O mais preocupante é a categoria “Ninguém” foi respondida por 15 adolescentes (3,1%), indicando que nesses casos esses são os únicos responsáveis pelo sustento da casa naquele momento, o que ocasiona uma pressão, além de ser

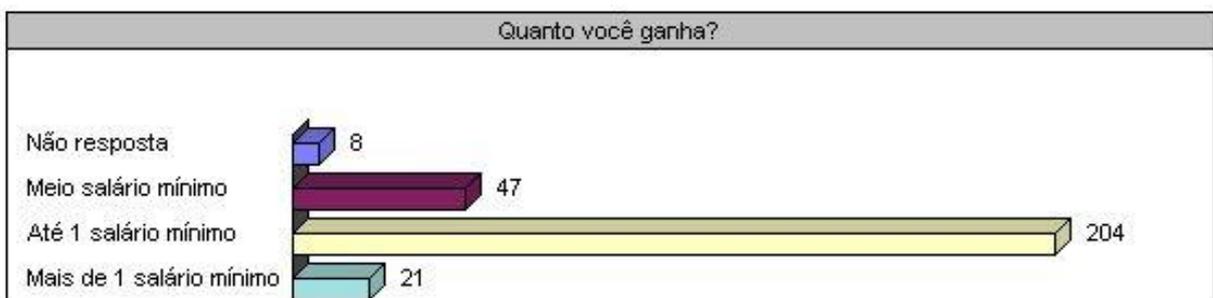
um excesso de responsabilidade para um sujeito que está em desenvolvimento. Esses resultados podem ser encontrados na figura 13.

Figura 13 – Distribuição dos adolescentes trabalhadores pesquisados por número de pessoas que vivem com eles e que também trabalham, São José dos Campos/SP, 2013.



As próximas três questões se referem a fatores de renda, sendo investigado, primeiro, o valor que os adolescentes recebem por seu trabalho. Dos 280 sujeitos de pesquisa, 204 responderam receber até um salário mínimo (72,9%), 47 disseram ganhar até meio salário mínimo por mês (16,8%) e 21 adolescentes apontaram que recebiam mais do que um salário mínimo (7,5%), como ilustrado na figura a seguir.

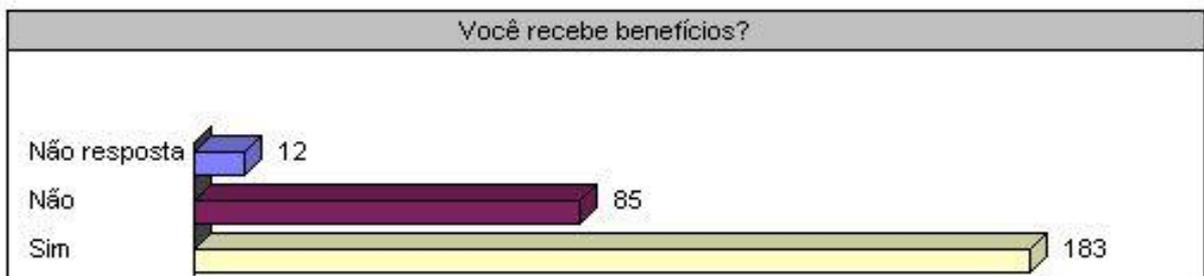
Figura 14 – Distribuição dos adolescentes trabalhadores pesquisados por seus rendimentos mensais, São José dos Campos/SP, 2013.



Vale ressaltar que o valor do salário mínimo na ocasião da pesquisa era de R\$678,00, o que foi avisado para os adolescentes juntos com as instruções iniciais.

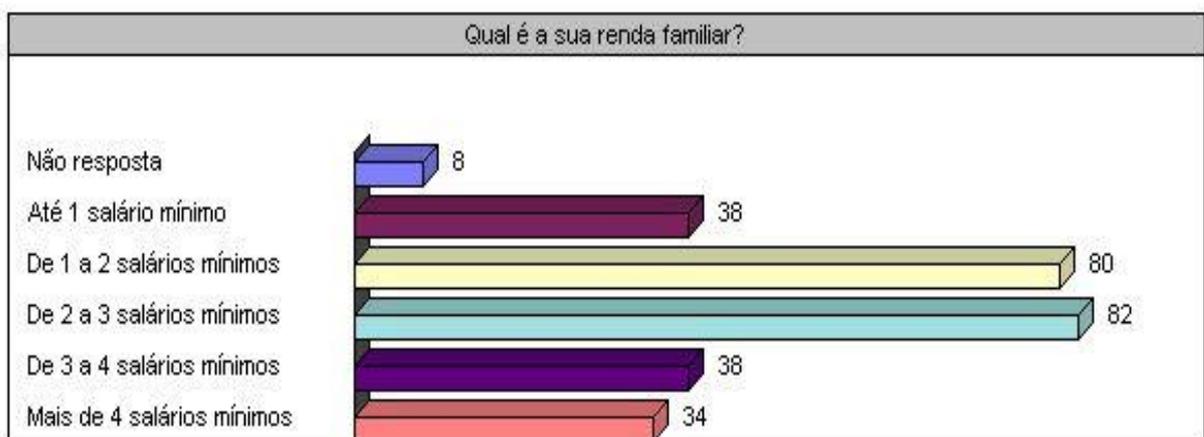
Além do salário que os adolescentes recebem pelo seu trabalho, também foi investigado se os adolescentes recebiam também algum tipo de benefício. A maioria dos sujeitos pesquisados, isto é, 183 (65,4%) adolescentes responderam que “Sim” contra 85 (30,4%) que responderam que “Não”, como ilustrado pela figura 15.

Figura 15 – Distribuição dos adolescentes trabalhadores pesquisados que recebem benefícios em seus trabalhos, São José dos Campos/SP, 2013.



Por fim, foi perguntado a respeito da renda familiar do adolescente, obtendo-se como resposta que 82 famílias recebem de 2 a 3 salários mínimos (29,3%), 80 adolescentes apontaram que sua família vive com rendimentos mensais de 1 a 2 salários mínimos (28,6%); 38 adolescentes tem renda familiar de até um salário mínimo (13,6%) e; outros 38 adolescentes indicaram que suas famílias possuem renda de 3 a 4 salários mínimos (13,6%). Por fim, 34 adolescentes tem rendimentos familiares que ultrapassam 4 salários mínimos. Apenas uma minoria, isto é, oito adolescentes não responderam à questão. Esses resultados estão na figura 16.

Figura 16 – Distribuição dos adolescentes trabalhadores pesquisados por renda familiar, São José dos Campos/SP, 2013.



Com esses resultados da caracterização sociodemográfica, encerra-se a primeira seção deste capítulo, podendo-se dar início à segunda seção que é a apresentação dos indicadores que foram encontrados com o uso da análise de conteúdo realizada com os dados obtidos pelas entrevistas semi-estruturadas.

5.2 INDICADORES ENCONTRADOS A PARTIR DA ANÁLISE DE CONTEÚDO

Esta seção do capítulo “Resultados e Discussões” apresenta a organização dos resultados encontrados nas entrevistas semi-estruturadas realizada a partir da análise de conteúdo.

É importante destacar esse processo de análise, pois, nesse caminho, tem-se detalhadamente apresentados os dados encontrados com as entrevistas semi-estruturadas, sendo que essa técnica foi a que deu mais possibilidade para os adolescentes falarem sobre suas experiências laborais; uma vez que é o instrumento menos estruturado, permitindo, então, que os adolescentes falassem de seus sentimentos, pensamentos e vivências mais livremente.

Além disso, diferentemente dos resultados dos questionários, que foram organizados em categorias de acordo com o teor das questões (e não das respostas), e dos resultados das associações livres a partir das figuras, que foram organizados em eixos – respeitando-se a temática das imagens – os resultados das entrevistas precisaram ser profundamente analisados para se chegar nas categorias e subcategorias que são apresentadas e discutidas nos blocos de análise a partir da técnica de triangulação de métodos.

Dessa forma, todas as 23 entrevistas realizadas foram lidas diversas vezes com o objetivo de se verificar os conteúdos que se repetiam nas falas dos adolescentes. Essa repetição de conteúdo foi nomeada como “indicador”, ou seja, como um conteúdo relevante para os adolescentes pesquisados e que, portanto, oferecem a base da organização das categorias que foram posteriormente construídas e discutidas, como apresentado na terceira seção deste capítulo.

Nesse processo foram encontrados 20 indicadores, sendo que alguns se repetiram diversas vezes no discurso de um mesmo sujeito. É importante apontar que esses indicadores reúnem palavras e expressões que transmitem um significado semelhante. Todos esses indicadores levantados podem ser observados na figura 17.

Figura 17 – Indicadores encontrados na primeira etapa da análise de conteúdo.

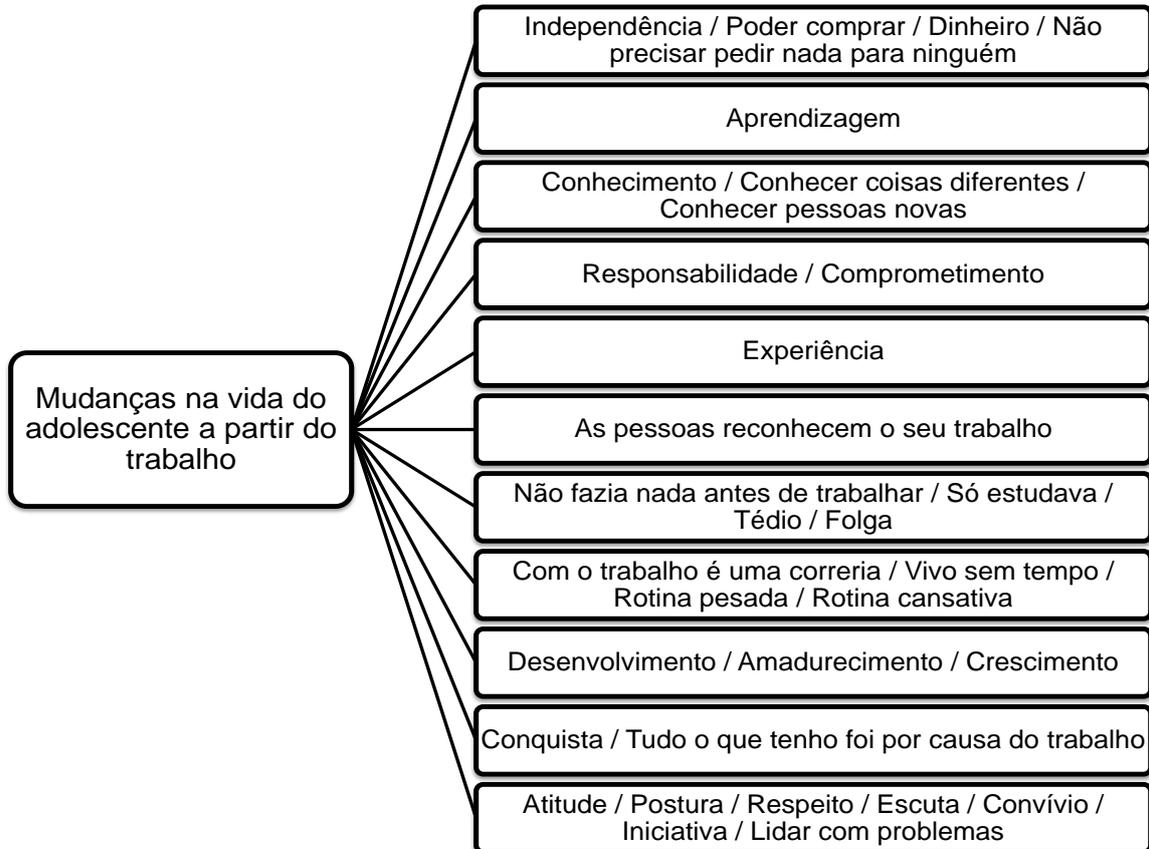
Oportunidade	Independência / Poder comprar / Dinheiro / Não precisar pedir nada para ninguém	Aprendizagem	Conhecimento / Conhecer coisas diferentes / Conhecer pessoas novas
Senti falta do serviço / Não consigo mais viver sem trabalhar / O trabalho é tudo / Maravilhoso / Incrível	Tira os adolescentes de outros caminhos	Responsabilidade / Comprometimento	Experiência
As pessoas reconhecem o seu trabalho	Ajudar a mãe / Ajudar a família	Não fazia nada antes de trabalhar / Só estudava / Tédio / Folga	Com o trabalho é uma correria / Vivo sem tempo / Rotina pesada / Rotina cansativa
Desenvolvimento / Amadurecimento / Crescimento	Necessidade / Dificuldades / Questão financeira	Conquista / Tudo o que tenho foi por causa do trabalho	Visão para o futuro / Faculdade / Futuro melhor / Estudo
Mais chances no mercado de trabalho / Trabalho em equipe	Atitude / Postura / Respeito / Escuta / Convívio / Iniciativa / Lidar com problemas	Honestidade	Batalha / Luta

A partir do estabelecimento desses indicadores, foi realizada a segunda etapa da análise de conteúdo que é a exploração do material. Nessa etapa, são definidas as categorias de análise que sintetizam e reúnem os conteúdos das entrevistas em unidades de registro, permitindo as discussões e interpretações da próxima etapa da análise de conteúdo.

Foram criadas quatro categorias: (1) Mudanças na vida do adolescente a partir do trabalho; (2) Motivos para o adolescente começar a trabalhar; (3) Trabalho ideal e; (4) Concepção de trabalho.

A categoria “Mudanças na vida do adolescente a partir do trabalho” reúne todos os conteúdos das entrevistas que se referem às representações dos adolescentes trabalhadores a respeito das alterações no modo de vida desses jovens a partir da experiência do trabalho. Os indicadores que foram considerados nessa categoria estão representados na figura a seguir.

Figura 18 – Indicadores relacionados com a categoria “Mudanças na vida do adolescente a partir do trabalho”.

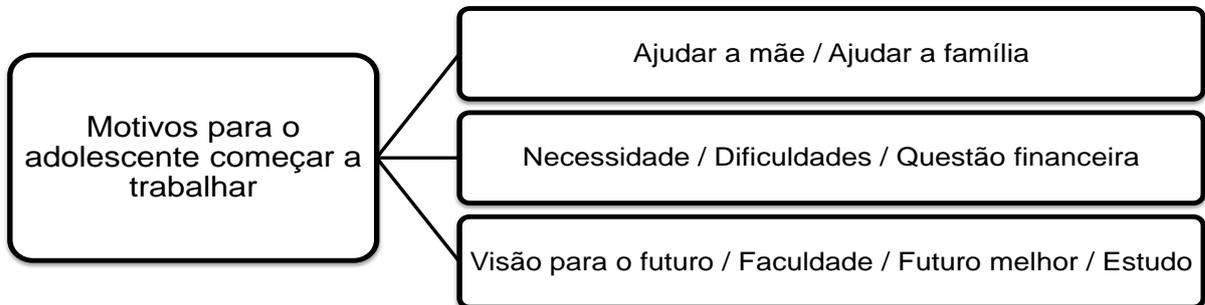


Ao analisar os indicadores reunidos nessa categoria, verificou-se que eles poderiam ser organizados conforme o tipo de mudanças que o trabalho proporcionou para a vida dos adolescentes pesquisados, isto é, os indicadores ora se referiam a uma mudança na rotina dos adolescentes ou se referiam a aspectos de desenvolvimento e conquistas na vida pessoal e profissional.

Dessa forma, optou-se por criar duas subcategorias para a categoria “Mudanças na vida do adolescente a partir do trabalho” que pudessem expressar essas particularidades, assim, foram criadas, respectivamente: (1) “Mudanças na rotina do adolescente” e (2) “Desenvolvimento e conquistas pessoais e profissionais”.

Por sua vez, a categoria “Motivos para o adolescente começar a trabalhar” reúne as falas dos sujeitos que se referem às razões que levaram os adolescentes a se inserirem no mercado de trabalho. Essas razões foram transmitidas pelos indicadores apontados na figura 19.

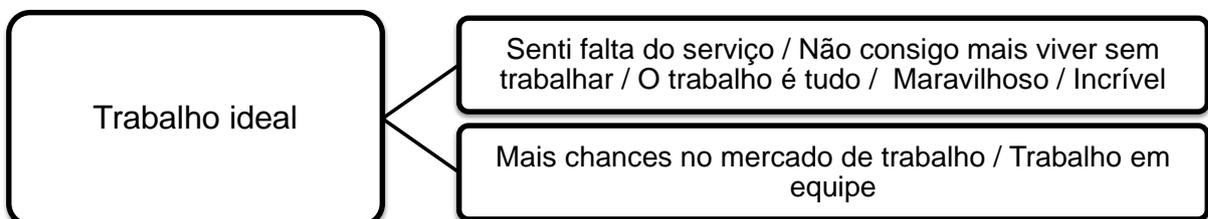
Figura 19 – Indicadores relacionados com a categoria “Motivos para o adolescente começar a trabalhar”.



Com esses indicadores, percebeu-se que a categoria “Motivos para o adolescente começar a trabalhar” abordava falas que se referiam ao incentivo para os adolescentes começarem a trabalhar; à necessidade e ao interesse financeiro como algo que motivou o início da atividade laboral; ao trabalho como algo que lhes permitiria ter um futuro melhor e; à curiosidade em relação ao dia-a-dia de trabalho. Assim, criou-se quatro subcategorias que discutissem essas falas dos adolescentes, respectivamente: 1) “Incentivo”; 2) “Questão financeira”; 3) “Preocupação com o futuro” e; 4) “Curiosidade em relação ao trabalho”.

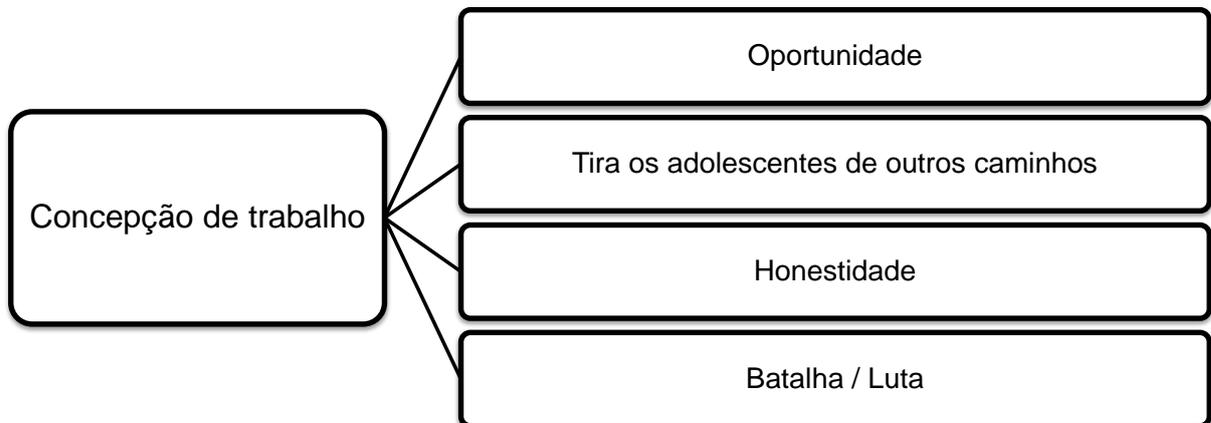
A categoria “Trabalho ideal” sintetizou as falas dos adolescentes trabalhadores que indicam a visão deles a respeito de uma situação perfeita de trabalho. Essas falas foram ilustradas nos indicadores presentes na figura 20.

Figura 20 – Indicadores relacionados com a categoria “Trabalho ideal”.



Por fim, a categoria “Concepção do trabalho” abrange todos os conteúdos das entrevistas que apontavam a visão dos adolescentes trabalhadores a respeito do que é o trabalho e o que significa trabalhar. A figura a seguir sintetiza os indicadores considerados nessa categoria.

Figura 21 – Indicadores relacionados com a categoria “Concepção de trabalho”.



É importante ressaltar que esses indicadores deram as bases para que as categorias também fossem analisadas em subcategorias, possibilitando, assim, uma discussão mais abrangente e aprofundada de todos os conteúdos trazidos pelos sujeitos de pesquisa.

Com isso, passa-se para a apresentação e discussão de todos os dados obtidos com a pesquisa, reunidos em blocos de análise a partir da triangulação.

5.3 DADOS E DISCUSSÕES A PARTIR DA TRIANGULAÇÃO DE MÉTODOS

Optou-se por apresentar e discutir os dados dentro de blocos de análise, pois, com isso, espera-se aperfeiçoar a exposição dos resultados e analisar o fenômeno das representações sociais do trabalho para adolescentes em toda a sua complexidade, uma vez que cada instrumento de coleta de dados se completa ao trazer uma maneira de investigar o modo como o adolescente representa o trabalho.

O processo de análise de cada instrumento utilizado – agrupamento de respostas em eixos para as associações livres e elaboração das categorias nos questionários e nas entrevistas semi-estruturadas – foram descritos, detalhadamente, no capítulo anterior, na seção de “Procedimentos para análise dos dados”.

Contudo, as análises de cada instrumento em separado não são expostas neste trabalho, pois, acredita-se que nessa etapa final da pesquisa é mais

interessante mostrar integração entre todos os dados obtidos, independente da técnica de coleta de dados.

Dessa forma, fica a cargo da presente seção a apresentação e as discussões dos materiais coletados com a pesquisa a partir da técnica de triangulação de métodos que organizou três blocos de análise, que reúnem temas semelhantes, possibilitando a análise desses resultados de acordo com o assunto – e não de acordo com o instrumento que possibilitou a obtenção dos dados.

Os três blocos de análise oriundos da triangulação de métodos foram organizados a partir das três categorias encontradas com a análise dos questionários: “Significados do trabalho”; “Repercussões do trabalho na vida dos adolescentes” e; “Relação trabalho X estudo”.

Essa escolha por agrupar todos os resultados a partir das categorias dos questionários deu-se porque esse instrumento, por ser o mais extenso, era o que continha a maior quantidade de resultados, o que proporcionaria a exposição dos dados de maneira mais didática e organizada, uma vez que os resultados dos outros instrumentos poderiam ser mais facilmente articulados com os dados coletados com esses instrumentos.

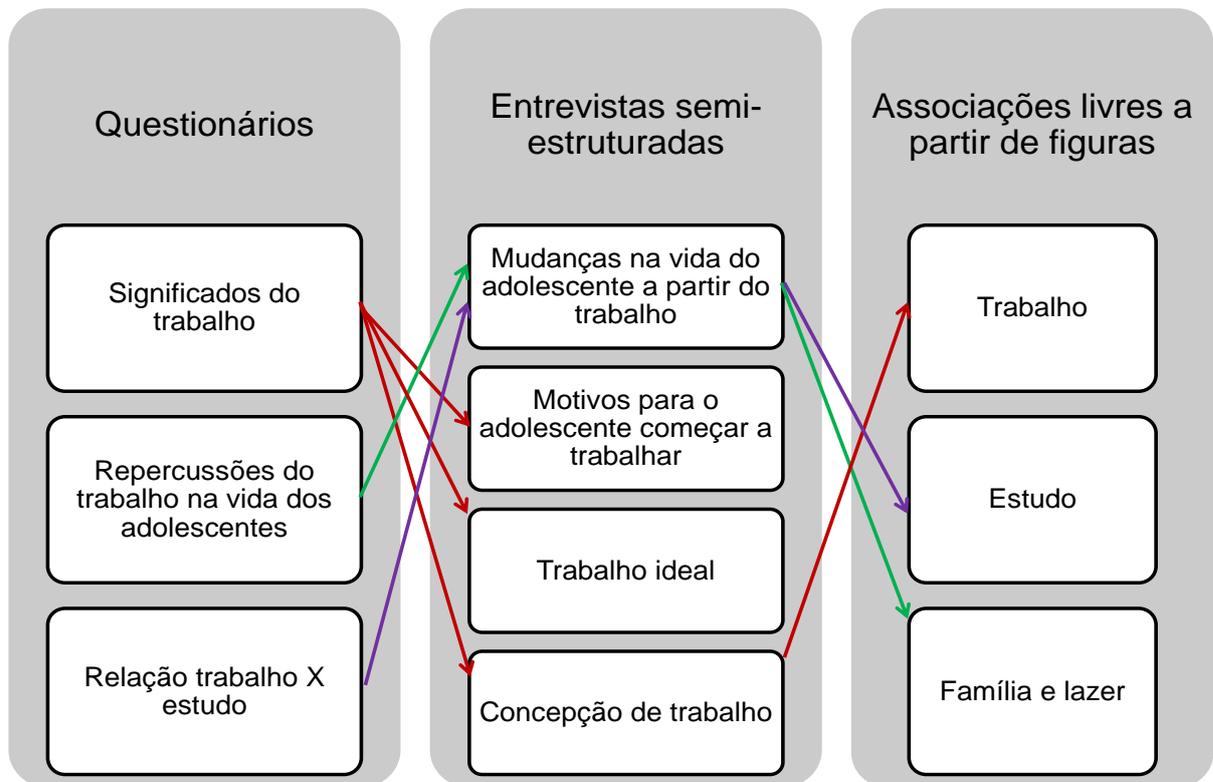
Ressalta-se, contudo, que isso não significa uma prevalência de importância de um instrumento sob o outro, pois, esta pesquisa interessa-se pela articulação dos três instrumentos, considerando aquilo que cada um deles traz em termos de riqueza em seu alcance de obtenção de dados com a amostra pesquisada.

Com isso, as categorias obtidas com a análise dos questionários somadas com as análises de conteúdos com as entrevistas semi-estruturadas e com os eixos das figuras apresentadas pela técnica de associação a figuras, permitiram que o fenômeno do trabalho na adolescência pudesse ser estudado a partir de diferentes prismas.

Assim, pela articulação dos dados obtidos com os três instrumentos, foi possível direcionar todos os conteúdos coletados, dentro dos blocos de análise, preparando o material coletado e todas as discussões para se atingir o objetivo principal desta pesquisa: investigar as representações sociais do trabalho entre adolescentes trabalhadores inseridos em um programa de aprendizagem laboral.

Para ilustrar o processo de triangulação de métodos, foi elaborada uma figura que representa a relação entre as diferentes análises – em eixos ou categorias – dos três instrumentos utilizados, conforme pode ser observado a seguir.

Figura 22 – Modelo de triangulação de métodos a partir das análises dos instrumentos de coleta de dados utilizados.



Dessa forma, todos os resultados que abordam aspectos semelhantes (reunidos conforme esquema de flechas ilustrado na figura) são apresentados e discutidos juntos, em três blocos de análise distintos, que possuem os mesmos nomes das categorias do questionário por terem sido dirigidos por elas, a saber: (1) Significados do trabalho; (2) Repercussões do trabalho na vida dos adolescentes e; (3) Relação Trabalho x Estudo. Esses três blocos de análise podem ser conferidos na sequência da seção.

No entanto, antes de expor esses dados, é importante salientar que toda referência realizada aos adolescentes que participaram da etapa qualitativa da pesquisa foi apontada por nomes fictícios que foram criados pela pesquisadora, seguindo-se o critério de manter a letra inicial dos nomes dos adolescentes pesquisados.

Esse cuidado foi tomado para que fosse possível garantir o sigilo a respeito das identidades do sujeito de pesquisa, mas, que também não fosse perdido um caráter pessoal, de dar vozes a sujeitos reais e que possuem nomes, vidas, interações em grupos sociais e representações reais.

Dessa forma, segue-se para apresentação e discussão de todos os resultados encontrados com a pesquisa organizados nos três blocos de análise apontados, na seguinte sequência: (1) Significados do trabalho; (2) Repercussões do trabalho na vida dos adolescentes e; (3) Relação trabalho x estudo.

5.3.1 SIGNIFICADOS DO TRABALHO

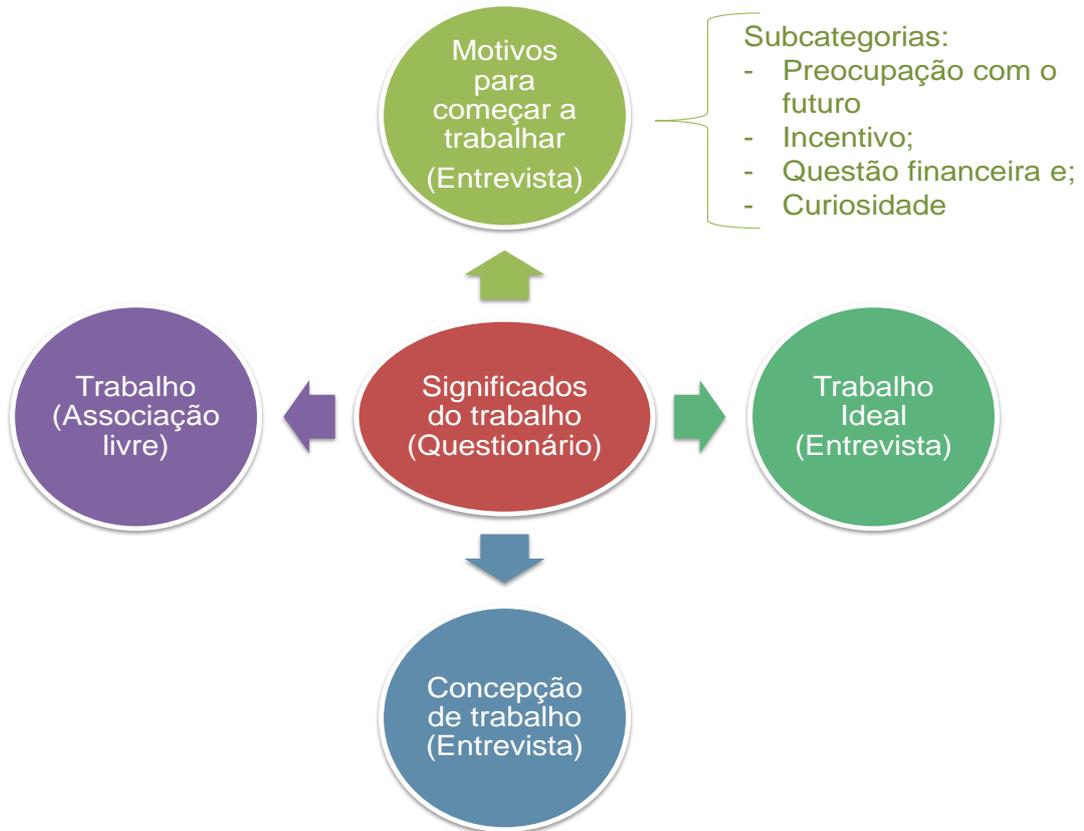
O primeiro bloco de análise apresentado foi norteado pela categoria “Significados do trabalho” foi elaborada a partir da análise dos questionários. Além disso, este bloco também reuniu três categorias criadas a partir da análise das entrevistas semi-estruturadas (1) “Motivos para o adolescente começar a trabalhar”; (2) “Trabalho ideal” e; (3) “Concepção de trabalho” e; o eixo “Trabalho” organizado a partir dos resultados com a técnica de coleta de dados de associação livre de figuras.

Vale ressaltar que na análise de conteúdo realizada para se chegar categoria “Motivos para o adolescente começar a trabalhar” foram encontradas quatro subcategorias, a saber: (1) “Preocupação com o futuro”; (2) “Incentivo”; (3) “Questão financeira” e; (4) “Curiosidade em relação ao trabalho”. Essas quatro subcategorias são encontradas nesse bloco de análise.

Este primeiro bloco de análise traz discussões e análises acerca da definição do trabalho para os adolescentes, da valorização da atividade laboral (mesmo se essa ocorresse em uma condição de informalidade) e das características necessárias para ser um bom trabalhador (também em relação às características pessoais que os adolescentes se atribuem), configurando as representações sociais do trabalho para os adolescentes pesquisados.

Todos os itens – entre categorias, subcategorias e eixos – que englobam o bloco de análise “Significados do trabalho” podem ser observados na ilustração apresentada pela figura 23.

Figura 23 – Categorias e eixos considerados no bloco de análise “Significados do trabalho”.



Conforme apontado anteriormente, todos os resultados obtidos com a pesquisa são indicados de acordo com sua relação temática e não segundo a técnica com a qual foram coletados, ainda que seu instrumento de origem seja apontado. Dessa forma, segue-se com a apresentação dos resultados e das discussões de cada um dos itens deste bloco de análise.

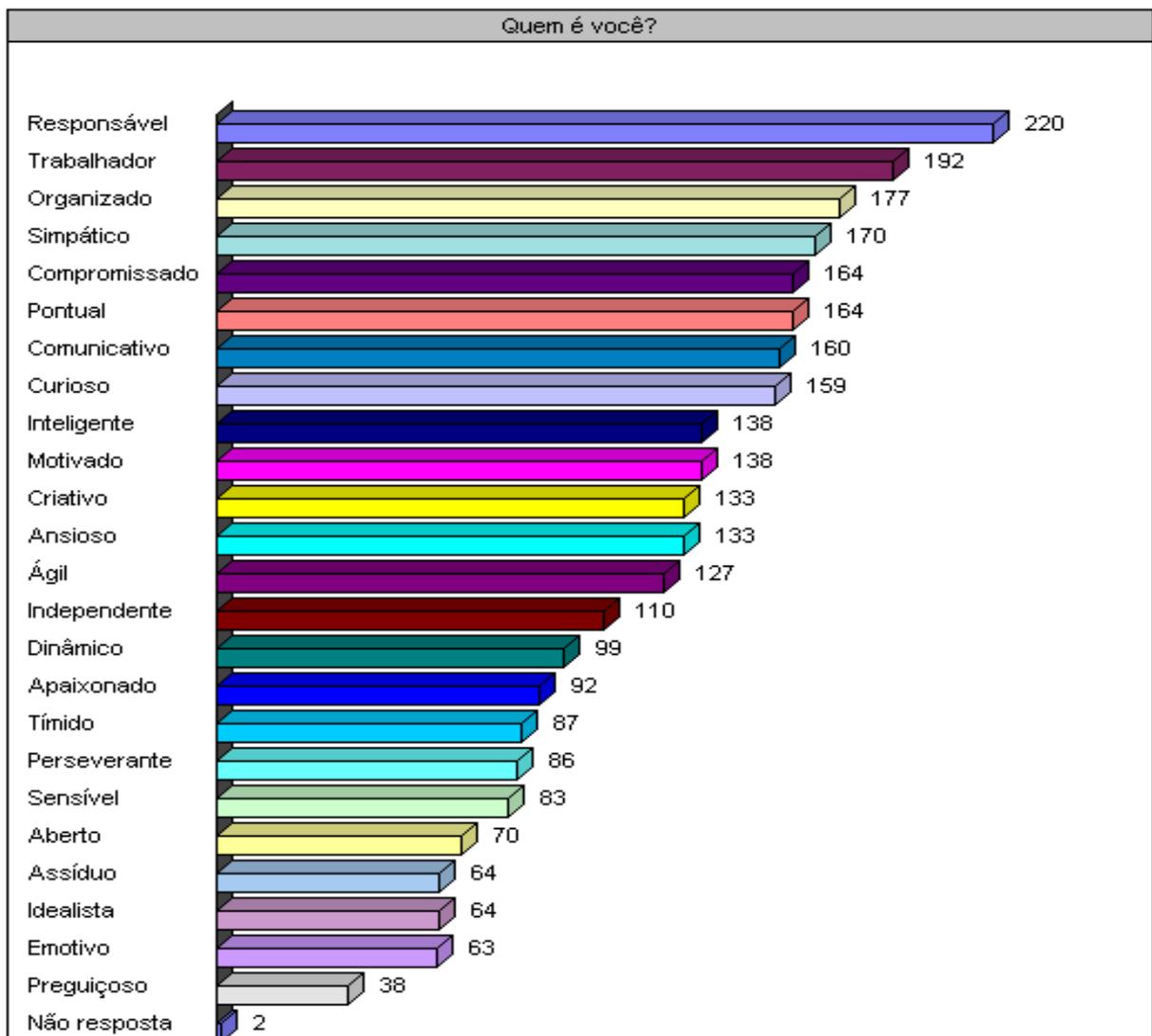
Uma das questões do questionário investigava a percepção que o adolescente tem dele mesmo, o que é particularmente interessante quando relacionada com as características necessárias para ser um bom trabalhador. Em relação às características pessoais, os adolescentes tinham 24 opções, podendo marcar quantas características quisessem, o que justifica o motivo do número bruto de respostas superar 280 – número total de sujeitos pesquisados.

Para essa questão, “Responsável” foi a característica pessoal mais apontada, sendo escolhida por 78,6% dos adolescentes, representando 220 marcações nessa característica. O segundo destaque se deu na característica “Trabalhador” que foi

assinalada por 192 adolescentes, 68,6% do total. A característica “Organizado” foi escolhida por 177 adolescentes, representando 63,2% e foi seguida por “Simpático” que foi marcada por 170 sujeitos de pesquisa, indicando 60,7% do total. Em quinto lugar, ficam empatadas as características “Compromissado” e “Pontual” que foram selecionadas por 164 adolescentes, apontando 58,6% do total.

No lado oposto, somente 38 adolescentes escolheram “Preguiçoso” (13,6%), 63 indicaram “Emotivo” (22,5%) e 64 apontam “Idealista” e “Assíduo” (22,9%) como um de suas características pessoais. Um quarto dos adolescentes pesquisados (70 sujeitos) respondeu que é “Aberto” e 83 adolescentes escolheram “Sensível” (29,6%). Todos esses resultados e os dados das demais características que eram passíveis de escolha estão ilustrados na figura a seguir.

Figura 24 – Distribuição dos resultados acerca das características pessoais dos adolescentes trabalhadores pesquisados.



Foi interessante observar como os adolescentes salientaram características que são importantes para o trabalho, mesmo que a instrução pedisse apenas para o apontamento de características pessoais.

As características “responsável”, “trabalhador”, “organizado”, “simpático”, “compromissado” e “pontual” são importantes e valorizadas no mercado de trabalho e, ao apontá-las, os adolescentes indicam que o desenvolvimento de suas identidades seguem essa vertente.

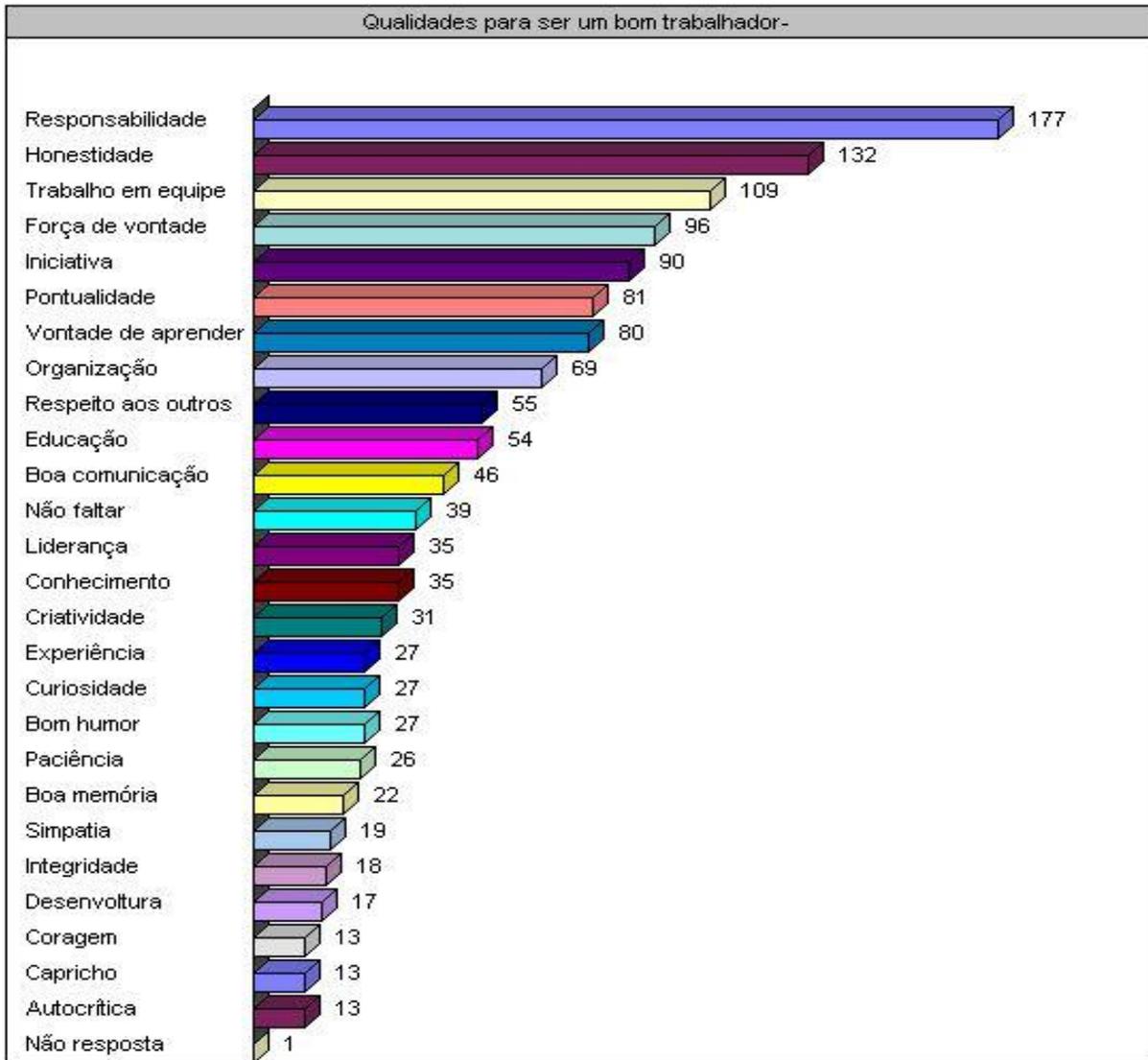
Assim, faz-se necessário retomar a Teoria do Desenvolvimento Psicossocial proposto por Erikson, na qual o conceito de identidade é o resultado da articulação entre as dimensões biológicas, sociais e individuais dos seres humanos, ou seja, é o resultado da articulação entre uma estrutura biológica herdada que sustenta todo o desenvolvimento de qualquer indivíduo, um conjunto de relações culturais que se estabelecem desde o início da vida humana e da capacidade de integração, percepção e memória individuais, que formam as capacidades e características próprias de cada um desses seres humanos (ERIKSON, 1998).

Com isso, pela articulação entre as dimensões biológicas, sociais e individuais, pode-se dizer que a organização das identidades desses adolescentes está ocorrendo também pelas aprendizagens no mundo do trabalho que eles estão vivenciando com suas atividades laborais, visto que esses aspectos da cultura do trabalho influenciam na formação dessa identidade.

Assim, os resultados obtidos apontam que esse período de vivência do conflito “identidade x confusão da identidade” tende a ser resolvido pela construção de uma identidade ligada à ideia de ser trabalhador, de ser produtivo na sociedade em que vivem; algo que é próprio da cultura em que estão inseridos e que encontra respaldo em suas dimensões biológicas, como uma ordenação e sistematização das pulsões, e individuais, como atribuição de uma compreensão positiva em relação a experiência do trabalho.

Também foi interessante observar que algumas dessas características pessoais que os adolescentes apontaram em si também estão presentes dentre as características necessárias para ser um bom trabalhador. Isso porque, nos questionários, uma das questões investigava as qualidades importantes para ser um bom trabalhador e, para isso, solicitava que os adolescentes enumerassem cinco dentre 26 qualidades importantes para ser um bom trabalhador, colocando-as por ordem de importância. Os resultados dessa questão estão na figura a seguir.

Figura 25 – Distribuição das qualidades mais importantes para ser um bom trabalhador



Como pode ser observado, dentre as possibilidades que foram apresentadas aos adolescentes, todas representavam a dimensão informativa das representações sociais, ou seja, indicavam características e comportamentos esperados de trabalhadores que são conhecidos e veiculados pela mídia em geral e pelas as pessoas que estão inseridas no mundo de trabalho, com as quais os adolescentes também tem contato.

Dessa forma, essa questão era particularmente relevante para apontar os conhecimentos que os adolescentes tem sobre as características pessoais e profissionais valorizadas no mercado de trabalho atual que se caracteriza por ser globalizado, competitivo e dinâmico.

Assim, as cinco qualidades mais valorizadas pelos adolescentes foram: (1) Responsabilidade, apontada 177 vezes (13,1%); (2) Honestidade, indicada 132 vezes (9,8%); (3) Trabalho em equipe, considerada por 109 adolescentes (8,1%); (4) Força de vontade, assinalada 96 vezes (7,1%) e; (5) Iniciativa, marcada por 90 adolescentes (6,7%).

No lado oposto, as cinco características menos valorizadas pelos adolescentes foram: (1) Autocrítica, (2) Capricho e (3) Coragem, com apenas 13 apontamentos cada (1,0%); (4) Desenvoltura, indicada 17 vezes (1,3%) e; por fim, (5) Integridade, que foi assinalada 18 vezes (1,3%).

Com esses resultados, é possível perceber que a responsabilidade, a honestidade, o trabalho em equipe, a força de vontade e a iniciativa são qualidades para ser um bom trabalhador que se destacam dentre todas as outras que os adolescentes também tem de informação ou conhecimento sobre os requisitos necessários para se manter no mercado de trabalho, garantindo aquilo que é conhecido como empregabilidade.

A empregabilidade, como já citado anteriormente, é a capacidade de se manter atualizado e ágil em termos técnicos, intelectuais, humanos e sociais (MINARELLI, 2010), ou seja, é uma característica que se espera que o trabalhador desenvolva por si como uma forma de lidar com a dinamicidade do mundo do trabalho.

Dessa forma, é importante ressaltar que todas essas qualidades se referem a atributos que os adolescentes devem desenvolver em si, independente das condições oferecidas por seus trabalhos, demonstrando uma crença de que eles são os responsáveis por manterem-se trabalhando, pois, depende apenas deles serem responsáveis, honestos, trabalharem em equipe terem força de vontade e iniciativa.

Esses resultados relacionam-se com a Teoria da Atribuição, proposta por Fritz Heider que percebeu que, no cotidiano, as pessoas usam o senso comum para entender as causas dos comportamentos das outras pessoas com quem se relacionam e desenvolveu a Teoria da Atribuição que busca estudar os métodos que as pessoas utilizam para interpretar o comportamento de outra pessoa e inferir sobre suas fontes (MICHNER; DELAMATER; MYERS, 2005).

Assim, a atribuição se refere ao processo que um observador utiliza para inferir as causas do comportamento de outras pessoas, pode ser de dois tipos: atribuição disposicional (ou atribuição interna) e atribuição situacional (ou atribuição

externa). Na atribuição disposicional as pessoas atribuem comportamentos aos estados internos de uma pessoa, enquanto que na atribuição situacional esses comportamentos são atribuídos a fatores presentes no ambiente da pessoa (MICHNER; DELAMATER; MYERS, 2005).

O que irá determinar se um observador atribui um comportamento a fatores internos ou externos dependerá da força das pressões situacionais sobre o próprio observador, isto é, das exigências do papel normativo do observador, além de suas recompensas e punições (MICHNER; DELAMATER; MYERS, 2005).

Assim, voltando-se aos resultados, pode-se afirmar que os adolescentes apresentam uma atribuição disposicional a respeito de suas próprias possibilidades de se manterem no mercado de trabalho. Aliás, segundo os resultados, não só eles são os responsáveis para se manter no mercado de trabalho, como todos os trabalhadores são responsáveis, independente, das condições oferecidas pelos ambientes externos, isto é, são atribuições comuns no ambiente de trabalho atual.

Da mesma forma, as cinco qualidades mais valorizadas pelos adolescentes (responsabilidade, honestidade, trabalho em equipe, força de vontade e iniciativa) também foram consideradas importantes nas falas dos sujeitos que participaram das etapas qualitativas da pesquisa.

A responsabilidade aparece diversas vezes, principalmente, quando os adolescentes trazem a “concepção de trabalho” (categoria gerada a partir da análise das entrevistas):

Trabalhar é uma experiência nova, de muita responsabilidade e conhecimento. (Mônica)

Em outra entrevista, com a Lia, foi possível constatar que essa responsabilidade está atrelada a uma ideia de amadurecimento e que é importante trabalhar na adolescência para se atingir a maturidade mais cedo. Esse trecho da entrevista pode ser acompanhado a seguir:

Pesquisadora: O que você acha do adolescente trabalhar?

Lia: Eu acho legal para ele começar a assumir uma responsabilidade.

Pesquisadora: E por que é legal que o adolescente assuma responsabilidade?

Lia: Porque é importante para a pessoa começar a crescer. Se a pessoa demora mais para trabalhar, ela demora mais para ter responsabilidades e demora mais para amadurecer.

Também foi encontrada uma fala na qual a responsabilidade adquirida com o trabalho está atrelada a uma ideia de trabalho como uma batalha.

Para mim, trabalhar é ter uma responsabilidade a mais, é acordar cedo todo o dia, sair de casa, é fazer o que você gosta e que, depois, vai trazer coisas boas, igual ao salário... É acordar cedo todo o dia e ir à batalha! (Catarina)

Com apontado anteriormente, a própria origem da palavra “trabalho” está ligada à ideia de tortura e de um sofrimento para, de alguma forma, garantir-se a sobrevivência (BORGES; YAMAMOTO, 2004). Assim, o trabalho como batalha exigiria do adolescentes uma força para lidar com a situação laboral, portanto, exige do adolescente uma força de vontade para cumprir com as suas obrigações diárias.

As falas referentes ao trabalho em equipe destacaram-se bastante na técnica de coleta de dados de associação livre a partir de figuras, principalmente, nas figuras 1 (pessoas trabalhando em uma montadora de automóveis), 6 (pessoas trabalhando em uma fábrica, encaixotando) e 7 (pessoas jogando futebol) que foram englobadas no eixo “Trabalho”.

Em relação à figura 1, Sofia relatou que a imagem apresentada lhe remetia a um

Trabalho em união, um ajudando o outro. É um tipo de trabalho em equipe, um ajudando o outro. Significa um ajudando o outro, seja no serviço, seja em coisas pessoais. (Sofia)

Outros oito adolescentes – Fernanda, Vitor, Lia, Vicente, Joana, Gabriel, Tatiana e Renato – também falam de trabalho em equipe ao observar a figura 1. Contudo, outros adolescentes também trazem a ideia de trabalho em equipe sem utilizar essa expressão exata, como é o caso da Catarina, por exemplo:

São dois rapazes trabalhando, operando máquina... Significa os dois trabalhando juntos; companheirismo; que um depende do outro para fazer alguma coisa. (Catarina)

Na figura 6, tem-se, novamente, uma repetição de diversas associações ligadas à ideia do trabalho em equipe. No entanto, é importante destacar uma fala da Fernanda e outra do Vicente que trazem uma valoração trabalho em equipe.

Trabalho em uma indústria... Muitas pessoas trabalhando. Em cada parte tem uma pessoa fazendo algo. Aqui tem a moça embalando. Aqui significa a mesma coisa: trabalho em equipe. O trabalho em grupo é o mais produtivo, é o que dá mais resultado, é o mais importante. (Fernanda)

Também é uma fábrica, mas, as pessoas não estão muito felizes não. Acho que estão aqui só por estar mesmo, para receberem dinheiro... Também é um trabalho em equipe. O trabalho em equipe é o que tem de melhor. Você trabalhar sozinho, acho que não tem muito o porquê, não é muito proveitoso! (Vicente)

Por sua vez, na figura 7, alguns adolescentes relacionaram a imagem com uma situação de trabalho enquanto outros indicaram uma situação de lazer. O Marcelo foi um dos adolescentes que relacionou a figura com trabalho e também relatou o trabalho em equipe: *“É um trabalho em equipe também, senão eles não iam conseguir fazer gol!” (Marcelo).*

Vale ressaltar que essa valoração do trabalho em equipe é resultado de uma construção social. Com isso, podemos afirmar que o trabalho em equipe faz parte das representações sociais que os adolescentes tem a respeito do trabalho e que são ancorados nos aspectos sociais do trabalho que valorizados pelo mercado de trabalho e que chegam aos adolescentes pela dimensão informativa das representações sociais.

Concluindo a relação entre as falas dos adolescentes e as cinco qualidades mais importantes para ser um bom trabalhador indicadas pela análise dos questionários, é relevante indicar a fala da Tatiana:

Pesquisadora: Eu queria que você me falasse um pouco sobre o que você acha do adolescente trabalhar.

Tatiana: Eu acho bom porque dá iniciativa melhor, dá conhecimento... Você conhece melhor o que acontece dentro da empresa, dá oportunidade para melhorar no mercado de trabalho mais para frente. (Tatiana)

Dessa forma, com as qualidades indicadas e com as falas, podemos perceber que adolescentes apresentam um discurso bastante difundido no mercado de trabalho a respeito daquilo que é desejável por parte de um trabalhador, o que aponta que os adolescentes pesquisados parecem ter informações sobre a realidade no mundo do trabalho, o que pode ter sido obtida por suas inserções no mercado ou pela formação complementar que é dada pela instituição na qual eles se inserem. Além disso, esse discurso faz parte da ideologia que contribui para a manutenção da sociedade em classes sociais e, evidentemente, os adolescentes trabalhadores, assim como todos os sujeitos dessa sociedade, são influenciados por essas ideologias.

Essas informações sobre o mundo do trabalho também são perceptíveis quando os adolescentes ressaltam aspectos relativos aos cuidados necessários com a segurança no trabalho e com postura adequada em um ambiente de trabalho. As figuras 1 (pessoas trabalhando em uma montadora de automóveis) e 10 (uma cena de trabalho em casa) suscitaram relatos nesse sentido.

Tem duas pessoas montando uma máquina. Eles estão bem equipados, com luva, óculos de proteção. Mas, tem um errado aqui, de bermuda. Significa que o que está de calça é o que está correto. (Vinícius ao falar sobre a figura 1)

Uma mulher com o pé em cima da mesa, num ambiente de trabalho, eu acho ridículo isso, se uma pessoa quer ter respeito no ambiente de trabalho, primeiramente, ela tem que se dar o respeito para as pessoas poderem respeitar ela. E outra, ambiente de trabalho não é lugar das pessoas colocarem o pé na mesa, jogada, ela mesma não está se dando ao respeito. (Catarina ao falar sobre a figura 10)

Essa eu achei errado! Porque está atendendo telefone com o pé em cima da mesa e isso não pode no mercado de trabalho. (Mônica ao falar sobre a figura 10)

A qualidade honestidade que também foi apontada pelos adolescentes como uma das cinco qualidades mais importante para ser um bom trabalhador (e que ainda não foi discutida) também foi bastante referida nas etapas qualitativas da pesquisa. No entanto, optou-se por discutir a questão da honestidade separadamente, pois, nas falas dos adolescentes, essa honestidade estava relacionada com uma ideia de trabalho informal.

Trata-se aqui de trabalho informal como uma condição laboral sem a carteira assinada e sem os respectivos recolhimentos de taxas e impostos junto ao órgão da seguridade social brasileira que garante direitos trabalhistas, como férias, licença maternidade, 13º salário, aposentadoria entre outros.

A figura 2 (uma pessoa trabalhando como feirante), por exemplo, suscitou nos adolescentes pesquisados a ideia de que o trabalho do feirante é um trabalho árduo porque “*ele acorda bem cedo*” (Sofia) e porque o feirante “*está batalhando para viver*” (Bruna). Também foi citado que “*parece que o serviço dele (do feirante) é pequeno diante de muitos que tem por aí*” (Vitor), podendo indicar que Vitor relacionou “serviço pequeno” com uma representação de um trabalho informal.

No entanto, também foram citadas, claramente, a possibilidade de o feirante estar trabalhando informalmente e o fato de, supostamente, o feirante não precisar de qualificações específicas para realizar essa atividade, como nos exemplos de Gabriel e Milena, respectivamente.

Um feirante que vende frutas e verduras... Acho que esse é um trabalho, mas... Não é um trabalho... Como eu posso dizer... Acho que não é um trabalho próprio... Próprio não... Como é que se diz? Acho que não é um trabalho fichado... Mas, a pessoa não deve ter vergonha. É um trabalho digno, se for autônomo ou não.(Gabriel)

É um homem que não teve os seus estudos corretos, digamos assim. Ele não conseguiu fazer uma faculdade, então, ele passou a ser um feirante humilde. (pausa da fala) Significa um trabalho digno, como qualquer um... (Milena)

Essa relação que os adolescentes estabelecem entre o trabalho informal e a falta de estudo – ou ainda, poucos estudos – representa algo que foi bastante discutido por Pierre Bourdieu em toda a sua obra. Bordieu apontava que a escola, especialmente para a pequena burguesia (que se caracteriza por uma classe em transição), adquire o valor de uma instância capaz de satisfazer suas expectativas de êxito social, assim, a escola – e conseqüentemente o estudo – adquirem um ethos de ascensão social (NOGUEIRA; CATANI, 1998).

Nesse sentido, Bordieu coloca que as pessoas possuem a crença de que o diploma afetaria o cargo que poderiam alcançar, assim, conseguir um lugar no mercado de trabalho está vinculado com a capacidade da pessoa em adquirir um

diploma, o que tem mais relação com seu contexto social do que com a sua capacidade para ocupar determinado cargo (NOGUEIRA; CATANI, 1998).

Dessa forma, "os vendedores de força de trabalho têm uma força tanto maior quanto mais importante for o seu capital escolar como capital cultural incorporado que recebeu a sanção escolar e, por esse motivo, está juridicamente garantido" (NOGUEIRA; CATANI, 1998, p.134). Com isso, pode-se dizer que os adolescentes acreditam que os trabalhadores informais, por não obterem o diploma (sanção escolar), não possuíam força para ocupar uma vaga no mercado formal de trabalho.

Além disso, essa figura também suscitou a atribuição de significados de dignidade, honestidade e batalha para garantir o seu sustento, por exemplo:

É uma barraca de (pausa da fala)... Um rapaz trabalhando com dignidade, algumas barraquinhas. Cada um tem um jeito de trabalhar, né? Dignidade, respeito, responsabilidade. (Marília)

Aqui mostra um rapaz, em uma feira, vendendo verduras. Significa que ele tem um ponto de trabalho, ele está trabalhando. É um trabalho honesto. (Melissa)

Um homem vendendo alimentos. É uma feira, né? Significa honestidade. (Laísa)

Aqui um feirante vendendo o seu peixe, vendendo sua mercadoria, fazendo o seu marketing. (Marcelo)

Essas falas a respeito do trabalho informal transmitem a ideia de que, embora os adolescentes percebam esse tipo de trabalho como uma consequência de quem não teve estudos, eles reconhecem algo de positivo nesse contexto e, por isso, atribuem ao trabalhador – e não ao trabalho – um valor moral. Essa valoração do trabalhador informal também esteve presentes nos relatos dos adolescentes a partir da figura 4 (pessoas trabalhando no campo), como ficou claro na fala de Mônica.

Tem umas pessoas plantando alface (pausa na fala). É um trabalho digno, tem muitas pessoas que discriminam as pessoas por um trabalho simples... Mas, é um trabalho digno! (Mônica)

Essa figura também trouxe a suposição de que é o um tipo de trabalho que não exige muito estudo. No caso da fala de Gabriel, o trabalho do agricultor foi

colocado como um tipo de trabalho que serviu como uma alternativa para pessoas que não tiveram opções de estudo e trabalho, algo que reforça as ideias de Bourdieu já discutidas.

É de pessoas trabalhando ruralmente, acho. Eles (pausa da fala)... Me vem na cabeça a pobreza, não a pobreza em si... Mas acho que eles não tiveram muitas chances de estudar ou de trabalho e acabaram optando por esse modo de vida.(Gabriel)

Gabriel também destacou, na figura 6 (pessoas trabalhando em uma fábrica, encaixotando), a falta de estudo requerida para desempenhar um trabalho em uma linha de produção.

Outro linha de produção. Me vem a cabeça que é um trabalho digno por mais que eu acho que não exija muito estudo, mas, é um trabalho digno de se fazer.(Gabriel)

Por outro lado, a figura 1, que apresentava uma imagem de pessoas trabalhando em uma montadora de automóveis, suscitou uma consideração do estudo para o desempenho daquela atividade.

Os homens exercendo a sua profissão, eles estão fazendo o que aprenderam... Significa que eles estudaram. Que eles estão fazendo a peça que eles estudaram... (Milena)

É relevante salientar que durante as sessões de associações a figuras, os adolescentes apresentaram mais períodos de silêncio – antes de iniciar a fala e durante a verbalização de suas percepções – nas figuras 2 e 4. Foi interessante perceber o cuidado que eles apresentaram para escolher as suas palavras durante os relatos. Esses comportamentos foram interpretados em relação à representação – já referida – de um trabalho informal.

Assim, apesar de um desconforto inicial com as imagens, os adolescentes seguiam suas falas com a valorização da pessoa trabalhadora e da atividade que estava sendo representada na imagem. Na figura 2, essa ideia pode ser ilustrada pelas falas de Fernanda e Renato, enquanto que na figura 4 as falas de Sofia e Milena evidenciam esse aspecto.

Eu vejo um atendente vendendo produtos. Um atendente vendendo verduras, legumes e frutas. Bom... Essa está difícil! Acho que é muito importante o trabalho dos vendedores, as pessoas que vendem os produtos para as pessoas. (Fernanda)

Um vendedor. É preciso ter um vendedor para ter as coisas dentro de casa. (André)

Uma feira, parece a feira que tem perto de casa. Eu não sei se é o cliente ou o dono... Ele está vendendo seus produtos. É um comerciante! Ele está atrás do balcão.... É ele o comerciante... É um cara muito trabalhador, ele é o ganho pão dele... A gente vê pela mão dele, é uma mão bem judiada, coitado! E a roupa dele é simples, é um trabalhador mesmo. (Renato)

É um senhor que vende, acho que alface. Ele planta, ele cuida, ele colhe e manda para mercados, para lugares que podem revender, algo assim... Ele busca ajudar, sabe? Ele faz isso para ganhar dinheiro e até mesmo para ajudar a gente, né? Porque sem alimentação, sabe? A alface, salada, uma delícia, né? (Sofia)

Pessoas de classe média, vamos dizer assim, cuidando da horta que vai ser levado para o mercado. (pausa da fala) Significa um trabalho cuidadoso com os nossos alimentos. (Milena)

A questão do trabalho informal também foi investigada no questionário. Determinada questão investigava o grau de concordância dos adolescentes com a afirmação “Se for para ganhar pouco e sem carteira assinada, eu prefiro ficar sem trabalhar”. Diante dessa afirmação, a maioria dos adolescente apresentou respostas de discordância, sendo que 39 adolescentes discordaram totalmente, representando 13,9%, e 93 discordaram, o que significa 33,2% do total de adolescentes pesquisados. Com essa resposta, fica evidente que os adolescentes preferem ter uma atividade laboral ainda que essa não seja realizada com um registro formal.

Diante da afirmação de que “O trabalho sem vínculo empregatício é um trabalho honesto como qualquer outro”, 137 adolescentes deram respostas de concordância, sendo 26 respostas de concordância total (9,3%) e mais 111 respostas de concordância (39,6%). A afirmação “Fazer “bico”, mesmo que seja para ganhar pouco, é melhor do que ficar parado, sem ganhar dinheiro” suscitou 194

respostas de concordância por parte dos adolescentes pesquisados, desses, 78 concordaram totalmente (27,9%) e 116 concordaram (41,4%).

Essa relação entre trabalho informal e o retorno financeiro a partir dele também foi investigada na afirmação “O trabalho sem vínculo empregatício é um mal necessário quando não se tem outra opção para ganhar dinheiro”, contudo, para essa questão, 119 adolescentes (42,5%) responderam ser indiferentes (“nem concordo nem discordo”). Supõe-se que essa indiferença se dê pela expressão “mal necessário”, uma vez que as respostas anteriores de valorização do trabalho informal não trouxeram a ideia desse como algo negativo.

Aproveitando-se da investigação da importância do retorno financeiro em um trabalho, reuniu-se a esse grupo de questões, uma afirmativa que colocava o trabalho como a coisa mais importante que o trabalho traz. Diante dessa questão, 98 adolescentes apresentaram discordância (35%) e 37 discordaram totalmente (13,2), significando que os adolescentes não colocam o retorno financeiro como a consequência mais relevante a partir da experiência do trabalho.

A partir desses resultados descritos, criou-se uma tabela (tabela 1) que pudesse apresentar os resultados dessas questões específicas, possibilitando uma visão geral da temática acerca do trabalho informal.

Tabela 1 – Resultados das questões do questionário que investigavam à questão do trabalho informal.

Questões	Discordo totalmente		Discordo		Nem concordo nem discordo		Concordo		Concordo totalmente		TOTAL	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Se for para ganhar pouco e sem carteira assinada, eu prefiro ficar sem trabalhar.	39	13,9	93	33,2	80	28,6	37	13,2	31	11,1	280	100
O dinheiro é a coisa mais importante que o trabalho traz.	37	13,2	98	35	86	30,7	40	14,3	19	6,8	280	100
O trabalho sem vínculo empregatício é um trabalho honesto como qualquer outro.	16	5,7	39	13,9	88	31,4	111	39,6	26	9,3	280	100
O trabalho sem vínculo empregatício é um mal necessário, quando não se tem outra opção para ganhar um dinheiro.	15	5,4	54	19,3	119	42,5	73	26,1	19	6,8	280	100
Fazer "bico", mesmo que seja para ganhar pouco, é melhor do que ficar parado, sem ganhar dinheiro.	11	3,9	24	8,6	51	18,2	116	41,4	78	27,9	280	100

Com esses resultados, é possível verificar que os adolescentes valoram o trabalho mesmo que esse ocorra em uma situação de informalidade, até mesmo, porque, como será discutido em outros blocos de análise, o trabalho para esses adolescentes proporcionam reconhecimento e aprendizados que não se limitam a uma preocupação com a questão financeira e/ou com a garantia da seguridade social que o trabalho formal proporciona.

Esse aprendizado proporcionado pela experiência de trabalho ficou mais evidente na próxima questão deste bloco de análise. Essa questão solicitava que os adolescentes apontassem uma definição do que seria trabalhar para eles. Dentre as possibilidades de respostas estavam itens que se referiam às dimensões informativas e imagéticas das representações sociais (MOSCOVICI, 2012).

Como já foi dito anteriormente, a dimensão informativa se refere às informações e conhecimentos que os adolescentes podem ter acesso. Por sua vez, a dimensão imagética (ou campo representacional) expressa conteúdos concretos e limitados que os grupos sociais formulam a partir de determinado objeto, podendo ser apresentada como uma imagem ou como uma opinião (MOSCOVICI, 2012).

Nessa questão, consideram-se como dimensão informativa os seguintes itens: Adquirir responsabilidade; Adquirir aprendizagem; Tornar-me competitivo no mercado de trabalho; Adquirir experiência para o currículo e; Uma forma de me profissionalizar.

Por sua vez, como dimensão imagética, o questionário apresentava as seguintes possibilidades de respostas: Ser feliz; Ajudar minha família financeiramente; Ter o meu próprio dinheiro; Mostrar para os outros que eu sou capaz; Uma forma de passar o tempo; Sentir-me útil; Aprender a conviver com as pessoas, conversar, ser educado; A sensação de consciência limpa, de estar contribuindo com alguma coisa; Mais do que o dinheiro, é uma forma de melhorar de vida; Uma forma de ficar longe de coisas erradas e; Uma forma da gente ganhar dinheiro e não depender tanto dos pais.

Dessa forma, verificou-se como resultado que os adolescentes definem o trabalhar de acordo com os conhecimentos e informações que possuem, não aparecendo a dimensão imagética nas três respostas mais frequentes.

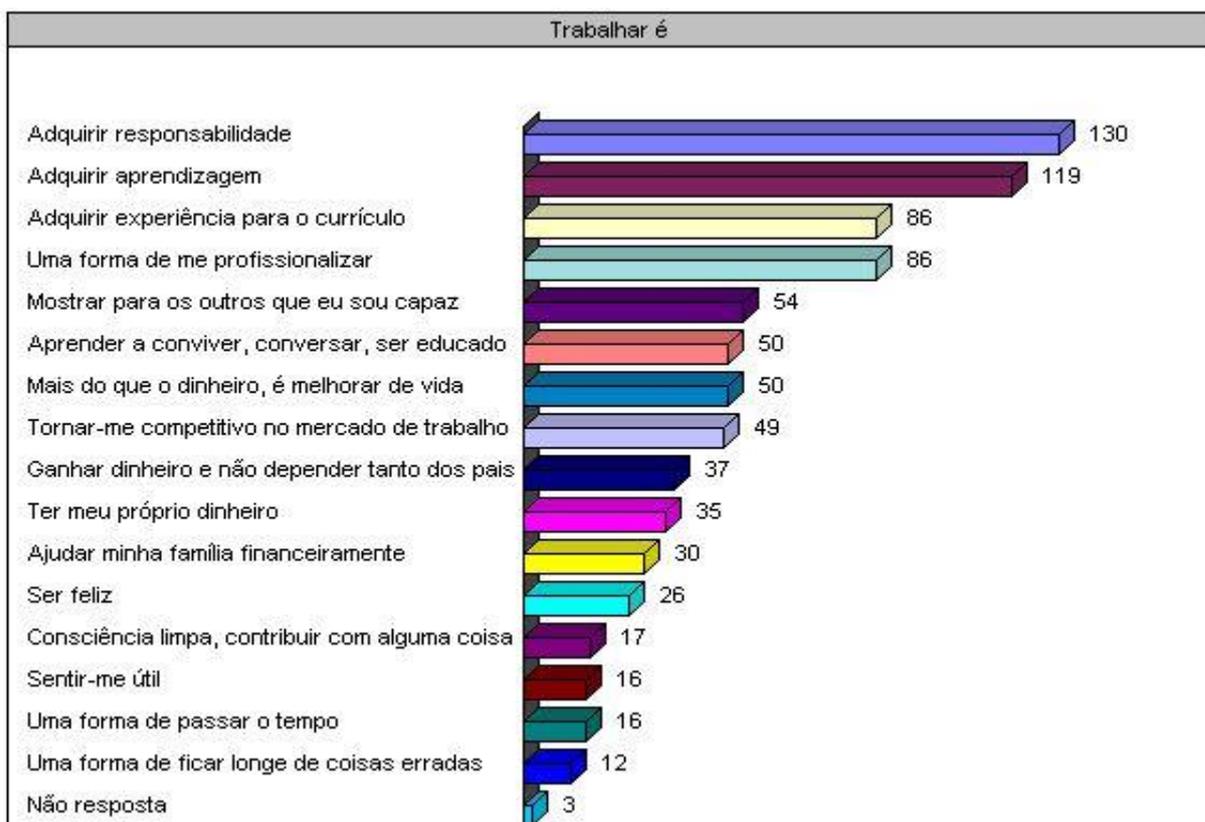
O item mais assinalado pelos adolescentes foi que trabalhar é “Adquirir responsabilidade”, sendo indicado 130 vezes (15,9%). Em segundo lugar, foi

apontado o item “Adquirir aprendizagem” como resposta para o que é trabalhar para 119 adolescentes (14,6%). Por fim, empatado em terceiro lugar, “Adquirir experiência para o currículo” e “Uma forma de me profissionalizar” foram assinalados por 86 adolescentes cada (10,5%), como pode ser visto na figura 26.

Da mesma forma que as três respostas mais frequentes se referem à dimensão informativa das representações sociais, as três respostas menos frequentes se referem ao campo representacional ou dimensão imagética. A resposta “Uma forma de ficar longe de coisas erradas” foi apontada apenas 12 vezes (1,5%) e; “Uma forma de passar o tempo” e “Sentir-me útil” foram indicadas por 16 adolescentes, cada (2,0%).

Dessa forma, pode-se dizer que as dimensões imagéticas que os adolescentes trabalhadores elaboram sobre o trabalho ficam em um segundo plano quando eles precisam definir essa atividade laboral, buscando fundamentar as suas respostas naquilo que efetivamente conhecem. Isso pode ser favorecido pelo fato desses adolescentes já estarem inseridos no mercado de trabalho, vivenciando essa realidade todos os dias. Todos esses resultados citados estão na figura 26.

Figura 26 – Distribuição das definições do que é trabalhar para os adolescentes trabalhadores pesquisados.



A responsabilidade mais uma vez está presente atrelada à ideia do trabalho (como já foi discutido anteriormente), porém, nessa questão, dá-se destaque para atribuição de uma definição de trabalho ligada à aquisição de aprendizagem, de experiência para o currículo e do trabalho como uma forma de se profissionalizar.

Essas respostas indicam a forma como os adolescentes concebem o trabalho e isso muito tem a ver com as suas próprias experiências com a atividade laboral, porém, essa concepção de que o trabalho seria importante para essa profissionalização apareceu na categoria “Motivos para os adolescentes começarem a trabalhar”, elaborada a partir das entrevistas, indicando que essa expectativa de aprendizagem e profissionalização já estava presente quando os adolescentes resolveram começar a trabalhar.

A categoria “Motivos para os adolescentes começarem a trabalhar”, reuniu os relatos dos adolescentes que apontavam as razões que os levaram a procurar uma colocação no mercado de trabalho. Essas razões foram agrupadas em quatro subcategorias – “incentivo”; “questão financeira”; “preocupação com o futuro” e; “curiosidade” – que serão discutidas e interpretadas separadamente.

Em relação ao incentivo para começar a trabalhar, a própria instituição pesquisada foi apontada como uma grande incentivadora para o início da vida laboral desses adolescentes. Como essa instituição oferece diversos programas para atender crianças e adolescentes, alguns dos sujeitos pesquisados já frequentavam projetos assistenciais desde crianças e a passagem de um projeto para o outro se deu de maneira natural pelo próprio envolvimento do adolescente com as atividades organizadas pela instituição.

Ainda na subcategoria “incentivo” apareceram falas que apontam que a figura da mãe ou dos pais foram fundamentais para que o adolescente procurasse se inserir no mercado de trabalho. Esse incentivo foi relatado como algo positivo e não como uma imposição, como pode ser percebido no relato de Gabriel:

*Pesquisadora: O que incentivou você a começar a trabalhar?
Gabriel: Meus pais. Eu só pensava em estudar, assim, eles não me obrigaram a trabalhar, mas, eles queriam que eu trabalhasse para que eu fosse um pouco independente, que eu conseguisse o meu quarto, conseguisse as coisas que eu quero, celular, computador... Eles nunca me deram isso, mas, tudo que eu tenho hoje foi por causa do meu trabalho e eu não me arrependo... Assim, estudo ainda, mas, não me arrependo*

de ter começado a trabalhar. Então, eu acho que foi isso que me incentivou a eu conseguir as coisas que eu quero. (Gabriel)

Além disso, o relato de Gabriel também deixa explícito como o incentivo dos pais foi no sentido de impulsionar o adolescente a buscar certos bens materiais com o seu trabalho, deixando, assim, apenas a responsabilidade pelo sustento básico de moradia e alimentação com os seus pais. Da mesma forma, outros relatos trouxeram a ideia de que os pais incentivam o trabalho na adolescência para que seus filhos possam comprar as suas coisas pessoais.

*Pesquisadora: E, o que incentivou você a começar a trabalhar?
Lia: Foi a minha mãe, ela me incentivou, independente de onde eu fosse conseguir emprego... Ela falou: “vai lá, ganha, pelo menos, o seu dinheiro para comprar as suas coisas, o que você quer.”. Aí eu comecei a gostar. (Lia)*

*Pesquisadora: E, o que incentivou você a começar a trabalhar?
Sofia: Acho que a minha mãe, porque, assim, lá em casa é tudo ela, tudo é a minha mãe. Então, eu queria poder ajudar um pouco em casa também, né? Ajudar minha mãe, meu pai, meu irmãozinho pequenininho, também, às vezes... Isso é bacana.(Sofia)*

Ideia semelhante foi apontada por Amazarray et al. (2009) que indicou que é comum que pais das classes populares tenham a crença de que após o término do Ensino Fundamental o adolescente também deva começar a trabalhar para ajudar a família e arcar com próprios gastos. Além disso, Watari e Romanelli (2010) também indicaram que os pais incentivam que os seus filhos adolescentes busquem um trabalho, pois, tem a esperança que os seus filhos possam adquirir, mais rapidamente, certa independência.

Outra fala, a de Bruna, traz uma ideia distinta de incentivo. Bruna relatou que o incentivo da sua mãe era no sentido de lhe indicar que o trabalho era a primeira oportunidade de aprender coisas sobre o mundo; o trabalho foi colocado como um ambiente no qual se aprende sobre tudo e, dessa forma, a mãe de Bruna lhe incentivou a buscar um trabalho.

A minha mãe, quando ela tinha a minha idade, ela não teve tantas oportunidades assim, então, ela falava que um serviço era a primeira oportunidade. Então, sem serviço eu não seria

nada. Se você não trabalha, se você não tem uma cultura, assim... De saber o que tem no mundo... Porque no trabalho você aprende tudo, você conhece coisas diferentes... Minha mãe falava muito isso para mim. (Bruna)

Esse incentivo vinculado a uma indicação do valor moral do trabalho também foi discutido por Sousa e Alberto (2008) que concluíram que o trabalho na adolescência, mais do que ocupar o tempo ou propiciar um aprendizado, é uma virtude valorizada pelas pessoas. Ser trabalhador é colocado como uma qualidade e não como resultado de uma necessidade da vida das pessoas.

Dessa forma, quando Bruna relata que sua mãe coloca o trabalho como um ambiente no qual se aprende sobre tudo, é possível a representação de certa idealização da situação de trabalho, apontando o desejo dessa mãe em ter uma filha trabalhadora e, conseqüentemente, “virtuosa”.

Essa questão da virtude, também pode ser percebida quando os adolescentes relatam que procuraram um trabalho pelo exemplo que viam de pessoas de suas famílias indo trabalhar, que apareceu na subcategoria “curiosidade”. Esse exemplo pode ser relacionado com a admiração que essa atitude – ir trabalhar – despertava nos adolescentes.

Assim, quando a gente é criança a gente só quer bagunçar, né? Mas quando eu tinha 13, 14 anos, eu via o pessoal indo trabalhar e pensava que eu queria ir trabalhar também, né? (Vitor).

Percebe-se, então, uma valorização da vida adulta por meio do desempenho de uma atividade laboral, colocando também o trabalho na adolescência como algo que pode proporcionar aprendizagens importantes para o mercado de trabalho e para a vida profissional adulta.

Ainda na subcategoria “Curiosidade” – que foi criada para reunir as falas dos adolescentes que buscaram uma atividade laboral por interesse próprio e pela curiosidade a respeito do mundo do trabalho – os adolescentes relataram a crença de que o trabalho poderia “*ser bom futuramente, para aprender e sempre buscar um desafio*” (Marcelo) e para “*poder ter um futuro melhor, ter conhecimento*” (Tatiana).

Essas falas tem relação direta com a subcategoria “Preocupação com o futuro”, Rebeca relacionou o trabalho na adolescência com a ideia de que esse pode

proporcionar um conhecimento que será decisivo para escolha de uma profissão, o que incentivaria os adolescentes a buscarem um trabalho.

Eu não queria começar a trabalhar, minha mãe me colocou porque dá um incentivo, né? E eu comecei a gostar, ainda mais porque era para trabalhar na E. (empresa), né? Eu acho muito bom, acho que me mudou muito, porque foi a partir do meu trabalho que eu quis fazer engenharia. Na minha área tem dois engenheiros, o meu gerente começou a me dar umas dicas e eu comecei a gostar. Aí eu estou fazendo engenharia e gostando. (Rebeca)

Assim, a subcategoria, “preocupação com o futuro” abrange os conteúdos das entrevistas que indicavam que os adolescentes buscaram um trabalho, visando ter novos aprendizados, ter conhecimentos sobre profissões que os possibilitassem escolher o que gostariam para o futuro, além de conteúdo que indicavam que o trabalho poderia ser uma via para proporcionar uma possibilidade de continuação dos estudos com uma faculdade e assim melhorar suas condições de vida.

Essa subcategoria é particularmente interessante quando observada em relação às repercussões que o trabalho acarreta na vida de adolescentes, Mattos e Chaves (2010) indicaram que o trabalho pode ter uma dimensão positiva na vida de adolescentes se esse aumentar o interesse deles no estudo.

Contudo, nessa subcategoria, esse interesse pela continuidade dos estudos foi a motivação para iniciar uma atividade laboral e não uma consequência dela. Dessa forma, é possível interpretar essa preocupação com o futuro como o movimento que os adolescentes passam em seu desenvolvimento pela busca de sua identidade, conforme a teoria psicossocial de Erikson.

Além dessa busca de construção de seu papel para si e diante a sociedade, vivenciada pelo conflito identidade X confusão de identidade, os adolescentes também experienciam uma curiosidade e vontade de conhecer o mundo.

Essa característica da adolescência é também pode ser articulada com a subcategoria “curiosidade”. Isso porque alguns dos adolescentes pesquisados apontaram que começar a trabalhar porque queriam “*conhecer como era a rotina de ter um trabalho*” (Lia) e porque queriam “*conhecer pessoas novas*” (Joana).

Essa vontade de buscar uma sociabilidade além de seus contatos com família e com colegas de escola também pode ser entendida a partir da necessidade de

adolescentes de reconhecerem como membros de um grupo nos quais pertençam. Dessa forma, alguns adolescentes que valorizam comportamentos de pessoas que trabalhavam, podem ter se inserido no mercado de trabalho, visando conhecer pessoas que compartilhassem desses seus valores.

A última subcategoria de “Motivos para o adolescente começar a trabalhar”, a “questão financeira”, foi bastante apontada pelos adolescentes trabalhadores possivelmente porque o próprio incentivo dos pais destacava o aspecto financeiro.

Assim, a questão financeira foi apontada diversas vezes como um fator que motivou o início do desempenho de atividades laborais. As falas da Laísa, da Joana e da Catarina representam bem a preocupação dos adolescentes em aliviar as responsabilidades financeiras de seus pais.

Pesquisadora: E, o que incentivou você a começar a trabalhar?

Laísa: Ajudar os meus pais, porque já tinha aquela coisa deles terem despesas comigo, às vezes, a gente quer uma coisa melhor e os pais tem que ficar comprando... Então, eu preferi trabalhar. Agora eu compro as minhas coisas, pago o meu curso de gestão e logística e informática. (Laísa)

Joana: Você poder trabalhar, aprender coisas novas, conhecer pessoas novas, poder comprar o que você quer, sabendo que você tem o seu dinheiro. É muito bom, muito bom. Você pode comprar o que você quiser sem ter que pedir dinheiro para os seus pais. E também acho que muda a visão do trabalho. (Joana)

Pesquisadora: O que incentivou você a começar a trabalhar?

Catarina: Eu sempre quis trabalhar para eu ter meu próprio dinheiro para eu parar de pedir dinheiro para a minha mãe e para o meu pai porque eu acho que eles sempre deram tudo, mas, eu sempre quis ter o meu, não ficar só querendo o deles. Eles me dão dinheiro ainda, mas, eu dependo mais do meu do que do deles. Então para mim eu acho bom... E, depois, a minha responsabilidade aumentou depois que eu fiquei trabalhando. (Catarina)

Dessa forma, assim como foi indicado por Amazarray et al. (2009) que destacou a condição financeira da família de origem desse adolescente como um forte fator na determinação do trabalho na adolescência, a presente pesquisa também verificou essa determinação, especialmente em falas que atrelaram o trabalho a uma ideia de sustento de si e de sua família.

Marília: É importante o adolescente trabalhar, porque, se ele não trabalhar como ele vai sustentar a casa, como que ele vai comprar as coisinhas dele?

Pesquisadora: E você acha que o adolescente tem que sustentar a casa?

Marília: Tem que ajudar, porque se não ajudar quem que vai ajudar ele? (Marília)

Pesquisadora: E, o que motivou você a começar a trabalhar?

Melissa: Foram as dificuldades mesmo, a questão financeira, né? Por eu ter perdido o meu pai, então, eu tive que trabalhar porque a minha mãe não pode trabalhar. E como ela não tinha um trabalho, eu fui obrigada, assim, a trabalhar. E eu queria também, poder ajudar a minha mãe, então, isso me fez querer procurar um emprego. (Melissa)

No caso da Melissa, em particular, podemos observar que há uma circunstância de vida que a colocou como uma das provedoras principais da família, o que somente foi observado em seus relatos, pois, os outros vinte e dois adolescentes entrevistados colocaram a sua renda apenas como um complemento a renda familiar.

No entanto, o que é importante destacar dentre os resultados dessa subcategoria é que a necessidade financeira e o desejo de ajudar no sustento da família não foram os únicos motivos apresentados, também aparecendo nos relatos dos adolescentes a vontade de ter dinheiro para não ser dependente financeiramente dos pais, indicando uma desejo de independência financeira por parte dos adolescentes e não apenas a ajuda em uma dificuldade de sustento da família. Também é importante ressaltar como foi possível identificar um desejo de consumo como um importante fator que lhe incentivou a buscar um trabalho, algo que também havia sido encontrado no estudo de Lachtim e Soares (2009).

Voltando aos resultados quantitativos, uma das questões do questionário investigava o significado do trabalho para os adolescentes trabalhadores, para a qual os adolescentes poderiam marcar, no máximo, três alternativas. Nessa questão, as possibilidades de resposta abrangiam as três dimensões das representações sociais: a informação; o campo de representação e; as atitudes.

As possibilidades de resposta que pertenciam à dimensão informativa eram: O trabalho me ajuda a aprender uma profissão; Trabalhando você aprende a ter mais responsabilidade, cumprir horários e se esforçar para fazer o que é esperado

que você faça e; O trabalho me ajuda a enxergar a vida de outro modo, onde eu posso crescer como pessoa e profissional.

Em relação à dimensão imagética foram apresentados aos adolescentes como possibilidades de resposta os seguintes itens: Somente o trabalho pode me garantir um futuro melhor; O trabalho é importante porque com ele eu ganho o meu dinheiro e sou independente, não preciso mais dos meus pais para me bancar; O meu trabalho é uma oportunidade de mostrar o meu potencial, que eu posso ser útil e; No trabalho eu posso ser visto como pessoa, que pensa, tem opiniões e pode contribuir com alguma coisa importante.

Por fim, em relação às atitudes, que determinam as orientações dos sujeitos a respeito do objeto de representação social – no caso, o trabalho – tem-se apenas uma possibilidade de resposta: Mesmo se eu tivesse muito dinheiro e não precisasse, eu continuaria a trabalhar. Para essa questão os adolescentes poderiam marcar três alternativas, considerando aquilo que o trabalho significava para eles, o que faz com que os resultados ultrapassem 280. Os resultados estão apresentados na figura a seguir.

Figura 27 – Distribuição do significado do trabalho para os adolescentes trabalhadores pesquisados.



Voltando-se aos resultados, percebe-se que, novamente, os três resultados mais frequentes referiam-se à dimensão informativa das representações sociais, são eles: (1) “O trabalho me ajuda a enxergar a vida de outro modo, onde eu posso crescer como pessoa e profissional”, apontado 172 vezes (21,2%); (2) “Trabalhando você aprende a ter mais responsabilidade, cumprir horários e se esforçar para fazer

o que é esperado que você faça”, indicado por 165 adolescentes (20,4%) e; (3) “O trabalho me ajuda a aprender uma profissão”, assinalado 126 vezes (15,6%).

Do lado oposto, as três respostas menos frequentes englobaram tanto à dimensão imagética quanto à atitude. Foram elas: “Somente o trabalho pode me garantir um futuro melhor”, assinalado por 50 adolescentes (6,2%); “Mesmo se eu tivesse muito dinheiro e não precisasse, eu continuaria a trabalhar”, apontada 53 vezes (6,5%) e; “O trabalho é importante porque com ele eu ganho o meu dinheiro e sou independente, não preciso mais dos meus pais para me bancar”, indicada por 70 adolescentes (8,5%).

A representação que os adolescentes apontam que o trabalho lhes proporciona crescimento pessoal e profissional, além da aprendizagem de responsabilidades e de uma profissão, também pode ser observada nas falas dos adolescentes na categoria “concepção de trabalho”, elaborada a partir das entrevistas, na qual os sujeitos trouxeram conceitos a respeito do trabalho que foram elaborados a partir da experiência laboral.

Os adolescentes relacionaram muito a experiência do trabalho com a ideia de oportunidade, transmitindo a ideia de que o trabalho lhes trouxe aprendizagem e uma possibilidade de se preparar para o futuro, como pode ser observado nas falas a seguir.

Eu acho que é uma coisa ótima [o adolescente trabalhar], ele tem a percepção do trabalho cedo já, vê como funciona, aprende muita coisa. É muito bom. Quando a gente sair, vai estar mais preparado já, ter uma visão de trabalho, como que é, ter um diferencial dos outros, é muito bom ter essa percepção mais cedo. (Juliana)

Pesquisadora: O que você acha do adolescente trabalhar?

Lia: Eu acho legal para ele começar a assumir uma responsabilidade.

Pesquisadora: E por que é legal que o adolescente assuma uma responsabilidade?

Lia: Porque é importante para a pessoa começar a crescer. Se a pessoa demora mais para trabalhar, ela demora mais para ter responsabilidade e demora mais para amadurecer. (Lia)

[O trabalho na adolescência] Ajuda a ter mais conhecimento, a ter mais chances no mercado de trabalho. E também ajuda o adolescente ter uma visão mais além, porque ele já começa

*com uma experiência boa na ***** (instituição) e, depois disso, ele sai e, por conta própria, vai procurar o que ele quer. (Vicente)*

Eu acho que [trabalhar na adolescência] é uma forma de você conseguir mais experiência, porque, assim, você completando a maior idade, você já tem que procurar um emprego mais de acordo com a faculdade que você completou, então, eu acho que é experiência a mais, uma aprendizagem a mais. (Milena)

O trabalho na minha vida foi uma grande oportunidade... Para todos os adolescentes, eu acho que é uma grande oportunidade de estar aprendendo, acho que é isso... Aprender a ter conhecimento, de como será daqui para frente... Ter passado em uma entrevista [de emprego], saber como me comportar e como serão as próximas entrevistas... Acho que é isso que eu vou levar muito. (Fernanda)

As falas de Vicente, Milena e Fernanda são particularmente interessantes, pois, colocam em evidência a relação que os adolescentes estabelecem entre a “oportunidade” do trabalho na adolescência e as consequências positivas que essa experiência pode proporcionar em suas vidas profissionais, sem ter nenhuma fala que apresentasse, nessa categoria, uma conotação negativa do trabalho na adolescência.

Além disso, essas falas que se referem ao trabalho na adolescência como uma oportunidade para o futuro expressam um aspecto da representação social do trabalho para esses adolescentes, que se ancora em elementos sociais do valor moral do trabalho que encontra eco em ditos populares como “Deus ajuda, quem cedo madruga”, trazendo a ideia de que o esforço realizado na adolescência (pela dupla jornada trabalho-estudo) será recompensado no futuro, com a possibilidade de cursar uma faculdade e de conseguir um bom emprego.

A questão específica da faculdade ficou evidente na fala da Sofia que colocou o trabalho na adolescência como algo que pode lhe proporcionar condições financeiras de pagar uma faculdade.

[Trabalhar] É uma experiência bem legal, é uma experiência de você aprender, sabe? Tipo, muitas pessoas falam que trabalhar é chato, que não tem graça, mas, não... A gente precisa ver o lado bom, a gente trabalhando, a gente ganha para a vida também, né? Eu acho que trabalhar é bem legal, é uma forma,

é um novo mundo porque antes o mundo era só escola, curso... Agora, você trabalhando, se você também quiser fazer um curso, uma faculdade, agora você também pode fazer porque você tem dinheiro para pagar, porque nem sempre pai e mãe tem dinheiro para isso, né? Eu acho bem legal...

Também é relevante destacar que o trabalho na adolescência é significado por eles como algo tão positivo que mesmo diante de questões sobre o trabalho ideal, eles colocam a experiência de trabalho deles como “perfeita”, o que representa a dimensão atitudinal das representações sociais.

Assim, dentro da categoria “Trabalho ideal”, criada a partir da análise de conteúdo com as entrevistas, essa representação do trabalho como algo ideal foi justificado pelo fato que essa experiência proporciona aprendizagens e oportunidades, como pode ser observado nas seguintes falas:

O trabalho é tudo, depois da minha vida, o trabalho é tudo... Como foi o meu primeiro trabalho, eu me identifiquei com tudo. Primeiro eu caí de paraquedas, eu não sabia nada, mas, acho que agora o trabalho é tudo... Eu não me vejo sem trabalhar... Foi ali que eu conquistei muitas coisas, é onde eu aprendi muita coisa, a conviver com as pessoas, aprendi a respeitar o espaço das outras pessoas e a conviver mais com as pessoas... Lidar com os problemas... Acho que, para mim, o trabalho é tudo! (Renato)

Eu gosto do que eu faço! A oportunidade aparece uma vez só e a gente tem que aproveitar. Cada minuto que você passa lá é maravilhoso, não tem tempo para desperdiçar. O tempo que eu estou lá... Não sei descrever... É uma sensação boa, “eu gostaria de ficar muito tempo aqui”, mais do que estudar, mais do que... Sei lá, é muito bom! Eu acho que resumindo tudo em uma palavra é maravilhoso trabalhar. (Vicente)

Essa ideia de que o trabalho é “tudo” (Renato) e “maravilhoso” (Vicente), somam-se as falas de Bruna e Gabriel que colocam o trabalho como algo tão bom que eles sequer gostam de finais de semana e férias, o que representa a importância do papel do trabalho em suas vidas.

O trabalho é muito importante para mim. Ano que vem acaba o meu contrato e eu já estou correndo atrás de serviço porque eu não consigo, eu sinto falta. No final de semana, eu fico em

casa e eu sinto falta de estar no serviço porque, para mim, é uma coisa gostosa de fazer. (Bruna)

Eu achava que o trabalho isso ser algo muito duro, achava que eu ia ser um escravo, praticamente, mas, não foi isso, sinceramente, eu acho que hoje eu não vivo sem trabalhar, eu não me imagino... Eu tirei férias, morri em casa, tirei férias durante 30 dias, eu nunca mais quero tirar férias! Não consigo... Eu acho que o trabalho me faz bem, eu não me imagino sem trabalhar, eu realmente gosto de trabalhar. (Gabriel)

O trabalho é tudo para mim, é uma parte da minha vida que está lá. (Laísa)

Essas falas mostram uma idealização de seus trabalhos, indicando que os adolescentes percebem o trabalho como algo é intrínseco às suas vidas e, possivelmente, às suas identidades. Eles não representam o trabalho como algo importante pelo seu retorno financeiro ou pela necessidade de serem produtivos para se adaptarem às normas da sociedade, mas, como algo que lhes garante um espaço no mundo. No trabalho e pelo o trabalho eles devem ser reconhecidos e, dessa forma, as construções de suas identidades estão vinculadas a ideia de ser trabalhador.

No entanto, é importante destacar que houve uma única fala, a do Vitor, que destacou que essa positividade atribuída ao trabalho na adolescência somente é possível, pois, a experiência laboral que eles possuem é uma experiência vinculada a um programa de aprendizagem, que estimula a participação dos adolescentes no mercado de trabalho, mas, que também oferece apoio e estímulo à aprendizagem com cursos que complementam as atividades laborais.

Quando o adolescente trabalha, tudo regulamentado, certinho, bonitinho que nem a gente faz aqui, como aprendiz. Eu acho que é bom, porque, por exemplo, se você chegar no mercado de trabalho com 18 anos sem ter um bom currículo, fica difícil você conseguir um emprego, então, em parte, isso beneficia o adolescente porque ele ganha uma experiência, um curso e isso ajuda muito na hora que acabar o contrato, de ele conseguir um novo emprego. (Vitor)

Dessa forma, a fala de Vitor encerra este bloco de análise, destacando que a valoração do trabalho como algo positivo para os adolescentes tem relação com o

fato de esse ser realizado em uma situação de aprendizagem, da mesma forma como foi verificado nos estudo de Mattos e Chaves (2010).

Assim, os resultados desse bloco de análise permitem afirmar que os significados do trabalho para os adolescentes trabalhadores estão atrelados a uma ideia de aprendizagem, oportunidade, experiência, aquisição de responsabilidade, amadurecimento e um forte valor moral ligado à ideia de ser trabalhador, sendo todos esses, elementos das representações sociais do trabalho para adolescentes.

Com isso, o primeiro bloco de análise, “Significados do trabalho”, possibilitou a identificação de alguns elementos de representações sociais do trabalho para os adolescentes como, por exemplo, a relação que os adolescentes estabelecem entre o trabalho e a possibilidade de serem mais reconhecidos e valorizados por suas famílias e perante a sociedade. Essa representação se ancora em aspectos sociológicos, pois, a valorização de ser trabalhador garante um sentimento de pertença a esses adolescentes (TRINDADE; SANTOS; ALMEIDA, 2011).

Essa mesma ancoragem também aparece nas representações sociais do trabalho que estão ligadas à ideia de responsabilidade, de honestidade, de iniciativa e de força de vontade, indicando que essa é uma construção social dos adolescentes a respeito do ser trabalhador, também sendo apontadas como características adquiridas com o trabalho.

Além disso, o trabalho é representado para esses adolescentes como um caminho para adquirir experiência para o currículo e para adquirir aprendizagens, possibilitando melhores condições de vida no futuro. Essa representação vincula-se a ancoragens psicológicas nas quais se destacam os valores, atitudes e opiniões individuais (TRINDADE; SANTOS; ALMEIDA, 2011).

Neste bloco de análise, também se constatou que a representação social do trabalho para os adolescentes pesquisados envolve o trabalho como uma possibilidade de acesso a bens de consumo, o que se ancora a aspectos psicossociais, uma vez que se refere a identificações de relações sociais que se estabelecem em suas histórias sociais.

Contudo, embora esses elementos de representações sociais tenham sido identificados, segue-se com a apresentação de outros blocos de análise que também possibilitam a confirmação desses e a identificação de outros aspectos de representação. Assim, apresenta-se o segundo bloco de análise: “Repercussões do trabalho na vida dos adolescentes”.

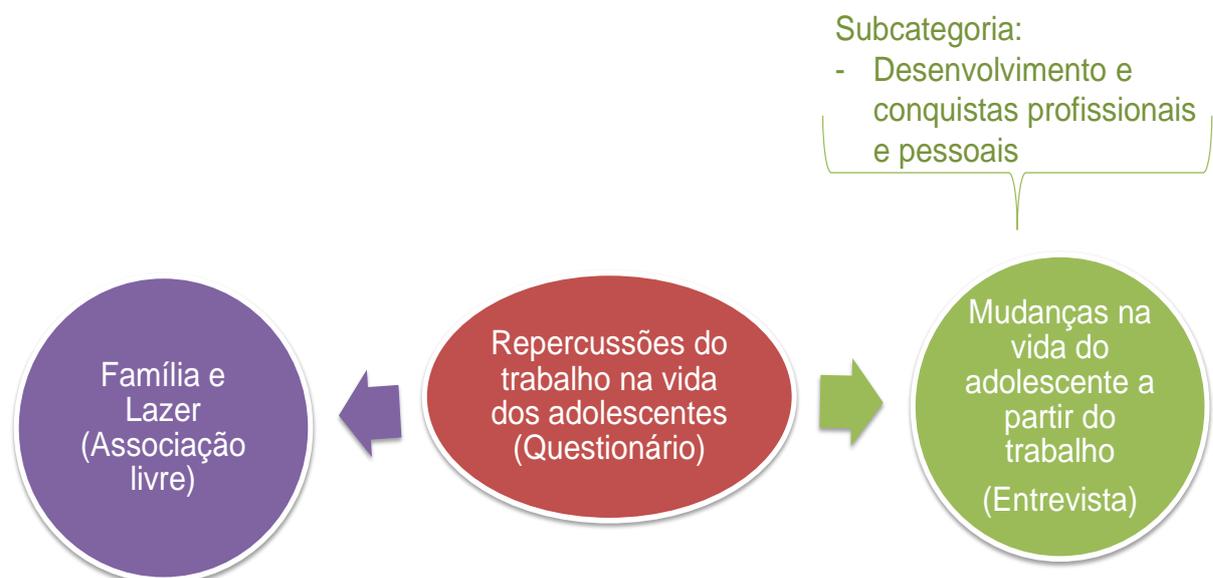
5.3.2 REPERCUSSÕES DO TRABALHO NA VIDA DOS ADOLESCENTES

Seguindo a exposição dos resultados e das discussões de acordo com o processo de triangulação de métodos, é apresentado a seguir o bloco de análise chamado de “Repercussões do trabalho na vida dos adolescentes”. É importante ressaltar que esse é o nome do bloco, pois, a categoria do questionário de mesma nomenclatura é norteadora das discussões que se seguem.

Dessa forma, os dados reunidos na categoria “Repercussões do trabalho na vida dos adolescentes” originada a partir das análises dos questionários serão apresentados e discutidos junto com a categoria “Mudanças na vida do adolescente a partir do trabalho” (criada pelo processo de análise das entrevistas semi-estruturadas), e o eixo “Família e Lazer” referente à técnica de associação livre a partir de figuras.

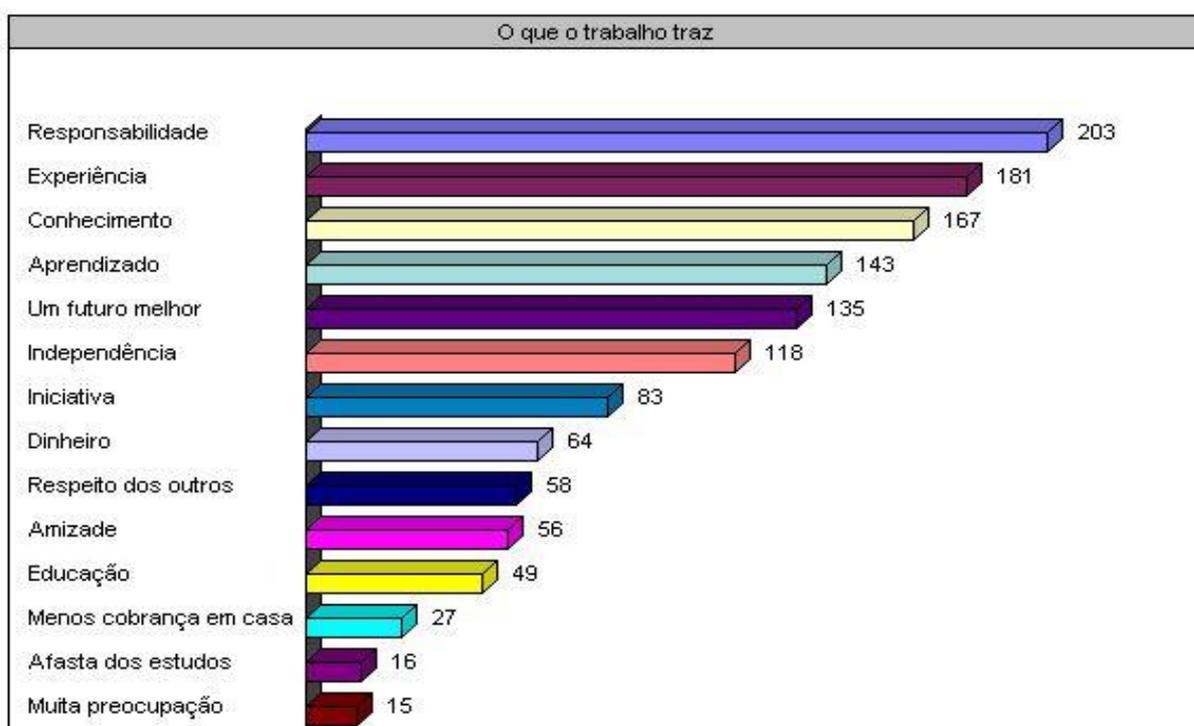
Também é fundamental indicar que a categoria “Mudanças na vida do adolescente a partir do trabalho”, originada do processo de análise de conteúdo com as entrevistas, permitiu a elaboração de duas subcategorias: “Desenvolvimento e conquistas pessoais e profissionais” e; “Rotina”, porém, somente a primeira faz parte deste bloco de análise. Visando ilustrar todos os elementos que compõem este segundo bloco de análise criou-se a figura a seguir.

Figura 28 - Categorias e eixo considerados no bloco de análise “Repercussões do trabalho na vida do adolescente”.



A questão de abertura para as discussões deste bloco de análise é uma pergunta do questionário que investigou o que o trabalho trouxe para os adolescentes. Nessa questão, eles deveriam listar cinco dentre catorze possibilidades de respostas, disponibilizando-as em ordem de importância. Os resultados dessa questão podem ser observados na figura 29. Vale ressaltar que o número total de resposta ultrapassa 280 – número de sujeitos pesquisados – pois, para essa questão, os adolescentes deveriam indicar cinco respostas.

Figura 29 – Distribuição das respostas acerca do que o trabalho acarreta para os adolescentes.



Com a figura, percebe-se que os cinco aspectos mais respondidos pelos adolescentes foram: (1) Responsabilidade, indicado por 203 adolescentes, ou seja, 72,5% do total de sujeitos pesquisados; (2) Experiência, que foi escolhido por 181 adolescentes, 64,6% do total; (3) Conhecimento, apontado como um aspecto importante que o trabalho acarreta para 167 adolescentes, representando a resposta de 59,6% da amostra; (4) Aprendizado, que foi respondido por 143 sujeitos, o que corresponde a 51,1% e; por fim, (5) Um futuro melhor, assinalado por 135

adolescentes, portanto, um pouco menos do que a metade de adolescentes pesquisados (48,2%).

Do lado oposto, as cinco respostas que apresentaram menor incidência de escolha pelos adolescentes foram: (1) Muita preocupação, item apontado por apenas 15 adolescentes (5,4%); (2) Afasta dos estudos, foi a opção de 16 sujeitos de pesquisa, representando 5,7% da amostra; (3) Menos cobrança em casa; que teve a escolha de 27 adolescentes, ou seja, 9,6% do total pesquisado; (4) Educação, indicado por 49 jovens trabalhadores (17,5%) e; (5) Amizade, que foi respondido por um quinto dos sujeitos de pesquisa, isto é, 56 adolescentes (20%).

Esses aspectos apontados como os mais importantes pelos adolescentes já haviam aparecido nos resultados do bloco de análise anterior, “Significados do trabalho”, indicando que, principalmente, a responsabilidade, a experiência e o aprendizado estão presentes nas representações sociais dos adolescentes a respeito do trabalho, tanto por comporem o aspecto conceitual do trabalho como por estarem atrelado a um saber prático, oriundo das próprias vivências dos adolescentes com o trabalho, refletindo em suas atitudes em relação à atividade laboral.

Seguindo a mesma tendência de valorização da aquisição de uma maior responsabilidade com trabalho, além da consideração da atividade laboral como algo que proporciona uma experiência, um aprendizado e uma oportunidade para um futuro melhor, as próximas questões apresentadas reforçam a importância que os adolescentes atribuem a esses aspectos citados.

Ainda respondendo aos questionários, 134 adolescentes (representando 47,9% do total pesquisado) apontaram que concordam totalmente com a afirmação de que *o trabalho possibilita que eles aprendam a ter mais responsabilidades*, sendo que mais 101 adolescentes concordam com essa afirmativa. Dessa forma, para 235 (84%) dos adolescentes, o trabalho acarreta em uma postura mais responsável. Conforme pode ser observado na tabela 2.

Diante da afirmação de que *o trabalho faz com que eles se tornem profissionais e aprendam uma função*, 134 adolescentes responderam que concordam com a questão apresentada. Esse número de respostas afirmativas para essa pergunta aumenta consideravelmente quando somamos as respostas para concordo totalmente, fazendo com que 232 (82,9%) adolescentes confirmem a sua crença de que o trabalho acarreta da aprendizagem de uma função e no fato deles

se tornarem profissionais. Esses resultados também podem ser observados na tabela 2.

Em relação à afirmação que investigava a percepção dos sujeitos sobre *o fato do trabalho ajudar aos adolescentes na aprendizagem do trabalho em equipe*, 120 adolescentes responderam que concordavam totalmente com a afirmação (42,9%) e mais 112 responderam que concordavam (40,0%), somando 82,9% do total.

Outra afirmação, *a experiência profissional permite que o adolescente se prepare para o mercado de trabalho no futuro*, também teve resultados de concordância, com 146 adolescentes concordando totalmente (52,1%) e mais 88 apenas concordando (31,4%), somando esses resultados, tem-se 234 respostas positivas que representam 83,5% do total de adolescentes pesquisados. Todos esses resultados podem ser encontrados na tabela a seguir.

Tabela 2 - Resultados das questões likert que investigavam aspectos relacionados a aprendizagem e a preparação para o futuro dos adolescentes pesquisados.

Questões	Discordo totalmente		Discordo		Nem concordo nem discordo		Concordo		Concordo totalmente		Sem resposta		TOTAL	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Por meio do trabalho posso aprender a ter mais responsabilidade.	15	5,4	11	3,9	19	6,8	101	36,1	134	47,9	0	0	280	100
O trabalho faz com que eu me torne um profissional e aprenda uma função.	11	3,9	17	6,1	19	6,8	134	47,9	98	35	1	0,4	280	100
O trabalho me ajuda a aprender a trabalhar em equipe.	14	5	16	5,7	18	6,4	112	40	120	42,9	0	0	280	100
Com essa experiência profissional estou me preparando para o mercado de trabalho no futuro.	12	4,3	16	5,7	18	6,4	88	31,4	146	52,1	0	0	280	100

Essa atitude mais responsável a partir da experiência laboral também foi apontada diversas vezes durante as entrevistas. Como exemplo, apresenta-se a fala de duas adolescentes: Catarina e Sofia.

A pessoa fica com mais responsabilidade porque tem o comprometimento com o serviço, não depende tanto mais dos pais, começa a ter mais responsabilidade com o seu dinheiro.
(Catarina)

O trabalho faz com que eu cresça um pouco, né? Amadureça, tenha mais atitude, responsabilidade com os meus atos... Até, também, lidar com as pessoas, porque antes eu não queria falar com ninguém, ficava só na minha. O trabalho me ensinou um lado que eu não era, de conversar com todo mundo, sem vergonha. O trabalho me ensinou a ser outra pessoa, uma coisa que eu nunca fui. (Sofia)

Com essas falas, é possível perceber que para Catarina essa responsabilidade está relacionada com aspectos financeiros e com o comprometimento que se tem com o serviço. Por outro lado, Sofia destacou a responsabilidade com os seus atos ao desempenhar a sua função no trabalho.

É importante destacar essa compreensão que os adolescentes tem de “responsabilidade”, pois, a essa pode ser atribuída um valor positivo ou negativo: o trabalho pode trazer responsabilidades fazendo com que os adolescentes se sintam valorizados (positivo) ou o trabalho pode trazer responsabilidades no sentido de ser um peso, mais uma carga que os adolescentes devem carregar (negativo).

Essa atribuição de positividade ou negatividade diante da responsabilidade adquirida com o trabalho foi encontrada dos resultados de Mattos e Chaves (2006) e esses autores indicaram o quanto essa atribuição de valor depende da forma como os adolescentes trabalhadores interpretam suas experiências laborais.

Assim, pelas falas de Catarina e Sofia e por todas as outras respostas já discutidas no bloco de análise anterior, entende-se que essa responsabilidade advinda do trabalho é percebida, neste estudo, como algo positivo para os adolescentes pesquisados.

A ideia de que o trabalho proporciona a aprendizagem de uma função e o desenvolvimento profissional também estiveram presentes nos relatos suscitados com as entrevistas semi-estruturadas, Vicente coloca que no trabalho aprendeu o que era certo e o errado, enfatizando o quanto esse aprendizado possibilitou que ele crescesse, no sentido de se atingir uma maturidade (oposição a uma atitude infantil).

Eu cresci em bastante coisa. Quando eu entrei lá eu não sabia nada, eu era uma criança... Não sabia o que era certo ou errado. Lá eu cresci muito, as coisas mudaram bastante, a minha visão já é outra, não é mais a mesma coisa. (Vicente)

O estudo de Silva, Trindade e Leal (2011) também apontou que os adolescentes trabalhadores relacionam a aprendizagem e a aquisição de experiências importantes para o mercado de trabalho com uma oportunidade de crescimento.

Além disso, com a fala “eu era uma criança” encontra-se em evidência algo que também esteve presente nos resultados de Watarai e Romanelli (2010). Esses autores ressaltaram a forma como o trabalho adquire um caráter de marco na biografia dos adolescentes trabalhadores, estabelecendo uma ruptura entre uma fase anterior (de ser “moleque”) e o início de uma nova fase “mais adulta”. Algo que também ficou explícito na fala de Ricardo:

Pesquisadora: Você pode me falar um pouco sobre o trabalho na sua vida?

Ricardo: Acho que em uma palavra: amadurecimento. Desenvolveu minha cabeça, fez eu me tornar mais homem. (Ricardo)

Da mesma forma que houve concordância dos adolescentes diante da afirmação de que a experiência profissional proporciona uma preparação para o mercado de trabalho no futuro, como pode ser visto da tabela 2, também tiveram relatos que enfatizavam a importância dessa experiência laboral para a futura inserção profissional no mercado de trabalho.

O primeiro emprego, eu acho que é a experiência maior porque a gente chega sem saber de nada, faz muita coisa errada, você ainda não sabe muita coisa. Só que com experiência, assim, você começa a aprender e, às vezes, você muda de empresa e vê as mesmas coisas e já não tem tanto problema como você tinha no começo. (Laísa)

Pesquisadora: E você pode me descrever como é a experiência de trabalhar na sua vida?

Melissa: É muito boa porque como eu trabalho em uma empresa grande, eu sei me comportar com todas as pessoas, eu soube me adaptar a todos os tipos de pessoas também. Eu já não sou tão envergonhada como eu era antes. Hoje em dia, acho que pelo trabalho, ele me ensinou a ter mais comunicação com as pessoas, trouxe o diálogo, né? Agora eu sei conversar mais, sei me colocar diante de uma pessoa. O trabalho me ajudou muito e vou levar isso comigo. (Melissa)

Além da investigação dessa aprendizagem de uma função para se tornar um profissional mais preparado para o mercado de trabalho, o questionário também investigou, especificamente, a aprendizagem de uma forma de trabalhar em equipe. Como já foi apontado – e ilustrado pela tabela 2 – a maioria dos adolescentes concordou com a afirmação de que a experiência da atividade laboral favorece a aprendizagem do trabalho em equipe e essa questão também esteve presente nas falas dos adolescentes durante as entrevistas.

Eu aprendi muita coisa... Trabalho em grupo, eu não era muito chegada... Depois que eu comecei a trabalhar, eu tinha muita dinâmica em grupo e isso fez eu conseguir trabalhar melhor com as pessoas. Hoje eu já prefiro trabalhar em grupo. Eu também escuto mais e falo menos, tenho mais paciência, parte emocional também... Antes eu era muito explosiva, hoje já não... (Joana)

Essa fala de Joana também traz informações de como a experiência laboral permitiu que ela passasse a se relacionar melhor com as pessoas. Esse aspecto também foi investigado no questionário em duas afirmativas que solicitavam o grau de concordância dos adolescentes diante das frases: (1) “O trabalho pode contribuir para que eu faça novas amizades” e (2) “O ambiente de trabalho pode me ajudar a me relacionar com outras pessoas, principalmente, mais velhas e experientes”. Os resultados obtidos com essas duas questões podem ser observados na tabela a seguir.

Tabela 3 – Resultados das questões likert que investigavam se a experiência laboral incentivava a relação com outras pessoas.

Questões	Discordo totalmente		Discordo		Nem concordo nem discordo		Concordo		Concordo totalmente		TOTAL	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
O trabalho pode contribuir para que eu faça novas amizades.	10	3,6	13	4,6	32	11,4	156	55,7	69	24,6	280	100
O ambiente de trabalho pode me ajudar a me relacionar com outras pessoas, principalmente mais velhas e mais experientes.	16	5,7	22	7,9	18	6,4	106	37,9	118	42,1	280	100

Com esses resultados, é possível afirmar que a maioria dos adolescentes (156, representando 55,7%) concordou que o trabalho pode contribuir para novas amizades e outros 69 adolescentes (24,6%) concordaram totalmente. Essa ideia de amizade também esteve presente na fala de Gabriel que enfatizou como o clima de amizade no trabalho contribuiu para avaliação da experiência laboral como algo positivo.

A experiência de trabalhar é incrível, porque, eu acho que a experiência que a gente adquire com o tempo, com o pessoal que está a sua volta – não por eles serem formados em uma faculdade e tudo mais – mas, pela amizade que eles levam com a gente, o carisma, as piadinhas que sempre saem de lá, eu acho que essa experiência, assim, ajuda você bastante. Ainda mais quando você é calado no trabalho, faz você se soltar mais. Então, essa experiência, profissionalmente, também é muito boa... Ajuda bastante! (Gabriel)

Além disso, grande parte dos adolescentes também responderam quesitos de concordância diante da afirmação de que “O ambiente de trabalho pode me ajudar a me relacionar com outras pessoas, principalmente, mais velhas e experientes”, sendo que 118 concordaram totalmente (42,1%) e 106 apenas concordaram (37,9%). A ideia central dessa afirmação também esteve presente no relato de Joana, como é possível ver a seguir.

O trabalho fez eu aprender muita coisa, escutar e respeitar mais as pessoas, antes só eu queria falar, hoje eu escuto mais as pessoas. Aprendo com as pessoas, convivo melhor... Você trabalha com pessoas muito mais velhas que você, então, você aprende com as pessoas, pega características dela... Como se fosse uma lição... (Joana)

Essa fala da Joana também se refere ao fato de se ter uma aprendizagem a partir do contato com pessoas mais velhas. Algo que também proporciona um ambiente de trabalho mais agradável para os adolescentes e que, portanto, tem relação com a satisfação que eles apresentaram diante da experiência laboral. Isso porque, conforme foi apontado por Arteche e Bandeira (2003), a satisfação com o trabalho tem relação direta com o ambiente de trabalho e os ambientes nos quais os adolescentes percebem que existe uma preocupação com sua aprendizagem (dimensão educativa do trabalho) proporcionam mais sensações de bem-estar.

Sentimentos de positividade diante do trabalho também foram encontrados e/ou discutidos em outros estudos (BORGES; COUTINHO 2010; MATTOS; CHAVES, 2006; OLIVEIRA et al., 2005; ARTECHE; BANDEIRA, 2003), apontando que essa positividade se dá quando o adolescente trabalhador tem um status social e é reconhecido como um agente produtivo, além de não ter prejuízo de sua saúde e de sua escolaridade. Como os adolescentes pesquisados pertenciam a um programa de apoio à inserção laboral cuja dimensão educativa do trabalho é enfatizada, percebe-se essa satisfação com a experiência de trabalhar na adolescência.

No conjunto de afirmações do questionário exposto na tabela 4, encontram-se os resultados que corroboram com a ideia de que os adolescentes pesquisados sentem-se valorizados e reconhecidos a partir da vivência do trabalho.

Tabela 4 – Resultados das questões likert que investigavam aspectos relacionados ao desenvolvimento dos adolescentes a partir da experiência de trabalho.

Questões	Discordo totalmente		Discordo		Nem concordo nem discordo		Concordo		Concordo totalmente		TOTAL	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Com o meu trabalho posso mostrar para os outros que sou capaz.	16	5,7	19	6,8	23	8,2	104	37,1	118	42,1	280	100
Quando comecei a trabalhar, passei a ser mais ouvido e respeitado em casa.	19	6,8	39	13,9	74	26,4	103	36,8	45	16,1	280	100
O trabalho me ajuda a enxergar a vida de outro modo e me sentir mais importante e valorizado.	8	2,9	22	7,9	31	11,1	136	48,6	83	29,6	280	100
Por meio dessa experiência profissional estou adquirindo conhecimento que posso estar ensinando em casa e para os amigos.	15	5,4	27	9,6	40	14,3	147	52,5	51	18,2	280	100
Por meio do trabalho posso ser reconhecido pelo chefe e pelos colegas de trabalho.	13	4,6	14	5	28	10	135	48,2	90	32,1	280	100

Nessa tabela é possível observar que diante da afirmação “*com o meu trabalho posso mostrar para os outros que eu sou capaz*”, 222 adolescentes apresentaram respostas de concordância, sendo 104 apontando que concordam (37,1%) e outros 118 concordando totalmente (42,1%). A afirmação “quando comecei a trabalhar passei a ser mais ouvido e respeitado em casa” teve 103

respostas de concordância (36,8%) e mais 45 respostas de total concordância (16,1%).

Em relação à afirmação “*o trabalho me ajuda a enxergar a vida de outro modo e me sentir mais importante e valorizado*”, quase metade dos adolescentes pesquisados, isto é, 136 adolescentes responderam concordar com a questão e mais 83 adolescentes responderam concordar totalmente, o que representa, respectivamente, 48,6% e 29,6% do total de sujeitos.

A afirmação “*por meio dessa experiência profissional estou adquirindo conhecimentos que posso estar ensinando em casa e para amigos*” também teve uma predominância de respostas de concordância, sendo 147 respostas “concordo” e 51 respostas de “concordo totalmente”, o que indica, respectivamente, 52,5% e 18,2% dos adolescentes pesquisados. Essa ideia de que o trabalho pode proporcionar uma aprendizagem possível de ser levada para os outros grupos sociais com os quais o adolescente se relaciona também ganhou destaque na fala de Juliana.

A minha área é muito boa, eu sempre estou aprendendo alguma coisa nova, tem pessoas ao seu redor sempre te incentivando, motivando, dispostas a ensinar. Depois que você aprende, você também pode ensinar para outras pessoas e é isso aí.(Juliana)

Por fim, a última questão apresentada na tabela 4, verificava o grau de concordância dos adolescentes diante da afirmação “*por meio do trabalho posso ser reconhecido pelo chefe e pelos colegas de trabalho*”. Nessa questão, 135 adolescentes indicaram concordar com a afirmação, isto é, 48,2% do total pesquisado, e 90 adolescentes responderam que concordam totalmente, representando 32,1%.

Essas questões que investigavam os sentimentos de reconhecimento e valorização dos adolescentes a partir da experiência do trabalho confirmam a ideia de que a experiência laboral é considerada positiva muito porque eles tem esse status social de trabalhador conforme já foi mencionado.

No entanto, dentre essas questões apresentadas na tabela 4, a afirmação que versava sobre o fato dos adolescentes passarem a ser mais ouvidos e respeitados em casa a partir da experiência laboral, pode ser relacionada com algumas falas

acerca da família que foram suscitadas tanto pelas entrevistas semi-estruturadas como pela figura 5 (um pai, uma mãe e dois filhos empinando pipa) que pertence ao eixo “Família e lazer”.

Quando a gente assume responsabilidade, a família enxerga mais a gente. Percebe que a gente quer ajudar eles, entendeu? (Lia)

Eu acho que esse menino tem o sonho de um dia poder voar, de poder até pilotar um avião, quem sabe. Ele quer mostrar para o seu pai que um dia ele pode ser grande. Acho que é isso. (Sofia, a partir da figura 5)

Essas falas que apontam para o interesse dos adolescentes em mostrar seus potenciais para a sua família tem relação com o conceito de família que os adolescentes possuem. Apesar da representação da família para os adolescentes não ser o foco deste estudo, algumas das figuras apresentadas aos adolescentes, na técnica de associação livre a partir de figuras, suscitaram relatos acerca do conceito de família que os adolescentes elaboraram. Optou-se por apresentar esses relatos para discutirmos aspectos que refletem na identidade desses adolescentes pesquisados. Lembra-se aqui que a noção de identidade que norteia esta pesquisa é aquela derivada da teoria psicossocial do desenvolvimento humano proposta por Erikson (1998; 1987).

As figuras que despertaram as falas dos adolescentes acerca da família foram: a figura 4 (pessoas trabalhando no campo) e a figura 5 (um pai, uma mãe e dois filhos empinando uma pipa).

Representa família, um lazer em família, passar mais tempo com ela, a família é a base de tudo e sem ela ninguém caminha para frente, ela é a base de tudo. (Vicente, falando sobre a figura 5)

Ah, eu vejo uma família aqui, brincando, todos felizes. Significa para mim, a família, a base de tudo, porque sem a família a gente... A família é a base de tudo, da nossa educação, porque a família é que nós ama. Pode acontecer qualquer coisa que a família está ali com a gente... A família significa tudo, significa amor, a família tem muitas coisas para descrever... (Fernanda ao falar sobre a figura 5)

Família. É tudo, mesmo tendo brigas. (Joana, sobre a figura 5)

Acho que aqui é uma família trabalhando na roça, um ajudando o outro. Um senhor de idade aqui, mas, todo mundo junto se ajudando. (Juliana, falando sobre a figura 4)

Essas falas expressam a forma como a família é percebida, indicando que essa é considerada como fundamental para as vidas dos adolescentes, sendo descrita como a base de tudo que eles são e fazem. É interessante relacionarmos isso com a noção de identidade de Erikson, que indica que a identidade é formada a partir da interação nos diferentes grupos sociais aos quais as pessoas fazem parte, ao longo do desenvolvimento humano, até chegar a etapa da adolescência quando vivem a crise “identidade x confusão de identidade”.

Assim, a família, como primeiro grupo social de pertença e de socialização dos adolescentes, transforma-se em uma instância de extrema importância para a formação da identidade desses adolescentes que buscam, nessa etapa da vida, diferenciarem-se do seu grupo familiar de origem, buscando o seu espaço no mundo.

Dessa forma, ainda que a família seja concebida como a “base” de quem eles são, ela também deve permitir a diferenciação que, no caso dos adolescentes, também acontece com a experiência laboral, pois, ao relatarem que eles se sentem mais reconhecidos em casa, pela família, eles estão indicando que estão se destacando em um papel que é só deles, de potencialidades e responsabilidades, não sendo “apenas” filhos de alguém.

É importante ressaltar que a conquista de uma diferenciação em relação a família pode ter se dado muito por um reconhecimento da família relacionado com o fato do adolescente ter se tornado produtivo. Assim, os adolescentes aprendem uma função útil para o mercado de trabalho e, ao mesmo tempo, recebem um salário que os permite ajudar a melhorar as condições de vida da família e ter acesso a bens de consumo.

Estudos como o de Rizzo e Chamon (2011), Borges e Coutinho (2010) e, Torres et al. (2010) apontaram que os adolescentes trabalhadores concebem o trabalho como algo que pode lhes proporcionar a melhoria na vida financeira da família e o acesso a bens de consumo. Watarai e Romanelli (2010) colocam que esses bens de consumo constituem-se como “símbolos da juventude”, abrangendo itens de vestuário e lazer.

Dessa forma, visando identificar a forma como o retorno financeiro do trabalho altera a vida dos adolescentes trabalhadores é que se apresenta o conjunto de questões ilustrado na tabela 5.

Tabela 5 – Resultados das questões likert que investigavam se o trabalho proporcionou melhores condições financeiras para os adolescentes.

Questões	Discordo totalmente		Discordo		Nem concordo nem discordo		Concordo		Concordo totalmente		TOTAL	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Com o pagamento pelo meu trabalho posso ajudar as pagar as contas em casa.	18	6,4	10	3,6	31	11,1	132	47,1	89	31,8	280	100
Com o pagamento pelo meu trabalho posso comprar minhas próprias coisas.	9	3,2	16	5,7	17	6,1	84	30	154	55	280	100
Por meio do meu trabalho, ganho dinheiro para sair, sem depender mais financeiramente dos pais.	14	5	26	9,3	38	13,6	125	44,6	77	27,5	280	100
O que eu ganho é suficiente para que eu seja independente financeiramente.	51	18,2	116	41,4	54	19,3	44	15,7	15	5,4	280	100

Com esses resultados, tem-se que a maioria dos adolescentes pesquisados concorda que com o pagamento de seu trabalho eles podem ajudar a pagar as contas de casa, sendo que 132 adolescentes concordam (47,1%) enquanto que 89 concordam totalmente (31,8%). Dentre as falas dos adolescentes nas entrevistas semi-estruturadas, a fala da Marília chamou atenção em relação à necessidade do salário do adolescente para o sustento da família, já que ela relata claramente que oferece metade de seu salário para sua mãe.

Pesquisadora: Você pode me dizer como era a sua vida antes de trabalhar e agora, como ela é?

Marília: Antes era o maior sacrifício e, agora, está indo.

Pesquisadora: Sacrifício? Como assim, sacrifício?

Marília: É que antes, quando o meu irmãozinho era pequeno, a minha mãe não trabalhava. Meus cinco irmãos mais velhos não ajudavam. Daí eu entrei na (instituição pesquisada) e consegui ter a oportunidade de conhecer várias pessoas, como trabalhar na empresa, ter uma boa postura e agora eu estou ajudando a minha mãe. Eu dou metade do que eu ganho para a minha

mãe pagar as contas de casa, o resto pago as minhas contas, compro alguma coisa para mim ou ponho em uma poupança.

Contudo, é importante ressaltar que embora essa fala da Marília se refere a uma circunstância especial que ocorreu na vida dessa adolescente – nascimento do irmão mais novo, outros adolescentes também indicaram que contribuem para o sustento da família.

A afirmação “*com o pagamento pelo meu trabalho posso comprar minhas próprias coisas*” apresentou um resultado bastante expressivo, pois, a maioria dos adolescentes, isto é, 154 (55%) adolescentes responderam “concordo totalmente” com a questão e mais 84 adolescentes (30%) responderam que concordam.

Assim, é possível afirmar que dentre os adolescentes pesquisados, o acesso a bens consumo de interesse do adolescente tem grande peso na destinação de seus salários e que o fato de poderem comprar coisas de suas necessidades também é um auxílio para os pais desses adolescentes.

É possível fazer essa afirmação, especialmente, quando conciliamos esses resultados com os resultados sociodemográficos dos adolescentes pesquisados, uma vez que eles apontaram que suas rendas mensais são parte importante da renda familiar, ainda que existam outros membros em sua família que trabalham, principalmente, a mãe e/ou o pai.

Assim, embora tenham sido apresentadas algumas falas no bloco de análise anterior, “Significados do trabalho”, e no referencial teórico que alguns pais acreditam que os adolescentes devem trabalhar para poderem comprar as coisas dos seus interesses, deixando apenas o sustento básico de moradia e alimentação ao encargo dos pais, tem-se que o próprio fato dos adolescentes poderem comprar coisas necessárias para si, já é uma ajuda no sustento dessas famílias.

Os adolescentes muitas vezes nem percebem claramente o quanto o fato de poderem comprar suas próprias coisas já é um auxílio aos pais, contudo, afirma-se a importância do salário do adolescente para a sobrevivência da família, pois, como visto na caracterização sociodemográfica, as famílias dos adolescentes trabalhadores pesquisados vivem, predominantemente, com cerca de dois a três salários mínimos e um salário mínimo recebido por esses adolescentes é uma parte significativa dessa renda.

Algumas falas dos adolescentes durante as entrevistas semi-estruturadas evidenciam essa dificuldade de colocar claramente a importância de seus salários para a família.

*Antes eu dependia dos meus pais para tudo, para sair, para comer alguma coisa. Hoje não, hoje eu tenho o meu dinheiro, **compro as minhas roupas, compro o que eu quero comer**, então, eu não dependo tanto dos meus pais, só da moradia...(Milena) [Grifos da pesquisadora.]*

*Eu antes era muito dependente da minha mãe, já hoje em dia é raro ela, assim, comprar alguma coisa para mim. Agora, como eu trabalho, **eu posso comprar as minhas coisas para mim e ajudo a ela também**. Então, eu diria que a principal mudança é que eu sou mais independente agora. (Juliana)*

*Antes de eu começar a trabalhar, era tudo muito difícil, tudo que precisava tinha que pedir para alguém. Às vezes, **tinha alguma coisa íntima que eu precisava pedir para a minha mãe e quando ela não tinha, eu tinha que pedir para um padrinho meu**. E, assim, era muito ruim ter que pedir para um e para outro, e com 13 anos eu era uma criança, né? Então, era ruim. Hoje em dia é tudo bem melhor porque eu preciso de alguma coisa, eu vou lá e pronto. Eu trabalhando, eu não preciso pedir nada para ninguém a não ser que não dê o meu dinheiro, mas, é muito difícil acontecer isso, porque eu sempre compro no limite do que eu posso. É bem melhor! (Melissa) [Grifos da pesquisadora.]*

Voltando aos resultados da tabela 5, a afirmação “por meio do meu trabalho ganho dinheiro para sair, sem depender mais financeiramente dos meus pais” suscitou 125 respostas de concordância (44,6%) e outras 77 respostas de total concordância (27,5%). Por sua vez, a afirmação “o que eu ganho é suficiente para que eu seja independente financeiramente” teve uma predominância de respostas de discordância, sendo que 116 adolescentes discordaram e 51 discordaram totalmente, representando, respectivamente, 41,4% e 18,2%.

Com esses resultados é possível compreender que os adolescentes identificam que utilizam os seus salários para sair (passeios e lazer), contudo, o que ganham não é suficiente para que sejam independentes financeiramente. Dessa forma, os adolescentes valorizam uma independência advinda com o trabalho,

porém, demonstram saber que essa independência é importante para comprarem o que querem, mas, não para se sustentarem completamente.

Essa ideia de independência a partir da experiência do trabalho se refere à dimensão imagética das representações sociais acerca do trabalho, isto é, expressa conteúdos concretos e limitados que os grupos sociais formulam a partir de determinado objeto, podendo ser apresentada como uma imagem ou como uma opinião (MOSCOVICI, 2012).

Dessa forma, a independência compõe a representação que os adolescentes trabalhadores tem a respeito do trabalho, contudo, quando se é investigado se os adolescentes acreditam que o salário proveniente do trabalho garante essa independência financeira, a resposta predominante é negativa, indicando uma contradição entre a representação que se tem do trabalho e aquilo que ele, de fato, proporciona para os adolescentes em termos de desenvolvimento e conquistas pessoais e profissionais.

Outro aspecto das representações sociais do trabalho que se refere à dimensão imagética é a ideia de que o trabalho na adolescência afasta os adolescentes das más influências para o uso de drogas e roubo e dos perigos das ruas. Na tabela 6 são apresentados os resultados das questões do questionário que investigavam esse aspecto.

Tabela 6 – Resultados das questões likert que investigavam a relação entre a experiência do trabalho e o afastamento dos adolescentes de caminhos ilícitos.

Questões	Discordo totalmente		Discordo		Nem concordo nem discordo		Concordo		Concordo totalmente		TOTAL	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Quando eu estou trabalhando, tenho menos tempo para ficar na rua e sofrer influência das más companhias.	28	10	24	8,6	38	13,6	102	36,4	88	31,4	280	100
Independentemente de estar trabalhando ou não, se eu quiser, irei para o caminho errado, das drogas, roubo, etc.	47	16,8	37	13,2	50	17,9	89	31,8	57	20,4	280	100

A afirmação “quando estou trabalhando, tenho menos tempo para ficar na rua e sofrer influências das más companhias” suscitou 102 respostas de concordância

(36,4%) e mais 88 respostas de total concordância (31,4%), indicando que os adolescentes acreditam que o trabalho os afasta das ruas e de “más companhias”.

Dessa forma, considerando a teoria da atribuição apresentada no bloco de análise anterior, “Significados do trabalho”, pode-se dizer que os adolescentes atribuem ao trabalho o fato de ficarem longe das ruas e das más companhias.

Contudo, na afirmação “independente de estar trabalhando ou não, se eu quiser, irei para o caminho errado, das drogas, roubo” 89 adolescentes responderam “concordo”, representando 31,8%, e 57 adolescentes responderam “concordam totalmente”, o que significa 20,4% do total de sujeitos pesquisados. Assim, nessa afirmação, os adolescentes demonstram que atribuem apenas a si mesmos o fato de não escolherem usar drogas ou entrar para o mundo da criminalidade, o que indicaria um controle interno de seus comportamentos.

Essa contradição pode ser justificada quando se analisa a estrutura da primeira afirmação referida, isto é, ao escrever “menos tempo para ficar na rua e sofrer influências das más companhias”, pode ter trazido um fator concreto que os impede de ficar na rua, a falta de tempo.

Assim, a atribuição interna de comportamentos de se afastar das ruas e de más companhias se manteria, indicando que existe uma escolha dos adolescentes pelo trabalho – e pela decorrente falta de tempo que ele proporciona.

O trabalho na adolescência em circunstâncias em que a jornada de estudo e de trabalho se somam também deve ser analisado em decorrência do tempo restante que o adolescente apresenta para suas atividades de lazer e da vida em família e com amigos.

Por esse motivo, este bloco de análise também abrange os relatos dos adolescentes acerca dos momentos de lazer.

Apesar de, até então, ter se destacado as falas a respeito da família, o eixo “Família e lazer”, organizado a partir da técnica de associação livre a figuras, também trouxe relatos dos adolescentes a respeito da questão do lazer.

As figuras 5 (um pai, uma mãe e dois filhos empinando uma pipa), 7 (pessoas jogando futebol) e 10 (uma cena de trabalho em casa) foram as responsáveis por suscitar as falas que são apresentadas a seguir.

Essa aqui refere-se mais ao lazer. Às vezes, a gente não deve só trabalhar, trabalhar, trabalhar. A gente deve reservar um

momento para estar com os amigos, com a família, ter um pouco de lazer, se soltar um pouco senão é que nem aquelas coisas do cavalo, olhar só para um lado. Nós temos que olhar tudo em volta, não só uma coisa que tem de bom na vida, mas, várias. Acho que é isso. Ter um momento mais com a família...(Vitor, em resposta a figura 5)

Lazer... Lazer! Um dia com a família reunida, alegre, no seu final de semana, acho que é isso. Eu queria estar aqui! Eu não consigo juntar a minha família para um dia como esses, mas, a minha família significa tudo.(Milena a partir da figura 5)

Algumas pessoas jogando bola, essa parte representa, para mim, um lazer, você aliviar o stress, estar com a família, com amigos... Poder refletir um pouco. (Vicente, falando sobre a figura 7)

Uma pessoa falando no telefone, no quarto dela, sem fazer nada. Eu acho que essa foto, a pessoa está na casa dela, ligando para o namorado e mexendo no facebook. Mas também me lembra ficar em casa, estudando matérias, vendo filmes. (Gabriel em resposta para a figura 10)

Essas falas ilustram a forma como os adolescentes colocam a necessidade de terem um tempo para lazer, para relaxar, com a família e com amigos. Contudo, a fala da Milena, em particular, chama a atenção pelo fato dela destacar que não consegue juntar a sua família para um dia de lazer.

Em sentido semelhante, as falas do Vinícius e do Renato, a respeito da figura 5, chama a atenção porque eles deram a entender que a diversão do lazer em família somente foi possível porque os pais dessa família “já tem um futuro bom” (Vinícius) e estão “desfrutando aquilo que eles conquistaram” (Renato).

Aqui tem uma família que provavelmente já tem um futuro bom, estão num campo, num parque, se divertindo. Eles têm um futuro bom porque, com certeza, um dos pais já correu atrás do seu futuro. (Vinícius)

Família, uma família muito alegre, Eles estão curtindo, desfrutando aquilo que eles conquistaram. O marido, por exemplo, conquistou uma família e está desfrutando disso agora. Família, que também é tudo! (Renato)

Dessa forma, pode-se entender que existe uma crença de que esse lazer em família somente é possível depois que se garantem conquistas profissionais, um aspecto que merece atenção pelo fato de poder indicar que eles acreditam que apenas poderão se divertir após suas realizações profissionais.

Reforçando a ideia de que os adolescentes tem a crença de que são os responsáveis pelo seu próprio desenvolvimento profissional e pelas conquistas pessoais e profissionais que terão ao longo de suas vidas, destacaram-se duas falas que foram derivadas da técnica de associação livre a partir de figuras.

Pessoas no campo, colhendo alface e acho que isso é uma mãe, um pai e um filho, significa família... Me lembra o ditado: Você colhe aquilo que planta. (Vicente ao falar sobre a figura 4) É um menino alegre, soltando pipa. Hoje em dia a gente tem que dar linha na pipa na gente, porque é o nosso futuro, né? Tem que estudar porque se a gente não estudar... a vida fica cada vez mais concorrida, né? (Marcelo, sobre a figura 5)

A fala de Marcelo é interessante porque destaca a questão do estudo como algo fundamental para as conquistas futuras. Nesse mesmo sentido, a última questão deste bloco de análise encontrou como resultado mais importante a frase: “o trabalho é importante sim, mas não deve atrapalhar os estudos”, sendo indicada por 152 adolescentes, o que representa 54,3% do total de sujeitos de pesquisa.

Nesta questão, os adolescentes deveriam apontar três frases que expressassem as ideias do que o trabalho proporciona para os adolescentes trabalhadores, assim, os números brutos de respostas dessa questão ultrapassam os 280, pois, cada adolescente deu três respostas que eles consideravam mais importantes.

Assim, a segunda frase mais indicada pelos adolescentes foi “é pelo trabalho que eu vou ter a oportunidade de ser alguém na vida”, sendo a resposta escolhida por 144 adolescentes, representando 51,4% do total de sujeitos de pesquisa.

Por fim, a terceira resposta mais escolhida foi “sem estudo ninguém arruma um bom emprego”, sendo a escolha de 119 adolescentes, isto é, 42,5% do total pesquisado. Todos esses resultados – e as demais frases – podem ser observados na figura 30.

Figura 30 – Distribuição das respostas acerca do que o trabalho proporciona para os adolescentes.



Com esses resultados, verifica-se que a experiência do trabalho proporciona diversos aspectos positivos – conforme foi discutido em todo o presente bloco de análise – contudo, essa última questão apresentada aponta para o modo como os adolescentes concebem a ideia de que para terem melhores chances no trabalho, precisam também desenvolver os seus estudos, pois, esse será o melhor caminho para terem trabalhos mais gratificantes e que lhes permitam “ser alguém na vida”.

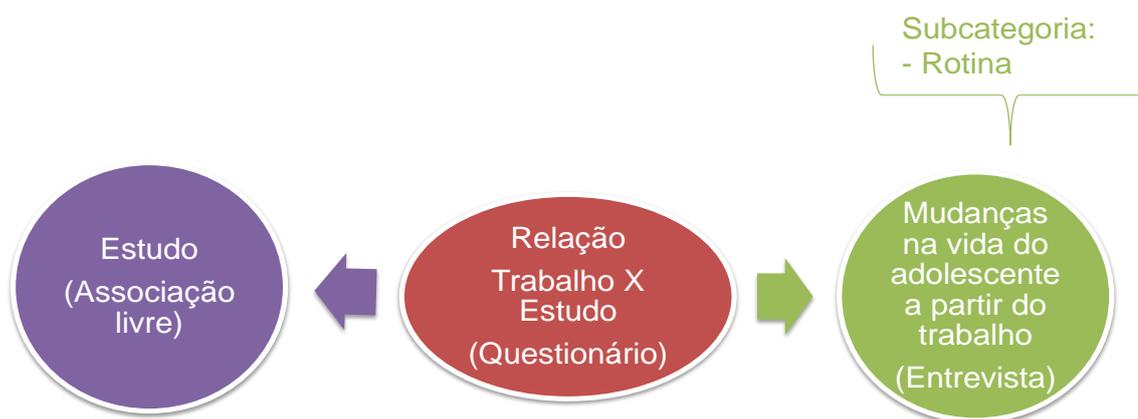
Toda essa relação de mútua influência entre o estudo e trabalho, uma vez que o estudo proporciona melhores trabalhos e o trabalho possibilita condições de estudo, será amplamente discutida no terceiro – e último – bloco de análise: relação trabalho x estudo, que está apresentado na sequência.

5.3.3 RELAÇÃO TRABALHO X ESTUDO

Este bloco de análise completa os três blocos que foram elaborados para a apresentação dos resultados e suas respectivas discussões. Este bloco foi nomeado de “Relação Trabalho x Estudo”, pois, a categoria do questionário que o norteia possui o mesmo nome, além disso, o eixo “Estudo”, derivado da técnica de associação livre de figuras, e a categoria “Mudanças na vida do adolescente a partir do trabalho”, criada a partir da análise de conteúdo com as entrevistas semi-

estruturadas, compõem os elementos deste terceiro bloco de análise. A figura a seguir ilustra esses elementos que foram reunidos neste bloco de análise.

Figura 31 – Categorias e Eixo considerados no bloco de análise “Relação Trabalho X Estudo”.



Dessa forma, com os resultados e discussões que são apresentados na sequência, tem-se a análise da importância do estudo para o futuro profissional, a organização da rotina dos adolescentes entre o trabalho e o estudo e o valor que os adolescentes pesquisados atribuem ao estudo.

Vale ressaltar, no entanto, que não se pretende discutir em profundidade a importância do estudo para vida dos adolescentes, pois, esse não era o objetivo desta pesquisa. Pretende-se, apenas, indicar a forma como os adolescentes trabalhadores conciliam as atividades de estudo e trabalho em suas vidas, além de discutir as forma como essas duas atividades se relacionam em termos de atribuição de importância para os sujeitos pesquisados, auxiliando, assim, na compreensão das representações sociais.

Assim, o primeiro conjunto de questões, cujos resultados estão apresentados na tabela 7, investigava a organização das rotinas de trabalho e estudo e, a valoração do estudo diante do trabalho. A primeira questão desse conjunto, que propunha a afirmação “*depois que comecei a trabalhar meu estudo ficou muito prejudicado, pois, não tenho tempo para me dedicar como antes*”, teve uma

distribuição de resultados relativamente homogênea: 36 adolescentes responderam “discordo totalmente” (12,9%) e 53 indicaram “discordo” (18,9%), assim, somando-se esses resultados de discordância, tem-se 89 respostas (31,8%). Além disso, 95 responderam “nem concordo nem discordo” (33,9%) e as respostas de concordância foram apontadas por 96 adolescentes (34,3%), sendo 59 “concordo” (21,1%) e 37 “concordo totalmente” (13,2%).

Com esses resultados, é possível perceber que não existe um consenso entre os adolescentes a respeito do quanto a rotina de trabalho influenciou negativamente na rotina de estudos, diminuindo o tempo destinado ao estudo. Essa mesma divergência foi encontrada nas falas dos adolescentes durante as entrevistas, pois, ora os adolescentes apresentavam o trabalho como algo que diminuiu o tempo dos adolescentes para o desempenho de outras atividades e ora relatavam que antes de trabalhar “não faziam nada”, indicando que não possuíam uma rotina de estudos – apenas frequentavam a escola e a instituição pesquisada.

*Minha rotina era bem mais tranquila antes de começar a trabalhar, porque eu **só estudava** na parte da manhã e fazia ***** (instituição) na parte da tarde. Hoje em dia é estudar, trabalhar, tem um curso também que eu faço que é ao final de semana. Então, fica tudo bem mais pesado, às vezes, eu chego a dormir só cinco horas por dia ou quatro horas por dia porque eu tenho que ficar acordada para estudar... Então, é mais pesada a rotina, mas, é mais gostosa. (Melissa) [Grifos da pesquisadora].*

*Antes **era um tédio, porque eu só ficava em casa...** E agora, não, tipo... Às vezes é ruim, porque você não quer ir trabalhar, mas, tem que ir de qualquer jeito, né? Antes era chato, agora até que é animado porque eu saio de casa, conheço pessoas novas, aí chego a casa ainda à tardinha, descanso um pouco e depois fico sem fazer nada. Mas, quando eu estava na escola, era correria, porque eu fazia escola, curso e trabalho... Eu ficava exausta, aí era comum eu chegar em casa morrendo de sono, sem vontade de fazer nada no serviço, mas, agora que acabou eu já não chego tão exausta em casa e eu tenho mais vontade de fazer as coisas. (Sofia) [Grifos da pesquisadora].*

*O trabalho ocupa grande parte da minha vida, antes eu conseguia ajudar mais a minha mãe, mas, agora, **eu não tenho tempo para mais nada.** (Mônica) [Grifos da pesquisadora].*

As falas de Melissa, Sofia e Mônica apontaram para o fato de que a rotina de trabalho mais estudo, aumentou o cansaço e diminuiu o tempo para estudo e para outras atividades.

No entanto, as falas de Laísa, Catarina, Ricardo e Vitor ilustram como os adolescentes, em alguns casos, indicaram que não tinham uma rotina de estudos e que, portanto, o acréscimo do trabalho em suas vidas não prejudicou diretamente o estudo, obviamente diminuiu o seu tempo para outras atividades, mas um tempo que era mais destinado, aparentemente, ao lazer.

*Antes de trabalhar eu **só estudava**, ia para a ***** (instituição) de manhã, estudava a noite e ficava em casa a tarde. **Não tinha muita coisa para fazer, não**. Agora, eu trabalho o dia inteiro e a noite eu descanso. (Laísa) [Grifos da pesquisadora].*

*Antes [de trabalhar] era muita folga, **eu não tinha nada para fazer**, ficava o dia inteiro em casa... Apesar de que eu fazia ***** (instituição), mas, eu podia faltar e no serviço eu não posso faltar. Eu ficava mais tranquila, o dia que eu não queria ir, eu não ia, agora no serviço não... (Catarina) [Grifos da pesquisadora].*

*Quando eu não trabalhava, eu fazia coisa de criança mesmo. Ia para escola, chegava em casa, jogava vídeo game ou ia jogar bola. Hoje, eu vou para o trabalho, vou fazer curso... Hoje, **quase que eu não tenho mais tempo para atividades de lazer**, quase não tenho mais tempo... Mas, é para o nosso próprio bem! (Ricardo) [Grifos da pesquisadora].*

*Antes do trabalho, **quando eu não fazia nada**, era tipo assim, ficar em casa e depois na rua, jogando bola, voltava para casa, assistia um pouco de televisão e voltava para a rua. Então, era assim, eu não tinha muito uma rotina, era rua e casa. Depois, agora, eu tenho uma rotina de trabalho, curso, eu vou organizando uma rotina legal que **não força muito a gente**. (Vitor) [Grifos da pesquisadora].*

Vale ressaltar, contudo, que não é comum entre os adolescentes a preocupação por ter uma rotina de estudos além do tempo que destinam às atividades escolares.

Esses resultados contraditórios em relação às consequências do trabalho para a escolarização dos adolescentes também foi verificado na pesquisa de

Oliveira et al. (2001). Esses autores apontaram que as repercussões negativas do trabalho para o processo de estudo rivaliza com a dimensão moral do trabalho.

Assim, aspectos como “falta de tempo para estudar” e “cansaço”, ficam em um segundo plano quando são associados com valores que indicam que o trabalho proporciona mais maturidade, construção de um futuro melhor e aprendizagem.

Voltando ao conjunto de questões apresentados na tabela 7, a afirmação “*mesmo trabalhando eu devo continuar investindo nos meus estudos*” teve a maioria dos adolescentes pesquisados concordando totalmente, sendo 160 respostas (57,1%) nesse item. Além disso, mais 79 adolescentes (28,2%) responderam que concordam com a afirmação, fazendo com que se tenha 239 adolescentes em concordância com a afirmação, o que representa 85,3% do total de sujeitos pesquisados. Esse consenso de que se deve investir no estudo é algo bastante veiculado pelo mercado de trabalho por meio da noção de empregabilidade, conforme já foi indicado no referencial teórico.

Assim, a preocupação dos adolescentes de sempre investir nos estudos e, na conseqüente qualificação profissional, é algo veiculado pela mídia e por todas as pessoas que fazem parte do mercado de trabalho, sendo que essa é uma tônica bastante difundida no mundo do trabalho, colocando-se no trabalhador as chances pelo acesso a melhores postos de trabalho.

“Logo, o capital educacional, acumulado pelo trabalhador, asseguraria não só sua maior produtividade, como explicaria as diferenças individuais de oportunidades de inserção no mercado e de remuneração recebida” (BALASSIANO; SEABRA; LEMOS, 2005, p. 34), justificando-se, então, o alto resultado de concordância da referida afirmação “*mesmo trabalhando eu devo continuar investindo nos meus estudos*”.

A afirmação “*o estudo é mais importante que o trabalho*” teve 102 respostas de concordância total (36,4%) e mais 75 respostas de concordância (26,8%), chegando-se 177 respostas afirmativas (63,2%) diante da questão.

E essa mesma valoração do estudo foi verificada na afirmação “*o estudo não é importante, o que importa é estar trabalhando e com o meu salário no final do mês*” para a qual 125 adolescentes responderam que discordam (44,6%) e mais 75 indicaram que discordam totalmente (26,8%) dessa afirmação, respostas que se somadas, apontam para 200 respostas de discordância. Todos esses resultados podem ser observados na tabela a seguir.

Tabela 7 – Resultados das questões likert que investigavam a organização das rotinas de trabalho e estudo e, a importância do estudo diante do trabalho.

Questões	Discordo totalmente		Discordo		Nem concordo nem discordo		Concordo		Concordo totalmente		Sem resposta		TOTAL	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Depois que comecei a trabalhar meu estudo ficou muito prejudicado, pois não tenho tempo para me dedicar como antes.	36	12,9	53	18,9	95	33,9	59	21,1	37	13,2	0	0	280	100
Mesmo trabalhando eu devo continuar investindo nos meus estudos.	16	5,7	11	3,9	13	4,6	79	28,2	160	57,1	1	0,4	280	100
O estudo é mais importante que o trabalho.	15	5,4	20	7,1	68	24,3	75	26,8	102	36,4	0	0	280	100
O estudo não é importante, o que importa é estar trabalhando e com meu salário no final do mês.	75	26,8	125	44,6	41	14,6	19	6,8	19	6,8	1	0,4	280	100

Assim, com esses resultados é possível observar que o estudo é carregado de valoração por parte dos adolescentes pesquisados, o que também pode ser observado no conjunto de questões apresentadas na tabela 8. Isso porque, para 179 adolescentes, portanto, 63, 9,% do total de sujeitos pesquisados, “*terminar os estudos no tempo certo é*” muito importante.

Além disso, um resultado ainda mais expressivo é indicado quando se coloca como questão a importância de “*terminar os estudos*”. Nesse caso, 196 adolescentes, isto é, 70% de todos os adolescentes pesquisados apontaram que acreditam que terminar os estudos é “muito importante”.

A terceira questão do conjunto de afirmações apresentadas na tabela 8 teve como resultado que para 188 adolescentes, isto é, 67,1% dos sujeitos pesquisados, “*preparar-se para o futuro (cursos, estudos, um bom currículo) é*” muito importante, conforme pode ser observado na tabela a seguir.

Tabela 8 – Resultados das questões likert que investigavam o grau de importância que os adolescentes atribuíam ao estudo.

Questões	Sem importância		Pouco importante		Importância média		Importante		Muito importante		TOTAL	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Terminar os estudos é...	12	4,3	13	4,6	16	5,7	43	15,4	196	70	280	100
Terminar os estudos no tempo certo (sem repetir de ano) é...	9	3,2	10	3,6	21	7,5	61	21,8	179	63,9	280	100
Preparar-se para o futuro (estudo, cursos, um bom currículo) é...	16	5,7	7	2,5	17	6,1	52	18,6	188	67,1	280	100

Esses resultados vão ao encontro da fala de Catarina diante da figura 8 (pessoas assistindo a uma aula) e das falas de Lia e Ricardo a partir da figura 3 (estudantes realizando uma prova).

Hoje em dia, para você conseguir um emprego bom, que você quer, você precisa ir atrás de um estudo primeiramente. E, hoje em dia, não adianta você ter apenas o Ensino Fundamental, hoje em dia, quanto mais estudo você tem, mais chances você tem no mercado, de trabalhar no cargo que você quer, ou acima... (Catarina)

É uma pessoa estudando, né? Ela está pensando no futuro. (Lia)

É uma pessoa jovem, fazendo uma faculdade, ela está se preparando para o futuro. Significa chance de ter um emprego e de crescer na vida também, profissionalmente. (Ricardo)

Essas falas, especialmente o relato de Ricardo, destacam o estudo como um caminho importante para se ter um bom futuro profissional. Esse mesmo resultado também foi encontrado na pesquisa de Oliveira et al. (2001) na qual o estudo foi considerado pelos adolescentes pesquisados como um elemento facilitador da ascensão social, “seja essa mobilidade social garantida por um melhor emprego ou profissão, seja assegurada por elementos abstratos como “ser alguém na vida”, afirmação essa provavelmente associada ao sucesso financeiro” (OLIVEIRA et al, 2005, p. 250).

Nesse mesmo sentido, foram organizadas as questões em um conjunto que é apresentado na tabela 9. A primeira dessas questões colocava a afirmação “*devo sempre investir em cursos e em uma faculdade, pois, eles podem me ajudar a conseguir um bom emprego*” e para tal, a maioria dos adolescentes, isto é 157 responderam que concordam totalmente com essa afirmação (56,1%) e mais 80 adolescentes indicaram concordância (28,6%), chegando-se a 237 respostas afirmativas (84,7%).

Esse resultado também foi claramente encontrado na pesquisa de Oliveira et al. (2005) na qual ficou evidente que os adolescentes relacionavam o sucesso profissional, especialmente, com a formação de nível superior, assim o “fazer uma

faculdade” representava para os adolescentes pesquisados o caminho para a melhoria das condições de vida.

A afirmação seguinte, que também está apresentada na tabela 9, colocava que “o estudo é importante para que eu tenha um bom futuro” e, conforme a tendência já apresentada, 240 adolescentes apresentaram respostas de concordância, sendo 170 respostas de “concordo totalmente” (60,7%) e 70 de “concordo” (25%).

E, buscando identificar uma diferença de intensidade da importância do estudo, a afirmação “o estudo é essencial para que eu tenha um bom futuro” apresentou uma diminuição de respostas de total concordância, contudo, essa afirmativa ainda conquistou 158 respostas de “concordo totalmente” (56,4%), além de mais 79 respostas de “concordo” (28,2%), chegando a 237 adolescentes (84,6%) que responderam positivamente a essa afirmativa. Todos esses resultados podem ser encontrados na tabela a seguir.

Tabela 9 – Resultados das questões likert que investigavam a importância do estudo para o futuro profissional.

Questões	Discordo totalmente		Discordo		Nem concordo nem discordo		Concordo		Concordo totalmente		Sem resposta		TOTAL	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Devo sempre investir em cursos e em uma faculdade, pois eles podem me ajudar a conseguir um bom emprego.	14	5	12	4,3	17	6,1	80	28,6	157	56,1	0	0	280	100
O estudo é importante para que eu tenha um bom futuro.	15	5,4	10	3,6	14	5	70	25	170	60,7	1	0,4	280	100
O estudo é essencial para que eu tenha um bom futuro.	8	2,9	19	6,8	16	5,7	79	28,2	158	56,4	0	0	280	100

Esses resultados também foram apontados pelos adolescentes, principalmente, nos relatos a partir da associação livre a figuras. Ricardo, em resposta a figura 8 (pessoas assistindo a uma aula), colocou que “*estudar é ter uma boa vida, uma boa chance de ter uma família, de ter uma renda familiar também*”, indicando a forma como relaciona o estudo à possibilidade de ter “um bom futuro.” Sobre a mesma figura Vitor coloca:

Isso mostra que eu posso seguir o que eu quero, fazer uma faculdade, ter um bom estudo, mas, nunca deixar isso de lado:

prestar atenção e fazer tudo certinho, para que eu possa ter boas conquistas na vida. (Vitor)

A fala de Sofia, por sua vez, fala especificamente da possibilidade de se cursar uma faculdade como algo que vai lhe proporcionar um bom emprego.

Acho que essa moça está em busca de ensinamentos, ela busca estudo para subir na vida. Aqui ela deve estar fazendo alguma prova, algum concurso, porque se ela conseguir essa bolsa ou algo assim, ela vai conseguir fazer uma faculdade para subir na vida... Quem sabe, mais para frente, ela vai conseguir um bom ter serviço, um bom salário. Ela busca ser alguém na vida, quem sabe uma engenheira, pode ganhar muito bem, poder ajudar em casa com o que ganha, o pai e a mãe. Ela pode ser grande na vida. (Sofia)

O conjunto seguinte de questões colocou a investigação do trabalho como algo importante para o futuro, possibilitando a análise de uma relação entre o trabalho e o estudo como caminhos que possam possibilitar um bom futuro profissional para os adoelscentes, contribuindo, assim, para a investigação das representações sociais do trabalho para adolescentes trabalhadores.

Assim, a primeira questão coloca os dois caminho (trabalho e estudo) como as melhores chances que se tem para ter um bom futuro. Para essa afirmação, 182 adolescentes respondem que concordam totalmente (65%) e outros 61 apontam que concordam (21,8%), assim, temos 243 respostas de concordância, representando 86,8% do total de sujeitos pesquisados.

A afirmação “o trabalho é uma forma de adquirir experiência para o meu currículo profissional” teve 122 respostas “concordo totalmente” (43,6%) e 111 respostas “concordo” (39,6%), chegando-se a 233 adolescentes (83,2%) que apresentaram concordância diante da afirmativa.

A última afirmativa apresentada na tabela 9 foi “o trabalho é essencial para que eu tenha um bom futuro” e para tal 187 adolescentes apresentaram respostas de concordância (66,8%), sendo 113 concordando (40,4%) e 74 adolescentes concordando totalmente (26,4%). Todos esses resultados podem ser observados na tabela a seguir.

Tabela 10 – Resultados das questões likert que investigavam a importância do trabalho e do estudo para o futuro profissional.

Questões	Discordo totalmente		Discordo		Nem concordo nem discordo		Concordo		Concordo totalmente		TOTAL	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
O trabalho e o estudo são as melhores chances que eu tenho para ter um futuro melhor.	11	3,9	11	3,9	15	5,4	61	21,8	182	65	280	100
O trabalho é uma forma de adquirir experiência profissional para o meu currículo.	14	5	12	4,3	21	7,5	111	39,6	122	43,6	280	100
O trabalho é essencial para que eu tenha um bom futuro.	21	7,5	33	11,8	39	13,9	113	40,4	74	26,4	280	100

A crença de que o estudo e o trabalho são as melhores chances para que os adolescentes trabalhadores tenham um futuro profissional também foi expresso por Vitor, contudo, em sua fala ele deixou uma ambiguidade em relação aquilo que ele deve priorizar: trabalho ou estudo.

*Aparentemente parece uma pessoa fazendo uma prova. E para fazer uma prova a pessoa tem que estudar, então, eu acho que eu devo sempre estar estudando. Claro, **o serviço é algo que a gente deve dar uma priorizada, mas, também nunca podemos deixar os estudos de lado.** Então, eu acho que eu devo estar sempre estudando porque o estudo é a base para a gente conseguir as coisas na vida. O cara aqui atrás parece que está olhando para o lado, parece que ele está colando, mas, isso não traz futuro. Eu sempre devo estar estudando e nunca largar os estudos, **colocando os estudos como prioridade, assim como o serviço.** (Vitor, a partir da figura 3 – estudantes realizando uma prova) Grifos da pesquisadora.*

A questão da prioridade na vida dos adolescentes também foi discutida do trabalho de Raitz e Petters (2008), contudo, na pesquisa dessas autoras o trabalho adquiria um sentido prioritário por possibilitar que os jovens se sintam reconhecidos como sujeitos autônomos, porém, o estudo tampouco é completamente renegado, pois, é percebido pelos adolescentes como um elemento no qual depositam suas esperanças de sucesso no mercado de trabalho e de realização de seus projetos de

vida. Assim, as autoras colocam que a orientação vocacional se apresenta como uma demanda urgente na vida dos adolescentes.

Essa preocupação com a escolha por uma profissão também esteve presente nesta pesquisa. Rafael relaciona o trabalho na adolescência com a ideia de que esse pode proporcionar um conhecimento que será decisivo para escolha de uma profissão.

Pesquisadora: O que você acha do adolescente trabalhar?

Rafael: Eu acho que é um grande passo para o futuro dele porque ele já vai ter algum conhecimento do que ele quer, para definir o que ele gosta ou deixa de gostar. (Rafael)

Dessa forma, a experiência do trabalho também possibilitaria que os adolescentes trabalhadores tivessem contato com área de trabalho, favorecendo escolhas profissionais com base nessa experiência. Como pode se observar nas falas de Laísa e Milena.

Eu gosto muito de lidar com pessoas, até a faculdade que eu pretendo fazer é com isso.

Pesquisadora: E que faculdade você quer fazer?

Laísa: Eu quero fazer serviço social para ajudar as pessoas. (Laísa)

Nossa, eu sonhava tanto em ser manicure que você não tem nem ideia. Era muito! Mas, agora, eu vou seguir mesmo a carreira de administração... Eu também queria tanto ser arquiteta, mas, eu penso assim: arquiteta não vai ter tantas oportunidades de trabalho para eu seguir... Para poder trabalhar como arquiteta, eu vou ter que abrir a minha empresa e isso vai ser mais demorado, né? Então, eu vou seguir a administração mesmo, que já fica perto do que eu já estou fazendo... Então, eu vou continuar e ser administradora. (Milena)

Com essas falas, especialmente a fala de Milena, percebemos o quanto a experiência do trabalho altera a forma como os adolescentes se relacionam com o estudo. Como observado pelos resultados apresentados, a experiência do trabalho não faz com o que o estudo adquira um sentido secundário em suas vidas, pelo contrário, é valorado em termos do “quanto mais se estudar, melhores postos de

trabalho vão alcançar”, algo que, como apontado, tem forte influencia da competitividade e da dinamicidade impostas ao mercado de trabalho.

Dessa forma, essa relação trabalho x estudo, que, de acordo com os resultados, também pode ser colocada na relação “de quanto mais estudo, melhores são trabalhos”, é fortemente permeada pela dimensão da informação e, assim, compõe a representação social que os adolescentes trabalhadores tem do trabalho.

Contudo, embora não seja a função desta pesquisa, não se pode deixar de destacar que essa noção de estudo apresentada pelos adolescentes pesquisados é fortemente permeada por uma noção de que o estudo – e a escolarização – devem servir à logica do mercado de trabalho, adquirindo, assim, uma caráter de produção de uma mão de obra que seja mais adequada às exigências do mundo do trabalho. Todavia, por esta pesquisa não se propor a discutir questões específicas em relação ao estudo, encerra-se aqui essa discussão.

Com o fim deste terceiro bloco de análise, encerra-se a apresentação dos resultados e discussões e passa-se às considerações finais, na qual todas as discussões realizadas anteriores são sintetizadas e discutidas especificamente em termos daquilo que forma e define as representações sociais do trabalho para adolescentes trabalhadores, além de também serem respondidos os objetivos aos quais este trabalho se propunha.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste último capítulo, é necessário retomar os objetivos que nortearam os procedimentos que foram realizados ao longo deste estudo com a finalidade de verificar se foi atingido aquilo que foi proposto. Assim, cada um dos objetivos – geral e específicos – são retomados, possibilitando a indicação dos elementos que foram pesquisados e que permitem respondê-los.

Começa-se, assim, pelos objetivos específicos que colocava o interesse em (1) conhecer a realidade sociodemográfica dos adolescentes pesquisados; (2) apresentar os motivos que incentivaram os adolescentes a se inserirem no mercado de trabalho; (3) identificar as atitudes dos adolescentes diante do trabalho; (4) descrever as influências do trabalho em relação à família, ao lazer, ao estudo, às conquistas e aos planos para o futuro dos adolescentes pesquisados e; (5) verificar a função do trabalho na vida dos adolescentes.

Em relação a realidade dos adolescentes, as análises da caracterização sociodemográfica, realizada a partir dos dados dos questionários, assim como as informações dos dados pessoais obtidos na parte qualitativa da pesquisa, possibilitou o conhecimento dessa realidade. Assim, sabe-se que os adolescentes pesquisados são predominantemente do gênero feminino, tinham cerca de 17 anos na ocasião da pesquisa, e eram, majoritariamente, solteiros e sem filhos.

Sobre a organização familiar dos sujeitos de pesquisa, os resultados mais significantes (devido à sua frequência) foram que 74 adolescentes pesquisados (26,4%) indicaram que moram com mais quatro pessoas em suas casas e, em relação aos cômodos das casas, 103 adolescentes (36,8%) apontaram que suas casas tem quatro cômodos, além da varanda e do banheiro.

Esses adolescentes pesquisados tiveram sua primeira experiência laboral entre os 15 e 16 anos e recebiam pelo seu trabalho um salário mínimo (R\$678,00 na ocasião da pesquisa). Outras pessoas da família dos adolescentes, principalmente, suas mães e pais também trabalhavam na ocasião da pesquisa, o que fazia com que suas rendas familiares chegassem a cerca de dois a três salários mínimos.

Com isso, temos informações importantes a respeito da realidade dos adolescentes, principalmente, que eles precisavam utilizar os seus salários como uma complementação da renda familiar, também podendo atender aos seus desejos de consumo, como foi relatado pelos adolescentes durante a pesquisa.

Dessa forma, o aspecto financeiro adquire grande importância diante dos motivos que levaram esses adolescentes a se inserirem no mercado de trabalho. Isso porque, o aspecto financeiro, ainda que seja para atender desejos de consumo, foi bastante indicado pelos adolescentes trabalhadores.

Eles indicaram que buscaram trabalho para poderem se sentir mais independentes, podendo comprar suas coisas e sair para se divertir sem precisar pedir dinheiro para os pais; algo que, em algumas situações também era colocado como uma ajuda para a família.

Além disso, se considerarmos que os adolescentes recebiam um salário mínimo por seus trabalhos e que a renda familiar predominante era de dois a três salários mínimos, pode-se observar a importância da renda desses adolescentes, uma vez que essa pode representar cerca de um terço a metade de tudo aquilo que a família tem em termos financeiros para garantir o seu sustento básico de moradia, e alimentação.

Ainda em relação aos motivos para o início da atividade laboral, os adolescentes também apontaram que começaram a trabalhar pelo incentivo que a instituição pesquisada forneceu, auxiliando-os a se inserirem no mercado de trabalho pela parceria realizada com as empresas.

A família também foi apontada como um incentivo, tendo sido apontado, inclusive, que alguns pais incentivaram apontando “vantagens” que os adolescentes teriam com o trabalho. Essas “vantagens” relacionavam-se aos aspectos financeiros e a oportunidade de aprendizagem e de ter um futuro melhor.

Essa preocupação com o futuro também motivou alguns adolescentes a se inserirem no mercado de trabalho. Nesse sentido, eles apresentaram um dos elementos das representações sociais do trabalho realizado na adolescência, ou seja, que o trabalho realizado ainda na adolescência possibilitaria que eles tivessem um diferencial para conseguir um emprego na vida adulta. Esse diferencial se daria pelo fato de eles já terem aprendido atitudes adequadas ao mercado de trabalho, já terem experiência em alguma área e terem conhecimento daquilo que eles gostariam para o futuro.

Também foi interessante perceber que alguns adolescentes começaram a trabalhar pela curiosidade que tinham em relação a como era uma rotina e um ambiente de trabalho. Alguns adolescentes indicaram que ver os seus familiares indo trabalhar despertava neles a vontade de fazer o mesmo.

Esse aspecto relaciona-se com o objetivo específico que visava à identificação das atitudes dos adolescentes diante do trabalho, isso porque os adolescentes se colocavam como muito responsáveis e preocupados em atender às necessidades do mercado de trabalho. Eles demonstram ter conhecimentos daquilo que era esperado a respeito da forma com a qual deveriam se comportar e demonstram aceitar bem isso.

Um exemplo é a questão das competências interpessoais que o mercado de trabalho coloca como algo bastante valorizado. Mais do que ter uma formação e uma qualificação técnica, o mundo do trabalho exige que se tenha uma atitude de se relacionar bem com as pessoas no ambiente de trabalho; que se saiba trabalhar em equipe, visando às metas do trabalho e; que apresente compromisso com as tarefas e com o próprio ambiente laboral.

Todos os adolescentes apresentaram falas que indicam que eles tem essa atitude comprometida, responsável e de flexibilidade na interação com os seus colegas de trabalho. Alguns adolescentes colocaram a forma como o trabalho mudou suas visões de mundo, suas maneiras de se comportar e, ao falar de suas características pessoais, eles apresentam essas mesmas características valorizadas em um trabalhador, segundo as informações que se obtém no mercado de trabalho.

Dessa forma, o trabalho é colocado pelos adolescentes como algo que influenciou muito as suas vidas. Essas influências são apontadas em termos de sua relação com a família quando os adolescentes indicam que são reconhecidos e valorizados por seus familiares a partir da experiência do trabalho. Em apenas uma situação essa influência do trabalho na família dos adolescentes foi colocado como um aspecto negativo, e isso aconteceu quando foi apontado que não era possível juntar a sua família em um momento de lazer devido às obrigações – não só do adolescente, mas, de toda a sua família.

O lazer também foi influenciado pela experiência laboral, contudo, ainda que os adolescentes apontassem o trabalho como algo que diminuiu o tempo para o lazer, isso não era percebido como algo negativo, pois, isso foi representado como algo que faz parte do mundo adulto ao qual esses adolescentes demonstram acreditar que fazem parte. Essa representação de amadurecimento e de crescimento é reconhecida pelos adolescentes como uma conquista realizada pelo trabalho, sendo bastante valorizado o fato deles se perceberem mais responsáveis e

independentes, sendo esses elementos de representações sociais do trabalho para os adolescentes pesquisados.

O trabalho também influenciou a relação dos adolescentes com o estudo e com os planos o futuro, tendo sido apontado que o estudo, principalmente, com a possibilidade de se cursar uma faculdade seria a chance desses adolescentes de terem acesso a melhores postos no mercado de trabalho. Dessa forma, os adolescentes demonstraram representar o estudo como algo fundamental para suas vidas por lhes proporcionar melhores condições de vida obtidas por trabalhos cada vez mais especializados.

Isso pode ser exemplificado pela representação social que os adolescentes indicaram a respeito do trabalho informal. Para eles, o trabalho informal é a condição necessária para a sobrevivência de pessoas que não tiveram condições de estudar, o que, certamente, reforça a vontade de estudar desses adolescentes pesquisados.

Muitos adolescentes manifestaram interesse em continuar estudando, fazer uma faculdade e, assim, atingir cargos cada vez maiores, possibilitando-os ter uma vida mais tranquila – como foi atribuído por alguns adolescentes ao ver a figura da família, empinando pipa. Para eles, essa cena somente era possível porque alguém – pai ou mãe – tinha estudado, dedicado-se para oferecer aquela vida à família, transmitindo a ideia que a recompensa (lazer, vida tranquila) somente seria possível após o esforço (estudo e trabalho).

Além disso, algumas falas também indicaram que a experiência de trabalhar na adolescência diminui o tempo que eles tem para estudar devido a dupla jornada de trabalho e estudo. Contudo, isso não era colocado como algo negativo, mas, sim, como algo natural dessa experiência. Percebe-se, então, a valorização do estudo, mas, sem a reflexão se esse estudo está sendo realizado com qualidade, preocupações que também não costumam ser próprias dessa faixa etária.

Nesse sentido, a função do trabalho na vida dos adolescentes pesquisados refere-se a uma possibilidade desses adolescentes desenvolverem suas identidades, como pessoas trabalhadoras, responsáveis e que se esforçam para ter uma vida melhor. O trabalho é representado como uma possibilidade de ascensão social pela via do merecimento e da honestidade. A experiência, as aprendizagens e as oportunidades obtidas com trabalho, somam-se com os estudos, na expectativa de se ter melhores condições financeiras e mais sonhos realizados.

Esses elementos também fazem parte das representações sociais do trabalho para os adolescentes pesquisados, pois, são construções sociais que se relacionam com a evolução do trabalho e da organização da sociedade brasileira, contudo, essas construções sociais são indicadas mais a frente, no apontamento do objetivo geral.

Com tudo que já foi apontado, é possível afirmar que os adolescentes trabalhadores entendem que o trabalho é capaz de modificar as vidas das pessoas, proporcionando-lhes mais independência, oportunidades de aprendizado e responsabilidades. Além disso, o trabalho na adolescência foi apontado como algo fundamental para garantir uma inserção no mercado de trabalho na vida adulta.

Assim, tem-se as respostas para todos os objetivos específicos, possibilitando, então, a resposta ao objetivo geral desta pesquisa que era investigar as representações sociais do trabalho para adolescentes trabalhadores inseridos em um programa de aprendizagem laboral organizado por uma instituição localizada no município de São José dos Campos/SP.

As representações sociais do trabalho para os adolescentes estão relacionadas com a ideia de aprendizagem, oportunidade, experiência, importância para os projetos pessoais e profissionais para o futuro, aquisição de responsabilidade, amadurecimento, “desvio de maus caminhos” e, um forte valor moral ligado à ideia de ser trabalhador.

Esses são elementos de representações sociais, pois, entre outros fatores, são verificações claras de construções sociais elaboradas pelo grupo de adolescentes pesquisados, que estão inseridos em uma sociedade, com uma história, uma cultura e uma determinada noção de pertencimento a grupos sociais.

Assim, a representação social do trabalho dentro o grupo pesquisado envolve a possibilidade de se alcançar melhores condições de vida e de ter experiências e aprendizagens a partir da vivência laboral, o que tem relação com representações sociais hegemônicas a respeito do trabalho.

Em relação às origens das representações sociais do trabalho para adolescentes, também foi possível verificar que os discursos dos adolescentes sobre o trabalho são fortemente permeados pelas três dimensões das representações sociais: informação, campo representacional e atitudes (MOSCOVICI, 2012).

A dimensão informativa das representações sociais foi verificada, principalmente, quando os adolescentes demonstraram que suas representações

sobre o trabalho estão diretamente relacionadas com as informações que o próprio mercado de trabalho veicula a respeito da vivência laboral, seja na mídia ou nas próprias empresas nas quais os adolescentes trabalham. Assim, características como responsabilidade, honestidade e capacidade de trabalhar em equipe são elementos de representações do que é ser um bom trabalhador.

No campo representacional foram identificadas representações sociais que colocavam o trabalho como algo que afasta os adolescentes trabalhadores da rua e da criminalidade. Além disso, o campo representacional também indica que os adolescentes trabalhadores formam imagens do trabalho como algo que concede ao trabalhador características de honestidade, dignidade e batalhador, sendo também uma oportunidade de independência financeira e garantia da empregabilidade no futuro.

A dimensão das atitudes que se refere a julgamentos e posicionamentos diante de algo foi verificada nas mudanças de comportamentos dos adolescentes depois da experiência do trabalho, isto é, no fato deles se tornarem mais responsáveis e de buscarem investir em seus projetos de vida após terem iniciado uma atividade laboral.

É importante ressaltar que, embora essas dimensões tenham sido apontadas isoladamente, isso foi realizado com a finalidade didática de apontamento de como foi possível a identificação das representações sociais do trabalho, porém, entende-se que toda R.S. é formada por essas três dimensões que se articulam e se completam.

Em relação aos tipos de ancoragem: psicológicas, sociológicas e psicossociais, tem-se que as representações sociais se ancoram em aspectos psicológicos da vida do adolescente quando ele relaciona o trabalho à importância da atividade laboral na adolescência para os projetos pessoais e profissionais para o futuro, além da aquisição de responsabilidade e amadurecimento que contribuem para o seu reconhecimento diante da sociedade e para a formação de sua identidade.

Além disso, essa representação social do trabalho apontada também se ancora em aspectos sociais quando se relaciona à ideia de aquisição de aprendizagens, experiências e melhores oportunidades no mercado de trabalho, que refletem a pertença dos adolescentes pesquisados a determinado grupo social. Assim, como adolescentes trabalhadores brasileiros que pertencem às camadas

populares da sociedade eles refletem uma construção histórica desse grupo que concebe a noção do trabalho como uma oportunidade de aprendizagens e de melhorias de condições de vida, sendo o trabalho uma importante via de ascensão social.

E, por fim, essa representação social do trabalho se ancora em aspectos psicossociais quando coloca o trabalho como um “desvio dos maus caminhos” e como algo que concede um valor moral ao Homem, como se trabalhar fosse sinônimo de honestidade, dignidade, força de vontade e respeito. Além disso, a representação social do trabalho como algo relacionado à independência financeira e à garantia da empregabilidade no futuro também se ancora nesses aspectos psicossociais, ainda que também sejam permeados por aspectos ideológicos.

Ressalta-se a questão da ideologia, porque os adolescentes representam que o trabalho também lhes proporciona o acesso a um mercado de consumo pelo salário obtido com suas atividades laborais, contudo, não indicam que esse acesso ainda é restrito – diante de adolescentes de outras classes sociais – e não questionam a necessidade do consumo imposto pela sociedade capitalista como uma via obrigatória para o reconhecimento deles como seres produtivos, isto é, reproduzem a noção da importância do consumo como se as pessoas fossem aquilo que elas consomem.

Desta forma, todos os objetivos propostos com esta pesquisa foram atingidos, o que de maneira alguma esgota todas as possibilidades de discussão do fenômeno das representações sociais do trabalho para adolescentes trabalhadores. Acredita-se que é importante que outros estudos nesse sentido também sejam realizados, possibilitando a discussão desse tema na comunidade científica.

Além disso, ao longo deste estudo, outros temas pertinentes ao fenômeno das representações sociais do trabalho na adolescência também foram sendo pensados, como uma continuidade desse estudo. Pensou-se em estudar as representações sociais do trabalho para adolescentes que não trabalhassem vinculados a um programa de aprendizagem para se verificar as alterações nas representações sociais que o contexto do trabalho provoca.

Também se pensou em um estudo que tivesse como objetivo identificar a maneira com a representação social do trabalho influencia na formação da identidade dos adolescentes. Refletiu-se que seria relevante estudar as

representações sociais do trabalho para adolescentes que não fossem trabalhadores e que estivessem inseridos em escolas particulares.

E, por fim, interessou-se em pesquisar as representações sociais do trabalho de adultos que foram adolescentes aprendizes, visando verificar as continuidades e mudanças que essa representação social do trabalho pode passar com um tempo maior de experiência no mercado de trabalho.

Todas essas ideias de continuidade desse trabalho poderiam contribuir para o estudo das representações sociais do trabalho e, portanto, sugere-se caminhos possíveis de estudo, pois, tem-se consciência que, embora a presente pesquisa tenha contribuído para o estudo das representações sociais do trabalho, ainda há muito que se estudar nesse sentido devido a própria importância do tema que se colocou.

Destaca-se, ainda, que o estudo do trabalho na adolescência não desse ser considerado como o estudo de um fenômeno social naturalizado. O trabalho na adolescência é uma necessidade “imposta” aos adolescentes das camadas populares que precisam trabalhar para ajudar no sustento de suas famílias.

No modo de organização do sistema capitalista vigente, as pessoas precisam produzir e consumir constante. Como os adolescentes das camadas mais populares não poderiam ter acesso aos produtos “da moda” por via de seus pais, coloca-se para eles que o trabalho lhes possibilitará esse consumo, conferindo-os *status* em uma sociedade que valoriza o consumo. Dessa forma, impõe-se para esses adolescentes a necessidade de serem produtivos, de trabalharem para poderem “ser alguém na vida”.

Com o objetivo de mascarar a exigência de produção e consumo que se coloca nesses adolescentes trabalhadores, veiculam-se, nos diferentes grupos sociais, ideias de que o trabalho proporcionará crescimento, amadurecimento e uma possibilidade de se ter uma vida melhor, como verificado com os resultados desta pesquisa.

No entanto, crescimento, amadurecimento e a pressão de se garantir um futuro melhor não são aspectos desejáveis em um sujeito que está em desenvolvimento. O adolescente vive um período de construção de sua identidade e, portanto, deveria poder vivenciar diferentes atividades de lazer, estudo de qualidade e momentos com sua família. Nessa etapa da vida, o adolescente deve criar as bases para o seu amadurecimento – e não ter as responsabilidades de um adulto.

O que é interessante, contudo, é que aos adolescentes das classes mais altas, que possuem o acesso a bens de consumo pela via de seus pais e/ou familiares, o trabalho não se coloca como algo tão natural quanto é colocado para os adolescentes participantes deste estudo, por exemplo.

Quando se mostra para adolescentes das classes populares a necessidade de trabalhar na adolescência como algo natural, exime-se a sociedade e o poder público de pensar atividades e políticas públicas que possibilitem o desenvolvimento integral e adequado desses sujeitos.

Assim, deposita-se na atividade produtiva (trabalho) a oportunidade de crescer e amadurecer, encobrindo o fato de que o trabalho, na verdade, é uma forma de garantir o consumo e, assim, manter os pilares da sociedade capitalista.

Aos adolescentes das famílias mais ricas, cabe se preparar para um mercado de trabalho cada vez mais competitivo e exigente que eles somente enfrentarão no futuro.

Não se pode perder de vista de que trabalho na adolescência é algo que diz respeito à organização e à manutenção da sociedade, e que todos nós, ao desconsiderar as necessidades dos adolescentes de estudarem e se desenvolverem psíquica, social e fisicamente, estamos exigindo cada vez mais de adolescentes que apenas deveriam poder viver todas as dúvidas e angústias do que serão na vida adulta, sem precisarem antecipar etapas de seu desenvolvimento.

Dessa forma, é necessário que os pesquisadores sejam capazes de reconhecer esses determinismos sociais e possam trabalhar no processo de conscientização para que se possa preservar crianças e adolescentes da experiência do trabalho ou que, ao menos, possa-se garantir uma dimensão educativa nesse trabalho, uma vez que é preciso considerar que esses sujeitos estão em desenvolvimento e que são necessários cuidados com a saúde, estudos, sociabilidade e amadurecimento psíquico.

Por fim, com esta pesquisa, acredita-se que foi possível discutir na comunidade científica a função do trabalho na adolescência (como ela está enraizada na história de nossa sociedade), além de possibilitar a reflexão a respeito das representações sociais do trabalho para os adolescentes trabalhadores.

REFERÊNCIAS

ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. **Adolescência normal**. 4 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

ALVES-MAZZOTTI, A. J. Representações sociais: aspectos teóricos e aplicações à educação. **Revista Múltiplas Leituras**, v. 1, n.1, p. 18-43, jan.- jun. 2008. Disponível em: <<http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/viewFile/912/818>>.

Acesso em: 09 mai. 2012.

ALVES, R. F.; BRASILEIRO, M do C. E.; BRITO, S. M. DE O. Interdisciplinaridade: um conceito em construção. **Episteme**, n. 19, p. 139-148, Jul.-Dez. 2004. Disponível em:

<www.ilea.ufrgs.br/episteme/pdf/numero19/episteme19_artigo_alvez_brasileiro_brito.pdf>. Acesso em 18 jun. 2012.

AMAZARRAY, M. R. et al. Aprendiz versus trabalhador: adolescentes em processo de aprendizagem. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 25, n. 3, Set. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v25n3/a06v25n3.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2012.

AMORIM, D. U. A visão dos agentes comunitários de saúde sobre os adolescentes e sua prática. 2011. 106 f. Monografia (Especialização) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2011.

AMORIM, F. R. A inserção laboral do adolescente: alguns olhares sobre trabalho e identidade. S. d. Disponível em: <<http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images>>. Acesso em 08 jun. 2012.

APOSTOLIDIS, T. Representations sociales et triangulation: une application en psychologie sociale de la sante. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 22, n. 2, P, 211-226, 2006. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v22n2/a11v22n2.pdf>>. Acesso em 09 nov. 2013.

APPOLINÁRIO, F. **Metodologia da ciência**: filosofia e prática da pesquisa. 2 ed. São Paulo: Cengage Learning, 2012.

ARIÈS, P. **História Social da Criança e da Família**. 2 ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

ARTECHE, A. X.; BANDEIRA, D. R. Bem estar subjetivo: um estudo com adolescentes trabalhadores. **Psico-USF**, v. 8, n. 2, p. 193-201, jul./dez. 2003.

Disponível em: <<http://www.scielo.org/pdf/pusf/v8n2/v8n2a11.pdf>>. Acesso em 08 set. 2012.

ASMUS, C. I. R. F. et al. Atenção integral à saúde de adolescentes em situação de trabalho. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 10, n. 4, p. 953-960, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.org/pdf/csc/v10n4/a18v10n4.pdf>>. Acesso em: 08 set. 2012.

ASSUNÇÃO, H. B. Trabalho do adolescente: uma questão complexa e controversa. In: VII Seminário de Saúde do Trabalhador, 2012, Franca/SP. **Anais eletrônicos do VII Seminário de Saúde do Trabalhador. Franca, 2012**. Disponível em: <<http://www.proceedings.scielo.br/pdf/sst/n8/45.pdf>>. Acesso em 12 abr. 2013.

AVILA, S. de F. O. de. A adolescência como ideal social. In: **SIMPÓSIO INTERNACIONAL DO ADOLESCENTE**, 2, 2005, São Paulo. Proceedings online.

Disponível em:

<http://www.proceedings.scielo.br/php?script=sci_arttext&pid=MSC000000002005000200008&lng=en&nrm=abn>. Acesso em: 06 out. 2012.

BALASSIANO, M.; SEABRA, A. A. de; LEMOS, A. H. Escolaridade, salários e empregabilidade: tem razão a Teoria do Capital Humano?. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 9, n. 4, p. 31-52, out./dez. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rac/v9n4a03>>. Acesso em: 19 mar. 2013.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 3 ed. Lisboa: Edições 70, 2004.

BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente** – Lei Federal 8069/1990. Brasília: Diário Oficial da União, 1990.

BORGES, L. de O.; YAMAMOTO, O. H. O Mundo do trabalho. In: ZANELLI, J. C.; BORGES-ANDRADE, J. E.; BASTOS, V. B. (orgs.) **Psicologia, organizações e trabalho no Brasil**. Porto Alegre: Artmed, 2004, p. 24-62.

BORGES, R. C. P.; COUTINHO, M. C. Trajetórias juvenis: significando projetos de vida a partir do primeiro emprego. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, v. 11, n. 2, p. 189-200, jul./dez. 2010. Disponível em: <<http://pepsic.bvs-psi.org.br/rbop>>. Acesso em 08 mai. 2013.

BUIAR, J. C. **Lei do Jovem Aprendiz: a legalização da adultização do adolescente trabalhador**. 2009. 136 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2009.

CALLIGARIS, C. **A adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2000.

CAMINO, L; TORRES, A. R. R. In: TORRES, A. R. R. et al. (orgs.). **Psicologia Social: Temas e Teorias**. Brasília: Technopolitik, 2011, p. 23-99.

CAMPOS, D. M. de S. **Psicologia da adolescência**. 23 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

CAMPOS, P. H. F.; ROUQUETTE, M-L. Abordagem estrutural e componente afetivo das representações sociais. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 16, n. 3, p. 435-445, 2003. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v16n3/v16n3a03.pdf>>. Acesso em: 27 mai. 2012.

CARLOS, J. G. Interdisciplinaridade no ensino médio: desafios e potencialidades. 2007. 171 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências)-Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

CASAGRANDE, C. L. Adolescente e o direito do trabalho: aprendizagem, estágio e trabalho educativo. Disponível em: <<http://www.escoladagente.org.br/noticiaDestaque.php?id=449>>. Acesso em 03 abr. 2013.

CASTRO, R. V. de. Prefácio. In: ALMEIDA, A. M. de O.; SANTOS, M. de F. de S.; TRINDADE, Z. A. **Teoria das Representações Sociais: 50 anos**. Brasília: Technopolitik, 2011, p. 5-12.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A.; SILVA, R. da. **Metodologia científica**. 6 ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

CHAMON, E. M. Q. de O. Representação Social e Práticas Organizacionais. In: _____ (org.). **Representação Social e Práticas Organizacionais**. Rio de Janeiro: Brasport, 2009, p. 1-12.

CHAVES, A. M.; SILVA, P. de L. Representações Sociais. In: TORRES, A. R. R. et al. (orgs.). **Psicologia Social: Temas e Teorias**. Brasília: Technopolitik, 2011, p. 299-349.

- COIMBRA, C. C.; BOCCO, F.; NASCIMENTO, M. L. Subvertendo o conceito de adolescência. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 57, n. 1, p. 2-11, 2005. Disponível em: <<http://www.psicologia.ufrj.br/abp>>. Acesso em 06 out. 2012.
- CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- CUNHA, M. V. **Psicologia da Educação**. Rio de Janeiro: Editora Lamparina, 2008.
- ERIKSON, E. H. **O ciclo de vida completo**. São Paulo: Artmed, 1998.
- ERIKSON, E. H. **Identidade, juventude e crise**. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1987.
- FADIMAN, J.; FRAGER, R. **Personalidade e Crescimento Pessoal**. 5 ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- FARIA, L. R. P. de; GUZZO, R. S. L. Em tempo de globalização: a representação social de emprego, trabalho e profissão em adolescentes. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 7, n. 3, p. 387-404, des. 2007. Disponível em: <<http://www.revispsi.uerj.br/v7n3/artigos/pdf/v7n3a03.pdf>>. Acesso em: 04 out. 2012.
- FARR, R. Representação Social: a teoria e sua história. In: GUARESCHI, P.; JOVCHELOVITCH, S. (orgs.). **Textos em representações sociais**. 13 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012, p. 27-51.
- FRANCO, M. L. P. B. Representações sócias, ideologia e desenvolvimento da consciência. **Cadernos de Pesquisa**, v. 34, n. 121, p. 169-186, jan.-abr. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v34n121/a08n121.pdf>>. Acesso em: 3 mai. 2012.
- FRIGOTTO, G. Educação e crise do trabalho assalariado e do desenvolvimento : teorias em conflito. In: _____ (org.). **Educação e crise do trabalho: perspectivas de final de século**. 5 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- GARBELINI, P. P. **Trabalho infantil; criança e adolescente**. 2011. 185 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, PR, 2011.

GUIMARÃES, R. M.; ROMANELLI, G. A inserção de adolescentes no mercado de trabalho através de uma ONG. **Psicologia em Estudo**, v. 7, n. 2, p. 117-126, jul./dez. 2002.

HOROCHOVSKI, M. T. H. Representações sociais: delineamentos de uma categoria analítica. *Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC*, v. 2, n. 1, p. 92-106, jan.-jun. 2004. Disponível em: <http://www.emtese.ufsc.br/2_art7.pdf>. Acesso em: 9 mai. 2012.

INSTITUTO Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Censo 2010**: Sinopses dos resultados do Censo 2010 (Base de dados). Disponível em: <<http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/webservice/default.php?cod1=35&cod2=354990&cod3=35&frm=piramide>>. Acesso em: 28 abr. 2013a.

INSTITUTO Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Censo Escolar 2012**: Cidades@ (Base de dados). Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=354990&idtema=117&search=sao-paulo|sao-jose-dos-campos|ensino-matriculas-docentes-e-rede-escolar-2012>>. Acesso em: 11 nov. 2013b.

JESUINO, J. C. Um conceito reencontrado. In: ALMEIDA, A. M. de O.; SANTOS, M. de F. de S.; TRINDADE, Z. A. **Teoria das Representações Sociais**: 50 anos. Brasília: Technopolitik, 2011, p. 33-57.

LACHTIM, S. A.F.; SOARES, C. B. Trabalho de jovens estudantes de uma escola pública: fortalecimento ou desgaste. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 62, n. 2, p. 179-186, mar./abr.2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v62n2/a02v62n2.pdf>>. Acesso em: 17 abr. 2013.

LAHLOU, S. Difusão das representações e inteligência coletiva distribuída. In: ALMEIDA, A. M. de O.; SANTOS, M. de F. de S.; TRINDADE, Z. A. **Teoria das Representações Sociais**: 50 anos. Brasília: Technopolitik, 2011, p. 59-97.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Técnicas de pesquisa**: planejamento e técnica de pesquisa, elaboração, análise. São Paulo: Atlas, 2001.

MARCELINO, M. Q. dos S. et al. Representações sociais do Projeto de Vida entre Adolescentes no Ensino Médio. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 29, n. 3, p. 544-

557, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pcp/v29n3/v29n3a09.pdf>>. Acesso em: 11 mai. 2012.

MARCHI, R. de C. Trabalho infantil: representações sociais de sua instituição em Blumenau/SC. **Educar em revista**, n. 47, p. 249-265, jan.- mar. / 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/n47/13.pdf>>. Acesso em: 31 out. 2013.

MARTINS, P. de O.; TRINDADE, Z. A.; ALMEIDA, A. M. de O. O ter e o ser: representações sociais da adolescência entre adolescentes de inserção urbana e rural. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 16, n. 3, p. 555-568, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/prc/v16n3/v16n3a14.pdf>>. Acesso em: 06 out. 2012.

MATTOS, E. de; CHAVES, A. M. As representações sociais do trabalho entre adolescentes aprendizes – estudo piloto. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**, v. 16, n. 3, p. 66-75, 2006. Disponível em: <<http://www.revistasusp.sibi.usp.br/pdf/rbcdh/v16n3/08.pdf>>. Acesso em: 20 mai. 2012.

MINARELLI, J. A. **Carreira sustentável**: como enfrentar as transições de carreira e ter trabalho e renda dos 18 aos 81 anos. São Paulo: Editora Gente, 2010.

MICHENER, H. A.; DELAMATER, J. D.; MYERS, D. J. **Psicologia Social**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

MOREIRA, M. I. C.; TOSTA, S. de F. P. Representações sociais de adolescentes sobre trabalho doméstico e escola. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, v. 3, n. 2, p. 175-186, mar. 2009. Disponível em <http://www.ufsj.edu.br/portal/2-repositorio/file/Moreira_e_Tosta.pdf>. Acesso em: 17 abr. 2013.

MOSCOVICI, S. Ideias e seu desenvolvimento – um diálogo entre Serge Moscovici e Ivana Marková. In: _____. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. 8 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

_____. **A psicanálise, sua imagem e seu público**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

MOURA, E. B. B. Crianças operárias na recém-industrializada São Paulo. In: DEL PRIORI, M. (org.). **História das crianças no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1999, p. 259-288.

MUCHINSKY, P. M. **Psicologia Organizacional**. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2004.

NASIO, J.-D. **O prazer de ler Freud**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1999.

NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (orgs.). **Pierre Bourdieu**: escritos de educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

OCAMPO, M.L.S. et al. **O processo psicodiagnóstico e as técnicas projetivas**. 9 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

OLIVEIRA, B. R. G.; ROBAZZI, M. L. do C. C. O trabalho na vida dos adolescentes: alguns fatores determinantes para o trabalho precoce. **Revista Latino-americana de Enfermagem**, v. 9, n. 3, p. 83-89, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rlae/v9n3/11503.pdf>>. Acesso em 12 mar. 2013.

OLIVEIRA, D. C. de et al. Representações sociais do trabalho: uma análise comparativa entre adolescentes trabalhadores e não trabalhadores. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 15, n. 2, p. 763-773, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.org/pdf/csc/v15n3/v15n3a19.pdf>>. Acesso em: 18 mai. 2012.

OLIVEIRA, D. C. de et al. Teorias do senso comum sobre o trabalho do adolescente em São Paulo e Rio de Janeiro – Brasil. **Ciência, cuidado e saúde**, v. 5, n. 2, p. 135-146, mai./ago. 2006. Disponível em: <<http://edueojs.uem.br/ojs/index.php/CiencCuidSaude/article/view/5054>>. Acesso em: 12 abr. 2013.

OLIVEIRA, D. C. de et al. A positividade e a negatividade do trabalho nas representações sociais de adolescentes. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 18, n. 1, p. 125-133, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v18n1/24826.pdf>>. Acesso em 15 jun. 2012.

OLIVEIRA, D. C. de et al. A escola e o trabalho entre adolescentes do ensino médio da cidade de São Paulo: uma análise de representações sociais. **Psicologia: Teoria e Prática**, v. 5, n. 1, p. 27-39, 2003a. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ptp/v5n1/v5n1a03.pdf>>. Acesso em: 20 mai. 2012.

OLIVEIRA, D. C. de et al. Adolescência e trabalho: enfrentando o presente e esperando o futuro. **Temas em Psicologia da Sociedade Brasileira de Psicologia**, v. 11, n. 1, p. 2-15, 2003b. Disponível em: <http://www.sbponline.org.br/revista2/vol11n1/art01_t.pdf>. Acesso em 08 set. 2012.

OLIVEIRA, D. C. de et al. Estudo das representações sociais através de duas metodologias de análise de dados. **Revista de Enfermagem - UERJ**, v. 11, n. 3, p. 317-327, 2003c. Disponível em: <<http://www.facenf.uerj.br/v11n3/v11n3a13.pdf>>. Acesso em 12 abr. 2013.

OLIVEIRA, D. C. de et al. Futuro e liberdade: o trabalho e a instituição escolar nas representações sociais de adolescentes. **Estudos de Psicologia**, v. 6, n. 2, p. 245-258, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v6n2/7278.pdf>>. Acesso em: 05 nov. 2012.

OLIVEIRA, M. S. B. S. de. Representações sociais e sociedades: a contribuição de Serge Moscovici. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 19, n. 55, p. 180-186, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v19n55/a14v1955.pdf>>. Acesso em: 20 mai. 2012.

OLIVEIRA, R. C. Trabalho adolescente: a experiência de uma ocupação regular. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, v. 14, n. 1, p. 43 – 57, 2011. Disponível em: <<http://www.revistausp.sibi.usp.br/pdf/cpst/v14n1a05/pdf>>. Acesso em: 08 set. 2012.

PIMENTA, A. A. et al. Repercussões do trabalho na saúde dos adolescentes trabalhadores. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 24, n. 5, p. 701-706, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ape/v24n5/17v24n5.pdf>>. Acesso em 15 jun. 2012.

PREFEITURA Municipal de São José dos Campos (Banco de dados). Disponível em: <<http://www.sjc.sp.gov.br/cidade.aspx>>. Acesso em: 28 abr. 2013.

RABELLO, E.; PASSOS, J. S. **Erikson e a Teoria Psicossocial do Desenvolvimento**, s.d. Disponível em: <<http://www.josesilveira.com>>. Acesso em: 06 out. 2012.

RIZZO, C. B. da S.; CHAMON, E. M. Q. de O. O sentido do trabalho para o adolescente trabalhador. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 8, n.3, p. 407-417, nov 2010/ fev. 2011.

RIZZO, C. B. da S.; CHAMON, E. M. Q. de O. A representação social do trabalho para o adolescente. **EccoS Revista Científica**, v. 12, n. 2, p. 453-467, jul./dez. 2010. Disponível em:

<<http://www4.uninove.br/ojs/index.php/eccos/article/viewFile/1993/1885>>. Acesso em: 17 mai. 2012.

RIZZO, C. B. da S. **A representação social do trabalho para os adolescentes ao iniciarem uma atividade profissional**. 2008. 221 f. Dissertação (Mestrado em Gestão e Desenvolvimento Regional) – Universidade de Taubaté, Taubaté, SP, 2008.

ROCHA, E. G.; FREITAS, V.P. A proteção legal do jovem trabalhador. **Revista da UFG**, v. 6, n. 1, jun. 2004. Disponível em: <http://www.proec.ufg.br/revista_ufg/juventude/legal.html>. Acesso em 03 abr. 2013.

SÁ, C. P. **A Construção do Objeto de Pesquisa em Representações Sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

SANTOS, G. E. de O. **Cálculo amostral**: calculadora on-line. Disponível em: <<http://www.calculoamostral.vai.la>>. Acesso em: 28 abr. 2013.

SENNA, S. R. C. M.; DESSEN, M. A. Contribuições das teorias do desenvolvimento humano para a concepção contemporânea da adolescência. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 28, n. 1, Mar. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v28n1/13.pdf>>. Acesso em: 19 abr. 2012.

SCHOEN-FERREIRA, T. H.; AZNAR-FARIAS, M.; SILVARES, E. F. de M. Adolescência através dos séculos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 26, n. 2, p. 227-234, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v23n2/a04v26n2.pdf>>. Acesso em: 29 set. 2012.

SILVA, R. D. M.; TRINDADE, Z. A.; LEAL, L. de S. Representações sociais de trabalho para adolescentes aprendizes. In: TRINDADE, Z. A et al. (orgs.). **Estudos em Representações Sociais**. 3 v. Vitória: GM Editora, 2012, p. 178-184

SILVA, S. E. D. da; CAMARGO, B. V.; PADILHA, M. I. A Teoria das Representações Sociais nas pesquisas da enfermagem brasileira. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 64, n. 5, p. 947-951, set./out. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v64n5/a22v64n5.pdf>>. Acesso em: 28 abr. 2013.

SILVA, V. H. da. Cidadania e inserção laboral assistida: a experiência do trabalho formal de adolescentes pobres. **Estudos de Psicologia**, v. 16, n. 2, p. 187-196,

mai./ago. 2011. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v16n2/v16n2a10.pdf> >. Acesso em: 26 mai. 2012.

SILVA, W. R. A construção da interdisciplinaridade no espaço complexo de ensino e pesquisa. **Cadernos de Pesquisa**, v. 41, n. 143, p. 582-605, ago. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v41n143/a13v41n143.pdf> >. Acesso em 20 jun. 2012.

SOUSA, O. M. C. G. de; ALBERTO, M. de F. P. Trabalho precoce e processo de escolarização de crianças e adolescentes. **Psicologia em Estudo**, v. 12, n. 4, p. 713-722, out./dez. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v13n4/v13n4a09.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2012.

SPINK, M. J. P. O conceito de Representação Social na Abordagem Psicossocial. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 9, n. 3, p. 300 – 308, jul./set. 1993. Disponível em: <<http://www.scielo.org/pdf/csp/v9n3/17.pdf>>. Acesso em: 25 set. 2012.

TORRES, C. A. et al. Adolescência e trabalho: significados, dificuldades e repercussões na saúde. **Interface: Comunicação, Saúde e Educação**, v. 14, n.35, p. 839-850, out./dez. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/icse/v14n35/v14n35a10.pdf>>. Acesso 25 set. 2012.

TRINDADE, Z. A.; SANTOS, M. de F. de S.; ALMEIDA, A. M. de O. Ancoragem: notas sobre consensos e dissensos. In: ALMEIDA, A. M. de O.; SANTOS, M. de F. de S.; TRINDADE, Z. A. **Teoria das Representações Sociais: 50 anos**. Brasília: Technopolitik, 2011, p. 101-121.

VALA, J. Representações Sociais e Psicologia Social do conhecimento do cotidiano. In: VALA, J.; MONTEIRO, M. B. (coord.). **Psicologia Social**. 4 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

VENANCIO, R. P. Os aprendizes da guerra. In: DEL PRIORE, M. (org.). **História das crianças no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1999, p. 192-209.

WATARI, F.; ROMANELLI, G. Adolescentes do sexo masculino: trabalho remunerado e construção da identidade. **Psicologia em Estudo**, v. 15, n. 3, pp.547-556, jul./dez. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v15n3/v15n3a12.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2012.

WOLTER, M. C. P. Serge Moscovici: um pensador do social. In: ALMEIDA, A. M. de O.; SANTOS, M. de F. de S.; TRINDADE, Z. A. **Teoria das Representações**

Sociais: 50 anos. Brasília: Technopolitik, 2011, p. 21-29.

YIN, R. K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 2 ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

APÊNDICE A

LEVANTAMENTO INICIAL DAS PRODUÇÕES ACADÊMICAS SOBRE O ADOLESCENTE TRABALHADOR

A partir da escolha em se estudar os adolescentes trabalhadores fez-se necessário investigar as produções acadêmicas sobre o tema com a finalidade de se obter autores referenciais que discutem o assunto, conhecer as metodologias e as abordagens mais frequentes.

Além disso, acessar os conhecimentos científicos já produzidos a respeito do adolescente trabalhador se faz importante, pois, somente conhecendo aquilo que foi estudado é que o presente trabalho pode avançar e contribuir para o desenvolvimento das pesquisas dessa temática.

Com a finalidade de se levantar os estudos já realizados a respeito da temática do adolescente trabalhador, fez-se um levantamento das produções científicas em dois bancos de dados: no Banco de Teses da CAPES e no SciELO (*Scientific Electronic Library Online*).

A escolha por essas bases de dados se deu porque o Banco de Teses da CAPES pretende reunir todas as produções acadêmicas realizadas por programas de pós-graduação reconhecidos pela CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) em território nacional.

Por sua vez, a escolha pela SciELO se deu pelo fato dessa reunir um grande número de artigos científicos, de diversas áreas do conhecimento e de nacionalidades diferentes, possibilitando o acesso virtual e gratuito a inúmeras produções científicas.

Dessa forma, no Banco de Teses da CAPES puderam ser encontradas monografias, dissertações e teses, ao passo que na SciELO somente foram levantados artigos científicos publicados em revistas nacionais e internacionais. Essa diferença entre a natureza das produções levantadas acarretou na escolha por diferentes períodos levantados e classificados nesse estado da arte.

Assim, por exigirem uma leitura mais detalhada, as monografias, dissertações e teses, foram levantadas apenas no período entre os anos de 2007 a 2011, enquanto os artigos abrangeram um período maior, de 2003 a 2012. É importante ressaltar que na SciELO os artigos ficam disponíveis para consulta online a partir da

data de sua publicação, o que permitiu a inclusão do ano de 2012. No caso do Banco de Teses da CAPES, não foi possível a inclusão do ano 2012, pois, as produções desse ano ainda não estavam inseridas na base de dados.

Esses levantamentos foram realizados no início do desenvolvimento da pesquisa, no ano de 2012, e serão atualizados ao final do ano de 2013 para que o mapeamento esteja mais abrangente e atualizado no final da dissertação, contribuindo ainda para as discussões e análises finais, uma vez que a presente dissertação tem término previsto para o início do ano de 2014.

Dessa forma, não se pretende, no momento da qualificação, apresentar essa seção de modo definitivo, contudo, ainda em seu formato parcial, essa primeira fase do estado da arte traz contribuições significativas para a compreensão das pesquisas realizadas a respeito do fenômeno do trabalho realizado na adolescência e, portanto, é fundamental a sua apresentação e discussão.

Retomando o mapeamento anteriormente anunciado, primeiramente estão apresentadas as tabulações a partir dos dados obtidos no Banco de Teses da CAPES e, posteriormente, ainda nesta seção, estão mapeadas as produções científicas listadas pelo SciELO.

No Banco de Teses da CAPES, as produções científicas levantadas foram listadas a partir da pesquisa com descritor “adolescente trabalhador”. No total, foram encontradas 42 pesquisas no período de 2007 a 2011, que são apresentadas, ano por ano, na tabela a seguir:

Tabela 11 - Número total de estudos encontradas a partir da pesquisa com o descritor “adolescente trabalhador” na base de dados da CAPES, por ano da defesa.

Ano de defesa	N	%
2011	7	16,67%
2010	8	19,05%
2009	8	19,05%
2008	13	30,95%
2007	6	14,28%
TOTAL	42	100,00%

Fonte: Elaborada pela pesquisadora a partir de dados obtidos no Banco de Teses da CAPES.

Esses resultados indicam que, nesse período, o ano de 2008 foi o mais produtivo sobre o tema, sendo seguido pelos anos de 2009 e 2010. No entanto, no ano de 2011 houve uma pequena redução no número de produções.

Não foi possível identificar uma correlação entre algum fato ocorrido nesses anos com o interesse dos pesquisadores, atribuindo-se essa variação às mudanças naturais na curiosidade da comunidade científica. Contudo, verificou-se também que, nesse período, a média de produções a respeito dessa temática ficou em 8,4 pesquisas por ano.

Além do número de produções ano a ano, também é importante indicar a quantidade de pesquisas sobre o tema, de acordo com o tipo de programa de pós-graduação no qual o trabalho foi realizado, o que foi apontado na tabela a seguir:

Tabela 12 - Número de pesquisas de acordo com o tipo de programa de pós-graduação, por ano.

Ano de Defesa	Profissionalizante	Mestrado	Doutorado
2011	1	5	1
2010	1	6	1
2009	1	7	0
2008	2	6	5
2007	0	5	1
TOTAL	5	29	8

Fonte: Elaborada pela pesquisadora a partir de dados obtidos no Banco de Teses da CAPES.

Assim, os programas de mestrado tem sido aqueles nos quais o tema do adolescente trabalhador tem sido mais pesquisado.

Pelo fato do presente trabalho ser desenvolvido a partir da perspectiva interdisciplinar, também se julgou relevante levantar as diversas áreas do conhecimento nas quais as pesquisas levantadas foram realizadas de modo a apontar aquelas que mais concentram estudos sobre o adolescente trabalhador, conforme indicado na tabela a seguir:

Tabela 13 - Número e frequência das áreas do conhecimento nos quais as pesquisas se concentram.

Áreas do conhecimento	N	%
Multidisciplinar	1	2,38%
Interdisciplinar	2	4,76%
Educação/Interdisciplinar	1	2,38%
Educação	3	7,15%
Ensino de Ciência e Matemática	1	2,38%
Geografia	1	2,38%
Educação Física	1	2,38%
Psicologia	2	4,76%
Psicologia Social	3	7,15%
Ciências Humanas/ Psicologia/ Psicologia Social	1	2,38%
Sociologia	2	4,76%
Políticas Públicas	3	7,15%
Serviço Social	3	7,15%
Saúde Coletiva	2	4,76%
Ciências da Saúde	1	2,38%
Ciência da Saúde/Enfermagem	1	2,38%
Enfermagem	4	9,52%
Pediatria	1	2,38%
Psiquiatria	1	2,38%
Medicina	1	2,38%
Economia	1	2,38%
Economia dos Recursos Humanos	1	2,38%
Economia Doméstica	1	2,38%
Economia do Bem-estar Social	1	2,38%
Direito Civil	2	4,76%
Direito/ Teoria do Desenvolvimento Regional	1	2,38%
TOTAL	42	100%

Fonte: Elaborada pela pesquisadora a partir de dados obtidos no Banco de Teses da CAPES.

Apesar de esses resultados indicarem que o tema do adolescente trabalhador pode ser estudado a partir de diferentes pontos de vista dentro do escopo das ciências sociais, humanas, biológicas e da saúde, percebe-se também que a abordagem interdisciplinar ou multidisciplinar foi pouco adotada dentre as pesquisas levantadas, representando, apenas, 4,76% e 2,38% respectivamente.

A única pesquisa multidisciplinar encontrada relata a visão dos agentes comunitários de saúde a respeito dos adolescentes atendidos no município de

Iguatu, no Ceará (AMORIM, 2011), não abordando, portanto, o trabalho de adolescentes; mas sim, o trabalho com adolescentes.

Quanto aos estudos realizados na área interdisciplinar, Garbelini (2011) aborda a problemática do trabalho infantil no município de Ponta Grossa, no Paraná, enquanto que Szajdenfisz (2008) enfoca os processos de escolha profissional na adolescência.

Por sua vez, o trabalho de Buiar (2009) que engloba as áreas de conhecimento interdisciplinar e de educação, é aquele que mais se aproxima do presente trabalho, estudando a Lei do Jovem Aprendiz, particularmente, a relação que o adolescente estabelece com o trabalho e com a educação a partir de sua inserção profissional.

Assim, as pesquisas multidisciplinar e interdisciplinares já indicam que nem todos os estudos apontados pela busca no Banco de Teses da CAPES referem-se ao adolescente trabalhador, sendo necessária a delimitação de quantas pesquisas, realmente, tinham como objeto de estudo o trabalho de adolescentes, conforme apresentado na próxima tabela:

Tabela 14 - Número de pesquisas que tem como objeto de estudo o trabalho de adolescentes.

Ano	Trabalho de adolescentes	Outros
2011	4	3
2010	5	3
2009	4	4
2008	10	3
2007	2	4
TOTAL	25	17

Fonte: Elaborada pela pesquisadora a partir de dados obtidos no Banco de Teses da CAPES.

Além disso, também foi verificado que nem todas as pesquisas que tinham o trabalho do adolescente como objeto de estudo tiveram como sujeito de pesquisa o próprio adolescente trabalhador, como pode ser verificado na seguinte tabela:

Tabela 15 - Números de estudos de acordo com os sujeitos de pesquisa investigados.

Ano	Adolescente trabalhador	Adolescente não trabalhador	Adolescente trabalhador e não trabalhador	Outros sujeitos	Não especificado
2011	1	1	1	3	1
2010	2	2	1	2	1
2009	2	2	0	4	0
2008	5	1	0	4	3
2007	1	3	0	0	2
TOTAL	11	9	2	13	7

Fonte: Elaborada pela pesquisadora a partir de dados obtidos no Banco de Teses da CAPES.

Dessa forma, pode-se observar que a maioria dos estudos considera a importância de escutar os próprios adolescentes quando se investiga o seu trabalho, suas condições e/ou suas consequências. Também é importante afirmar que os estudos que tem como sujeitos de pesquisa tanto os adolescentes trabalhadores como os adolescentes não trabalhadores fazem uma comparação entre esses dois grupos.

O segundo levantamento realizado para esse estado da arte, realizado na SciELO, considerando um período de dez anos, entre 2003 e 2012, reuniu 197 artigos a partir da pesquisa com o descritor “adolescência e trabalho” e 6 artigos com o descritor “adolescente trabalhador”, totalizando 203 artigos levantados e mapeados.

A pesquisa com o descritor “adolescência e trabalho” foi necessário devido aos poucos resultados encontrados quando a pesquisa foi realizada com o descritor “adolescente trabalhador”. Dessa forma, optou-se por considerar todos os artigos encontrados com ambas as pesquisas.

O mapeamento dos artigos obtidos no site do SciELO foi realizado em duas fases: primeiro, utilizou-se a categorização do ano de publicação e da temática do estudo dentre as produções acadêmicas levantadas a partir da pesquisa com os dois descritores. Depois, na segunda fase, focalizando somente nos estudos que tinham a temática de “trabalho” (16 artigos), foi realizada uma segunda

categorização dentro dos seguintes itens: foco da pesquisa, população pesquisada, método adotado e localização da coleta de dados.

Para a primeira fase, será adotada a separação entre os dois descritores pesquisados: “adolescente trabalhador” e “adolescência e trabalho”.

Assim, a partir da pesquisa com o descritor “adolescência e trabalho” foram encontrados 197 artigos ao longo dos dez anos pesquisados:

Tabela 16 - Número e proporção de artigos, por anos de publicação, a partir da pesquisa com o descritor “adolescência e trabalho”.

Ano	N	%
2012	9	4,57%
2011	30	15,23%
2010	32	16,24%
2009	20	10,15%
2008	23	11,68%
2007	18	9,14%
2006	20	10,15%
2005	15	7,61%
2004	14	7,11%
2003	16	8,12%
TOTAL	197	100,00%

Fonte: Elaborada pela pesquisadora a partir de dados obtidos no SciELO.

É importante ressaltar que o ano de 2012 possui um número de publicações relativamente inferior aos demais devido a presente pesquisa ter incluído apenas os artigos publicados até o dia 31 de agosto de 2012, momento em que o presente estudo passou a ser mais dedicado às etapas de coleta de dados e de análises parciais, visando ter materiais para o debate no exame de qualificação.

Além disso, com a análise dos resumos dos artigos encontrados foi possível observar que nem todas as 197 publicações científicas levantadas abordavam a questão do adolescente trabalhador, sendo necessária uma categorização das temáticas estudadas por esses trabalhos:

Tabela 17 – Número e proporção das temáticas encontradas entre os artigos levantados a partir da pesquisa com o descritor “adolescência e trabalho”.

Temáticas	N	%
Corpo, Sexualidade, Gravidez e Maternidade/Paternidade	50	25,38%
Saúde mental e trabalho psicológico	25	12,69%
Saúde e doença	24	12,69%
Características e concepções da adolescência	18	9,14%
Consumo de tabaco, álcool e outras drogas	13	6,60%
Trabalho	10	5,08%
Educação e vivências escolares	8	4,06%
Relações e comportamentos sociais	7	3,55%
Violência física e sexual contra adolescentes	7	3,55%
Elaboração do luto e suicídio	7	3,55%
Hábitos e transtornos alimentares	5	2,54%
Prática de atividade física entre adolescentes	5	2,54%
Adolescentes com deficiências	4	2,03%
Escolha profissional	4	2,03%
Adolescentes abrigados	3	1,52%
Medidas socioeducativas e criminalidade entre adolescentes	3	1,52%
Trabalhos que não se referem à adolescência	3	1,52%
TOTAL	197	100,00%

Fonte: Elaborada pela pesquisadora a partir de dados obtidos no SciELO.

Como indicado pela tabela, a temática do trabalho entre esses estudos levantados é relativamente baixa, dez vezes, representando apenas 5,08% dos artigos encontrados.

Assim, é possível apontar que existem outras temáticas que são mais frequentemente estudadas quando se adota a população adolescente em estudos científicos, por exemplo, as temáticas que se referem a estudos sobre Corpo, Sexualidade, Gravidez e Maternidade/Paternidade são mais recorrentes, aparecendo 50 vezes dentre os 197 estudos levantados, representando 25,38%.

Do outro lado, as temáticas menos frequentes – aparecem apenas três vezes dentre os 197 estudos levantados – abrangem estudos sobre adolescentes abrigados, além de medidas socioeducativas e criminalidade entre adolescentes, representando 1,52% do total cada.

Por sua vez, a partir da pesquisa com o descritor “Adolescente trabalhador” foram encontrados seis artigos no período de 2003 a 2012, divididos nos seguintes anos, conforme ilustrado pela tabela:

Tabela 18 – Número e proporção de artigos, por ano de publicação, a partir da pesquisa como descritor “adolescente trabalhador”.

Ano	N	%
2012	0	0,00%
2011	0	0,00%
2010	1	16,67%
2009	1	16,67%
2008	1	16,67%
2007	0	0,00%
2006	0	0,00%
2005	2	33,33%
2004	0	0,00%
2003	1	16,67%
TOTAL	6	100,00%

Fonte: Elaborada pela pesquisadora a partir de dados obtidos no SciELO.

Apesar do número reduzido de artigos levantados a partir dessa pesquisa, é importante frisar que todas dizem respeito à temática do adolescente trabalhador ou ainda do trabalho realizado por adolescentes. A diferença entre essas duas temáticas é atribuída a abordagens distintas entre alguns artigos, isto é, alguns focam no adolescente enquanto outras priorizam a discussão sobre o trabalho.

Assim, para a segunda etapa da apresentação dos resultados e para realizar a análise do estado da arte sobre o adolescente trabalhador na base de dados da SciELO será reunido os artigos que abordam a temática do adolescente trabalhador, tanto a partir da pesquisa com o descritor “adolescência e trabalho” (dez resultados), como a partir do descritor “adolescente trabalhador” (seis resultados), totalizando 16 produções científicas. Esses resultados serão apresentados em tabelas, ilustrando cada uma das categorias criadas para análise.

A primeira diz respeito ao foco da pesquisa do artigo e esses resultados podem ser verificados na tabela a seguir:

Tabela 19 - Foco de pesquisa dos artigos que abordam a temática do trabalho.

Foco de pesquisa	N	%
Experiência e significados do trabalho	5	31,25%
Trabalho e saúde	3	18,75%
Estudo e trabalho	3	18,75%
Prevenção e/ou acidentes de trabalho	2	12,50%
Construção social e identitária	2	12,50%
Erradicação do trabalho infanto-juvenil	1	6,25%
TOTAL	16	100,00%

Fonte: Elaborada pela pesquisadora a partir de dados obtidos no SciELO.

A próxima tabela reúne os resultados obtidos quanto à população pesquisada:

Tabela 20 - População pesquisada pelos artigos que abordam a temática do trabalho.

População pesquisada	N	%
Adolescentes trabalhadores	2	12,50%
Adolescentes trabalhadores e não trabalhadores	6	37,50%
Adolescentes (não especificado se trabalhador)	4	25,00%
Não adolescentes	4	25,00%
TOTAL	16	100,00%

Fonte: Elaborada pela pesquisadora a partir de dados obtidos no SciELO.

Assim, 75% das pesquisas levantadas foram pesquisadas diretamente com os adolescentes, também indicando que existe um grande cuidado entre os pesquisadores de ouvir as pessoas diretamente envolvidas com o fenômeno do trabalho realizado na adolescência. Esse é um fator bastante positivo, pois, ao estudar diretamente a população envolvida com o fenômeno pode-se apreender as Representações Sociais que esse grupo constrói a partir de determinado objeto que, no caso, é o trabalho.

ANEXO A



Universidade de Taubaté
Autarquia Municipal de Regime Especial
Reconhecida pelo Dec. Fed. nº 78.924/76
Recredenciada pela portaria CEE/GP nº 30/03
CNPJ 45.176.153/0001-22

Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação
Comitê de Ética em Pesquisa
Endereço: Rua Visconde do Rio Branco, 210
Cidade Taubaté – SP – CEP 12020-040
Telefones: 3625-4143 3635-1233
cep@unitau.br

DECLARAÇÃO Nº 336/12

Protocolo CEP/UNITAU nº 295/12 (Esse número de registro deverá ser citado pelo pesquisador nas correspondências referentes a este projeto)

Projeto de Pesquisa: *A representação social do trabalho para adolescentes trabalhadores*

Pesquisador(a) Responsável: Andréa Cristina Oliveira Ferreira

O Comitê de Ética em Pesquisa, em reunião de **10/08/2012**, e no uso das competências definidas na Resolução CNS/MS 196/96, considerou o Projeto acima **Aprovado**.

Taubaté, 15 de agosto de 2012

Prof. Dra. Maria Dolores Alves Cocco

Coordenadora do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Taubaté

ANEXO B

CARTA DE INFORMAÇÃO À INSTITUIÇÃO

Esta carta visa solicitar a autorização da instituição _____ para realização de uma pesquisa em suas dependências, cujo objetivo é investigar as representações sociais do trabalho que os adolescentes têm a partir da sua inserção profissional vinculada e não vinculada a um programa de apoio a jovens trabalhadores. Além de verificar como a experiência do trabalho pode influenciar na postura do adolescente diante da sua família e de seu projeto de vida.

Para a realização desta pesquisa, os dados serão coletados por meio de questionários, entrevistas, associação à figuras e elaboração de diários com os adolescentes trabalhadores.

Os conteúdos abordados na entrevista e o contato interpessoal não oferecerão riscos físicos e/ou psicológicos aos sujeitos de pesquisa e à instituição, conforme assegurado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Taubaté a partir do protocolo nº 295/2012. As pessoas que aceitarem colaborar com a pesquisa não receberão nenhuma recompensa pela participação e poderão deixar de serem colaborados a qualquer momento, independente do motivo que os levem a desistir da colaboração.

Todo o material coletado será utilizado na elaboração da dissertação de mestrado, além de poder ser divulgado em artigos científicos que manterão sob sigilo a identidade dos colaboradores e da instituição envolvida. Quaisquer dúvidas que existirem agora ou a qualquer momento poderão ser esclarecidas, bastando-se entrar em contato pelo telefone abaixo mencionado.

De acordo com estes termos, favor assinar abaixo. Obrigada.

 Andréa Cristina Oliveira Ferreira
 Nome e assinatura da pesquisadora
 Telefone para contato: (XX) XXXX-XXXX

 Profª. Drª. Edna M. Q. de Oliveira Chamon
 Nome e assinatura da orientadora

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente instrumento que atende às exigências legais, o(a) senhor (a) _____, representante da instituição, após a leitura da Carta de Informação à Instituição, ciente dos procedimentos propostos, não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e do explicado, firma seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO de concordância quanto à realização da pesquisa. Fica claro que a instituição, através de seu representante legal, pode, a qualquer momento, retirar seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO e deixar de participar do estudo alvo da pesquisa e fica ciente que todo trabalho realizado torna-se informação confidencial, guardada por força do sigilo profissional.

São José dos Campos,..... de de 2012.

 Assinatura do representante da instituição

ANEXO C

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Esta pesquisa será realizada pela aluna Andréa Cristina Oliveira Ferreira do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Humano (PPGMDH) da Universidade de Taubaté. A pesquisa tem como tema “A representação social do trabalho para adolescentes trabalhadores” e o objetivo é investigar as representações sociais do trabalho que os adolescentes têm a partir da sua inserção profissional.

Para isso, você poderá participar de diferentes etapas da pesquisa, que são: um questionário com 71 questões, uma entrevista, uma entrevista a partir de figuras e a elaboração de diários com a sua rotina de trabalho. É importante ressaltar que você poderá se voluntariar a quantas etapas de pesquisa desejar, sendo que o tempo para a realização de cada uma delas levará cerca de uma hora, com exceção do diário que deverá ser elaborado, sem a presença da pesquisadora, em um prazo máximo de 60 dias. Além disso, os locais e horários para a participação da pesquisa serão previamente acordados entre você e a pesquisadora, atendendo às necessidades e possibilidades de ambos.

De acordo com os preceitos éticos de uma pesquisa científica informo que sua participação será absolutamente sigilosa, sem que conste seu nome ou qualquer outro dado referente à sua pessoa que possa identificá-lo no relatório final ou em qualquer publicação posterior sobre esta pesquisa. Sua participação na pesquisa, pela natureza da mesma, não lhe acarretará qualquer dano.

Os resultados desta pesquisa serão utilizados apenas para fins acadêmicos. Você tem total liberdade para recusar sua participação, assim como solicitar sua exclusão da pesquisa, quando desejar, retirando seu consentimento sem qualquer penalidade ou prejuízo.

Agradeço sua participação e disposição em contribuir para a formação e construção de conhecimento atual nesta área.

Andréa Cristina Oliveira Ferreira

Eu, _____,
 RG _____, abaixo assinado, concordo em participar do estudo (A Representação Social do trabalho para adolescentes trabalhadores), como sujeito. Fui devidamente informado e esclarecido pela pesquisadora Andréa Cristina Oliveira Ferreira sobre os objetivos da pesquisa, os procedimentos nele envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade.

_____, ____ de _____ de _____.

Nome (por extenso): _____.

Assinatura do sujeito ou responsável: _____.

ANEXO D

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PAIS E/OU RESPONSÁVEIS

Este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido visa esclarecer e obter a autorização dos pais e/ou responsáveis que participarão como colaboradores de uma pesquisa que será realizada pela aluna Andréa Cristina Oliveira Ferreira do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Humano (PPGMDH) da Universidade de Taubaté. A pesquisa tem como tema “A representação social do trabalho para adolescentes trabalhadores” e o objetivo é investigar as representações sociais do trabalho que os adolescentes têm a partir da sua inserção profissional.

Para isso, a participação dos adolescentes poderá se dar em diferentes etapas da pesquisa, que são: um questionário com 71 questões, uma entrevista, uma entrevista a partir de figuras e a elaboração de diários com a sua rotina de trabalho. É importante ressaltar que os adolescentes poderão se voluntariar a quantas etapas de pesquisa desejarem, sendo que o tempo para a realização de cada uma delas levará cerca de uma hora, com exceção do diário que deverá ser elaborado, sem a presença da pesquisadora, em um prazo máximo de 60 dias. Além disso, os locais e horários para a participação da pesquisa serão previamente acordados entre os adolescentes e a pesquisadora, atendendo às necessidades e possibilidades de ambos.

De acordo com os preceitos éticos de uma pesquisa científica informo que participação dos adolescentes será absolutamente sigilosa, sem que conste seu nome ou qualquer outro dado que possa identificá-lo no relatório final ou em qualquer publicação posterior sobre esta pesquisa. A participação na pesquisa, pela natureza da mesma, não acarretará qualquer dano a nenhum dos participantes.

Os resultados desta pesquisa serão utilizados apenas para fins acadêmicos. Você terá total liberdade para solicitar a exclusão do participante da pesquisa, quando desejar, retirando seu consentimento sem qualquer penalidade ou prejuízo.

Agradeço sua participação e disposição em contribuir para a formação e construção de conhecimento atual nesta área.

 Andréa Cristina Oliveira Ferreira

Eu, _____,
 RG _____, abaixo assinado, concordo em autorizar a participação do adolescente ao qual sou responsável no estudo “A Representação Social do trabalho para adolescentes trabalhadores”. Fui devidamente informado e esclarecido pela pesquisadora Andréa Cristina Oliveira Ferreira sobre os objetivos da pesquisa, os procedimentos nele envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade.

_____, ____ de _____ de _____.

Seu nome (por extenso): _____.

Assinatura do sujeito ou responsável: _____.

Nome do adolescente participante (por extenso): _____.

ANEXO E**Lei nº 10.097, de 19 de Dezembro de 2000**

Altera dispositivos da Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, aprovada pelo Decreto-Lei n. 5.452, de 1º de maio de 1943.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA

Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei :

Art. 1º Os arts. 402, 403, 428, 429, 430, 431, 432 e 433 da Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, aprovada pelo Decreto-lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, passam a vigorar com a seguinte redação:

"Art. 402. Considera-se menor para os efeitos desta Consolidação o trabalhador de quatorze até dezoito anos." (NR)

"Art. 403. É proibido qualquer trabalho a menores de dezesseis anos de idade, salvo na condição de aprendiz, a partir dos quatorze anos." (NR)

"Parágrafo único. O trabalho do menor não poderá ser realizado em locais prejudiciais a sua formação, ao seu desenvolvimento físico, psíquico, moral e social e em horários e locais que não permitam a freqüência à escola." (NR)

"a) revogada;"

"b) revogada."

"Art. 428. Contrato de aprendizagem é o contrato de trabalho especial, ajustado por escrito e por prazo determinado, em que o empregador se compromete a assegurar ao maior de quatorze e menor de dezoito anos, inscrito em programa de aprendizagem, formação técnico-profissional metódica, compatível com o seu desenvolvimento físico, moral e psicológico, e o aprendiz, a executar, com zelo e diligência, as tarefas necessárias a essa formação." (NR)

§ 1º. A validade do contrato de aprendizagem pressupõe anotação na Carteira de Trabalho e Previdência Social, matrícula e freqüência do aprendiz à escola, caso não haja concluído o ensino fundamental, e inscrição em programa de aprendizagem desenvolvido sob a orientação de entidade qualificada em formação técnico-profissional metódica. (AC)

§ 2º. Ao menor aprendiz, salvo condição mais favorável, será garantido o salário mínimo hora. (AC)

§ 3º. O contrato de aprendizagem não poderá ser estipulado por mais de dois anos" (AC)

§ 4º. A formação técnico-profissional a que se refere o *caput* deste artigo caracteriza-se por suas atividades teóricas e práticas, metodicamente organizadas em tarefas de complexidade progressiva desenvolvidas no ambiente de trabalho." (AC)

"Art. 429. Os estabelecimentos de qualquer natureza são obrigados a empregar e matricular nos cursos dos Serviços Nacionais de Aprendizagem número de aprendizes equivalente a cinco por cento, no mínimo, e quinze por cento, no máximo, dos trabalhadores existentes em cada estabelecimento, cujas funções demandem formação profissional." (NR)

"a) revogada."

"b) revogada."

§ 1º-A O limite fixado neste artigo não se aplica quando o empregador for entidade sem fins lucrativos, que tenha por objetivo a educação profissional. (AC)

"§ 1º. As frações de unidade, no cálculo da percentagem de que trata o *caput*, darão lugar à admissão de um aprendiz." (NR)

"Art. 430. Na hipótese de os Serviços Nacionais de Aprendizagem não oferecerem cursos ou vagas suficientes para atender à demanda dos estabelecimentos, esta poderá ser suprida por outras entidades qualificadas em formação técnico - profissional metódica, a saber." (NR)

"I - Escolas Técnicas de Educação; (AC)

" II - entidades sem fins lucrativos, que tenham por objetivo a assistência ao adolescente e à educação profissional, registradas no Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente.(AC)

"§ 1º. As entidades mencionadas neste artigo deverão contar com estrutura adequada ao desenvolvimento dos programas de aprendizagem, de forma a manter a qualidade do processo de ensino, bem como acompanhar e avaliar os resultados. (AC)

"§ 2º. Aos aprendizes que concluírem os cursos de aprendizagem, com aproveitamento, será concedido certificado de qualificação profissional. (AC)

"§ 3º. O Ministério do Trabalho e Emprego fixará normas para avaliação da competência das entidades mencionadas no inciso II deste artigo."(AC)

"Art. 431. A contratação do aprendiz poderá ser efetivada pela empresa onde se realizará a aprendizagem ou pelas entidades mencionadas no inciso II do art. 430, caso em que não gera vínculo de emprego com a empresa tomadora dos serviços." (NR)

"a) revogada."

"b) revogada;"

"c) revogada;"

"*Parágrafo único*.(VETADO)

"Art. 432. A duração do trabalho do- aprendiz não excederá de seis horas diárias, sendo vedadas a prorrogação e a compensação de jornada." (NR)

"§ 1º. O limite previsto neste artigo poderá ser de até oito horas diárias para os aprendizes que já tiverem completado o ensino fundamental, se nelas forem computadas as horas destinadas à aprendizagem teórica." (NR)

"§ 2º Revogado."

"Art. 433. O contrato de aprendizagem extinguir-se á no seu termo ou quando o aprendiz completar dezoito anos, ou ainda antecipadamente nas seguintes hipóteses:" (NR)

"a) revogada;"

"b) revogada."

I - desempenho insuficiente ou inadaptação do aprendiz; (AC)

II - falta disciplinar grave;" (AC)

III - ausência injustificada à escola que implique perda do ano letivo, ou" (AC)

IV - a pedido do aprendiz." (AC)

"*Parágrafo único.* Revogado."

"§ 2º. Não se aplica o disposto nos arts. 479 e 480 desta Consolidação às hipóteses de extinção do contrato mencionadas neste artigo. (AC)"

Art. 2º O art. 15 da Lei nº 8.036, de 11 de maio de 1990, passa a vigorar acrescido do seguinte § 7º:

"§ 7º. Os contratos de aprendizagem terão a alíquota a que se refere o *caput* deste artigo reduzida para dois por cento." (AC)

Art. 3º São revogadas o art. 80, o § 1º do art. 405, os arts. 436 e 437 da Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, aprovada pelo Decreto-lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943.

Art. 4º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 19 de dezembro de 2000.

FERNANDO HENRIQUE CARDOSO

ANEXO F

DECRETO Nº 5.598, DE 1º DE DEZEMBRO DE 2005.

Regulamenta a contratação de aprendizes e dá outras providências.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, no uso da atribuição que lhe confere o art. 84, inciso IV, da Constituição, e tendo em vista o disposto no Título III, Capítulo IV, Seção IV, do Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943 - Consolidação das Leis do Trabalho, e no Livro I, Título II, Capítulo V, da Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 - Estatuto da Criança e do Adolescente,

DECRETA:

Art. 1º Nas relações jurídicas pertinentes à contratação de aprendizes, será observado o disposto neste Decreto.

CAPÍTULO I - DO APRENDIZ

Art. 2º Aprendiz é o maior de quatorze anos e menor de vinte e quatro anos que celebra contrato de aprendizagem, nos termos do art. 428 da Consolidação das Leis do Trabalho - CLT.

Parágrafo único. A idade máxima prevista no caput deste artigo não se aplica a aprendizes portadores de deficiência.

CAPÍTULO II - DO CONTRATO DE APRENDIZAGEM

Art. 3º Contrato de aprendizagem é o contrato de trabalho especial, ajustado por escrito e por prazo determinado não superior a dois anos, em que o empregador se compromete a assegurar ao aprendiz, inscrito em programa de aprendizagem, formação técnico-profissional metódica compatível com o seu desenvolvimento físico, moral e psicológico, e o aprendiz se compromete a executar com zelo e diligência as tarefas necessárias a essa formação.

Parágrafo único. Para fins do contrato de aprendizagem, a comprovação da escolaridade de aprendiz portador de deficiência mental deve considerar, sobretudo, as habilidades e competências relacionadas com a profissionalização.

Art. 4º A validade do contrato de aprendizagem pressupõe anotação na Carteira de Trabalho e Previdência Social, matrícula e frequência do aprendiz à escola, caso não haja concluído o ensino fundamental, e inscrição em programa de aprendizagem desenvolvido sob a orientação de entidade qualificada em formação técnico-profissional metódica.

Art. 5º O descumprimento das disposições legais e regulamentares importará a nulidade do contrato de aprendizagem, nos termos do art. 9º da CLT, estabelecendo-se o vínculo empregatício diretamente com o empregador responsável pelo cumprimento da cota de aprendizagem.

Parágrafo único. O disposto no caput não se aplica, quanto ao vínculo, a pessoa jurídica de direito público.

CAPÍTULO III - DA FORMAÇÃO TÉCNICO-PROFISSIONAL E DAS ENTIDADES QUALIFICADAS EM FORMAÇÃO TÉCNICO-PROFISSIONAL MÉTODICA

Seção I - Da Formação Técnico-Profissional

Art. 6º Entendem-se por formação técnico-profissional metódica para os efeitos do contrato de aprendizagem as atividades teóricas e práticas, metodicamente organizadas em tarefas de complexidade progressiva desenvolvidas no ambiente de trabalho.

Parágrafo único. A formação técnico-profissional metódica de que trata o caput deste artigo realiza-se por programas de aprendizagem organizados e desenvolvidos sob a orientação e responsabilidade de entidades qualificadas em formação técnico-profissional metódica definidas no art. 8º deste Decreto.

Art. 7º A formação técnico-profissional do aprendiz obedecerá aos seguintes princípios:

- I - garantia de acesso e frequência obrigatória ao ensino fundamental;
- II - horário especial para o exercício das atividades; e
- III - capacitação profissional adequada ao mercado de trabalho.

Parágrafo único. Ao aprendiz com idade inferior a dezoito anos é assegurado o respeito à sua condição peculiar de pessoa em desenvolvimento.

Seção II - Das Entidades Qualificadas em Formação Técnico-Profissional Metódica

Art. 8º Consideram-se entidades qualificadas em formação técnico-profissional metódica:

- I - os Serviços Nacionais de Aprendizagem, assim identificados:
 - a) Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial - SENAI;
 - b) Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial - SENAC;
 - c) Serviço Nacional de Aprendizagem Rural - SENAR;
 - d) Serviço Nacional de Aprendizagem do Transporte - SENAT; e
 - e) Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo - SESCOOP;
- II - as escolas técnicas de educação, inclusive as agrotécnicas; e

III - as entidades sem fins lucrativos, que tenham por objetivos a assistência ao adolescente e à educação profissional, registradas no Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente.

§ 1º As entidades mencionadas nos incisos deste artigo deverão contar com estrutura adequada ao desenvolvimento dos programas de aprendizagem, de forma a manter a qualidade do processo de ensino, bem como acompanhar e avaliar os resultados.

§ 2º O Ministério do Trabalho e Emprego editará, ouvido o Ministério da Educação, normas para avaliação da competência das entidades mencionadas no inciso III.

CAPÍTULO IV

Seção I - Da Obrigatoriedade da Contratação de Aprendizizes

Art. 9º Os estabelecimentos de qualquer natureza são obrigados a empregar e matricular nos cursos dos Serviços Nacionais de Aprendizagem número de aprendizes equivalente a cinco por cento, no mínimo, e quinze por cento, no máximo, dos trabalhadores existentes em cada estabelecimento, cujas funções demandem formação profissional.

§ 1º No cálculo da percentagem de que trata o caput deste artigo, as frações de unidade darão lugar à admissão de um aprendiz.

§ 2º Entende-se por estabelecimento todo complexo de bens organizado para o exercício de atividade econômica ou social do empregador, que se submeta ao regime da CLT.

Art. 10. Para a definição das funções que demandem formação profissional, deverá ser considerada a Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), elaborada pelo Ministério do Trabalho e Emprego.

§ 1º Ficam excluídas da definição do caput deste artigo as funções que demandem, para o seu exercício, habilitação profissional de nível técnico ou superior, ou, ainda, as funções que estejam caracterizadas como cargos de direção, de gerência ou de confiança, nos termos do inciso II e do parágrafo único do art. 62 e do § 2º do art. 224 da CLT.

§ 2º Deverão ser incluídas na base de cálculo todas as funções que demandem formação profissional, independentemente de serem proibidas para menores de dezoito anos.

Art. 11. A contratação de aprendizes deverá atender, prioritariamente, aos adolescentes entre quatorze e dezoito anos, exceto quando:

I - as atividades práticas da aprendizagem ocorrerem no interior do estabelecimento, sujeitando os aprendizes à insalubridade ou à periculosidade, sem que se possa elidir o risco ou realizá-las integralmente em ambiente simulado;

II - a lei exigir, para o desempenho das atividades práticas, licença ou autorização vedada para pessoa com idade inferior a dezoito anos; e

III - a natureza das atividades práticas for incompatível com o desenvolvimento físico, psicológico e moral dos adolescentes aprendizes.

Parágrafo único. A aprendizagem para as atividades relacionadas nos incisos deste artigo deverá ser ministrada para jovens de dezoito a vinte e quatro anos.

Art. 12. Ficam excluídos da base de cálculo de que trata o caput do art. 9º deste Decreto os empregados que executem os serviços prestados sob o regime de trabalho temporário, instituído pela Lei nº 6.019, de 3 de janeiro de 1973, bem como os aprendizes já contratados.

Parágrafo único. No caso de empresas que prestem serviços especializados para terceiros, independentemente do local onde sejam executados, os empregados serão incluídos na base de cálculo da prestadora, exclusivamente.

Art. 13. Na hipótese de os Serviços Nacionais de Aprendizagem não oferecerem cursos ou vagas suficientes para atender à demanda dos estabelecimentos, esta poderá ser suprida por outras entidades qualificadas em formação técnico-profissional metódica previstas no art 8º.

Parágrafo único. A insuficiência de cursos ou vagas a que se refere o caput será verificada pela inspeção do trabalho.

Art. 14. Ficam dispensadas da contratação de aprendizes:

I - as microempresas e as empresas de pequeno porte; e

II - as entidades sem fins lucrativos que tenham por objetivo a educação profissional.

Seção II - Das Espécies de Contratação do Aprendiz

Art. 15. A contratação do aprendiz deverá ser efetivada diretamente pelo estabelecimento que se obrigue ao cumprimento da cota de aprendizagem ou, supletivamente, pelas entidades sem fins lucrativos mencionadas no inciso III do art. 8º deste Decreto.

§ 1º Na hipótese de contratação de aprendiz diretamente pelo estabelecimento que se obrigue ao cumprimento da cota de aprendizagem, este assumirá a condição de empregador, devendo inscrever o aprendiz em programa de aprendizagem a ser ministrado pelas entidades indicadas no art. 8º deste Decreto.

§ 2º A contratação de aprendiz por intermédio de entidade sem fins lucrativos, para efeito de cumprimento da obrigação estabelecida no caput do art. 9º, somente deverá ser formalizada após a celebração de contrato entre o estabelecimento e a entidade sem fins lucrativos, no qual, dentre outras obrigações recíprocas, se estabelecerá as seguintes:

I - a entidade sem fins lucrativos, simultaneamente ao desenvolvimento do programa de aprendizagem, assume a condição de empregador, com todos os ônus dela decorrentes, assinando a Carteira de Trabalho e Previdência Social do aprendiz e anotando, no espaço destinado às anotações gerais, a informação de que o específico contrato de trabalho decorre de contrato firmado com determinado estabelecimento para efeito do cumprimento de sua cota de aprendizagem ; e

II - o estabelecimento assume a obrigação de proporcionar ao aprendiz a experiência prática da formação técnico-profissional metódica a que este será submetido.

Art. 16. A contratação de aprendizes por empresas públicas e sociedades de economia mista dar-se-á de forma direta, nos termos do § 1º do art. 15, hipótese em que será realizado processo seletivo mediante edital, ou nos termos do § 2º daquele artigo.

Parágrafo único. A contratação de aprendizes por órgãos e entidades da administração direta, autárquica e fundacional observará regulamento específico, não se aplicando o disposto neste Decreto.

CAPÍTULO V - DOS DIREITOS TRABALHISTAS E OBRIGAÇÕES ACESSÓRIAS

Seção I - Da Remuneração

Art. 17. Ao aprendiz, salvo condição mais favorável, será garantido o salário mínimo hora.

Parágrafo único. Entende-se por condição mais favorável aquela fixada no contrato de aprendizagem ou prevista em convenção ou acordo coletivo de trabalho, onde se especifique o salário mais favorável ao aprendiz, bem como o piso regional de que trata a Lei Complementar nº 103, de 14 de julho de 2000.

Seção II - Da Jornada

Art. 18. A duração do trabalho do aprendiz não excederá seis horas diárias.

§ 1º O limite previsto no caput deste artigo poderá ser de até oito horas diárias para os aprendizes que já tenham concluído o ensino fundamental, se nelas forem computadas as horas destinadas à aprendizagem teórica.

§ 2º A jornada semanal do aprendiz, inferior a vinte e cinco horas, não caracteriza trabalho em tempo parcial de que trata o art. 58-A da CLT.

Art. 19. São vedadas a prorrogação e a compensação de jornada.

Art. 20. A jornada do aprendiz compreende as horas destinadas às atividades teóricas e práticas, simultâneas ou não, cabendo à entidade qualificada em formação técnico-profissional metódica fixá-las no plano do curso.

Art. 21. Quando o menor de dezoito anos for empregado em mais de um estabelecimento, as horas de trabalho em cada um serão totalizadas.

Parágrafo único. Na fixação da jornada de trabalho do aprendiz menor de dezoito anos, a entidade qualificada em formação técnico-profissional metódica levará em conta os direitos assegurados na Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990.

Seção III - Das Atividades Teóricas e Práticas

Art. 22. As aulas teóricas do programa de aprendizagem devem ocorrer em ambiente físico adequado ao ensino, e com meios didáticos apropriados.

§ 1º As aulas teóricas podem se dar sob a forma de aulas demonstrativas no ambiente de trabalho, hipótese em que é vedada qualquer atividade laboral do aprendiz, ressalvado o manuseio de materiais, ferramentas, instrumentos e assemelhados.

§ 2º É vedado ao responsável pelo cumprimento da cota de aprendizagem cometer ao aprendiz atividades diversas daquelas previstas no programa de aprendizagem.

Art. 23. As aulas práticas podem ocorrer na própria entidade qualificada em formação técnico-profissional metódica ou no estabelecimento contratante ou concedente da experiência prática do aprendiz.

§ 1º Na hipótese de o ensino prático ocorrer no estabelecimento, será formalmente designado pela empresa, ouvida a entidade qualificada em formação técnico-profissional metódica, um empregado monitor responsável pela coordenação de exercícios práticos e acompanhamento das atividades do aprendiz no estabelecimento, em conformidade com o programa de aprendizagem.

§ 2º A entidade responsável pelo programa de aprendizagem fornecerá aos empregadores e ao Ministério do Trabalho e Emprego, quando solicitado, cópia do projeto pedagógico do programa.

§ 3º Para os fins da experiência prática segundo a organização curricular do programa de aprendizagem, o empregador que mantenha mais de um estabelecimento em um mesmo município poderá centralizar as atividades práticas correspondentes em um único estabelecimento.

§ 4º Nenhuma atividade prática poderá ser desenvolvida no estabelecimento em desacordo com as disposições do programa de aprendizagem.

Seção IV - Do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço

Art. 24. Nos contratos de aprendizagem, aplicam-se as disposições da Lei nº 8.036, de 11 de maio de 1990.

Parágrafo único. A Contribuição ao Fundo de Garantia do Tempo de Serviço corresponderá a dois por cento da remuneração paga ou devida, no mês anterior, ao aprendiz.

Seção V - Das Férias

Art. 25. As férias do aprendiz devem coincidir, preferencialmente, com as férias escolares, sendo vedado ao empregador fixar período diverso daquele definido no programa de aprendizagem.

Seção VI - Dos Efeitos dos Instrumentos Coletivos de Trabalho

Art. 26. As convenções e acordos coletivos apenas estendem suas cláusulas sociais ao aprendiz quando expressamente previsto e desde que não excluam ou reduzam o alcance dos dispositivos tutelares que lhes são aplicáveis.

Seção VII - Do Vale-Transporte

Art. 27. É assegurado ao aprendiz o direito ao benefício da Lei nº 7.418, de 16 de dezembro de 1985, que institui o vale-transporte.

Seção VIII - Das Hipóteses de Extinção e Rescisão do Contrato de Aprendizagem

Art. 28. O contrato de aprendizagem extinguir-se-á no seu termo ou quando o aprendiz completar vinte e quatro anos, exceto na hipótese de aprendiz deficiente, ou, ainda antecipadamente, nas seguintes hipóteses:

I - desempenho insuficiente ou inadaptação do aprendiz;

II - falta disciplinar grave;

III - ausência injustificada à escola que implique perda do ano letivo; e

IV - a pedido do aprendiz.

Parágrafo único. Nos casos de extinção ou rescisão do contrato de aprendizagem, o empregador deverá contratar novo aprendiz, nos termos deste Decreto, sob pena de infração ao disposto no art. 429 da CLT.

Art. 29. Para efeito das hipóteses descritas nos incisos do art. 28 deste Decreto, serão observadas as seguintes disposições:

I - o desempenho insuficiente ou inadaptação do aprendiz referente às atividades do programa de aprendizagem será caracterizado mediante laudo de avaliação elaborado pela entidade qualificada em formação técnico-profissional metódica;

II - a falta disciplinar grave caracteriza-se por quaisquer das hipóteses descritas no art. 482 da CLT; e

III - a ausência injustificada à escola que implique perda do ano letivo será caracterizada por meio de declaração da instituição de ensino.

Art. 30. Não se aplica o disposto nos arts. 479 e 480 da CLT às hipóteses de extinção do contrato mencionadas nos incisos do art. 28 deste Decreto.

CAPÍTULO VI - DO CERTIFICADO DE QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL DE APRENDIZAGEM

Art. 31. Aos aprendizes que concluírem os programas de aprendizagem com aproveitamento, será concedido pela entidade qualificada em formação técnico-profissional metódica o certificado de qualificação profissional.

Parágrafo único. O certificado de qualificação profissional deverá enunciar o título e o perfil profissional para a ocupação na qual o aprendiz foi qualificado.

CAPÍTULO VII - DAS DISPOSIÇÕES FINAIS

Art. 32. Compete ao Ministério do Trabalho e Emprego organizar cadastro nacional das entidades qualificadas em formação técnico-profissional metódica e disciplinar a compatibilidade entre o conteúdo e a duração do programa de aprendizagem, com vistas a garantir a qualidade técnico-profissional.

Art. 33. Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 34. Revoga-se o Decreto nº 31.546, de 6 de outubro de 1952.

Brasília, 1º de dezembro de 2005.